

CARTAS AOS CORÍNTIOS

2Coríntios

COMENTÁRIO ESPERANÇA

autor

Werner de Boor

Editora Evangélica Esperança

Copyright © 2004, Editora Evangélica Esperança

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela:

Editora Evangélica Esperança
Rua Aviador Vicente Wolski, 353
82510-420 Curitiba-PR

E-mail: eee@esperanca-editora.com.br
Internet: www.esperanca-editora.com.br

Editora afiliada à ASEC e a CBL
Título do original em alemão: *Der zweite Brief des Paulus an die Korinter*
Copyright © 1983 R. Brockhaus Verlag, Wuppertal, Alemanha

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução total ou parcial sem permissão escrita dos editores.

Tradução: Werner Fuchs

Citações bíblicas: O texto bíblico utilizado, com a devida autorização, é a versão Almeida Revista e Atualizada (RA) 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, São Paulo, 1993.

Dados Internacionais da Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boor, Werner de, 1899-1976

Cartas aos Coríntios / Werner de Boor; tradução Werner Fuchs -- Curitiba, PR : Editora Evangélica Esperança, 2004.

Título original: *Der zweite Brief des Paulus an die Korinter*

Bibliografia.

ISBN 85-86249-68-8 Brochura

ISBN 85-86249-69-6 Capa dura

1. Bíblia. N.T. Coríntios - Comentários I.Título.

03-7404 CDD-227.207

Índice para catálogo sistemático:

1. Coríntios: Epístolas paulinas: Comentários 227.207

Sumário

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

PREFÁCIO DO AUTOR

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

COMENTÁRIO

Saudação inicial, 1.1,2

Gratidão a Deus

1. Consolador em tribulações, 1.3-7

2. Salvador de aflição mortal, 1.8-11

A sinceridade do apóstolo, 1.12-14

A ordem dos planos de viagem do apóstolo, 1.15–2.4

O tratamento de um culpado na igreja em Corinto, 2.5-11

O apóstolo na marcha vitoriosa de Deus, 2.12-17

A igreja em Corinto – uma carta de Cristo, 3.1-3

O serviço de Moisés e o serviço de Paulo, 3.4-11

Conseqüências para o serviço da nova aliança, 3.12-18

A aprovação do serviço do apóstolo, 4.1-6

A morte e vida de Jesus se manifestam em seus mensageiros, 4.7-15

Na morte do ser humano exterior acontece a renovação do ser humano interior, 4.16-18

A certeza de Paulo em vista de sua morte, 5.1-10

Refutação de mal-entendidos sobre o trabalho de Paulo, 5.11-13

A cruz de Jesus como fonte e padrão para todo o serviço apostólico, 5.14-21

A aprovação do apóstolo em seu serviço, 6.1-10

Pedido final à igreja, 6.11-13

A exigência de purificação total da igreja, 6.14–7.1

A reconciliação com a igreja em Corinto, 7.2-7

O efeito da carta das lágrimas, 7.8-12

A alegria de Tito, 7.13-16

O grato sucesso da coleta nas igrejas da macedônia, 8.1-6

A expectativa do apóstolo dirigida a Corinto, 8.7-15

Recomendação de Tito e dos irmãos que viajam com ele, 8.16-24

O motivo de enviar os irmãos na frente, 9.1-5

Doação generosa traz consigo a bênção generosa de Deus, 9.6-15
Anúncio da luta do apóstolo contra seus adversários, 10.1-6
Uma advertência aos adversários, 10.7-11
A autoconsciência legítima de Paulo e a falsa glória de seus adversários, 10.12-18
O fundo justificado da tola autoglorificação de Paulo, 11.1-6
Contra a fraude dos adversários, 11.7-15
Novo pedido do apóstolo para que suportem sua tola autoglorificação, 11.16-21a
A grandeza transbordante do apóstolo em seu sofrimento, 11.21b-33
Apesar das visões e revelações, a fraqueza continua sendo a glória do apóstolo, 12.1-10
Encerramento da tola autoglorificação do apóstolo, 12.11-18
Preocupações do apóstolo em vista de sua nova visita em Corinto, 12.19-21
Anúncio de implacável intervenção na terceira visita do apóstolo, 13.1-10
Exortação final e bênção, 13.11-13

EXCURSOS:

EXCURSO 1: Antiga e nova aliança

EXCURSO 2: O testemunho do nt sobre nossa morte

EXCURSO 3: Sobre a questão da “campanha financeira”

ORIENTAÇÕES PARA O USUÁRIO DA SÉRIE DE COMENTÁRIOS

Com referência ao texto bíblico:

O texto de 2Coríntios está impresso em negrito. Repetições do trecho que está sendo tratado também estão impressas em negrito. O itálico só foi usado para esclarecer dando ênfase.

Com referência aos textos paralelos:

A citação abundante de textos bíblicos paralelos é intencional. Para o seu registro foi reservada uma coluna à margem.

Com referência aos manuscritos:

Para as variantes mais importantes do texto, geralmente identificadas nas notas, foram usados os sinais abaixo, que carecem de explicação:

TM O texto hebraico do Antigo Testamento (o assim-chamado “Texto Massorético”). A transmissão exata do texto do Antigo Testamento era muito importante para os estudiosos judaicos. A partir do século II ela tornou-se uma ciência específica nas assim-chamadas “escolas massoréticas” (massora = transmissão). Originalmente o texto hebraico consistia só de consoantes; a partir do século VI os massoretas acrescentaram sinais vocálicos na forma de pontos e traços debaixo da palavra.

Manuscritos importantes do texto massorético:

Manuscrito: redigido em: pela escola de:

Códice do Cairo (C) 895 Moisés ben Asher

Códice da sinagoga de Aleppo depois de 900 Moisés ben Asher

(provavelmente destruído por um incêndio)

Códice de São Petersburgo 1008 Moisés ben Asher

Códice nº 3 de Erfurt século XI Ben Naftali

Códice de Reuchlin 1105 Ben Naftali

- Qumran** Os textos de Qumran. Os manuscritos encontrados em Qumran, em sua maioria, datam de antes de Cristo, portanto, são mais ou menos 1.000 anos mais antigos que os mencionados acima. Não existem entre eles textos completos do **AT**. Manuscritos importantes são:
- O texto de Isaías
 - O comentário de Habacuque
- Sam** O Pentateuco samaritano. Os samaritanos preservaram os cinco livros da lei, em hebraico antigo. Seus manuscritos remontam a um texto muito antigo.
- Targum** A tradução oral do texto hebraico da Bíblia para o aramaico, no culto na sinagoga (dado que muitos judeus já não entendiam mais hebraico), levou no século III ao registro escrito no assim-chamado Targum (= tradução). Estas traduções são, muitas vezes, bastante livres e precisam ser usadas com cuidado.
- LXX** A tradução mais antiga do **AT** para o grego é chamada de “Septuaginta” (**LXX** = setenta), por causa da história tradicional da sua origem. Diz a história que ela foi traduzida por 72 estudiosos judeus por ordem do rei Ptolomeu Filadelfo, em 200 a.C., em Alexandria. A **LXX** é uma coletânea de traduções. Os trechos mais antigos, que incluem o Pentateuco, datam do século III a.C., provavelmente do Egito. Como esta tradução remonta a um texto hebraico anterior ao dos massoretas, ela é um auxílio importante para todos os trabalhos no texto do **AT**.
- Outras** Ocasionalmente recorre-se a outras traduções do **AT**. Estas têm menos valor para a pesquisa de texto, por serem ou traduções do grego (provavelmente da **LXX**), ou pelo menos fortemente influenciadas por ela (o que é o caso da Vulgata):
- Latina antiga por volta do ano 150
 - Vulgata (tradução latina de Jerônimo) a partir do ano 390
 - Copta séculos III-IV
 - Etíope século IV

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

I. Abreviaturas gerais

AT	Antigo Testamento
cf	confira
col	coluna
gr	Grego
hbr	Hebraico
km	Quilômetros
lat	Latim
LXX	Septuaginta
NT	Novo Testamento
opr	Observações preliminares
par	Texto paralelo
p. ex.	por exemplo
pág.	página(s)
qi	Questões introdutórias
TM	Texto massorético
v	versículo(s)

II. Abreviaturas de livros

Bl-De	<i>Grammatik des ntst Griechisch</i> , 9ª edição, 1954. Citado pelo número do parágrafo
CE	<i>Comentário Esperança</i>
Ki-ThW	Kittel: <i>Theologisches Wörterbuch</i>
NTD	<i>Das Neue Testament Deutsch</i>
Radm	<i>Neutestl. Grammatik</i> , 1925, 2ª edição, Rademacher

- St-B *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, vol. I-IV, H. L. Strack, P. Billerbeck
W-B *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, Walter Bauer, editado por Kurt e Barbara Aland

III. Abreviaturas das versões bíblicas usadas

O texto adotado neste comentário é a tradução de João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil, 2ª ed. (RA), SBB, São Paulo, 1997. Quando se fez uso de outras versões, elas são assim identificadas:

- BLH Bíblia na Linguagem de Hoje (1998)
BJ Bíblia de Jerusalém (1987)
BV Bíblia Viva (1981)
NVI Nova Versão Internacional (1994)
RC Almeida, Revista e Corrigida (1998)
TEB Tradução Ecumênica da Bíblia (1995)
VFL Versão Fácil de Ler (1999)

IV. Abreviaturas dos livros da Bíblia

ANTIGO TESTAMENTO

- Gn Gênesis
Êx Êxodo
Lv Levítico
Nm Números
Dt Deuteronômio
Js Josué
Jz Juízes
Rt Rute
1Sm 1Samuel
2Sm 2Samuel
1Rs 1Reis
2Rs 2Reis
1Cr 1Crônicas
2Cr 2Crônicas
Ed Esdras
Ne Neemias
Et Ester
Jó Jó
Sl Salmos
Pv Provérbios
Ec Eclesiastes
Ct Cântico dos Cânticos
Is Isaías
Jr Jeremias
Lm Lamentações de Jeremias
Ez Ezequiel
Dn Daniel
Os Oséias
Jl Joel
Am Amós
Ob Obadias
Jn Jonas
Mq Miquéias
Na Naum
Hc Habacuque

Sf Sofonias
Ag Ageu
Zc Zacarias
Ml Malaquias

NOVO TESTAMENTO

Mt Mateus
Mc Marcos
Lc Lucas
Jo João
At Atos
Rm Romanos
1Co 1Coríntios
2Co 2Coríntios
Gl Gálatas
Ef Efésios
Fp Filipenses
Cl Colossenses
1Te 1Tessalonicenses
2Te 2Tessalonicenses
1Tm 1Timóteo
2Tm 2Timóteo
Tt Tito
Fm Filemom
Hb Hebreus
Tg Tiago
1Pe 1Pedro
2Pe 2Pedro
1Jo 1João
2Jo 2João
3Jo 3João
Jd Judas
Ap Apocalipse

PREFÁCIO DO AUTOR

Ao longo dos séculos os escritos bíblicos foram lidos e entendidos por incontáveis pessoas sem conhecimento lingüístico ou histórico especial. Por meio deles, o Espírito de Deus atuou profundamente na vida de pessoas das mais diversas raças e dos mais distintos graus de formação. Explicações lingüísticas e históricas de livros da Bíblia tão somente prestam um serviço auxiliar.

Evidentemente, na segunda carta aos Coríntios esse serviço é mais importante do que em vários outros escritos do Novo Testamento. Não é por acaso que se tenha predileção por tomar trechos isolados dessa carta, como p. ex. 2Co 5.14-21, como base para a proclamação, mas que a carta como um todo tenha permanecido amplamente desconhecida. Em muitas passagens ela não propicia um entendimento fácil. Nelas o leitor carece das orientações auxiliares de um comentário. Que este volume da Série Esperança possa contribuir para que a singular riqueza de 2Coríntios seja reconhecida e que este livro do Novo Testamento se torne um cabedal interior eficaz para muitos leitores.

Schwerin, janeiro de 1972
Werner de Boor

QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

1. Quando lemos essa epístola a partir da primeira carta aos Coríntios, percebemos imediatamente *a grande diferença entre as duas cartas*. Em 1Coríntios estavam em jogo questões específicas da vida eclesial, que eram

abordadas uma após a outra por meio de uma serena exposição. Na segunda carta aos Coríntios, porém, existe, a rigor – com exceção do trecho a respeito da coleta para Jerusalém –, somente um único tema: a autoridade apostólica de Paulo. Desapareceram os numerosos temas da primeira carta. Já não ouvimos falar do comportamento correto em caso de conflitos entre irmãos, da disciplina na vida sexual, do matrimônio, da carne sacrificada a ídolos, da celebração da ceia do Senhor, do procedimento das mulheres, dos dons do Espírito, da ressurreição.

O motivo disso não é que entrementes todas essas questões tenham sido resolvidas de acordo com o desejo do apóstolo. Da segunda carta depreendemos como as tensões entre apóstolo e igreja haviam se tornado intensas. Nessa situação os coríntios certamente não estavam dispostos a dar ouvidos às instruções de Paulo! Paulo não torna a abordar essas questões. Sua situação é como a de um arquiteto (1Co 3.10!) que não pode mais discutir questões isoladas de uma construção quando a própria autoridade para a execução da obra lhe é negada. Agora era necessário em primeiro lugar decidir se a igreja reconhecia Paulo fundamentalmente como seu apóstolo e se estaria disposta a uma nova obediência a ele.

Sob esse ângulo torna-se compreensível que a segunda carta aos Coríntios seja *a carta mais pessoal* que Paulo escreveu. Nessa carta a força das circunstâncias o obriga a falar repetidamente de sua própria pessoa, bem como de sua atuação e de seu sofrimento. Toda a carta soa como um “discurso de defesa”, ainda que Paulo não queira que seja entendida e lida nessa perspectiva (2Co 12.19). Ao escrever, Paulo está envolvido pessoalmente da forma mais intensa, embora para ele não esteja em jogo sua pessoa, mas Corinto e a igreja da cidade. Para a sobrevivência e o avanço dessa igreja é fundamentalmente importante que sua autoridade e proclamação sejam reconhecidas.

A partir desse dado também se compreende o *tom excitado* da carta e a *visível mudança no tom*. Basta lermos lado a lado 2Co 7.8-16 e 12.20–13.4. Para determinar a integridade dessa carta é importante que compreendamos essas mudanças de tom. Cf. o exposto abaixo, item 4.

2. Inicialmente constatamos a profunda diferença da presente carta em relação à primeira epístola aos Coríntios. Ao mesmo tempo, porém, *a segunda carta projeta uma luz explicativa sobre a primeira*. Sob essa luz muitas frases e afirmações da primeira carta tornam-se mais aguçadas e precisas. Recebem um peso muito diferente. Dessa forma ambas as cartas se reaproximam novamente. Fica claro que elas formam uma unidade e pertencem uma à outra.

A segunda carta aos Coríntios mostra com mais nitidez como a tensão entre apóstolo e igreja era grave já no período da primeira carta. Naquele tempo já havia homens em Corinto que eram adversários declarados de Paulo, negavam seu ministério apostólico, queriam pressioná-lo a sair completamente da igreja e já declaravam triunfantemente que ele nem sequer teria coragem de vir a Corinto (1Co 4.18). Paulo precisava enfatizar sua singular importância para a igreja em Corinto a fim de combater estes homens e a desconfiança que eles semeavam: 1Co 1.1; 3.10; 4.15-17; 9.1,2. Já naquele tempo os incessantes sofrimentos de Paulo e sua presença pouco imponente, inclusive sua recusa em receber um pagamento por parte da igreja, representavam um considerável escândalo em Corinto. As duras controvérsias da segunda carta nos fazem ler de frases como 1Co 2.1; 3.17; 4.8-13,18-21; 9.1-12; 9.19; 14.37,38 de maneira completamente nova. E também as duras condenações sobre a igreja em pontos isolados (1Co 3.1-4; 4.8; 4.21; 5.2; 8.12; 11.30-32; 15.33s) denunciam, no retrospecto a partir da segunda carta, uma preocupação já muito profunda com a igreja. Também a sucinta frase de 1Co 16.22, com o anátema sobre todos que não amam ao Senhor Jesus, recebe um peso bem diferente a partir da segunda epístola aos Coríntios.

3. Como, porém, 2Coríntios chegou a ser escrita? *Que eventos se situam entre as duas cartas?* O envio de Timóteo para Corinto (1Co 4.17; 16.10s), que o apóstolo encaminhou não sem preocupação, evidentemente não obteve êxito. A situação em Corinto e a rebelião contra Paulo se revelaram como sendo ainda mais perigosas do que o apóstolo havia imaginado em seu escrito. Ao retornar de Corinto, Timóteo trouxe consigo notícias tão alarmantes que Paulo decidiu interromper por pouco tempo o trabalho em Éfeso e viajar pessoalmente a Corinto. Chegou “em tristeza” (2Co 2.1) para essa “visita intermediária”, mencionada em 2Co 13.1,2 expressamente como “segunda visita”. Devido à brevidade do tempo em Corinto Paulo não conseguiu debelar as mazelas e dificuldades. Por isso abandonou seu plano de viagem anterior (1Co 16.5-8) e prometeu aos coríntios uma visita particularmente exaustiva. Pretendia ir de Éfeso até Corinto diretamente por via marítima, permanecer entre eles e somente então empreender a visita às igrejas da Macedônia a partir dali, para depois retornar mais uma vez a Corinto (2Co 1.15s). Ao se empenhar tão sistematicamente pela igreja, o apóstolo com certeza esperava voltar a assumir plenamente as rédeas e sarar antigas feridas.

Paulo *não realizou esse plano de viagem*. Cita as razões em 2Co 1.23; 2.1-4. Em Corinto acontecera algo que atingiu profundamente o apóstolo, e que teria tornado sua ida a Corinto muito difícil para a igreja e para ele mesmo. Esse penoso episódio não pode ter ocorrido durante a “visita intermediária” em si, porque nesse caso Paulo não teria prometido aos coríntios a generosa visita dupla, ou melhor, não teria imediatamente revogado uma promessa dada nessa direção. O adiamento da visita e a mudança do plano de viagem foram claramente decididos apenas depois do retorno do apóstolo para Éfeso. O que havia acontecido em Corinto? Na presente carta Paulo fala de um homem na igreja que “causou tristeza” e “cometeu injustiça”, e de outro que foi “entristecido” e “sofreu o agravo” (2Co 2.5; 7.12). Como isso não ocorreu durante a “visita intermediária”, não se trata do próprio apóstolo sendo ofendido por um membro da igreja. Contudo deve ter sido uma pessoa próxima a Paulo, de modo que o apóstolo também foi atingido pessoalmente. *Por ora Paulo desistiu da visita a Corinto* e escreveu uma carta dura “no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, com muitas lágrimas” (2Co 2.4), em que demandava uma clara decisão da igreja e uma punição

para o “malfeitor”. Essa carta – chamada de “epístola das lágrimas”, para diferenciá-la das demais cartas aos Coríntios – foi levada a Corinto *por intermédio de Tito*. Paulo encerrou o trabalho em Éfeso e migrou por Trôade para visitar as igrejas na Macedônia. Com isso retomou seu antigo plano de viagem (1Co 16.5-8), com a diferença de que agora não era mais Corinto o alvo claro de sua peregrinação. Paulo precisava aguardar o que Tito conseguiria em Corinto e o que sua própria carta causara ali. Ao que parece, não contara com uma estadia demorada de Tito em Corinto. Não se tratava de negociações e discussões, mas de uma decisão que podia e precisava ser tomada rapidamente. O apóstolo esperava encontrar-se com Tito já em Trôade, quando este chegasse de Corinto. Contudo Tito não veio. Em vista de suas profundas preocupações com Corinto, Paulo interrompeu uma promissora evangelização em Trôade e seguiu viagem para a Macedônia, ao encontro de Tito (2Co 2.12s). Na Macedônia – não sabemos em que cidade, talvez já em Filipos – *Tito encontrou Paulo, trazendo boas notícias de Corinto*. A igreja havia aplicado, por maioria, uma punição ao malfeitor. O amor pelo apóstolo Paulo, a consciência de estar indissolúvelmente ligada a ele havia se renovado para os coríntios. Paulo encheu-se de alegria (2Co 7.5-16). Agora pode escrever 2Coríntios. Está aberto o caminho para a visita do apóstolo em Corinto. A carta anuncia essa terceira visita à igreja (2Co 13.1-4) e a prepara por meio de uma discussão das alegações levantadas contra Paulo, bem como por meio de um decidido anúncio de luta contra os destruidores da igreja (2Co 1-7 e 10-13). Acompanhado de dois irmãos, Tito mais uma vez chegará em Corinto, entregando essa carta e ajudando a igreja na coleta em benefício da primeira igreja em Jerusalém (2Co 8.16-24). Depois o apóstolo fará sua visita pessoal.

É assim que podemos esboçar com largos traços o curso dos acontecimentos que levaram do envio de 1Coríntios à escrita da segunda carta e sua entrega por Tito. Obviamente importantes detalhes permanecem em aberto. Em uma carta muitas vezes se alude a questões que o destinatário da carta entende de imediato, mas que permanecem ininteligíveis para um leitor posterior da carta. Era plausível que após a reconciliação com a igreja Paulo agora usasse justamente essas alusões para falar de episódios dolorosos e constrangedores.

4. Facilitaria muito a compreensão dos acontecimentos em Corinto e por isso também de muitas frases e alusões na presente carta, se pudéssemos conhecer com exatidão *os adversários de Paulo* e ter uma *imagem clara das correntes* pelas quais a igreja estava sendo agitada e interiormente dilacerada. Quem eram as pessoas que temporariamente ameaçavam separar quase toda a igreja de Paulo e trazê-la para sua própria área de influência? De onde vinham? Quais eram seus objetivos? Muito se refletiu e escreveu a esse respeito. Mas os indícios e as alusões na presente carta, ou melhor, nas duas cartas aos coríntios, são tão sucintos que os esforços dos exegetas não levaram a resultados de aceitação geral.

a) Nesse aspecto igualmente será necessário estabelecer uma conexão com a primeira carta. É significativo que em momento algum o apóstolo descreva uma “heresia”, com a qual discute teologicamente. Estão em jogo determinadas formas de conduta que Paulo precisa condenar e que ele constata, aterrorizado, estarem grassando na igreja. Os coríntios pensam ter muitas “liberdades”, até mesmo a liberdade de casar com a madrasta (1Co 5), a liberdade de processar irmãos perante juízes gentios (1Co 6), liberdade na vida sexual (1Co 6.12ss), liberdade de participar em refeições no templo (2Co 8), liberdade de abandonar o costume feminino (1Co 11.2-16), liberdade de saciar-se sozinho nas refeições na igreja (1Co 11.17ss). O que particularmente assusta Paulo é que o amor é colocado de lado em troca de liberdade e grandeza pessoais. Não se importam com o irmão (1Co 8.11-13)! Desprezam a igreja, o corpo do Cristo (1Co 11.22)! Sentem-se “pessoa espiritual” superior, com grandes “dons”, sendo, na verdade, “carnais” (1Co 3.1-4). Pretendem viver seguros e com superioridade (1Co 4.8) e se escandalizam com a trajetória pobre e marcada de sofrimentos do apóstolo. Será ele de fato um autêntico apóstolo? Um emissário de Deus não deveria se apresentar de maneira completamente diferente (1Co 4.9-13; 9.1-23)?

Pelo que parece, a própria igreja está ameaçada por esse fanatismo por liberdade, razão pela qual também é interpelada em seu todo. De qualquer modo, passagens como 1Co 8.77ss mostram que essa “liberdade” é requisitada de modo especial por um grupo na igreja. Em 1Co 15.12,34 aparece o termo-chave “alguns”, o que permite identificar pessoas que aqui detinham voz de comando.

b) Por trás dessas “liberdades” na prática da vida estava uma determinada concepção do cristianismo, uma “doutrina” perigosa: “tudo é lícito” para verdadeiras pessoas espirituais. O apóstolo constata em todo o pensamento desses círculos um “esvaziamento da cruz de Cristo” em benefício de “ostentação de sabedoria”, da qual se orgulham (1Co 1.17ss; 2.1). Chegam aqui à negação da ressurreição e, ligado a isso, ao desvirtuamento da esperança bíblica (1Co 15). De fato, o apóstolo precisa imputar a “alguns” o “desconhecimento de Deus”. Em decorrência, obviamente trata-se também em Corinto de “heresia”, mas de uma heresia completamente entrelaçada com um descaminho da prática de vida. “Vivência” e “ensino” estão inseparavelmente ligados.

c) Os dirigentes desse movimento na igreja não vieram necessariamente de fora, depois dos outros. Podem ser oriundos da própria igreja, ainda mais que sentem e pensam nitidamente de forma “grega”. Podem ter compreendido equivocadamente e exagerado perigosamente tanto opiniões do próprio apóstolo como também de Apolo. Devemos situá-los no quarto “grupo” enumerado em 1Co 1.12. Evidentemente pensavam “ser de Cristo” de uma maneira peculiar e direta. Proclamavam um “cristianismo espiritual” livre, independente de autoridades humanas, “ultrapassando o que está escrito” (1Co 4.6), sem subordinação a um apóstolo. Por isso tentavam desvencilhar a igreja de Paulo, que lhes parecia estreito demais e, intelectual como espiritualmente, insignificante demais. Queriam assumir em suas mãos o controle da igreja, a fim de realmente conduzi-la à “altura” da vida espiritual.

d) Esse grupo também pode ser claramente reconhecido na segunda carta. Continua repercutindo o lema “Eu sou de Cristo” (2Co 10.7). Com todo o desembaraço fala-se depreciativamente de Paulo, cuja presença é fraca e cujo discurso não tem peso (2Co 10.10). Agora igualmente se designa toda a sua atitude de vida como “carnal” e talvez se rejeite também sua mensagem de Cristo, que tem a cruz como centro, por ser um “conhecimento do Cristo segundo a carne” (2Co 10.2; 5.16). A trajetória de sofrimento do apóstolo, inclusive sua pobreza, continua causando escândalo. Paulo precisa falar constantemente da necessidade do sofrimento (2Co 4.7ss; 11.23-33).

A “liberdade”, precisamente também no âmbito sexual, é reivindicada por pessoas desse grupo de modo tão consciente que eles se negam expressamente a mudar de pensamento, apesar da exaustiva explicação do apóstolo em 1Co 6.12ss, insistindo em seu “direito” de viver sem restrições (2Co 12.12; 13.2).

e) Se em 2Coríntios apenas tivéssemos de lidar com essa única linha, a definição dos adversários do apóstolo seria relativamente simples. Nesse caso formariam um grupo homogêneo, no qual poderíamos facilmente identificar traços daquele movimento que mais tarde abalou toda a igreja, o “gnosticismo”. Agora, porém, a carta apresenta o capítulo 3! Não poderemos compreender a controvérsia desse capítulo com “Moisés” e a “velha aliança”, se entretantes não tiverem aparecido influências “judaico-cristãs” em Corinto, que contrapunham ao apóstolo a glória e importância permanente supostamente superiores de Moisés. Uma vez que justamente no começo desse capítulo 3 se fala de “cartas de recomendação”, é bem possível que após a remessa da primeira carta aos Coríntios (1Co 1.10) novos mestres tenham chegado em Corinto com cartas de recomendação da igreja primitiva, que eram próximos do grupo dos “adeptos de Pedro”, da mesma forma como haviam aparecido também em outras igrejas (At 15.1), sobretudo na Galácia. Talvez exatamente esta sua presença em Corinto fizesse parte daquelas notícias alarmantes que Timóteo trouxera consigo e que motivaram o apóstolo a se apressar a chegar em Corinto. Esses homens atacavam Paulo de forma diferente dos entusiastas da liberdade. Pela referência aos “Doze” em Jerusalém, negavam a autenticidade do apostolado de Paulo. Então combinava muito bem que apelassem para a autoridade dos primeiros apóstolos contra Paulo e quisessem estabelecer a paz na igreja e solucionar todas as questões por meio de um enviado de Jerusalém, talvez por meio do próprio Pedro (cf. abaixo o comentário a 2Co 11.4). Compreendemos que diante deles Paulo fale ironicamente dos “tais grandes apóstolos” e destaque enfaticamente que não fica devendo em nada em relação a eles, sim, que em trabalho e sofrimento lhes é até superior (2Co 11.5; 11.23). Não conseguimos mais detectar como esses dois grupos de relacionavam, que tamanho e quanta influência cada um deles possuía. No entanto, não é difícil imaginar que eles se uniam na oposição contra Paulo, agindo em conjunto, postergando suas diferenças, para desalojar o apóstolo da igreja em Corinto. De qualquer modo, Paulo teve de lutar ao mesmo tempo contra duas frentes completamente diferentes e defender contra ambas a validade de seu apostolado e seu evangelho, para manter a igreja firme sobre o “fundamento” que ele havia lançado no passado como “prudente construtor” (1Co 3.10). Para Paulo não estava em jogo seu prestígio pessoal, mas a verdade de Deus e a salvação da igreja que lhe fora confiada.

f) Portanto, não somos obrigados a decidir se devemos considerar os “hereges” em Corinto como “entusiastas da liberdade” ou como “judaístas”. Ambas as correntes atuavam em Corinto. Contra quem se dirigiu o ataque mais intenso em 2Co 11.12-15? Quem são os “falsos apóstolos”, que na verdade não são servos do Cristo, mas de Satanás? São os perigosos defensores da liberdade irrestrita? Porém, se for correta a suposição de que o “partido de Cristo” se atribui um relacionamento com Cristo mediado diretamente pelo Espírito, rejeitando qualquer autoridade humana, as pessoas desse grupo dificilmente teriam dado importância ao apresentar-se como “apóstolos”. Em contraposição, era provável que os “judaístas”, com suas cartas de recomendação de Jerusalém, insistissem em sua “autoridade apostólica”. A rigor, o capítulo 11 nos traz considerações do apóstolo que enfocam os “Doze” em Jerusalém e o relacionamento de Paulo com eles. Por conseguinte, a passagem mais áspere da carta deve estar se voltando contra os “judaístas” que penetraram de fora na igreja. É nítido o paralelo com Fp 3.2,17-19. Também devemos recordar Gl 6.12s e Rm 16.17s. Essas referências demonstram ao mesmo tempo que as mazelas em Corinto não são um assunto especificamente “coríntio”, mas um movimento que passava pelo mundo todo e diante do qual cada igreja, tanto a de Roma quanto a de Filipos, tanto da Galácia quanto da Grécia, precisa ser alertada.

g) Esse movimento somente conseguiu tornar-se tão ameaçador pelo fato de que havia fortes tendências dentro da própria igreja indo ao seu encontro. Em parte eram tendências humanas comuns. Em Corinto somaram-se a isso características tipicamente “gregas”. O grego buscava “conhecimento” e rapidamente se impressionava com atitudes imponentes e discursos bem-elaborados. Há muito tempo se empenhara “por liberdade” em termos políticos e filosóficos. Conseqüentemente, os novos homens em Corinto encontraram um solo receptivo. Contudo, a mensagem e orientação que Paulo dava à igreja dirigiam-se contra o ser natural da pessoa e contra o “eu religioso”. Não devemos nos surpreender com o fato de que uma atitude de rejeição contra o apóstolo penetre profundamente na igreja.

5. A *autenticidade* de 2Coríntios não pode ser contestada. Somente o próprio Paulo era capaz de abordar de forma tão pessoal e tão concreta as dificuldades, tensões e mazelas em Corinto. Entretanto, a *unidade da carta* foi seriamente *contestada*. Já chamamos atenção para a mudança no tom da carta (cf. acima, p. 293). Essa mudança é tão forte que, segundo a conclusão de diversos exegetas, sua unidade se rompe por causa dela. Seria impossível que Paulo escrevesse os capítulos 10–13 após as alegres frases do capítulo 7. Deveriam ser oriundos de outra carta do apóstolo, talvez da “epístola das lágrimas”, sendo posteriormente acrescentados a 2Coríntios.

Contudo, tais conclusões carecem de observação precisa. Os capítulos 10–12 pressupõem claramente que a paz fora reestabelecida entre a igreja em seu todo e o apóstolo. Paulo não lutará com a igreja ou pela igreja como um todo.

Nessa terceira visita não estará mais em jogo a decisão se a igreja retorna a Paulo, punindo o malfeitor e seguindo o apóstolo. São somente alguns círculos e grupos na igreja com os quais talvez haverá um confronto e que não devem ser poupados (2Co 10.2,9s; 11.13-15; 12.21; 13.2). Tais círculos e grupos, porém, de fato ainda existem na igreja. Paulo precisa contar com a resistência deles. Por essa razão descreveu sua visita em metáforas militares (2Co 10.1-6). As sentenças duras dos capítulos 10–13 visam esses adversários. Desse modo torna-se plenamente compreensível que o apóstolo, ao anunciar sua futura visita a Corinto, escolhesse e precisasse escrever em tom muito diferente do que ao tratar da notícia feliz e libertadora da reconciliação com a igreja como um todo. Outras considerações quanto à unidade da carta podem ser encontradas no comentário a 2Co 10.1.

Mencionemos apenas ainda que nas evidências dos manuscritos não há razões para considerar parcelas da carta como inclusões ou adendos posteriores. Todos os manuscritos nos apresentam a carta na forma como ela atualmente está em nossas mãos, do capítulo 1 ao capítulo 13.

6. *Questionável é a datação da carta.* Será que o apóstolo partiu de Éfeso pouco depois de Pentecostes, conforme seu plano original? Porventura o tempo até então seria suficiente para abranger a viagem de Timóteo a Corinto e seu retorno, a visita intermediária do apóstolo a Corinto e o envio de Tito com a “epístola das lágrimas”? Ou será que a partida de Éfeso foi adiada por causa desses acontecimentos imprevistos?

Supor um adiamento parece ser algo necessário também por outra razão. De acordo com 2Co 9.2 Paulo afirmou aos macedônios que a Grécia estaria “preparada desde o ano passado” para participar na coleta. Podemos admitir que Paulo, seguindo o calendário usual daquele tempo, começou o novo ano no outono, na época do equinócio. Depois de 1º de outubro do ano ele podia afirmar corretamente aos macedônios, fazendo um retrospecto à sua carta da primavera, que os coríntios estavam decididos já “desde o ano passado” a fazer a coleta. Mas ele só podia dizer isto apenas depois de 1º de outubro! No entanto, será que chegou tão tarde na Macedônia, partindo de Éfeso logo depois de Pentecostes? Será que permaneceu quase quatro meses em Trôade, esperando por Tito? Isso é muito improvável. No caso de uma estadia prolongada em Éfeso é muito mais fácil imaginar que Paulo de fato esteve entre os macedônios no começo de um novo ano, ou seja, em outubro, segundo o calendário da época, informando-os de maneira estimuladora acerca da prontidão da Grécia “desde o ano passado”. De acordo com a cronologia, na hipótese de Paulo ter chegado à Europa no verão do ano 50, encontramos-nos agora no ano 55, diante do final de seu trabalho em Éfeso. Atos dos Apóstolos nos informa em At 20.1-6 que na Macedônia Paulo dedicou tempo para o fortalecimento fundamental das igrejas de lá (fortaleceu-as “com muitas exortações”) e que na seqüência realizou sua prometida terceira visita à “Grécia”, i. é, na prática, a Corinto. Lucas fala em uma permanência de três meses de permanência ali. De acordo com o nosso calendário, seriam os meses do inverno de 55-56. Partiu de Corinto – para desviar-se de perseguições judaicas – novamente por via terrestre atravessando a Macedônia, a fim de viajar a Jerusalém para entregar a grande oferta.

7. *Que efeito teve a segunda carta aos Coríntios?* Que desfecho teve a visita do apóstolo em Corinto? Não temos nenhuma notícia direta a respeito disso. Mas foi em Corinto que Paulo escreveu a carta aos Romanos. Portanto chegou de fato a Corinto e viveu no meio da igreja. Foi cumprida a condição de 2Co 10.15s. O apóstolo pode retomar seu plano de viagem a partir de Corinto: o itinerário para Jerusalém a fim de entregar a grande coleta, e depois a viagem para Roma com o olhar voltado para a Espanha. O exame quanto à fé (2Co 13.5) trouxe consigo o resultado certo. Paulo tem novamente um apoio firme na igreja.

Não sabemos se os adversários bateram em retirada e saíram de Corinto ou se permaneceram ali, tentando reunir uma igreja própria. No escrito da igreja em Roma à igreja em Corinto, preservado com o nome de primeira carta de Clemente, não se visualiza uma igreja concorrente em Corinto. Contudo, o fato de que 1Clemente foi motivada pela rebelião de membros mais novos da igreja contra os presbíteros chama atenção para as dificuldades em Corinto.

A luta do apóstolo por seus coríntios não foi em vão. Paulo venceu na luta contra seus adversários. Aparentemente, foi capaz de executar o que havia anunciado em 2Co 10.1-6 e 13.1-4. No entanto, somente poderemos fazer essa constatação quando virmos ao mesmo tempo a rapidez com que a verdadeira mensagem de Paulo e seu objetivo na organização eclesial foram esquecidos pela igreja. Schlatter diz, no final da “Introdução” a seu grande comentário: “Paulo tornou-se solitário. Continuou sendo o apóstolo, porém incompreendido. Suas cartas tornaram-se Escritura Sagrada. Mas acima delas se colocou a teologia, e a igreja considerou seu conhecimento como sua característica mais essencial. Não proibiu o casamento, mas considerava o asceta como santo e rotulou o desejo sexual com a mácula do pecado. Tornou-se senhora de tudo o que evocava o entusiasmo, fazendo com que não somente a língua, mas também a profecia desaparecesse. Contudo, a atuação de Cristo no Espírito tornou-se para ela um discurso obscuro. Com isso desapareceu a igreja comparável ao corpo, cujos membros servem um ao outro. O lugar da igreja foi ocupado pela hierarquia, que governa as multidões de pessoas isoladas. De forma irresistível, processou-se o enquadramento da igreja no mundo por meio de sua adequação ao Estado” (A. Schlatter, “*Der Bote Jesu*”, p. 55).

8. *Qual é a importância de 2Coríntios para nós?* Será que a carta foi incluída no NT com justiça, para falar de forma nova à igreja de Jesus em cada geração? Ou será que na realidade possui importância apenas histórica e deve ser valorizada como fonte para a história do primeiro cristianismo?

a) Sem sombra de dúvida trata-se particularmente de uma “carta” que fala a pessoas bem específicas em uma situação específica. Por isso, diversas partes da carta não são facilmente compreensíveis, mas requerem interpretação histórica. Não podemos simplesmente transferir a nós cada uma das frases, mas temos de ouvir primeiramente o que

ela tinha a dizer aos coríntios naquele tempo. O leitor atual da carta terá de trazer consigo uma parcela de interesse histórico e não deve esquivar-se do esforço de situar-se vivencialmente em uma época e um mundo passados.

b) Dessa forma obtemos imediatamente um ganho significativo. *Mais intensamente que a primeira, a segunda carta aos Coríntios destrói uma idéia ideal incorreta* que fizemos do primeiro cristianismo. Apenas poucos anos depois da sua fundação era possível que o que aqui é demonstrado ocorresse em uma comunidade eclesial do cristianismo primitivo! Admirável, porém, é que apesar de tudo o apóstolo designa e trata como “igreja de Deus” um grupo de pessoas que fracassaram dessa maneira e lhe causaram, e ainda causarão por ocasião de sua visita, muita aflição!

c) *Isso é importante para nós*. Não é verdade que somente nós, que viemos mais tarde, nos tornamos imprestáveis e apresentamos essas mazelas nas igrejas. Desde o início as igrejas de Jesus não são reuniões de maravilhosas pessoas de santidade imaculada, mas uniões de pecadores redimidos, nos quais a natureza velha e deturpada ainda é capaz de interferir consideravelmente, ameaçando e distorcendo o convívio. Logo no começo do cristianismo houve abnegado trabalho e penosas lutas em prol da existência e vida corretas da igreja. Desde o começo foi preciso contar também com pessoas pervertidas e egoístas, que visam projetar-se na igreja e trazem confusão à igreja com seus novos ensinamentos.

d) Para nós há certo consolo em vermos que aflições e dificuldades existiram na igreja desde o começo. Isso, porém, não pode nos tranquilizar de maneira errada. A segunda carta aos Coríntios nos mostra também *como Paulo lutou pela igreja*. De modo algum conformou-se com seus erros. Com amor inflexível, determinado, exigiu o arrependimento dela, levando-a, por meio de sua severa carta, à “tristeza divina” da qual brota uma autêntica transformação de pensamento. Em sua terceira visita ele há de conduzir a luta implacavelmente até o fim e “levar cativo todo pensamento à obediência de Cristo” (2Co 10.5). Seu alvo para a igreja continua sendo a nítida separação do mundo e a plena purificação de qualquer mácula da carne e do espírito (2Co 6.14–7.1). No entanto, 2Coríntios justamente nos ensina como uma luta assim não é conduzida com fria superioridade, mas nas dores de um intenso amor. Nisso ele também nos mostra que inestimável serviço os colaboradores podem prestar nessa luta. Será que a igreja em Corinto teria se acertado sem a atuação de Tito? O apóstolo Paulo, porém, tinha suficiente visão para proporcionar a um colaborador espaço livre para o engajamento.

e) A carta presta uma significativa *contribuição para a questão da “disciplina eclesial”*. Já em 1Co 5.1-5 nos deparamos com uma medida de características graves. Ali, porém, tratava-se de um caso isolado especial. Agora, no entanto, torna-se explícito que precisam ser excluídos da igreja não apenas aqueles que foram desmascarados como “falsos apóstolos”, mas também os membros da igreja que se negam a arrepender-se (2Co 13.1s). Essa exclusão, porém, não representava uma medida pura e simplesmente administrativa. Pois para o apóstolo a “igreja” não era uma organização, mas o “corpo de Cristo”. O afastamento da igreja, portanto, separa do corpo do Cristo e entrega nas mãos do “deus deste mundo”. Para isso, no entanto, demandava-se uma ação com autoridade espiritual. Na disciplina eclesial praticada pelo apóstolo a igreja experimentará o poder eficaz do Cristo que fala por meio de Paulo (2Co 13.3s).

Todavia existe também uma disciplina a ser exercida pela própria igreja para a “punição” de seus membros que transgrediram e praticaram injustiça. Essa “punição” evidentemente não é exclusão da igreja, ainda que talvez seja a suspensão temporária das reuniões da igreja. Nesse caso o “castigo” serve ao arrependimento. Quando ele foi alcançado, pode-se e deve-se conceder pleno perdão e tomar a decisão “com amor” (2Co 2.5-11). Também aqui Satanás é considerado como algo sério, porém de uma forma bem diferente do que em 1Co 5.1-5: o perdão impede sua intromissão maléfica na igreja.

f) É digno de nota que, diante das mazelas internas da igreja, o apóstolo *não espera ajuda de novas “efusões do Espírito” ou de “baptismos no Espírito”*. Na presente carta não se menciona os dons espirituais e a oração em línguas com nenhuma sílaba. Se em 1Co 3.1-3 já chama atenção que Paulo designe a igreja coríntia, apesar de sua “riqueza de dons”, de imatura e carnal, também agora se torna necessário, diante das novas perturbações, um efeito completamente diferente do Espírito: tristeza divina, penitência, purificação, paz uns com os outros. Teremos de aprender dessa verdade.

g) Para o apóstolo Paulo as grandes afirmações doutrinárias nunca são fruto de esforços próprios, dogmático-teológicos, mas irrompem sempre inesperadamente da preocupação prática pela vida da igreja. Em decorrência, deparamo-nos também em 2Coríntios, no meio da luta pela igreja, com *explicações fundamentais de grande força e clareza*. Paulo escreveu muito sobre “lei e evangelho”. No capítulo 3 da presente carta ele o faz de maneira nova e reveladora. 2Co 5.14-21 fala com extraordinária profundidade do *significado da morte de Jesus e do ato reconciliador de Deus nessa morte*. O apóstolo deixa explícito como a proclamação dessa ação de Deus integra necessariamente o evento de salvação.

Contudo a carta também nos fornece contribuições essenciais para a “teologia prática”. 2Co 2.12-17, bem como 2Co 4.1-12 e 2Co 6.1-10, nos demonstram como o serviço de proclamação pode acontecer de modo correto e autorizado. Nessa demonstração fica claro porque o sofrimento dos mensageiros como consequência do morrer de Jesus faz parte incondicional de um serviço eficaz e vivificador.

O apóstolo, porém, igualmente discorre sobre a grande e viva esperança dos que crêem e mostra a força que emana dessa esperança para a vida na atualidade (2Co 4.16–5.10). As instruções sobre o ofertar correto e a execução condizente de coletas na igreja são de valor permanente também para nós (2Co 8 e 9).

h) Por fim aponte-se ainda para o fato de que, como nenhum outro livro do NT, 2Coríntios desenha um quadro pessoal do apóstolo. Seria uma tarefa proveitosa ler e analisar essa carta sob essa perspectiva. Vemos como Paulo influenciou amplos grupos da igreja e os que criticaram sua igreja. No entanto, enxergamos também profundamente o interior de seu próprio coração enquanto luta por Corinto. “Compreendemos porque esse homem teve tantos adversários e, em contrapartida, foi capaz de cativar tantas pessoas e toda a igreja em repetidas ocasiões. Nele a autoridade apostólica estava associada ao devotamento fraterno e conselheiro, que forçosamente conquistava os corações dos aflitos e íntegros. A intolerância, quando o evangelho e a defesa contra ataques a seu ministério estavam em jogo, vinha de mãos dadas com abertura e brandura, quando aflições pessoais o levavam a buscar companhia. Ele alternava ironia contundente com encantadora amabilidade. Sempre, porém, estava empenhado em colocar a causa acima da pessoa, até mesmo acima de sua própria pessoa” (Michaelis, *Einleitung in das Neue Testament*, p. 179). “Paulo, mensageiro de Jesus”, foi assim que Schlatter intitulou seu grande comentário sobre as duas cartas aos Coríntios. De Paulo podemos aprender o que significa ser “um mensageiro de Jesus”.

COMENTÁRIO

SAUDAÇÃO INICIAL, 1.1,2

- ¹ **Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus, e o irmão Timóteo, à igreja de Deus que está em Corinto e a todos os santos em toda a Acaia:**
- ² **graça a vós [outros] e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.**

1 Os respectivos cabeçalhos das cartas, ditados por Paulo, revelam como é possível combinar a preservação de formas tradicionais com liberdade e vivacidade. Paulo começa esta epístola aos Coríntios de forma mais sucinta e reticente que 1Coríntios. Isso corresponde às lutas e aflições passadas que o apóstolo considera ao escrever a carta. Lembra os destinatários da carta de que não são uma “igreja de Paulo”, tampouco igreja de quaisquer outras pessoas, que tentam apoderar-se deles (2Co 11.20), mas “**igreja de Deus**”, que pertence exclusivamente ao próprio Deus. Ela “**vive em Corinto**” [tradução do autor], e isso lhe confere sua peculiaridade. Sua essência, porém, não determinada por esse seu local de moradia, mas pelo fato de pertencer a Deus. Precisamente esse Deus convocou “**Paulo**” como “**apóstolo do Cristo Jesus**”, como enviado autorizado do Rei Jesus “**por vontade de Deus**”, uma resolução que não requer nenhuma outra fundamentação, diante da qual uma “**igreja de Deus**” precisa curvar-se. Desse modo Paulo enfatiza sua autoridade, que não é pessoal ou humana, mas suma autoridade a partir de Deus, no começo de sua epístola, na qual seu ministério apostólico está repetidamente em questão.

Não obstante, ele não escreve essa carta como um “grande homem” solitário, porém coloca a seu lado um “**irmão**” co-responsável pela carta. Na circunstância dada é novamente significativo que ele tenha escolhido “**Timóteo**” para isso. Timóteo era bem conhecido em Corinto. Já havia participado da evangelização de que resultou a igreja (At 18.5; 2Co 1.19). Quando aumentaram as tensões entre Paulo e os coríntios, Paulo o enviou com a primeira carta antes de sua própria ida a Corinto (1Co 4.17; 16.10s). Nisso já transparece uma parcela de preocupação quanto à acolhida que Timóteo encontrará em Corinto. A presente carta não dá nenhum pormenor sobre o transcurso dessa visita. Mas a evolução negativa do relacionamento entre Paulo e a igreja permite deduzir que Timóteo não conseguiu nada naquela oportunidade. Em decorrência, com certeza também chama atenção dos coríntios que Paulo coloque justamente ele no início da carta, e que também o levará consigo para Corinto. Dessa maneira Paulo se posiciona nitidamente em defesa de seu colaborador e convoca a igreja a reconhecê-lo. Nessa menção Timóteo não recebe um “título” especial. Ele é “irmão”, e isso basta. Cargos e títulos não são decisivos.

Já em 1Co Paulo não apenas pensou na igreja daquela localidade, mas tinha diante de si um círculo amplo de ouvintes de sua carta. Contudo, a definição desse círculo em 1Co 1.2 permanece sujeita a diferentes interpretações. Agora outros ouvintes da carta são designados de forma inequívoca. São “**todos os santos [que vivem] em toda a Acaia**”. Gostaríamos de saber mais a respeito deles: quando e de que maneira essas pessoas gregas se tornaram cristãs? Será que vivem completamente isolados ou formam pequenas congregações aqui e acolá, que apenas não são suficientemente grandes para ser diretamente chamadas de igrejas e receber cartas? De qualquer modo, seu centro é tão claramente a igreja em Corinto que tudo o que acontece ali os envolve

também. Por isso a carta pode e deve ser transmitida também a eles. A controvérsia de Paulo com seus adversários em Corinto e a coleta para a primeira igreja em Jerusalém também lhes diz respeito.

- 2 A saudação que não apenas “deseja” mas anuncia aos ouvintes “**graça e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo**” não é diferente dos votos em Rm, 1Co, Ef, Fp, 2Ts. O apóstolo não cria formas novas. Toma a conhecida e recorrente saudação grega *chairein* (em At 23.26, na tradução alemã de Lutero, “alegria primeiro” ou “saudação primeiro”) e a saudação milhãres de vezes utilizada pelos judeus, *shalom* (“paz”), e coloca ambas lado a lado. Mas *chairein* se transforma em *charis* (“graça”), e “graça e paz” vêm como viva realidade de Deus, que nos concede ambas como “**nosso Pai**”, e do “**Senhor Jesus Cristo**”, que é pessoalmente nossa “paz” e cuja “graça” deve bastar até mesmo a um apóstolo Paulo nas mais graves tribulações (2Co 12.9).

GRATIDÃO A DEUS

1. Consolador em tribulações, 1.3-7

- 3 **Bendito [seja] o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação!**
- 4 **É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os [que estiverem] em qualquer angústia [imaginável], com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.**
- 5 **Porque, assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grande medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo.**
- 6 **Mas, se somos atribulados, [é] para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, [é] também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando vós com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos.**
- 7 **A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim [o sereis] da consolação.**

- 3 Paulo começa também essa carta com ações de graças. No entanto, não é a gratidão pela igreja, como em 1Co (e outras cartas), que aflora somente em 2Co 7.5ss. Paulo olha para a ação de Deus experimentada de forma bem pessoal. Por isso em lugar de sua “gratidão” aparece o “louvor”. “**Bendito [seja] Deus**” era uma fórmula usada incontáveis vezes no âmbito israelita. Para Paulo, porém, ela adquire seu peso interior pleno em vista de sua experiência com Deus. Seu coração enaltece a Deus, mesmo no começo de uma carta em que terá de falar de muita aflição e luta.

Desse modo deparamo-nos imediatamente com a peculiaridade dessa carta, que é, de forma especial, uma carta pessoal. Os temas de 1Coríntios não são retomados. Agora o próprio Paulo está em jogo em Corinto, sua pessoa, sua autoridade, seu comportamento, seu reconhecimento na igreja. Esse é o tema da nova carta que predomina sobre tudo. A isso corresponde também o começo. Paulo não principia com questões da vida da igreja, como faz geralmente. Paulo escreve a respeito de experiências bem pessoais, de suas experiências no sofrimento. Por que faz isso? Não simplesmente porque essas experiências ainda o comovem intensamente. Não: dessa maneira o apóstolo ataca imediatamente o verdadeiro “tema” de sua carta. Já em 1Co torna-se explícito como sua trajetória de sofrimento era quase intolerável e escandalosa para os coríntios. Porventura um verdadeiro “apóstolo”, um “enviado de Deus”, não tinha de mostrar toda a glória de seu mandato com esplendor e magnitude? Podia ele ser tão pobre e insignificante, tão marcado por grave sofrimento? Enquanto na primeira carta Paulo ainda se colocara no mesmo nível dos demais apóstolos em relação ao sofrimento (1Co 4.6-13), entretantes a igreja já devia ter notado que Paulo trilhava de modo singular o caminho da pobreza, do desprezo, do constante sofrimento. Isso não seria um nítido sinal de que ele nem mesmo fora enviado e credenciado por Deus?

- 3,4 Por enquanto Paulo não fala da razão e da necessidade do sofrimento. Aqui ele é simplesmente aceito como fato, da mesma forma como também em sua poderosa exposição em 2Co 11.23-33, sem transformá-lo em “problema”. Contudo, de imediato explica aos coríntios que o sofrimento não o impede de agradecer. Pelo contrário, justamente suas experiências no sofrimento lhe propiciam esse louvor e agradecimento de que fala no início da carta e que não consegue expressar em relação à igreja. Por que Paulo é capaz de agradecer no sofrimento? Porque nele experimenta de forma singular a “consolação” de Deus. “**Bendito [seja] o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação, que nos conforta em toda a nossa tribulação.**” A igreja resmungue e xingue, mas Deus “consola”. Porventura os coríntios, como “igreja de Deus”, não teriam de envergonhar-se por agirem de forma tão diferente de Deus?

Para compreender bem a passagem cumpre levar em conta que o apóstolo não está tratando genericamente o problema do “sofrimento”. O termo grego empregado por ele, *thlipsis*, representa no NT a “aflição” que o mundo inflige ao discípulo de Jesus em virtude desse seu compromisso. No contexto da carta trata-se do sofrimento que Paulo tem de suportar em seu serviço. Deus não exime o mensageiro da reconciliação deste sofrimento. Mas ele “**consola em toda a nossa tribulação**”. Para “consolo” e “consolar” Paulo emprega a palavra *parakalein*, que também encontramos na LXX (Septuaginta), em passagens tão significativas como Is 40.1; 49.13; 51.3; 61.2; 66.10-13. Esse termo não designa em primeira linha uma influência lenitiva sobre nosso estado de ânimo. Pelo contrário, em todas as passagens referidas fica explícito como a “consolação” de Deus sempre é sua ação poderosa e redentora. Deus “consola” seu povo mudando seu destino e conduzindo-o do cativo e da miséria à liberdade e nova vida. É esse sentido presente no AT que o apóstolo deve estar evocando ao empregar o termo “consolar”. Nas “tribulações”, agora não especificadas, Paulo não foi apenas “consolado” no sentido atual da palavra. Pelo contrário, experimentou como Deus se empenhou por ele e o socorreu, como foi carregado no meio delas, sim, como foi resgatado delas, como não desanimou, como continuou disposto e capaz de realizar seu serviço apesar de toda a pressão. Conseqüentemente, são justamente os sofrimentos enfrentados que demonstram seu envio e seu credenciamento por Deus.

Logo Deus e sua misericórdia não são refutados pelo sofrimento, mas é justamente nas tribulações, perigos e aflições que Deus é experimentado como “**Pai de misericórdias**”. Paulo fala no plural, “**misericórdias**”, porque elas se manifestam com rica plenitude e multiplicidade em nossa vida. Por meio dessas “misericórdias” Deus é comprovado como “**Pai**”, que se importa paternalmente com seus filhos, no meio dos sofrimentos. Não é um Deus severo e cruel, como nossa razão (e justamente também a dos crentes) conclui com tanta facilidade, em vista das duras aflições, mas, pelo contrário, é “**Deus de toda a consolação**”. No entanto, ele não o é da maneira como os coríntios imaginam e desejam. Ele não exime seus mensageiros autorizados do sofrimento, porém transforma as incessantes aflições e tribulações justamente em sinal e testemunho do verdadeiro serviço (2Co 11.23ss). Mas nas tribulações concede a experiência de sua “consolação”.

- 4 Paulo falou de sua experiência própria. Contudo não estaciona em sua vida como tal. Importa-lhe seu serviço. Conseqüentemente, sua experiência pessoal torna-se frutífera para outros: “**Para sermos capazes de consolar os [que estiverem] em qualquer angústia [imaginável], com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus.**” Pessoas que foram pessoalmente consoladas são as que melhor conseguem consolar outras. As conhecidas “palavras de consolo” são fáceis de proferir, mas permanecem sem força e vãs. Para consolar precisamos “**ser capazes**” ou, como também é possível traduzir, “*ter dýnamis*, poder”. Na experiência de ser pessoalmente consolados por Deus podemos adquirir esse “poder” de consolar. Paulo também não especifica que aflições e tribulações tem em mente no caso dos outros. Em sua formulação visa levar em conta “**qualquer angústia [imaginável]**” da forma mais abrangente possível: nenhuma tribulação precisa ficar sem consolo.
- 5 Contudo, por que há tanto sofrimento na vida do apóstolo? Isso é forçoso, ou na verdade resulta de erros e falhas do próprio Paulo? Paulo fornece a resposta com uma única frase que faz silenciar todas as objeções: “**Porque, assim como os sofrimentos do Cristo transbordam sobre nós [tradução do autor].**” Não são aflições próprias, quem sabe até por culpa própria, que atingem o apóstolo. São os “**sofrimentos do Cristo**” que ele suporta em suas “tribulações” apostólicas. A igreja sabe que, ao viver nesta terra, seu Senhor não andou por um caminho sem dor, esplendoroso e cheio de sucessos! Ele é o homem “cheio de dores e padecimentos” (Is 53.3), o atribulado, contundido, crucificado. Será possível, afinal, haver participação nele sem “comunhão dos seus sofrimentos”, sem a “conformação com ele na sua morte” (Fp 3.10)? E não é necessariamente assim que esses “**sofrimentos do Cristo**” “transbordam” de modo especial justamente sobre seus credenciados? Foi o que o próprio Jesus anunciou com toda a determinação. Como ele, a igreja tem de carregar a cruz, sofrer o ódio do mundo e beber o cálice dele (Mt 10.22,38; 20.23; Jo 15.18s; 16.2-4). Sendo, porém, os sofrimentos do apóstolo na realidade “sofrimentos do Cristo”, então os coríntios se rebelam contra seu Senhor quando se escandalizam por causa das constantes tribulações de Paulo. Em momento algum podem deixar de considerar que ao mesmo tempo “**também a nossa consolação transborda por meio do Cristo**” e que nisso se explicita o envio e credenciamento de Paulo por meio de Cristo. Jesus não abandona seu emissário. O apóstolo não escapa por pouco. O “ser mais que vencedores” que Paulo coloca como perspectiva aos romanos (Rm 8.37) pode ser constatado nele próprio. Uma torrente de consolo se derrama sobre Paulo a partir de Cristo. O “Pai de misericórdias e Deus de toda consolação” atua e se manifesta nele por meio de Cristo.
- 6 Novamente, o que está em jogo não é apenas o próprio Paulo. “**Mas, se somos atribulados, [é] para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, [é] também para o vosso conforto, o qual se torna eficaz, suportando vós com paciência os mesmos sofrimentos que nós também padecemos.**” Ambas as coisas, as tribulações do apóstolo e suas experiências de consolo redundam em benefício para outros, justamente também dos coríntios. Somente por meio da acalorada trajetória do sofrimento de Paulo a salvação chegou a eles em Corinto. Paulo teve de sofrer maus tratos em Filipos e ser expulso, ser expulso de Tessalônica e

rejeitado largamente em Atenas, para então encontrar o caminho até os coríntios. Em **2Co 10.13s** o próprio Paulo constata com admiração que ele chegou até lá, até Corinto. Embora as “tribulações” de Paulo incluam justamente também aquilo que foi sofrido durante sua atuação em Éfeso, por causa da perversão, ingratidão e rebeldia dos coríntios, elas não deixam de ser “**conforto e salvação**” para eles, pelos quais ele assumiu esse fardo de dor e aflição. Como ainda são capazes de resmungar a respeito disso? Quanta necessidade têm, no entanto, também das experiências de suas “consolações”! Enquanto em 1Co ainda era possível observar a igreja em Corinto vivendo sem tribulações depois de rechaçada a acusação judaica por parte de Gálio, isso parece ter mudado. Paulo fala de “**suportar os mesmos sofrimentos que também nós padecemos**”, referindo-se com isso certamente não apenas a uma possibilidade futura. Se os coríntios agora também conhecem as tentações e os sofrimentos, é realmente útil para eles o fato de experimentarem o “**ser confortados**” no meio das tribulações com seu próprio apóstolo. Isso já redundava em “consolação” para eles próprios. Esse “consolo”, esse encorajamento, ajuda-os a “**suportar**” suas tribulações, que não são diferentes das que também Paulo enfrenta. É assim que o consolo de Paulo se torna “eficaz” em Corinto.

- 7 Paulo acrescenta: “**A nossa esperança a respeito de vós está firme, sabendo que, como sois participantes dos sofrimentos, assim [o sereis] da consolação.**” É como se Paulo quase se alegrasse com o fato de que a igreja coríntia também precisa sofrer. É possível compreender essa alegria a partir da preocupação com Corinto em **1Co 4.8-17**. Agora são “participam” dele justamente nesse ponto controvertido de sua vida e atividade, participantes dos sofrimentos e por isso com certeza também participantes da consolação. Paulo traz consigo uma “**firme esperança**” para seus coríntios, baseada sobre um “**saber**”. Esse saber tem origem em suas próprias experiências com a viva concomitância de sofrimento e consolo divino. Os coríntios também hão de repetidamente experimentar essa concomitância, e a partir dessa experiência serão capazes de suportar sofrimentos.

Em todo esse trecho chama atenção quantas palavras temos de inserir para configurar um texto traduzido inteligível. Como são sucintas e, por isso, muito objetivas e vigorosas as frases gregas que Paulo escreve! Ainda nos depararemos diversas vezes, justamente também em passagens decisivas da carta, com esse seu estilo.

2. Salvador de aflição mortal, **1.8-11**

- 8 **Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que [nos] sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos – até da própria vida.**
9 **Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos,**
10 **o qual nos livrou e livrará de tão grande morte; em quem temos esperado que ainda continuará a livrar-nos,**
11 **ajudando-nos também vós, com as vossas orações a nosso favor, para que, por muitos, sejam dadas graças a nosso respeito, pelo benefício que nos foi [concedido] por meio de muitos.**

- 8 Paulo havia falado sobre ser consolado e encorajado nas tribulações. Contudo, os coríntios não devem ignorar a seriedade e o impacto do volume que os sofrimentos podem assumir, para que também vejam a magnitude do socorro divino, que não apenas “consola”, mas também “salva”, “arranca da aflição”.

“**Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que [nos] sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos – até da própria vida.**” É possível que os coríntios já tenham ouvido acerca da “**tribulação na Ásia**” e que por isso o apóstolo não forneça mais detalhes neste ponto. Seja como for, não temos condições para determinar quais foram os acontecimentos de que Paulo está falando. De nada nos adiantam as numerosas conjeturas que volta e meia foram feitas. De acordo com o relato de **At 19.23-40**, não é possível que ele esteja se referindo aos distúrbios dos ourives. Naquela ocasião Paulo não correu perigo de vida. Na verdade, toda a tempestade passou rapidamente em virtude da sensatez do magistrado romano. Mais plausível é que **Rm 16.4** também faça alusão aos mesmos acontecimentos que Paulo tem em vista no presente texto. Contudo, nem mesmo é tão importante que conheçamos com exatidão os fatos sobre essa “tribulação” e o episódio do inesperado livramento de Paulo (e de seus companheiros?). Para Paulo, nesse trecho da carta importa que os coríntios vejam o lado íntimo da questão e não permaneçam “**ignorantes**” e na incompreensão dela. É isto que temos de aprender juntamente com os coríntios: também para o apóstolo existem sofrimentos que o “**sobrevêm acima das forças**”. Objetivamente, em si mesmos, tais sofrimentos são extremamente duros. Mas também subjetivamente ultrapassam a força de alguém como Paulo. Levam-no a “**desesperar**” completamente – “**até da própria vida**”. Paulo não consegue ter esperança nenhuma para sua vida ameaçada.

É com essa franqueza que Paulo se coloca perante a igreja em Corinto, a fim de conquistar sua confiança. Portanto, até mesmo um “grande” Paulo, um apóstolo acostumado a agruras, pode cair em situações em que afirma: isso excede minha força, isso é árduo demais! Também ele é capaz de “desesperar” completamente. O “Pai de misericórdias” não o poupa disso.

- 9 “**Sim, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte.**” Do ponto de vista de Paulo não havia mais possibilidade de escapar da morte. A morte o ameaçara muitas vezes. A esse respeito ele já falara em **1Co 15.31**. Agora, porém, parecia-lhe como se ele tivesse obtido o anúncio definitivo da morte.

Por que Deus permite que seus representantes entrem em situações dessas? Paulo sabe: “**Para que não depositemos nossa confiança em nós mesmos, e sim no Deus que ressuscita os mortos.**” “Crer” não é uma posse pronta, de que podemos dispor quando uma vez “chegamos à fé”. É um movimento interior de vida que tem muitos graus de fé a percorrer e que cresce e amadurece em situações e provas sempre novas. Também em alguém como Paulo havia ainda a antiga e profundamente arraigada tendência de “**depositar confiança em si mesmo**”. Em vista de sua “sentença de morte” definitiva, ele até mesmo tinha de se tornar mais definitivamente alguém que orienta sua confiança única e exclusivamente para “**Deus, que ressuscita os mortos**”.

Essa descrição de Deus possui um sentido duplo. Quando todas as saídas humanas estão fechadas e todas as possibilidades chegaram ao fim, então esse Deus é capaz de operar milagres e salvar da morte apesar de tudo. Foi o que também sucedeu na tribulação na Ásia. Mas não era compulsório que essa salvação acontecesse. Paulo tinha de estar pronto para morrer. Então tinha o privilégio de olhar ainda em outro sentido para “**o Deus que ressuscita os mortos**”. Ainda que Paulo morresse agora, não seria refém da morte. Ele sabia “que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus” (**2Co 4.14**). Esse Deus mantinha a vida disponível também para ele, até mesmo na morte. Nessa “**confiança**”, e unicamente nela, é superada a “desesperança” pela qual Paulo era atribulado.

- 10 Paulo experimentou Deus como aquele “**que nos livrou e livrará de tão grande [aflição de] morte**”. Deus, portanto, “consola” não apenas nas tribulações, mas também pode ser aquele que livra delas, justamente quando ameaçam diretamente a vida de seus mensageiros. A palavra que Paulo emprega para “salvar”, “arrancar”, mostra a atividade e o poder que fazem parte de qualquer verdadeiro salvamento. O poder salvador de Deus se mostra de forma singularmente gloriosa quando é uma “**tão grande [aflição de] morte**”, da qual sucede a salvação. Paulo sabe, porém, que sua vida continua incessantemente ameaçada, acrescentando ao olhar sobre o passado imediatamente o olhar para o futuro: Deus é aquele que “**livrou e livrará**”. Ele enfatiza mais uma vez essa sua certeza: “**Em quem temos depositado a esperança de que ainda continuará a livrar-nos.**” Da fé que uma vez se arriscou e que foi confirmada por Deus desenvolve-se a viva “**esperança**” que se alicerça sobre o Deus que se mostrou de modo tão milagroso. As formulações compactas demonstram para que mar ameaçador de perigos Paulo estava olhando. Os coríntios deviam obter clareza sobre como é a vida do homem tão rápida e superficialmente condenado por eles.

- 11 Também nesse caso Paulo envolve novamente a igreja nos eventos de sua vida apostólica. Os coríntios não devem ser espectadores de acontecimentos distantes, mas saber que participam ativamente de tudo: “**Ajudando-nos também vós, atuando a nosso favor com as vossas orações**” [tradução do autor]. Tão a sério Paulo leva a intercessão! Ela é “atuante”, mas por isso é também uma “obra”, um trabalho que demanda ser realizado com afinco. Paulo tem diante dos olhos a “igreja de Deus”, ou seja, não pensa somente em oradores isolados nas casas, mas conta com a oração unida da igreja, como descrita, por exemplo, em **At 4.23ss**.

Essa participação consciente, em oração, da igreja é tão importante porque somente assim se alcança o fruto que deve crescer em todos esses acontecimentos: “**Para que, por muitos [semblantes], sejam dadas graças, pelo benefício que nos foi [concedido] por meio de muitos por nós.**” Paulo pensa de modo tão “teocêntrico”, tão voltado para a honra de Deus, que o alvo de sua salvação nem sequer chega a ser seu bem-estar pessoal, nem tampouco sua simples preservação para o serviço. Não, é preciso que “**sejam dadas graças**” a Deus! Ademais, é importante para Paulo que isso não seja realizado apenas por Paulo e seus companheiros, mas “**por meio de muitos**”. A expressão “**por parte de muitos [semblantes]**” não significará somente na forma atenuada da expressão a oração “de muitas pessoas”, o que seria bem possível gramaticalmente. Pelo contrário, Paulo deve ter diante de si concretamente a comunhão de oração dos coríntios, quando “**muitos semblantes**” elevam o olhar a Deus, de cujos lábios agora ressoa um louvor em ação de graças. Esse agradecer acontece “**pelo benefício que nos foi [concedido]**”. Quando Paulo e seus colaboradores desse modo se tornam motivo de louvor a Deus na igreja de Deus, algo decisivo aconteceu, também para toda a situação de conflito em relação à qual Paulo precisa escrever essa carta. Por isso Paulo acrescenta à frase mais uma vez um “**por nós**”, colocado enfaticamente no final. Na realidade esse “**por nós**” também pode ter o sentido de que a igreja preenche com sua gratidão o que no próprio agradecimento de Paulo ainda permanece insignificante demais para a magnitude da “dáviva da graça” divina. O essencial, porém, é que a igreja aprenda de forma nova a interceder por seu apóstolo, a respeito do qual ela se queixa e

murmura tanto, e que justamente a trajetória do sofrimento dele, que até então servira somente de motivo para dúvidas e reclamações sobre seu apóstolo, se torne objeto de gratidão.

A SINCERIDADE DO APÓSTOLO, 1.12-14

- ¹² **Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade (ou: em simplicidade) e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana (ou: carnal), mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco.**
- ¹³ **Porque nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis; e espero que o compreenderéis de todo, como também já em parte nos compreendestes [de fato],**
- ¹⁴ **que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa no dia de Jesus, nosso Senhor.**

Por meio da intercessão e ação de graças, a igreja deve participar da vida, do sofrimento e da atuação de seu apóstolo. Contudo, somente será capaz disso se olhar com confiança plena e límpida para Paulo. Mas Paulo é, pelo menos em parte, incompreensível e estranho para os coríntios, justamente em suas constantes tribulações e sofrimentos. Quando, porém, não mais compreendemos o outro e quando habitam suspeita e desconfiança contra ele em nosso coração, nossa oração por ele fica tolhida, e a gratidão não consegue brotar com tanta liberdade e profusão de nossos lábios como Paulo considerou no v. 11. Por isso Paulo enfoca agora essa dificuldade em Corinto.

- 12** Em todo o trecho dos v. 3-11 da carta ecoava, apesar de toda a gravidade da tribulação, um tom de “glorificação”. Estará certo esse “gloriar”, ele poderá ser ouvido pela igreja sem quaisquer ressalvas? Paulo encara essa pergunta e responde afirmativamente. **“Porque o nosso gloriar é este: o testemunho da nossa consciência, de que, com santidade (ou: em simplicidade) e sinceridade de Deus, não com sabedoria humana (ou: carnal), mas, na graça divina, temos vivido no mundo e mais especialmente para convosco.”** Determinante nisso é para ele o **“testemunho da consciência”**. A consciência não é simplesmente a voz de Deus. Paulo nunca abasteceu sua proclamação com base em sua consciência nem a alicerçou sobre a consciência. Ele também tinha noção da existência de uma consciência “fraca” e “errante” (1Co 8; 10.29). Apesar disso o julgamento da consciência continua sendo determinante também para quem crê. Na presente passagem, assim como em Rm 2.15; 9.1, Paulo fala do **“testemunho da consciência”**. Em nossa consciência se manifesta uma sentença insubornável sobre nós mesmos, que acusa de mentiroso um gloriar falso de nossos lábios. Paulo, porém, se alegra com a clara concordância de sua consciência com seu **“gloriar”**.

Sua consciência lhe atesta que sua vida foi conduzida **“em simplicidade (ou: em santidade) e sinceridade de Deus”**. Somente posso “ser compreendido” quando meu agir e deixar de agir forem “simples”, quando as mais diversas linhas não se confundirem, deixando-nos opacos. E somente posso esperar confiança quando a **“sinceridade”** determinar minha conduta. Pelo que parece havia em Corinto membros da igreja que viam Paulo como um homem não-transparente e intrigante (Cf. 2Co 12.16, também 1.17), em quem não se podia confiar. Paulo pode contrapor a tais desconfianças o testemunho de sua consciência. Contudo cumpre levar em consideração que ele fala da simplicidade e sinceridade **“de Deus”**, na qual ele vive. Tal simplicidade e clareza não habitam naturalmente em nós humanos. E tampouco podem ser encontradas como posse e qualidade próprias no cristão renascido, nem mesmo em alguém como o apóstolo Paulo. Mas em Deus existe “simplicidade” perfeita, nunca uma troca entre luz e trevas (Tg 1.17). Deus possui de modo perfeito “clareza translúcida” (1Jo 1.5). No entanto, quem se tornou um “santo”, propriedade de Deus, pode agora viver pessoalmente “com” essa simplicidade e sinceridade de Deus e participar dela. Paulo vive diante da face e sob a luz de Deus, tornando-se dessa maneira uma pessoa simples e sincera. O fato de que é essa a situação de Paulo lhe é atestado por sua consciência.

Paulo acrescenta uma segunda explicação que se reveste de importância muito relevante. Conduziu sua vida **“não em sabedoria carnal, mas na graça divina”**. Paulo salienta que ele tinha de viver e atuar “no mundo”. Não usufrui de uma existência protegida, à parte, na tranqüilidade, em que se pode permanecer simples e puro. Ele está no **“mundo”**, com todas as suas dificuldades, aflições e tribulações. Então parece inevitável que se tente abrir caminho através de tudo com uma **“sabedoria”** que seja **“carnal”**, i. é, determinada por nosso ser natural egocêntrico. Afinal, é possível passar de outra maneira pelo mundo? Sim! Paulo dá testemunho disso! Não é a inteligência mundana, não é o condicionamento por desejos e alvos egoístas, não é o cuidado esperto por si mesmo que determinam todo o seu comportamento. Pela mesma razão, tampouco eram a diplomacia ou as intrigas de qualquer espécie (Cf. 2Co 4.2). Seu pensar e viver são configurados pela **“graça de Deus”**, cujo poder maravilhoso ele mesmo experimentou. Por meio da livre benevolência de Deus essa graça procurou o inimigo de Jesus e de sua igreja, procurou salvá-lo e lhe confiou o mais elevado ministério. Nisso Deus agiu de modo totalmente diferente do que nós humanos, que visamos afirmar nosso direito, nossa honra, nossa grandeza. Tornaram-se visíveis a “loucura” e “fraqueza” de Deus (1Co 1.25), que na verdade são mais “sábias” e mais “fortes” que toda a inteligência e poder do mundo. Esse

modo de agir de Deus passa a dirigir e moldar toda a vivência de Paulo “**no mundo**”. Quando os coríntios captarem isso, eles o compreenderão e não o considerarão mais como traiçoeiro e não-confiável. Justamente os coríntios deveriam reconhecer o procedimento de seu apóstolo determinado pela desinteressada e livre bondade. Porque ele o confirmou “**especialmente para convosco**”. Ele não reagiu de forma “**carnal**” e egoísta diante de toda a ingratidão e distorção dos coríntios, mas com o amor desprendido que buscava tão somente o bem dos coríntios.

13,14 Parece que as acusações dos coríntios se referiam particularmente às cartas do apóstolo. Em **2Co 10.9-11** ouviremos mais uma vez a esse respeito. Será que suas declarações escritas são diplomáticas e por isso difíceis de entender e enganosas? Será que por trás do que Paulo escreve na realidade não há outros planos e objetivos? Não é preciso ler nas entrelinhas o que ele de fato tem em mente? Não, “**nenhuma outra coisa vos escrevemos, além das que ledes e bem compreendeis**”. As cartas de Paulo devem ser tomadas e entendidas em seu simples sentido literal, sem artes de interpretação. Quando sua carta é lida perante a igreja reunida, os coríntios podem ouvir da mesma forma simples e aberta como seu apóstolo escreveu com simplicidade e abertura.

Paulo está feliz porque, depois das muitas tensões e suspeitas, boa parte desse “**compreender**” voltou a existir em Corinto: “**como, aliás, já em parte também nos compreendestes** [de fato].” Ele espera que essa compreensão possa crescer mais, tornando-se finalmente completa. “**E espero que o compreendereis até o fim**.” Em contraposição ao “**em parte**” da frase anterior, a expressão “**até o fim**” poderia ter simplesmente o sentido de “de todo”. Em parte já me compreendeis; espero que ainda o fareis totalmente. Porém Paulo imediatamente carrega mais elementos nessa expressão. Em todas essas questões ele na verdade lança o olhar para o “**fim**”, desejando que também os coríntios olhem para lá e julguem a partir daquele ponto. Esse “**fim**”, porém, é “**o dia de nosso Senhor Jesus**”, o dia em que tudo estará manifesto e claro à luz de sua face. Lá também haverá clareza completa entre a igreja em Corinto e seu apóstolo. E que tipo de igreja poderá ser vista então? Diante de todas as desconfianças, de toda a ingratidão, de todas as imputações vigorará o fato de “**que somos a vossa glória, como igualmente sois a nossa no dia de Jesus, nosso Senhor**.” Agora eles se queixam de seu apóstolo, dizem que não é transparente nem inteligível, pensando que precisam precaver-se diante dele. Então, porém, quando tudo estiver exposto diante deles à luz do dia de Jesus, seu coração estará cheio somente da gratidão por Paulo e do gloriar daquilo que este fez por eles ao fundar a igreja e preocupar-se em numerosas lutas e dores com a continuidade de seu crescimento. Todo o desprendimento e amor no coração de Paulo se revelam nesse texto pelo fato de que não apenas pensa em sua própria justificação e em seu reconhecimento por parte da igreja, mas justamente agora assegura aos coríntios que também eles serão a glória dele no dia de Jesus. Tudo o que a igreja em Corinto fez contra ele estará esquecido. Com alegre gratidão Paulo há de enaltecer perante a face de Jesus o que essa igreja significou para a sua vida e seu ministério de apóstolo. Também aqui, como em **1Co 4.5**, Paulo não olha para o dia de Jesus, que revelará tudo, com tons ameaçadores, mas esperou desse dia a solução positiva e alegre de todas as aflições e tensões.

A ORDEM DOS PLANOS DE VIAGEM DO APÓSTOLO, 1.15–2.4

- ¹⁵ **Com esta confiança, resolvi ir, primeiro, encontrar-me convosco, para que tivésseis um segundo benefício (ou: graça),**
- ¹⁶ **e, por vosso intermédio, passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco, e ser encaminhado por vós para a Judéia.**
- ¹⁷ **Ora, determinando isto, terei, porventura, agido com leviandade? Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne, de sorte que haja em mim, simultaneamente, o sim e o não?**
- ¹⁸ **Antes, como Deus é fiel, a nossa palavra para convosco não é sim e não.**
- ¹⁹ **Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi, por nosso intermédio, anunciado entre vós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim.**
- ²⁰ **Porque quantas [são] as promessas de Deus, tantas [têm] nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.**
- ²¹ **Mas aquele que nos confirma convosco em Cristo e nos ungiu é Deus,**
- ²² **que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nosso coração.**
- ²³ **Eu, porém, por minha vida, tomo a Deus por testemunha de que, para vos poupar, não tornei ainda a Corinto.**
- ²⁴ **Não que tenhamos domínio sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados.**
- ^{2.1} **Isto deliberei por mim mesmo: não voltar a encontrar-me convosco em tristeza.**

- 2.2 **Porque, se eu vos entristeço, quem me alegrará, senão aquele que está entristecido por mim mesmo?**
- 2.3 **E isto escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me, confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa.**
- 2.4 **Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecêsseis o amor que vos consagro em grande medida.**

15,16 Paulo havia falado da desconfiança contra suas cartas. Era uma desconfiança abrangente que colocava em dúvida basicamente a sinceridade e compreensibilidade transparente da vida e do serviço do apóstolo. Um ponto essencial que nutria essa desconfiança dos coríntios eram as alterações estranhas nos planos de visita do apóstolo. Por um lado Paulo parece agora simplesmente executar o plano de viagem comunicado à igreja em **1Co 16.5-9**, da forma como escrevera naquela ocasião, a saber, após conclusão do trabalho em Éfeso passaria pela Macedônia a caminho dos coríntios. Por outro lado, porém, deve ter havido acontecimentos depois de 1Co cujos detalhes desconhecemos, mas que se refletem nitidamente sobre 2Co. Paulo fala de uma visita em Corinto, que já deveria ter acontecido “antes” da que agora estava para acontecer. **“Com esta confiança eu queria ir, antes, encontrar-me convosco, para que tivésseis um segundo benefício (ou: graça), e, por vosso intermédio, passar à Macedônia, e da Macedônia voltar a encontrar-me convosco, e ser encaminhado por vós para a Judéia.”** Paulo concedia a todas as suas igrejas uma “segunda graça”, uma nova visita, depois do trabalho de fundação e de determinado tempo de aprovação. Paulo chamava tal visita de “segunda graça” porque estava imbuído da certeza de que a graça de Deus atuava na igreja por meio dele, assim como essa graça havia criado a igreja por ocasião de sua primeira vinda. Portanto, não era em sua visita como tal que ele via uma “graça” ou “cordialidade” de sua parte! Essa “segunda graça” já havia sido prometida aos coríntios em **1Co 16**. Disso Paulo não abria mão. Porém havia alterado o plano de execução da segunda visita após enviar 1Co. A visita não apenas deveria ter ocorrido “antes”, mas também ter transcorrido de modo completamente diferente do que anunciado em **1Co 16**. Paulo queria ir a Corinto de navio, saindo diretamente de Éfeso, indo de Corinto para as igrejas macedônias e retornando de lá outra vez para Corinto, a fim de iniciar em Corinto a viagem à Judéia para entrega da grande coleta de dinheiro para a primeira igreja em Jerusalém.

Em **1Co 16.7** ainda não se fala com certeza de sua viagem a Jerusalém. Em **1Co 16.4** ela apenas é mencionada como possível, enquanto inicialmente se previa que irmãos, munidos das respectivas cartas, entregassem a coleta. Agora, porém, a viagem à Judéia está certa. Os coríntios devem “acompanhá-lo”, isso é, também provê-lo do necessário para a viagem e “**encaminhá-lo**”.

Todo esse “querer” não havia permanecido oculto no coração de Paulo. Ele deve ter comunicado este plano aos coríntios. Porque se eles não tivessem sabido a respeito, não haveria necessidade de agora defender-se diante deles. Quando Paulo prometeu essa visita dupla à igreja em Corinto? Não sabemos com certeza, porque obtemos apenas breves alusões acerca dos acontecimentos situados entre 1Co e 2Co. Provavelmente isso ocorreu na “visita intermediária”, a que Paulo alude em **2Co 2.1**. Essa visita acontecera em “tristeza”, com base em notícias negativas. Teve de ser apenas muito breve, porque o apóstolo queria ou precisava voltar rapidamente para Éfeso. O tempo curto não havia sido suficiente para um esclarecimento e entendimento completo. Por isso Paulo, ao despedir-se, prometeu à igreja uma terceira visita demorada, que deveria levar a uma dupla permanência entre os coríntios. O apóstolo pretendia gastar bastante tempo com a igreja problemática, com todas as suas perguntas e dificuldades. Então, porém, deve ter ocorrido aquele episódio de que Paulo fala em **2Co 2.5-11** e **7.11-13**. Antes que não tivesse acontecido uma nítida correção por parte da igreja nesse ponto, o apóstolo não queria nem podia vir a Corinto. Em vista disso mudou o seu plano. Não viajou diretamente de Éfeso para Corinto, mas enviou Tito com uma carta séria – segundo **2Co 2.4**, chamada de “epístola de lágrimas” – à igreja, esperando pelo resultado de suas exigências e dirigindo-se, de acordo com seu plano anterior, por Trôade até a Macedônia depois de concluir o trabalho em Éfeso.

17 Com base em toda a sua desconfiança os coríntios, pois, acusavam o apóstolo de “**leviandade**” em suas promessas e na mudança de seus planos. **“Ora, determinando isto, terei, porventura, agido com leviandade?”** Paulo não reage à pergunta. Não a considera merecedora de uma discussão. Um homem em tais caminhos de sofrimento e morte não é “**leviano**”.

Muito mais grave é outra acusação lançada contra ele pelos coríntios, a acusação de arbitrariedade egoísta e autocrática. **“Ou, ao deliberar, acaso delibero segundo a carne, de sorte que haja em mim, simultaneamente, o sim sim e o não não?”** Não se atribui a Paulo a duplicidade que o leva a dizer “sim” e “não” ao mesmo tempo e faz com que de antemão se entenda um “não” por trás de um “sim”. Nesse caso Paulo não teria de destacar enfaticamente o “simultaneamente entre o sim e o não, o que ele, porém, não faz. Pelo contrário, a ênfase recai sobre a locução anteposta **“de sorte que haja em mim”**. Em relação ao desejo dos coríntios por receber uma visita mais longa, ele respondeu primeiramente com um sim, transformando-o

arbitrária e autoritariamente no não do cancelamento. Isso proporcionou aos coríntios a impressão de que Paulo faz seus planos e os cancela novamente “**segundo a carne**”, de acordo com seu próprio interesse. Pretende dispor arbitrariamente sobre o sim e o não. Justamente pessoas ativas, engajadas, em posição de liderança, podem assumir esse ar mandão, em parte por necessidades objetivas e ao mesmo tempo pelo próprio temperamento, visando manter o controle sobre todas as decisões com seu sim ou não. No fim das contas, será que também era essa a situação de Paulo? Esse entendimento da frase explica muito bem a duplicação do sim e do não. Quando Paulo quer o sim, tem de ser o sim, e quando sua teimosia de repente coloca o não no lugar do sim, então tem de ser não, sem consideração pelos outros – nesse caso sem consideração pela igreja em Corinto. Fica explícito por quê logo no começo de toda a discussão Paulo asseverara com tanta ênfase que conduzia a vida “não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus”, “no mundo, especialmente para convosco” (2Co 1.12). Pelo que parece, acusavam-no muitas vezes de “carnal” em Corinto, como mostra 2Co 10.2.

18 O que Paulo poderá responder a isso? Deve dar garantias a respeito de si mesmo? Isso contraria sua índole, e tampouco ajudaria no caso de seus adversários em Corinto. Conseqüentemente, apela para o Deus de quem é mensageiro credenciado e totalmente dependente. Já no v. 12 afirmara que a graça de Deus determina todo o seu comportamento. Por isso também agora desvia o olhar dos coríntios de sua pessoa para Deus e para a fidelidade e graça de Deus. “**Fiel, porém, é Deus, de que nossa palavra [emitida] a vós não é sim e não.**” Junto a Deus há fidelidade total, irrevogável, em que é possível confiar. Por isso, no entanto, também a mensagem que Paulo trouxe a Corinto e que constitui o fundamento de todo o seu trato com a igreja, não é inconfiável, uma vez sim, outra vez não. Na seqüência Paulo age da forma como gosta de fazer em suas cartas, dirigindo o olhar do caso isolado em pauta para toda a grande linha da revelação de Deus, fundamentando a partir disso sua atitude no caso isolado. As poderosas exposições “dogmáticas” nas cartas do apóstolo em momento algum derivam de um interesse puramente doutrinário teológico. Ele é levado a elas a partir de determinados problemas práticos e por isso também as faz desembocar imediatamente em instruções práticas.

19 O mesmo ocorre aqui. Sua “arbitrariedade”, que aleatoriamente diz sim ou não, é criticada pelos coríntios. Então o apóstolo vê em espírito todo o evangelho por ele proclamado, no qual ele vive, que determina todo o seu modo de lidar com as igrejas e que não conhece uma alternância entre sim e não. “**Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi, por nosso intermédio, anunciado entre vós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim.**” Quem predomina não é Paulo, mas decisiva e exclusivamente o Filho de Deus, Jesus Cristo. Esse Jesus foi “**anunciado**” em Corinto, ou seja, testemunhado publicamente, demandando atenção e obediência de todos. Não foi anunciado somente por Paulo. Nesse texto o “**por nosso intermédio**” tem sentido literal. Paulo o explica imediatamente com “**por mim, e Silvano, e Timóteo**”. A fundação da igreja foi um “trabalho em equipe”, ao qual alude também At 17.14-16; 18.5. Nele Paulo continua sendo o primeiro na seqüência e aquele que lidera. Silvano, muitas vezes citado com a forma abreviada do nome, “Silas”, é um cristão de Jerusalém que trouxera a resolução do “concílio dos apóstolos” a Antioquia e mais tarde acompanhou Paulo na segunda peregrinação missionária, em lugar de Barnabé (Cf. At 15.27,40). Timóteo, o mais jovem, é citado por último. Em todos os três, porém, não contavam seu próprio eu, mas Jesus como o conteúdo da mensagem de arauto. Foi nele que Deus proferiu todo o sim de sua graça redentora aos seres humanos. Paulo enfatiza: Cristo Jesus “**não foi sim e não**”. Não precisamos temer que ao lado do sim ou em lugar do sim nos depararemos subitamente com um não. Isso é certeza plena, porque no envio de Jesus foram acolhidos simultaneamente o não duradouro de Deus ao pecado e o sim de Deus ao pecador, sendo integralmente consumados no Crucificado. Agora o santo Deus pode realizar o “impossível” e dizer todo o seu “sim” ao pecador. No entanto, é capaz de fazê-lo única e exclusivamente em Cristo Jesus. Fora de Cristo Jesus predomina aquele “não”, que nos torna todos “por natureza filhos da ira” (Ef 2.3), até mesmo quando Deus nos diz vários sins amigáveis no âmbito de sua criação (Cf. At 14.17). Mas Jesus, com sua pessoa, é o grande sim que Deus nos declara. “**Nele houve o sim**” Podemos ter esta certeza libertadora: Deus diz seu sim a mim, que tenho de ouvir tantos “nãos” de outros e também dizer tantos “nãos” a mim mesmo.

20 Desse modo concretizaram-se validamente e cumpriram-se gloriosamente em Jesus todas as promessas que Deus havia feito desde Gn 3.15. “**Porque quantas [são] as promessas de Deus, tantas [têm] nele o sim.**” Tão central é a posição do “Filho” no centro da ação divina, que Deus cumpre todas as suas promessas sem exceção – “quantas [forem] as promessas de Deus” – exclusivamente em Jesus. Logo são de antemão relacionadas com Jesus. Deus tinha diante de si o Filho amado e toda a sua obra quando fez essas promessas. Isso nos autoriza, sim nos compromete, a ler e compreender as promessas de Deus no AT – independentemente de seu cumprimento histórico prévio – com vistas à obra de Jesus. A concretização da parte ainda não cumprida deve ser esperada unicamente de Jesus. Afinal, de fato grande parcela dos anúncios dos profetas será cumprida em definitivo pelo Senhor vindouro.

Nem em Corinto a mensagem de Jesus deixou de atuar. Pessoas, tanto judeus como gregos, aceitaram a fé, pronunciando assim o amém quanto ao chamado e à oferta de Deus. “**Por isso também por ele surge o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.**” A forma dessa frase deixa muito claro que mesmo como

evangelista Paulo não pára no momento em que pessoas aceitam a fé. Sem dúvida Jesus deseja muito seriamente a salvação das pessoas mediante a aceitação da mensagem com fé. Porém justamente Jesus, o Filho, tem como alvos finais de toda a sua vida e atuação a honra e glorificação do Pai. Por essa razão também vigora em seu mensageiro Paulo o “pensamento teocêntrico” com que já nos deparamos no v. 11. Quando alguém diz amém à mensagem, não ocorre apenas salvação de pessoas, mas acima de tudo honra e glorificação a Deus. Para Paulo o sucesso máximo de sua atuação é que pessoas redimidadas glorifiquem a Deus. Será que a igreja em Corinto serve à glorificação de Deus ou será que a enfraquece por meio de suas divisões e discórdias? Nessa questão Paulo também pensa nas aflições que a igreja lhe traz pessoalmente. Em razão disso, acrescentando enfaticamente um “**por nosso intermédio**”, ele recorda a igreja de que seu apóstolo e seus colaboradores fazem parte inseparável de todo esse acontecimento, motivo pelo qual não podem ser desprezados pela igreja. Sua atuação em Corinto serve à glorificação de Deus. Isso é algo que uma “igreja de Deus” precisa reconhecer!

Como, porém, tudo isso responde às acusações levantadas em Corinto contra Paulo? Afinal, na realidade os coríntios não se deparam com um sim, mas com um não de Paulo. Ele não veio a Corinto como havia prometido. De que adianta, então, que ele discorra sobre o sim total de Deus em Jesus? Os coríntios podem ter certeza do sim pleno, que Paulo lhes anuncia, tanto agora como antes, como mensageiro do grande sim divino, até mesmo quando justamente em virtude de seu amor por eles precisa adiar sua visita. Tampouco coloca agora um não arbitrário no lugar de seu sim anterior. O não que foi obrigado a dizer é apenas provisório, causado pelos próprios coríntios, continua abrangido e sustentado por seu sim integral a eles.

- 21 Na seqüência, em 2Co 1.23–2.4, ele lhes dirá os motivos para o adiamento de sua visita. Agora importa mais uma vez deixar clara a firme validade de seu sim aos coríntios e a irrevogável comunhão com eles, o que Paulo faz novamente com o olhar voltado para Deus. Apóstolo e igreja formam uma unidade inseparável, porque possuem o mesmo fundamento de vida em Cristo. “**Mas aquele que nos alicerçou convosco firmemente em Cristo e nos ungiu é Deus.**” Paulo e seus colaboradores estão “**firmemente alicerçados em Cristo**”. Mas os coríntios também o são apesar de tudo o que é aflitivo e errado em Corinto. Porque essa fundamentação em Cristo é repetidamente efetivada por Deus e não é uma realização de resoluções humanas e de força de vontade própria. Se fosse isso, realmente seria necessário desconfiar de sua solidez e durabilidade e, por isso, olhar também uns para os outros com permanente suspeita. Sendo, porém, que o próprio Deus alicerça o apóstolo e a igreja conjuntamente sobre Cristo com seu sim divino, apesar de todas as dificuldades e tensões em seu relacionamento recíproco, está lançada uma base firme, que sustenta todos em conjunto.

Contudo Deus não somente nos concede conjuntamente o alicerce firme, ele também nos “**ungiu**”. Por meio dessa palavra os ouvintes da carta eram lembrados do “Ungido”, do “Cristo”. Como “Ungido” Jesus tornou-se plenipotenciário profético, sacerdotal e real de Deus. Cada pessoa que pertence a Jesus tem participação nesse poder. Os “santos” também são “**ungidos**”. Quando Paulo escreve que Deus “**nos**” ungiu, esse “nos” não se refere apenas a ele e seus colaboradores. O “**nos convosco**” deve determinar a frase inteira. Em analogia com 1Jo 2.20,27, Paulo deve ter considerado como “unção” basicamente que obtemos o Espírito e somos equipados com força espiritual.

- 22 Ao prosseguir: “**Ele, que também nos selou e nos deu o penhor do Espírito em nossos corações**”, Paulo não precisa forçosamente ter em mente um fato novo que transcenda o “ungir com o Espírito”! Pelo contrário, essa unção do Espírito é vista sob dois novos pontos de vista. O Espírito é o claro nítido “**selo**” que nos identifica como propriedade de Deus e nos torna invulneráveis. Esse “selo” obviamente não nos foi impresso ou anexado exteriormente. Ele é uma realidade viva que perpassa e determina toda a nossa vida e natureza, que nos caracteriza como “santos”, como pessoas que pertencem a Deus. Foi isso que o apóstolo também atestou em Rm 8.14-16; Gl 4.6s e Ef 1.13, ainda que utilize a expressão “selar” somente na última referência. Com isso, no entanto, foi lacrada também a comunhão essencial da igreja com seu apóstolo. O selo de Deus protege essa participação recíproca, também quando estiver exposta às mais intensas provas de fogo.

Com o Espírito Santo entra em nosso coração a realidade da vida divina. Evidentemente não da maneira como há de acontecer em nossa transformação total, quando o Espírito de Deus determinará e configurará até todo o nosso novo corpo (Rm 8.11; 1Co 15.42-55). Porém já recebemos agora uma “primeira prestação” disso, que como “**penhor**” nos assegura a perfeição futura. Para Paulo sempre era muito importante deixar claro às igrejas, com toda a sobriedade, que a nova vida nos é concedida agora apenas em medida restrita. Não somos eximidos de uma ardente espera e esperança e por isso gememos com toda a criação (Rm 8.23-25). Ao mesmo tempo, porém, essa espera não é um aguardar incerto e humano. Deus concede o Espírito “**como o penhor**” (Ef 1.13s), “**selando-nos**” dessa maneira “para o dia da redenção” (Ef 4.30). Porque o Espírito de Deus é o elemento essencial de vida da nova criação. Nele “provamos... os poderes do mundo vindouro” (Hb 6.5). Não brincamos com sonhos insustentáveis, mas já vemos em um “primeiro feixe de espigas” a maravilhosa colheita para a qual nos movemos.

- 23 Mas, se Paulo permanece ligado aos coríntios com esse sim total, por que não veio, então, para Corinto, como havia prometido? “**Eu, porém, tomo a Deus por testemunha contra minha vida, de que, para vos**

poupar, não tornei mais a Corinto.” É para poupar-vos que não vim! A esse ponto o adiamento da visita não era um não arbitrário do apóstolo, mas resultava justamente de seu sim fundamental em relação a eles. Paulo sabe com que dificuldade acreditam nele os coríntios que vêm nele egoísmo e arbitrariedade. Em razão disso ele submete sua afirmação a um juramento. Apela para **“Deus por testemunha contra sua alma”**, contra sua vida. I. é, que Deus o mate e castigue se ele não estiver dizendo a verdade total aos coríntios. Ao mesmo tempo Paulo sente a agitada reação que se arma em Corinto, justamente quando sua afirmação é veraz. **“Poupar-nos”**, é isso que você queria? Que papel você se arroga com isso? Afinal, não és nosso “senhor”, diante do qual trememos e por cuja “consideração” devamos ser gratos!

24 Não, replica Paulo, não somos **“senhores”** sobre vós como **“crentes”**. **“Não que sejamos senhores sobre a vossa fé, mas porque somos cooperadores de vossa alegria; porquanto, pela fé, já estais firmados.”** A fé é eficácia e dádiva de Deus. O próprio Paulo acaba de apontar para isso. A proclamação eficaz conduz a pessoa até Jesus, proporcionando-lhe em Jesus o novo “Senhor” de sua vida. Como, então, um ser humano, ainda que “apóstolo”, poderia arrogar-se como **“senhor sobre a fé”** dessa pessoa? Isso seria violação da posição que compete exclusivamente “ao Senhor”. Todavia, se Paulo rejeita categoricamente portar-se como “senhor” perante os coríntios, que é ele então para eles? Novamente Paulo chega, a partir da situação do momento, a uma maravilhosa afirmação abrangente. Apóstolos, missionários, evangelistas, pregadores, conselheiros – o que eles são? Não “senhores” sobre o íntimo das pessoas, sobre sua fé. Não são **“senhores”** em nenhuma hipótese, mas **“cooperadores”**. E para quê? Somos **“cooperadores de vossa alegria”**. É para essa finalidade que acontece todo o serviço dos mensageiros de Jesus, para que pessoas obtenham alegria! Tão a sério o NT leva a “alegria”, tão essencial ela é no ser cristão, a ponto de ser citada praticamente como o alvo de todos os esforços em prol do ser humano. O “evangelho” é, com toda a seriedade, uma mensagem “alegre” e “boa”, uma palavra redentora e que presenteia de forma incrivelmente rica, motivo pelo qual nos torna alegres. Porventura essa caracterização da atuação apostólica não tinha de agir de forma distensora e libertadora em todas as contorções e tensões em Corinto? Paulo visa tão somente uma coisa: a alegria cristalina e livre dos cristãos, que foi perdida na discórdia, desconfiança e amargura. Os novos mestres prometiam aos coríntios conduzi-los ao ápice do cristianismo perfeito; mas lhes tiraram a alegria. De qualquer modo não eram **“cooperadores de sua alegria”**. Paulo, porém, o é.

Nem sequer conseguiríamos ser “senhores” sobre a fé de outros. Isso contraria a essência da “crer”. Paulo também declara isso expressamente aos coríntios: **“Porquanto, pela fé, já estais firmados.”** Verdadeira fé em Deus mediante Cristo dá às pessoas o apoio firme e claro e a firmeza de perseverar em todas as lutas, sofrimentos e aflições da vida. Contudo, será que Paulo ainda pode conceder isso aos coríntios, cujas mazelas, discórdias e distorções se patenteiam diante dele? Obviamente, no final da carta há de solicitar aos coríntios que examinem se ainda se encontram na fé (2Co 13.5). E já os chamou de infantis e carnis na primeira carta (1Co 3.1-3). Não obstante, é uma marca de toda a carta, desde as primeiras palavras, que apesar de tudo Paulo sustente: os coríntios são “igreja de Deus”, eles são a legitimação de seu ministério apostólico (2Co 3.1-3), são pessoas reconciliadas com Deus, são “crentes” e **“estão firmados pela fé”**.

2.1 Contudo essa confiança do apóstolo não é um consolo barato que considera superficialmente demais todas as mazelas em Corinto. Paulo vê a situação em Corinto com máxima clareza. Na igreja aconteceram pecado e maldade, e a igreja os tolerou, recusando-se a se arrepender. Já na primeira carta Paulo precisou indagar: o que quereis? Devo ir até vós com a vara ou com amor e “espírito de mansidão” (1Co 4.21)? Quem vem com a “vara” não pode ser “cooperador da alegria”. Então haverá ainda mais “tristeza” no lugar da alegria. “Em tristeza” o apóstolo havia chegado a Corinto para a breve “visita intermediária”. Depois de seu retorno de lá havia acontecido um grave episódio de que Paulo deverá falar em breve. Se depois disso, seguindo seu plano, tivesse ido diretamente de Éfeso para Corinto, sua visita teria acontecido “em tristeza” ainda maior, ocasionando em Corinto as mais severas controvérsias e dolorosos desenvolvimentos. Paulo, porém, havia evitado isso “para poupá-los”. Por causa disso permite-se escrever ao fazer o retrospecto acerca da nova mudança de seu plano de viagem: **“Isto reconheci para mim como direito: não voltar a encontrar-me convosco em tristeza.”**

Não é muito fácil a tradução dessa frase, porque implica ao mesmo tempo uma parcela de “interpretação”. Menge verte para o alemão: “Por consideração comigo mesmo tomei esta resolução”. Será que o apóstolo queria “poupar” não somente os coríntios, mas também a si mesmo? Mas a formulação “consideração comigo mesmo” não ocorre dessa forma no texto. E a palavra, que obviamente pode ser traduzida com “decidir-se, tomar uma resolução”, decididamente possui em si o sentido de um “julgamento”. Trata-se de uma deliberação a partir de um julgamento justificado. Conseqüentemente, preferimos a tradução: **“Reconheci para mim como direito.”**

2.2 É óbvio que ao falar da “tristeza”, que ele não queria causar aos coríntios, Paulo também pensa em si mesmo! Isso faz parte justamente de seu amor genuíno pela igreja. Não pode apresentar-se como juiz frio em Corinto, indiferente à reação que a igreja tiver ao seu agir. Não se envergonha de confessar que como apóstolo ele também precisa da “alegria” com a mesma intensidade que a igreja. **“Porque, se eu vos entristeço, quem**

me alegrará, senão aquele que é entristecido por mim mesmo?” Sendo ele o “cooperador para a alegria” da igreja, a igreja por sua vez também deveria servir os mensageiros que trabalham nela da mesma forma.

2.3 Por essa razão cancelou naquela ocasião a visita, por intermédio de uma carta que Tito teve de levar à igreja. **“E isso escrevi para que, quando for, não tenha tristeza da parte daqueles que deveriam alegrar-me.”** Isso não representa uma contradição com o que falou acerca de “poupar” a igreja. Ele confia em que ainda exista amor na igreja, o qual nesta situação tão penosa não tenha em mente apenas a própria tristeza, mas também a repercussão de sua aflição sobre seu apóstolo e pai (1Co 4.15). Ele escreveu a carta de cancelamento **“confiando em todos vós de que a minha alegria é também a vossa.”** Amor genuíno também confia em que os outros tenham amor, apesar de todas as experiências amargas, como Paulo fizera com os coríntios e como torna a manifestar-se repetidamente na presente carta. Não se afasta decepcionado e amargurado dos coríntios. Não desiste deles. “Minha alegria é a de todos vós”. Tão profundamente a unidade da igreja persiste com ele. Certamente foi justamente por isso que a “epístola de lágrimas”, que forçosamente teve de fazer exigências duras à igreja, causou um impacto tão poderoso em Corinto (2Co 7.7,11), pois nela se podia sentir essa confiança, esse amor persistente do apóstolo.

2.4 Não conhecemos a carta que Paulo enviou na referida ocasião à igreja ao invés de ir pessoalmente. Com razão a igreja não a preservou, pois arrependimento havia eliminado o motivo da carta. Mas precisamente esse profundo arrependimento era exigido pela carta. A igreja teve de dar certos passos, teve de julgar e executar punições. Somente quando ocorreu essa purificação, em que não havia como evitar profunda dor, Paulo quis rever a igreja, para que pudesse acontecer uma visita em alegria. Portanto, aquela carta foi dura e séria. Ela havia atingido gravemente a igreja, e era essa sua finalidade. Porém a igreja precisa entender isso corretamente! Também essa carta não veio de cima para baixo. **“Porque, no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração, vos escrevi, com muitas lágrimas, não para que ficásseis entristecidos, mas para que conhecésseis o amor que consagro justamente a vós em grande medida.”** A própria estadia de Paulo em Éfeso tornava impossível que ele se insurgisse como alguém superior, exigindo um tribunal de punição. Encontrava-se em **“muitos sofrimentos”!** Não foi em vão que no começo da carta falara acerca das extremas tribulações na Ásia (2Co 1.8-11). A isso se somaram as **“angústias do coração”** por causa da candente preocupação pela igreja em Corinto. Será que nela prevaleceriam o pecado e a maldade, aliados à heresia e distorção do evangelho, separando a igreja de Paulo? Será que todo o trabalho em Corinto, toda a ação do Senhor ali teria sido em vão? Na verdade Paulo não observava o desenvolvimento posterior de suas igrejas de maneira impassível e fria. “Agora vivemos, se é que estais firmados no Senhor”, escreve ele aos tessalonicenses (1Ts 3.8). De forma análoga, a decadência de uma igreja é para ele um morrer. Por isso escreve a dura carta “com muitas lágrimas”. Os coríntios deveriam saber que ele não se envergonhava dessas lágrimas. Sua carta tinha de causar tristeza aos coríntios. Mas essa também era a intenção com que fora escrita. Somente um poderoso abalo da igreja podia ajudá-la a desvencilhar-se de suas amarras e erros. Pela mesma razão, porém, entristecê-los não era o objetivo em si do escrito. Não pretendia ferir a igreja com base em sua própria irritação, para então, diante da tristeza deles, gozar de uma satisfação secreta no coração magoado. Formula com veracidade: **“Não para que ficásseis entristecidos.”** Essa “tristeza”, por mais inevitável que fosse, representava para Paulo tão somente o meio para a libertação e a correção da igreja, depois do que o apóstolo e a igreja estariam unidos com nova alegria. Paulo exporá isso mais uma vez com detalhes em 2Co 7.6-11. Agora ele apenas destaca que, justamente na seriedade da carta e nas lágrimas com que fora escrita, a igreja deveria reconhecer o amor **“que vos consagro em grande medida”**. Paulo está ligado por *agape* a todas as igrejas, pelo amor gerado pelo Espírito, não com simpatia psíquico-humana. Será que de fato é capaz de dizer aos coríntios que possui esse amor para com eles **“em grande medida”**? Não precisamos procurar por razões racionais para tanto. Quando uma pessoa ama, sempre acontecerá que, no caso de escrever ou iniciar um diálogo cordial com o parceiro, sentirá o amor por ele **“em grande medida”**, razão pela qual também é capaz de dizer e escrever uma frase dessas sem se tornar inverídico. Não visa dimensionar objetivamente a intensidade de seu amor aos diversos parceiros. O verdadeiro amor nem mesmo chega a ter essa idéia. Quem ama somente pode dar vazão ao que enche seu coração nesse instante. E quando o outro nos dificulta particularmente a vida por meio de seu modo de ser e seu comportamento, então nos conscientizamos, pela renovada irrupção do amor por ele, de que nós também amamos “grandemente”. Esta é a experiência do amor: “filhos problemáticos”, que nos causam muitas preocupações, acabam tendo um lugar especial em nosso coração.

O TRATAMENTO DE UM CULPADO NA IGREJA EM CORINTO, 2.5-11

⁵ Ora, se alguém causou tristeza, não o fez apenas a mim, mas, para que eu não seja demasiadamente áspero (ou: para não dizer demais), digo que em parte a todos vós;

⁶ basta-lhe a punição [conferida] pela maioria.

- 7 De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza.
- 8 Pelo que vos rogo que confirmeis para com ele o vosso amor (ou: que vos decidais contra ele por amor).
- 9 E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que, em tudo, sois obedientes.
- 10 A quem perdoais alguma coisa, também eu [perdôo]; porque, de fato, o que tenho perdoado (se alguma coisa tenho perdoado), por causa de vós o fiz na presença de Cristo.
- 11 para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios.

5 Foi de “tristeza” que Paulo falou, e especificamente de uma tristeza que atingiu de igual forma a ele e à igreja e que o teria atingido com maior intensidade no caso de uma visita “anterior” do apóstolo. Não somos informados sobre o que ocorreu concretamente no tempo entre 1Co e 2Co. Não obstante, agora nos é dito que uma pessoa na igreja contribuiu de maneira especial para essa “tristeza”. **“Ora, se alguém causou tristeza, não o fez apenas a mim, mas, para que eu não seja demasiadamente áspero (ou: para não dizer demais), digo que em parte a todos vós.”** Não somos informados sobre quem era esse “alguém” que “causou tristeza”. Para preservá-lo, Paulo não cita o nome. Paulo tampouco aborda o conteúdo do feito entristecedor. A maldade não carece de renovadas descrições de suas características abomináveis, depois de ter sido seriamente punida e de o malfeitor ter se arrependido dela (v. 6,7).

Esse “alguém” não deve ser imaginado como o culpado de 1Co 5.1-5. É impossível que Paulo novamente tolere na igreja o homem que naquela ocasião fora expulso da igreja e entregue a Satanás, solicitando até que a igreja o perdoasse e consolasse. Seu pecado pelo casamento com a madrasta não podia ser consertado. Na melhor das hipóteses seria necessário construir uma longa e complicada história para tornar pelo menos precariamente compreensível a forma como as frases da presente passagem poderiam ser atribuídas ao homem de 1Co 5.1-5.

Pelo contrário, aquilo que abalou o apóstolo profundamente deve ter acontecido no ínterim, provavelmente depois daquela breve visita de Paulo em Corinto. Mas Paulo conta com a possibilidade de que não somente ele tenha sido abalado pelo episódio, mas que o fato comoveu e afligiu a igreja toda. De 2Co 7.12 depreende-se que um membro da igreja “fez o mal” e que a maldade foi cometida igualmente contra um indivíduo. Essa pessoa, porém, como inicialmente poderíamos pensar, não pode ter sido o próprio apóstolo. No fim da visita intermediária Paulo prometera aos coríntios que voltaria em breve, cancelando sua visita apenas na “carta de lágrimas” escrita em Éfeso, por causa desse episódio maldoso. Logo Paulo não pode ter sido ofendido pessoalmente em Corinto. O melhor modo de compreendermos o envolvimento do apóstolo é supor que uma pessoa destacada da parte da igreja que se mantinha fiel a Paulo tenha sido gravemente atacada por um adversário individual, ocasião em que devem ter sido ditas palavras ofensivas contra o próprio Paulo. Dessa maneira surgiu o perigo de uma ruptura definitiva entre apóstolo e igreja. Para Paulo era urgentemente importante que isso não ficasse como “questão particular” entre dois homens na igreja, mas que a igreja como um todo visse nisso o ataque a seu apóstolo, o que os envolvia como igreja. Se ele acreditava que a alegria dele é a alegria de toda a igreja (v. 3), era preciso que também esperasse dessa unidade com a igreja que uma ofensa cometida contra ele atingisse a “**todos eles**”. Paulo acrescenta uma restrição, formulada de forma tão sucinta que pode ser entendida de diversas maneiras. O apóstolo não quer “**impor um fardo em cima disso**”. A quem? Será que o apóstolo pensa no ônus que todo o episódio significava para a igreja? Será que não pretende aumentar esse peso? Ou será que pensa no culpado que entrementes ameaçava cair em “excessiva tristeza” (v. 7), evitando lhe “**impor um fardo adicional**”? Talvez, no entanto, a palavra “**impor um fardo em cima disso**” tenha um significado atenuado. O apóstolo não quer “**dizer demais**” e não “exagerar”. Evita afirmar que toda a igreja está lembrando com profunda tristeza daquele evento. Eles “**todos**” foram entristecidos apenas “**em parte**”. Nesse caso “**em parte**” e “**todos**” poderão formar tranqüilamente uma certa contradição que espelha a dificuldade de decifrar a situação.

6 Na missiva entregue por Tito, Paulo deve ter exigido da igreja a punição do culpado como condição prévia para sua visita em Corinto. A punição aconteceu (2Co 7.11). Não sabemos qual foi. Mas Paulo pode assegurar: “**Basta-lhe a punição [conferida] pela maioria.**” A “**maioria**” deliberou em favor dessa punição, enquanto uma minoria parece ter exigido outra, provavelmente mais severa. Paulo aderiu à maioria. A disciplina imposta por ela fazia-se necessária. Mas também “**bastou**”.

7 Na seqüência Paulo adverte a igreja a não dar simplesmente continuidade a essa punição – que talvez tenha sido o afastamento das assembleias da igreja. Uma punição jamais tem um fim em si mesma, sobretudo na igreja de Jesus. O castigo visa conduzir ao reconhecimento da culpa e ao arrependimento. Essa finalidade foi alcançada pela punição do culpado em Corinto. Ele, que “causou tristeza”, está agora pessoalmente amedrontado e aflito. Podemos supor que não apenas o castigo como tal o atingira profundamente, mas que também a própria contrição em vista de sua injustiça o torturava. De acordo com as notícias que Paulo recebeu, sua aflição ameaçava tornar-se “**excessiva**”. Paulo sabe que uma pessoa com uma tristeza interior

dessas pode ser levada ao desespero e ser “consumida”. Isso não deve acontecer. Agora é hora para o verdadeiro “perdoar”: **“De modo que deveis, pelo contrário, perdoar-lhe e confortá-lo, para que não seja o mesmo consumido por excessiva tristeza.”** Perdoar não é simplesmente “deixar por isso mesmo” ou meramente cancelar a punição, mas passa ao *parakalein*, ao “confortar”, que também aqui engloba o “consolar”, “encorajar” e “aprumar”.

8 Paulo acrescenta uma frase formulada de maneira muito peculiar e impressionante: **“Pelo que vos exorto que vos decidais contra ele por amor.”** Para “decidir” ele escolhe a palavra *kyrosai*, termo técnico para uma decisão jurídica oficial. Depois de executar a punição do malfeitor, a igreja precisa obter clareza sobre sua atitude subsequente em relação a ele. Faz-se necessária uma nova “decisão judicial”. Contudo, essa decisão jurídica deve ser construída sobre “amor”. Decidam novo amor contra esse irmão!

9,10 Também nesse caso a igreja precisa “entender” corretamente a carta (2Co 1.13s!). O interesse do apóstolo não residia na punição daquele homem. Não, **“foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que, em tudo, sois obedientes.”** A igreja foi testada justamente por meio desse penoso acontecimento. Será que toleraria a ofensa a seu apóstolo ou seria trazida à razão, reconhecendo como justa a exigência do apóstolo por punição do culpado e **“em tudo sendo obedientes”**? Uma questão decisiva estava em jogo. Tratava-se da “aprovação” da igreja. O apóstolo teve o privilégio de obter essa prova. Para ele isso é o essencial. Seu próprio perdão não é o problema. Ele mesmo solicitou à igreja que agora presenteasse o perdão ao culpado. Seu próprio perdão está necessariamente incluído nisso. **“A quem perdoais alguma coisa, também eu [perdô].”** Obviamente isso não se refere apenas ao perdão pessoal pela ofensa que lhe foi causada. Seu perdão pessoal é algo tão óbvio que ele o priva de qualquer peso em sua afirmação. Por isso ele formula: **“porque, de fato, o que tenho perdoado (se alguma coisa tenho perdoado).”** O “se” não visa tornar incerto o seu perdão, mas salientar que ele não permanece apegado a esse perdoar como uma realização especial. No entanto, também em seu perdão ele continua sendo o apóstolo que age com responsabilidade em favor da igreja. É isso que ele declara marcantemente na seqüência: **“Se alguma coisa tenho perdoado, por causa de vós [o fiz] perante a face do Cristo.”**

Assim como Paulo experimentou e realizou tudo em sua vida e ministério “em Cristo”, assim também seu perdão não acontece para si mesmo no coração, mas “perante a face do Cristo”. Diante dele, que carregou nossos pecados e levou embora nossa inimizade contra Deus, perdoar integralmente é o nosso dever. Ao levantarmos o olhar para o Cristo que morreu por ateus, pecadores e inimigos, nosso perdão se torna possível e vem a ser algo que de fato apaga a culpa de uma pessoa, a saber agora também a do malfeitor em Corinto. **“Perante a face do Cristo”** só é possível perdoar integralmente e de todo o coração. Paulo está usando um termo para “perdoar” que recorda essa graça de Deus em Jesus e se refere a “doar” a culpa. Quando “doamos” a alguém a totalidade da culpa, ela foi completamente removida do caminho. Isso é expresso na presente carta pelo fato de que o apóstolo não descreve mais uma vez a injustiça cometida. Não “recorda” mais a culpa, como o Deus onisciente também faz quando nos perdoa (Is 43.25).

11 A preocupação de Paulo ao perdoar, porém, dirige-se à igreja por uma razão especial, que nós facilmente deixamos de lado. É preciso perdoar **“para que Satanás não alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios”**. A igreja tem um inimigo mortal. Ele age quando se pratica injustiça, quando se magoa e se causa tristeza. Esse inimigo mortal não tem nenhum interesse na injustiça como tal. Ele possui “desígnios” muito diferentes, que alguém como Paulo “não ignora”. Satanás visa atacar a própria vida da igreja, paralisá-la e, se possível, destruí-la. Esse é o perigo em episódios como os de Corinto – que injustiças não sejam de fato afastadas e sanadas por meio de perdão e novo amor, mas que continuem ardendo secretamente na amargura e desconfiança, envenenando a vida da igreja. Então Satanás sempre encontrará novas possibilidades de interferir com sua natureza maléfica mais intensa. Por essa razão Paulo fez questão de dar uma solução radical a todo esse caso, e por isso a mágoa pessoal não tinha importância para ele.

O APÓSTOLO NA MARCHA VITORIOSA DE DEUS, 2.12-17

- 12 **Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor,**
- 13 **não tive, contudo, tranquilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito; por isso, despedindo-me deles, parti para a Macedônia.**
- 14 **Graças, porém, a Deus, que, em Cristo, sempre nos conduz em triunfo e, por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento.**
- 15 **Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem.**
- 16 **Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida. Quem, porém, é suficiente para estas [coisas]?**

¹⁷ **Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus; antes, em Cristo é que falamos na presença de Deus, com sinceridade e da parte do próprio Deus.**

12 O plano de viagem anterior não pudera ser executado. Paulo mostrou a razão para isso à igreja com seriedade e amor. Por intermédio de Tito ele havia enviado a Corinto a “epístola de lágrimas” (v. 4). Agora precisava aguardar a resposta que os coríntios dariam a essa carta e com que notícias Tito retornaria. Pelo que se depreende, Paulo havia feito exigências tão claras à igreja que Tito poderia detectar a decisão dos coríntios sem maiores negociações. O encerramento do trabalho do apóstolo em Éfeso e sua partida de lá tinha de dar tempo suficiente a Tito para solucionar a situação em Corinto e chegar ao encontro de Paulo por via terrestre, atravessando a Macedônia até Trôade. Paulo alcançou Trôade cheio de ardente expectativa. Contudo não encontrou Tito ali, mas, em troca, uma atuação frutífera: **“Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho do Cristo, e uma porta se me abriu no Senhor, não tive, contudo, tranqüilidade no meu espírito, porque não encontrei o meu irmão Tito.”**

Pelo que parece Paulo havia previsto de antemão o trabalho de evangelização em Trôade. Havia chegado ali expressamente **“para o evangelho do Cristo”**. A formulação é notável. A expressão de Paulo não é como traduz, p. ex., Almeida: cheguei “para pregar o evangelho de Cristo”. Ele não dá valor a seu próprio “pregar”. Importante é para ele a firme e objetiva unidade **“o evangelho do Cristo”**. O evangelho é que Cristo seja ouvido e que nele o próprio Cristo testemunhe de si. É à atuação desse evangelho em Trôade que Paulo deve servir. Por ser **“o evangelho do Cristo”**, e não uma visão religiosa humana do mundo, nenhuma força e arte humana são suficientes para abrir as portas para essa mensagem. Na formulação **“uma porta se me abriu”** Paulo reproduz de forma palpável que o mensageiro de Jesus não consegue fazer nada sozinho, mas somente constata, admirado, como portas **“se abrem”**. Fazem-no **“no Senhor”**. Acontece aqui uma misteriosa ação de Deus, sobre a qual nem mesmo o apóstolo tem controle.

13 Contudo, será que nesse caso Paulo não devia permanecer mais tempo em Trôade, já que o próprio Senhor estava operando ali? Paulo não teme afirmar que, apesar de tudo que vivenciou em Trôade, não suportou continuar lá. Ele **“não teve tranqüilidade para seu espírito, porque não encontrou seu irmão Tito”**. A atuação de Paulo com certeza deve ter durado algum tempo. Diariamente aguardava a chegada de Tito. Mas Tito não apareceu. O que havia acontecido em Corinto? Paulo não tinha sossego no trabalho em Trôade. Pelo contrário, **“despedindo-se deles, partiu para a Macedônia”**, ao encontro de Tito. Como é fácil para os coríntios reconhecerem nisso o quanto estão próximos do coração de seu apóstolo! Também aqui vêem o amor que Paulo devota “em grande medida” justamente a eles (2Co 2.4). Paulo deixou para trás um trabalho credenciado pelo próprio Senhor, para obter mais rapidamente notícias de Corinto. Também para Corinto vale que ele somente volta a “viver” quando a igreja de lá estiver firmada claramente no Senhor (1Ts 3.8). Ao mesmo tempo fica claro que Paulo não obedece a um esquema rígido de serviço, mas continua sendo um ser humano vivo que não se envergonha de sua humanidade.

Na presente carta é significativo que nesse ponto Paulo não acrescente de imediato o seu relato de 2Co 7.5ss, mas intercala as longas e fundamentais exposições sobre seu ministério apostólico, que ocupam os capítulos 3 a 6. É importante deixar essas questões claras entre ele e a igreja. Por outro lado percebemos nisso também todo o desengano interior do apóstolo. A dificuldade em Corinto se solucionou a tal ponto que ele tem tempo e tranqüilidade para essas considerações fundamentais e pode pressupor também nos próprios coríntios atenção e compreensão para elas.

14 Paulo interrompeu um trabalho concedido pelo próprio Senhor e “com aflições prosseguiu à Macedônia”, “em tudo atribulado: lutas por fora, temores por dentro”, como dirá em 2Co 7.5. Porventura esse não é novamente, como julgam os coríntios, um quadro deplorável para um emissário do Rei dos reis? Será que sua trajetória na realidade não deveria ser uma marcha de “triumfo”? Também é, replica Paulo, mas obviamente de modo bem diferente do que os coríntios imaginam, porque não vêem corretamente o relacionamento entre ser humano e Deus. Não se trata da grandeza e vitória do ser humano, porém integralmente do triunfo de Deus. **“Graças, porém, [seja] a Deus, que, no Cristo, sempre nos conduz em triunfo.”** Portanto é Deus que, em Cristo, realiza sua marcha vitoriosa pelo mundo. Mas o apóstolo e seus colaboradores são trazidos com ele nessa marcha triunfal, assim como os inimigos presos e acorrentados são trazidos quando um general romano vitorioso entra em desfile na capital. Paulo pode comparar-se verdadeiramente a um inimigo derrotado. Ele havia perseguido Jesus, destruído vigorosamente a igreja de Deus e, nisso tudo, rebelara-se contra Deus, que por meio de um Messias crucificado efetuara a salvação de pessoas perdidas. Agora, porém, Paulo havia sido vencido e transformado em portador justamente dessa mensagem do Cristo crucificado. Com admiração e gratidão Paulo constata a mudança total de sua vida. Como perseguidor ele fizera investidas arbitrárias, de acordo com seus próprios planos (At 9.1). Agora ele é **“conduzido”** de localidade em localidade como um prisioneiro e servo do Kyrios Jesus. Sua vida repleta de sofrimentos (2Co 1.3-11; 11.23-33), que escandalizava os coríntios, é, na verdade, marcha triunfal de Deus. Contudo o brilho do triunfo não repousa sobre o prisioneiro conduzido na marcha, mas unicamente sobre o general vitorioso. Isso é assim **“sempre”**,

independentemente de como possam parecer a vida e o ministério do apóstolo de caso a caso. Também o caminho do apóstolo com preocupações e temores de Éfeso à Macedônia rumo a Corinto pertence a esse **“triunfo de Deus”**.

Como, afinal, Deus triunfa na vida de Paulo? Não em vitórias e sucessos exteriores. Isso não corresponderia à “loucura” e “fraqueza” de Deus na cruz do Cristo (1Co 1.23-25). Deus é vitorioso pelo fato de que **“por meio de nós, manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento”**. A metáfora surpreendente, e a princípio estranha, da **“fragrância do conhecimento de Deus”** possui utilidade especial para o apóstolo na presente situação, porque exteriormente uma “fragrância” não é nada poderosa e grandiosa, possuindo apesar disso um singular poder de vitória. Um cheiro penetra incontrolavelmente em todos os lugares. Espalha-se para longe, e ninguém pode cerceá-lo. Uma fragrância não precisa de provas, simplesmente se impõe. É o que também ocorre com o reconhecimento de Deus em todos os lugares a que Paulo chega. A realidade de Deus, que de resto é um “problema” para os humanos e mera construção mental, apresenta-se irrefutavelmente perante as pessoas. A natureza de Deus, a santidade e o amor de Deus tornam-se direta e avassaladoramente claras para as pessoas. Não é verdade que pensadores avançam até “Deus” com complexas especulações, mas o verdadeiro Deus vivo é compreendido de modo plenamente concreto justamente também por pessoas simples.

- 15 Assim como João evidencia em seu evangelho que Jesus primeiro “é” algo e depois também partem dele os respectivos efeitos, assim também uma pessoa como Paulo “é” com todo seu ser um **“perfume de Cristo”**, que passa a ser atuante em todos os lugares para onde quer que o Senhor conduza seu mensageiro. **“Porque nós somos para com Deus um perfume de Cristo.”** Paulo não atribui a si mesmo uma qualidade pessoal especial. Por meio do “nós” ele se une completamente aos seus colaboradores, mostrando já por isso que para ele não estão em jogo capacidades ou realizações próprias. Jesus está presente em seu mensageiro. Mas o próprio Jesus é um “aroma agradável para Deus”. A palavra evoca a linguagem sacrificial (Gn 8.21 e seguidamente no AT) e é empregada em Ef 5.2 expressamente com relação a Jesus. Agora ele transforma seus mensageiros em “fragrância de Cristo” porque habita e atua neles. De forma conseqüente, são por isso primeiramente um perfume de Cristo “para Deus”. Mas justamente nisso Deus revela o perfume de seu conhecimento por meio desses mensageiros de Cristo. A “fragrância de Cristo para Deus” torna-se revelação de Deus para os humanos.

Assim os mensageiros de Jesus se tornam irresistivelmente atuantes. Será mesmo? Afinal, será que sempre têm sucesso? Não acontece muitas vezes que mesmo alguém como Paulo apresenta algo bem diferente? Com uma formulação similar à de 1Co 1.18 Paulo fala também aqui de um efeito duplo, radicalmente diferente, da “fragrância de Cristo”. O perfume atua **“entre os que são salvos e entre os que se perdem. Para com estes, cheiro a partir da morte para a morte; para com aqueles, aroma a partir da vida para a vida”**. Propositadamente ele coloca em primeiro lugar o efeito negativo, julgador e mortífero, para que de forma alguma seja ignorado. Precisamente onde o conhecimento de Deus penetra como um cheiro irresistível, ele não leva as pessoas automaticamente à fé, mas as confronta com uma decisão extrema. Nesse caso não existem apenas “os que são salvos”. Há também “os que se perdem”, porque dizem não à mensagem salvadora. Paulo não analisa o grave mistério com que nos defrontamos aqui. Sendo nós por natureza “inimigos de Deus”, por que a graça de Deus não vence todos para sua salvação? Será que isso depende somente do próprio ser humano? Ou será que uma vontade oculta de Deus governa por meio de uma “eleição” fundamental? Paulo não trata desses questionamentos. Tão somente coloca o fato, com sua glória e gravidade, diante de nós. Eficaz a mensagem é sempre.

- 16 Contudo ela pode ser **“cheiro a partir da morte para a morte”**. Por meio dessa formulação Paulo consegue apontar para o fato de que a mensagem proclamada com pleno poder “desencadeia a descrença e a eleva ao nível da consciência e da contradição intencional, atualizando assim uma decisão anteriormente dormente”. Na inimizade contra Deus a morte já está sedimentada no coração do ser humano natural. Agora, com a decisão contrária à mensagem ouvida, essa **“morte”** é despertada, amadurecendo completamente para vir a ser **“morte”**. No entanto, a formulação **“a partir da morte para a morte”** e **“a partir da vida para a vida”** também pode ser entendida de forma correspondente à locução “de fé em fé” (Rm 1.17). Nesse caso assinala o irresistível avanço tanto da linha da morte quanto da linha da vida em decorrência da mensagem de Cristo, um avanço que perpassa todo o ser humano. Quem rejeitou a mensagem de Cristo prossegue agora de morte em morte até a perdição eterna. Quem a aceitou vai de vida em vida até a glória eterna.

De tão grave seriedade reveste-se o anúncio da mensagem! Todo o mensageiro de Jesus precisa saber que morte e vida surgem a partir de sua atuação, sim, morte eterna e vida eterna. Quem diz não ao amor de Deus não deve imaginar que com isso demonstrou sua superioridade sobre Deus. Com isso apenas escolheu para si mesmo a morte e selou a gravidade do juízo de Deus contra si. Maravilhoso, porém, é que nos lábios de pessoas o evangelho possa ser **“aroma a partir da vida para a vida”**. Pela sensação vital, concedida por Deus, de “ouvir” e abrir o coração para a mensagem, pessoas recebem o “impulso para um movimento eterno”, que conduz ao cumprimento extremo da vida no novo mundo de Deus.

16,17 Porém, tendo em vista ambos os efeitos, Paulo levanta a pergunta: “**Quem, porém, é suficiente para estas [coisas]?**” Em resposta, ele delinea uma afirmação que por sua extrema densidade contém os traços básicos de uma “homilética” do apóstolo: “**Porque nós não estamos, como tantos outros, mercadejando a palavra de Deus. Não, por sinceridade, não, da parte do próprio Deus, na presença de Deus, em Cristo, é que falamos.**”

Inicialmente Paulo se distancia de uma espécie de proclamação que ele vê passando por toda a igreja como um perigo crescente. Não se trata apenas de casos isolados de proclamação errada, porém são “**tantos outros**” que desfiguram radicalmente a proclamação. De que modo fazem isso? Ao “**mercadejar a palavra de Deus**”. O termo empregado por Paulo significa especificamente o comércio desonesto dos taberneiros daquele tempo, que servem comida de má qualidade aos fregueses e diluem o vinho para obter lucros. Portanto o termo também traz a acusação da distorção e “diluição” da mensagem. Por isso Paulo falará em **2Co 4.2** diretamente sobre “adulterar a palavra”. Como é possível que “**tantos**” cheguem a um comportamento assim? Em **Fp 3.17-19** Paulo revelou de forma mais acerba as motivações interiores de tais pessoas. Para elas “o ventre é seu deus” (Cf. **Rm 16.18**), buscam seu próprio bem-estar. Por essa razão são “inimigos da cruz de Cristo”. Tentam desviar-se do sofrimento por amor à mensagem. Todo o seu ministério é dominado pelo eu e por suas reivindicações. Para Paulo é revoltante e terrível que essas pessoas subordinem a palavra de Deus, a mensagem que decide sobre morte eterna e vida eterna, a seus interesses egoístas. O taberneiro que por causa de seu lucro deturpa os alimentos exteriores, enganando seus fregueses, já merece repúdio. Quanto mais se deve ter a mesma atitude para com pessoas que mascateiam com a palavra de Deus, enganando seus ouvintes em relação à vida eterna! Não surpreende que em **2Co 11.13-15** Paulo os designe de servos de Satanás. Em **2Co 11.21s** e **13.1-4** Paulo voltará a pronunciar-se contra eles com toda a veemência e determinação. Agora diz aos coríntios, que em parte se deixaram influenciar por eles: não somos como eles! Lidamos de forma santa e pura com a palavra de Deus.

Paulo prossegue: “**Não, por sinceridade, não, da parte do próprio Deus, na presença de Deus, em Cristo, é que falamos.**” Cada uma dessas quatro definições é importante. Acerca do peculiar termo “sinceridade” falávamos já em **2Co 1.12**. Paulo é sincero em suas motivações e no propósito de sua proclamação. Pode permitir que a luz o julgue por dentro e por fora. Não será revelado nele nenhum egoísmo oculto.

Além disso ele não fala “sobre Deus”, mas “**da parte de Deus, a partir de Deus**”. Paulo sabe que o Deus vivo nunca pode ser “objeto” “sobre” o qual uma pessoa inteligente ou devota fala. Como “objeto” Deus seria um pedaço do mundo, sobre o qual o ser humano dispõe com seu conhecimento. Deus, porém, sempre é “sujeito”, sempre é pessoalmente aquele que fala e age. Somente quando ele próprio nos envolve em seu agir somos capazes de falar “da parte dele”, de sua realidade viva, testemunhando-o dessa maneira. Por isso Paulo se deixava conduzir com alegria na marcha triunfal de Deus e podia e queria ser unicamente um “aroma de Cristo”, por intermédio do qual o próprio Deus tornaria manifesto seu conhecimento.

Paulo fala “**na presença de Deus**”. Assim como o próprio Jesus vivia primeiramente para Deus, olhava para Deus e somente a partir dele se voltava às pessoas, assim o mensageiro de Jesus não se encontra “na presença de pessoas”, mas “**perante Deus**”. Por isso sua primeira preocupação não é o que as pessoas dizem acerca de sua proclamação, se estão de acordo ou não, e como se posicionam, *p. ex.*, em relação à sua pessoa. Seu grande ouvinte é o próprio Deus. O juízo de Deus é a única coisa que lhe importa. Humanamente, Paulo estava sozinho e indefeso perante seus ouvintes. Mas ele mesmo se via abrigado e envolto em Cristo. “**Em Cristo é que falamos.**” Também nesse caso Cristo não é o “objeto” de sua proclamação. Como Cristo poderia ser um “objeto”? O “**em Cristo**”, pelo qual Paulo descreve diversas vezes seu relacionamento com Jesus, vale para o apóstolo justamente também quando ele realiza seu serviço e fala. Não sabemos se nessa expressão Paulo também incluiu o cobrir da culpa, a vestimenta da “justiça de Cristo”, a proteção contra todas as potestades satânicas, porque não expressa isso aqui. Contudo também é possível que tudo isso faça parte de sua expressão.

Paulo rejeitou toda a arte retórica (**1Co 2.1ss**), que estava em tão elevada cotação naquele tempo, sobretudo no mundo greco-romano. Consegue suportar tranqüilamente que por isso fosse menosprezado como orador em Corinto (**2Co 10.10**). Não precisava de atestados de recomendação. A série das igrejas fundadas por ele, a multidão das pessoas salvas por meio de sua palavra atestavam seu credenciamento. Porém possuía esse poder porque falava “**por sinceridade, não, da parte do próprio Deus, na presença de Deus, em Cristo**”.

A IGREJA EM CORINTO – UMA CARTA DE CRISTO, 3.1-3

¹ Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou de vós?

² Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens,

³ estando já manifestos como carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.

1 O apóstolo tem a sensação de que, quando essa passagem da carta for lida, se manifestarão em Corinto interjeições como: agora ele já está de novo recomendando-se a si mesmo! Já em 1Co passagens como 1Co 2.2-12; 4.4-13 podiam ser percebidas como auto-recomendação. A carta intermediária (2Co 2.4), com sua acalorada luta pela obediência dos coríntios, deve ter defendido ainda mais a reivindicação de Paulo em prol de seu ministério e de sua prevalência. Seus adversários talvez tenham externado com indignação: Paulo sempre fala de si mesmo, destacando suas vantagens e sua autoridade. Seria melhor que apresentasse atestados válidos, por exemplo, de Jerusalém, da primeira comunidade. Paulo acolhe a essa objeção, reagindo com um contra-ataque. **“Começamos, porventura, outra vez a recomendar-nos a nós mesmos? Ou temos necessidade, como alguns, de cartas de recomendação para vós ou de vós?”** Será que as “interjeições”, afinal, são oriundas de homens que precisaram pessoalmente de cartas de recomendação para obter acesso à igreja em Corinto, e que por sua vez solicitavam que os coríntios lhes escrevessem tais documentos?

Em si tais cartas de recomendação não eram questionáveis. Já fomos informados de que os mensageiros de Jesus daquele tempo de forma alguma eram os únicos a migrarem de cidade em cidade com palestras e apresentações. Era vantajoso que tais discursadores itinerantes pudessem se identificar e apresentar atestados por escrito de suas realizações. Também no judaísmo cosmopolita se viajava muito. Os membros de uma comunidade judaica levavam atestados escritos para serem acolhidos com disposição e sem suspeitas em terras distantes. Nas novas igrejas do primeiro cristianismo, muitas vezes ameaçadas, era ainda mais necessário obter convicção, por meio de **“cartas de recomendação”**, de que pessoas estranhas que buscavam acolhida na igreja ou até mesmo espaço de atuação eram de fato cristãos aprovados. Também uma pessoa como Apolo havia sido recomendado à igreja em Corinto por meio de um escrito dos irmãos de Éfeso (At 18.27). Em At 15.27 temos um atestado dos apóstolos de Jerusalém em favor de Judas Barsabás e Silas. Na presente carta (2Co 8.18-24) o próprio Paulo emite uma recomendação correspondente aos dois homens que ele envia com Tito a Corinto.

2 Portanto não havia nada de extraordinário e inautêntico em que novos pregadores em Corinto esperassem cartas de recomendação à igreja ou por parte dela. Incomum e característico para a magnitude do trabalho de Paulo era, no entanto, a circunstância de que ele não precisava dessas cartas. Ele tem um “atestado” bem diferente para seu apostolado: os próprios cristãos, a igreja fundada por Paulo em Corinto, são o atestado. **“Vós sois a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos os homens.”**

Paulo faz um uso marcadamente vivo e versátil de metáforas. Não se atém rigorosamente à ilustração, mas extrai dela os mais diversos aspectos, de acordo com a necessidade do momento. A igreja de Corinto é “sua carta de recomendação”. Porém o apóstolo não tinha esta “carta” consigo, escrita sobre papel. Ela está principalmente **“escrita em seu coração”**. Precisa da carta também para sua própria certificação e fortalecimento. Quando ele contempla no coração tudo o que aconteceu em Corinto por meio dele, isso representa uma clara confirmação de sua incumbência apostólica. Mas isso obviamente não bastaria. Uma “carta de recomendação” visa justamente ser lida por outros. Com alegre audácia Paulo constata a superioridade de sua “carta” também nesse aspecto. Essa sua carta é **“conhecida e lida por todas as pessoas”**. O fato de que existe em Corinto uma igreja do Cristo é sabido por todos que entram em contato com essa cidade portuária e comercial amplamente conhecida. Nessas circunstâncias também ouvem que a igreja se deve à atuação de Paulo.

Paulo imediatamente vira a ilustração, salientando um novo aspecto, que continua assinalando toda a superioridade de sua “carta”. Ainda que Paulo pudesse exibir um reconhecimento escrito da primeira igreja em Jerusalém, ele teria sido emitido somente por seres humanos. O autor da sua “carta”, porém, não é uma igreja, mas o próprio Cristo. É **“manifesto da parte de vós que sois uma carta de Cristo, produzida por nosso serviço”**. A fim de refutar concepções falsas, perfeccionistas, a respeito de uma **“carta de Cristo”**, é recomendável prestar atenção na despreocupação com que Paulo, apesar de tudo, designa uma igreja tão difícil como a de Corinto de **“carta de Cristo”**. Não é necessária perfeição moral ou religiosa para que uma igreja possa ser considerada carta de Cristo. Enquanto estiver na fé, enquanto espelhar com semblante descoberto a glória do Senhor e permanecer aberta à atuação do Espírito de Jesus Cristo, a “caligrafia” do Cristo será visível nela. E talvez seja uma carta especialmente peculiar quando o poder da graça e fidelidade de Jesus se mostram vitoriosos em uma igreja seriamente ameaçada por erros humanos e tendências que a desviam. Ninguém em Corinto podia conhecer a igreja de Jesus sem se deparar com a realidade e atuação do Cristo.

É o próprio Cristo quem escreve essa “carta” que é lida e conhecida de todas as pessoas. Contudo, por mais verdadeiro que seja que Jesus, e somente ele, é o verdadeiro autor dessa carta, ao mesmo tempo o “escritor” humano, cujo serviço concretiza a carta na realidade, continua imprescindível. A peculiar reciprocidade entre Cristo e seu apóstolo na confecção dessa “carta” era facilmente palpável para pessoas daquele tempo. Naquele tempo as cartas não eram escritas de próprio punho, mas ditadas a um “escrevente”, por meio do qual a carta

era de fato concretizada. Em decorrência, também Cristo escreve sua carta em Corinto apenas por meio da atuação do apóstolo ali. Quando Paulo – acompanhado de Silvano e Timóteo – anunciou em Corinto o evangelho, atingindo na consciência e vencendo judeus e gregos ao renunciar a sabedoria e retórica humanas, pela demonstração do Espírito e do poder (1Co 2.1-5; 2Co 4.2) e unificando-os em uma igreja de Jesus, surgiu uma carta de Cristo. Nisso o serviço do apóstolo é imprescindível. Por isso essa carta de Cristo torna-se ao mesmo tempo sua própria “carta de recomendação”.

- 3 Mais uma vez Paulo muda a posição do quadro, a fim de mostrar a peculiaridade dessa “carta” e ao mesmo tempo preparar as considerações fundamentais subseqüentes (a partir do v. 4) sobre a glória da antiga e da nova aliança no que diz respeito ao contraste entre elas. A carta de Cristo foi “**escrita não com tinta, mas pelo Espírito do Deus vivente, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações**”. Paulo fala de “tinta” porque tem em mente a figura de uma verdadeira carta, que naquela época era escrita com “tinta” – literalmente “com preto” – sobre papiro ou pergaminho. Mas a metáfora seguinte não combina com essa, pois fala significativamente do material dessa carta: “**não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, nos corações**”. Não se escreve com tinta sobre “tábuas de pedra”, mas nelas se “grava as letras”, como é dito no v. 7. No entanto, Paulo se desloca para a imagem das tábuas de pedra porque em seus pensamentos já está sendo movido por aquilo que pretende dizer logo em seguida acerca da glória de seu serviço comparada com a atuação de Moisés. Na verdade Moisés tinha relação com as tábuas de pedra da lei. O essencial para Paulo, porém, é, primeiramente, que a carta de Cristo está sendo escrita, ao contrário de todas as demais cartas, “**em tábuas de carne, nos corações**”. Ela consiste de pessoas vivas cujo conjunto forma a congregação de Cristo. Que material de escrita! Como, porém, é possível escrever algo em corações humanos? Paulo sabe a resposta: uma letra que penetra profundamente no coração e que permanece no coração existe unicamente “**pelo Espírito do Deus vivente**”. Deus está sendo definido como o “**vivente**” porque não está entronizado no céu, longe e imóvel, mas realiza sua obra por meio do Espírito Santo, de forma próxima e atuante nos corações humanos, conferindo assim a esses corações uma vida completamente nova, divina. Desse modo tornam-se “nova criação” (2Co 5.17) e como tais são a “carta de Cristo” que todas as pessoas podem conhecer e ler.

Paulo usa palavras do AT, evidenciando a familiaridade que mesmo uma igreja “gentia cristã” tinha com essas citações. Em Êx 24.12; 31.18; 34.1 lemos acerca das “tábuas de pedra”. Para a “nova aliança”, porém, Deus havia prometido por meio de Jeremias (Jr 31.31-34) que seu mandamento não estaria mais gravado em tábuas de pedra, mas colocado no coração e inscrito na mente. Ezequiel, por sua vez, declara que nosso próprio coração é por natureza “de pedra” e precisa primeiramente ser substituído por um novo, um “coração de carne” (Ez 11.19ss; 36.26ss). Tudo isso repercute nas frases do apóstolo.

O SERVIÇO DE MOISÉS E O SERVIÇO DE PAULO, 3.4-11

- 4 E é por intermédio de Cristo que temos tal confiança em Deus.
- 5 Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus,
- 6 o qual nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra (ou: da escritura), mas do Espírito; porque a letra (ou: a escritura) mata, mas o Espírito vivifica.
- 7 E, se o ministério da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória, a ponto de os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés, por causa da glória do seu rosto, ainda que desvanecente,
- 8 como não será de maior glória o ministério do Espírito?
- 9 Porque, se o ministério da condenação [foi] (ou: é) glória, em muito maior proporção será glorioso o ministério da justiça.
- 10 Porquanto, na verdade, o que, outrora, foi glorificado, neste respeito, já não resplandece, diante da atual sobreexcelente glória.
- 11 Porque, se o que se desvanecia teve sua (ou: passou por) glória, muito mais glória [tem] o que é permanente.
- 4 Como fez em 2Co 1.12, Paulo fala novamente com grande certeza. Não precisa de nenhuma carta de recomendação. A própria igreja em Corinto é seu “atestado”, porque apesar de todas as mazelas e perigos ela é uma “carta de Cristo”. Ao mesmo tempo o apóstolo deve ter em mente o que declarou em 2Co 2.14-17 a respeito de todo o seu serviço “em todo lugar”. O que lhe serve de base de uma “tal confiança”? É ela expressão de uma grande autoconfiança? Não, “**temos tal confiança por intermédio de Cristo em Deus**”. Em uma frase sucinta e bem genérica Paulo afirma que em sua confiança não dirige o olhar para si mesmo ou para outras pessoas e seu aplauso, mas única e plenamente para Deus. Contudo, acrescenta imediatamente que consegue levantar o olhar desse modo para Deus somente “**por intermédio de Cristo**”, que Deus se torna para

ele fundamento para essa confiança audaciosa. Na seqüência Paulo rejeita expressamente o mal-entendido de que no caso dele se trate de uma presunção questionável.

- 5 **“Não que, por nós mesmos, sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus.”** O sentido que Paulo confere nessa passagem ao termo *logisasthai* (“pensar, imaginar, opinar”) é controvertido. O objeto desse pensar ou avaliar é completamente indefinido, **“alguma coisa”**. Logo, parece que Paulo deseja que essa expressão seja entendida da forma mais geral e abrangente possível. A razão de tudo o que ele “imagina” ou “planeja” como apóstolo, suas “opiniões”, nunca residem nele mesmo. Toda **“suficiência”** para seu poderoso serviço **“vem de Deus”**. Isso não é apenas uma palavra humilde, mas ao mesmo tempo também muito audaciosa, pois podia novamente ser mal-interpretada em Corinto como incabível “arrogância”. Mas sempre que uma pessoa fala e age por incumbência de Deus isso é inevitável.

Mas Paulo não pode se contentar em falar somente do pleno poder de seu serviço, enraizado em seu total desprendimento pessoal e vínculo com Deus. Ele busca a compreensão completa dos coríntios (2Co 1.13) para seu serviço. Por isso a igreja tem de captar nitidamente o conteúdo de seu serviço quanto à sua singularidade, novidade e glória. O poder peculiar de seu serviço está indissolivelmente ligado a esse seu conteúdo. Por isso Paulo dedica toda a parte subsequente da carta, sobretudo 2Co 3.4-18; 5.11-21, à explanação exaustiva e aprofundada daquilo que lhe cabe anunciar e efetuar. Justamente agora, quando a aliança entre ele e a igreja foi restabelecida, a consolidação e o aprofundamento por meio de uma compreensão correta de sua mensagem revestem-se de importância para ele.

Paulo esclarece o significado extraordinário de seu serviço dirigindo o olhar dos coríntios para Moisés. A causa disso pode ser que ele, com provocadora audácia, vise medir seu serviço pela maior grandeza que havia até o presente momento na história de Deus com as pessoas. Onde quer que tenha existido fé no Deus vivo, ali Moisés se destacava com magnitude incomparável. Hoje temos dificuldades para aquilatar corretamente como as pessoas daquele tempo devem ter prendido a respiração quando um homem não apenas se colocava ao lado Moisés, mas ousava asseverar: minha incumbência da parte de Deus é infinitamente maior e mais gloriosa que aquela que Moisés teve de cumprir! Mas é justamente isso que Paulo visa afirmar o mais enfaticamente possível.

É possível que Paulo também tenha falado de Moisés porque havia na igreja em Corinto grupos importantes direcionados pelas idéias “judaico-cristãs”. Já em sua primeira carta aparece um grupo de cristãos que se reporta a Pedro (1Co 1.12). De At 15 e da carta aos Gálatas sabemos com qual intensidade uma certa corrente “judaico-cristã” se alastrava pelo novel cristianismo. Ela não contestava a fé em Jesus como o “Cristo”. Mas Jesus era o “Messias de Israel”. Pessoas dentre as “nações” somente podem chegar a Jesus e à salvação quando permitem ser incorporadas ao povo da aliança e cumprem a lei. Também para alguns discípulos de Jesus Moisés continua sendo o personagem destacado e determinante. Situa-se bem acima de alguém como Paulo. A “glória” de Moisés é visível no Sinai e em todo o AT. Em contraposição, onde fica a glória de Paulo, que faz discursos tão grandes sobre si mesmo e, não obstante, se apresenta de forma tão deplorável? Por isto Paulo se vê forçado a destacar com as mais aguçadas antíteses a diferença entre seu serviço e o serviço de Moisés. Ele não polemiza contra o serviço de Moisés nem tenta rebaixá-lo. Reconhece plenamente a glória divina que paira sobre Moisés. Mas justamente desse modo salienta-se com nitidez o quanto o serviço de um apóstolo de Jesus Cristo é infinitamente mais glorioso. Dessa maneira Paulo ajuda o cristianismo de todos os tempos a encontrar as constatações necessárias e decisivas na questão “antiga e nova aliança”, “lei e evangelho”, “Moisés e Paulo”.

- 6 Com uma frase sucinta Paulo destaca de modo fundamental a singularidade do serviço para o qual Deus o convocou e habilitou: **“Ele é quem nos habilitou para sermos servos de uma nova aliança, não da letra (ou: da escritura), mas do Espírito. Porque a letra (ou: a escritura) mata, mas o espírito vivifica.”** – Toda a existência do povo de Israel baseava-se em uma **“aliança”** de Deus. Unicamente por meio dessa “aliança” ele havia sido destacado dentre todas as nações do mundo, embora em si fosse um povo pequeno e insignificante (Dt 7.7). Todo judeu sabia disso. Também Paulo sabia e confirmava esse fato. O termo grego para aliança – *diatheke* (“testamento”) – mostra que não se trata de um pacto de aliança entre parceiros de direitos iguais. A “aliança” no Sinai é uma resolução soberana de Deus, originada por graça infundada, mas que obviamente reconhece expressamente um parceiro responsável e demanda sua vontade e obediência pessoal em favor do que foi determinado por Deus. O AT – com particular destaque para o livro de Deuteronômio – não se cansa de enaltecer o milagre dessa “aliança”. Paulo, que há de redigir Rm 9.3-5 justamente em Corinto, concorda de coração com todo judeu e cristão judaico que assume sua admiração e gratidão perante a ação de Deus ao firmar a aliança com Israel. Não obstante, o próprio Deus teve de falar por meio do profeta Jeremias acerca de uma **“nova aliança”** (Jr 31.31-34). O termo aqui empregado para “novo” designa primeiramente o que até então ainda era desconhecido, ainda não existente, com a conotação de inimaginado, maravilhoso. Ao mesmo tempo expressa o contraste com o “antigo”, que se esgotou e precisa ser substituído pelo “novo”. Deus já havia anunciado há tempo essa substituição da aliança anterior pela aliança “nova” e completamente distinta

da feita com os “pais”. Agora, porém, essa “nova aliança” chegou! Paulo e seus colaboradores são “**servos de uma nova aliança**”.

Por que há necessidade de uma “nova aliança”, se a antiga era indubitavelmente uma fundação de Deus? O que caracteriza a “**nova aliança**” e a torna tão infinitamente superior à aliança do Sinai? Paulo explica a diferença com uma frase curta, usando a dupla de conceitos contrastantes “**letra**” e “**espírito**”. Aqui cabe libertarmos-nos completamente do entendimento usual “idealista” dessas duas palavras. Não estão em jogo a “intelectualidade” e “liberdade intelectual” em contraposição a um estreito “apego à letra”. O termo grego *gramma* não significa “**letra**” nesse sentido específico, mas refere-se de modo bem geral ao “que foi escrito”, à “escritura”. Ao caracterizar a antiga aliança como *gramma* Paulo imediatamente tem em mente “**a Escritura**”, a saber, a Escritura como “lei”. Faz parte da natureza da “lei” que ela seja anotada e definida com precisão e por escrito. Essa “Escritura” que ordena e demanda situava-se no centro da aliança do Sinai. É o que seus representantes escribas também afirmam muito enfaticamente. A “nova aliança”, porém, caracteriza-se pelo “Espírito”; naturalmente não pelo espírito humano, mas pelo Espírito de Deus, aquele Espírito por meio do qual o Deus vivo escreve nos corações sua escritura divina e transforma igrejas em “cartas de Cristo”.

Por meio da mais sucinta formulação o apóstolo imediatamente caracteriza as duas alianças segundo seus efeitos. Essa caracterização possui um impacto desafiador, colocando ambas as alianças no mais intenso contraste. “**Porque a letra** (ou: a escritura) **mata, mas o Espírito vivifica.**” A Escritura como “lei” não é caminho para a vida, como se ensina em todas as sinagogas e como o pensamento religioso-moralista presume até hoje. Obviamente a lei havia sido dada para a vida, como Moisés enfatiza repetidamente (Dt 4.1-6; 5.32,33; 28.1-14; 30.15,16; 32.44-47). Também Paulo reconheceu isso inequivocamente em Rm 7.10,12: “O mandamento é santo, justo e bom” e “me fora dado para a vida”. Mas o pecado que em nós habita compromete esse alvo da lei, transformado-o na prática em palavra de morte. Por causa do pecado as bênçãos prometidas da lei não se podem cumprir. Contudo, em todo transgressor dos mandamentos cumpre-se a maldição seriamente anunciada por Moisés (Dt 11.26-32; 27.11-26; 28.15,16,45). Por isso a Escritura “mata”. Foi o que Paulo experimentou pessoalmente: “Sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte” (Rm 7.9,10). E aos gálatas ele declara que não há lei que possa trazer vida (Gl 3.21). Em decorrência, era preciso que Deus percorresse um caminho completamente novo para que ainda houvesse vida. Deus abriu esse caminho na “**nova aliança**”. Nesse momento Paulo não olha para os fundamentos dessa aliança no evento da cruz. Isso será feito em 2Co 5.11-21. Agora lhe importa a constatação de que essa nova aliança traz a “vida”. Isso acontece por meio do Espírito, que representa a dádiva decisiva e característica dessa aliança. Por isso é chamado no v. 8 de “serviço do Espírito”.

- 7 Será que isso desvaloriza e combate a velha aliança, a “lei”? Será que Paulo é um “antinomista”, um inimigo da “lei”? Ele foi considerado como tal com crescente indignação (At 21.28), assim como Estevão antes dele, em At 6.11-14. Contudo não é esse o sentido do julgamento de Paulo sobre a lei. Por isso ele estabelece imediata e enfaticamente que “**o serviço da morte, gravado com letras em pedras, se revestiu de glória**”. Também a lei presta um “**serviço**” santo e necessário. Obviamente é um “serviço da morte” e não da vida. Isso traz sobre nós a morte. Mas “serve” à honra de Deus ao submeter nossa resistência à vontade de Deus sob um julgamento mortal. Mas também “serve” a nós, ao não nos deixar prosseguir em nossos pecados, mas causar “reconhecimento do pecado” (Rm 3.20) e mostrar o pecado como gerador de morte. Conseqüentemente, é justamente nessa seriedade mortal que seu serviço se “**reveste de glória**”, assim como uma solene reverência paira em um tribunal do júri ao se proclamar uma sentença de morte. Na “lei” o próprio Deus expressou sua santa vontade. Isso não é “**glória**”? Deus não está comunicando uma opinião passageira. Na “lei” se expressa a vontade sagrada de Deus, oriunda de sua própria natureza. Por isso a lei foi “**gravada com letras em pedras**”, a fim de documentar a sua dignidade e sua inviolabilidade. Nos mandamentos de Deus não se pode nem deve alterar nada, cortar nada. Por isso toda a glória de Deus também raiou em torno do Sinai. E por isso o ser humano precisa morrer quando viola essa santa vontade de Deus em seus mandamentos. Nessa morte do culpado a “glória” de Deus se manifesta de forma avassaladora.

Moisés foi eleito como portador humano desse “serviço”, que trouxe às pessoas a lei de Deus e lhes anunciou o perigo de morte em virtude da lei. A “glória” desse seu serviço, porém, tornou-se visível pelo fato de “os filhos de Israel não poderem fitar a face de Moisés por causa da glória de seu rosto”. O texto grego ainda facilita uma compreensão direta dessa frase porque a palavra para “glória” (*doxa*) a princípio significa praticamente “fulgor de luz”. De acordo com Êx 34.29,30, o “fulgor de luz” oriundo do encontro com Deus repousava sobre o semblante de Moisés com tamanha intensidade que os israelitas não tinham coragem de fitar esse raios divinos.

- 8 Paulo, no entanto, acrescenta: “**ainda que desvanecente**”. Afinal, seu objetivo é explicitar na dignidade da antiga aliança a magnitude transbordante da nova aliança, à qual pertence seu serviço apostólico. Por isto, assinala que a glória de Moisés não era permanente, mas passageira. Cabe, agora, notar a construção da frase. Paulo não descreveu simplesmente o serviço de Moisés, mas utilizou a descrição para uma conclusão final a

minore ad maium, “do inferior ao superior”. Se o serviço da morte já era revestido de glória, “**como não será maior em glória o serviço do Espírito**”? Chama atenção que Paulo não contraponha ao “serviço da morte” o “serviço da vida”. Desde já deixa claro de qual “vida” se trata: a verdadeira e divina “vida eterna”, como concedida pelo Espírito de Deus. Por isso Paulo fala do “**serviço do Espírito**”. Esse serviço “**é em glória**”. Obviamente não é possível ver isto exteriormente no apóstolo como foi possível em Moisés. Paulo não é – em parte para lamento e em parte para indignação dos coríntios – nenhuma “pessoa radiante”. Sobre seu semblante não há “fulgor de luz”, que não se pudesse fitar. “A presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível”, dizia-se dele em Corinto (2Co 10.10). Essa “**glória**” unicamente pode ser encontrada na compreensão correta de seu serviço como tal. Somente no futuro o “eterno peso de glória” (2Co 4.17) estará manifesta perante os olhares de todos. Agora cabe aos coríntios deixar claro que o “**serviço do Espírito**” é por natureza mais importante, extraordinário, e por isso mais “glorioso” que um “**serviço da morte**”.

- 9 Mais uma vez Paulo enceta uma dessas conclusões que tornam explícita a magnitude infinitamente superior do novo serviço, além de tudo o que Moisés era capaz de realizar com seu serviço na antiga aliança. “**Porque, se o serviço da condenação [é] glória, muito mais o serviço da justiça transborda em glória.**” Paulo explica melhor sua afirmação anterior. Por que a lei é “serviço da morte”? Pelo fato de ser primeiro “**serviço da condenação**”. Em sua natureza mais íntima, e por isso também em cada uma de suas ações, o ser humano resiste à vontade de Deus. De forma alguma ele teme, ama a Deus e confia nele acima de todas as coisas (1º Mandamento). Todo o seu pensamento e esforço são determinados por seu próprio eu. Transgredir continuamente todos os mandamentos de Deus. Em contraposição, muda necessariamente o juízo de Deus. Por isso Moisés se apresenta como o grande acusador perante Israel e o mundo. A lei de Deus com suas claras exigências e proibições “condena” nossa ação e omissão, porque contradiz a vontade de Deus, a única que é boa. Conseqüentemente o serviço da lei torna-se “**serviço da condenação**”. Como tal, porém, constitui uma parcela imprescindível da revelação do santo Deus. O próprio Deus executa essa condenação por intermédio da lei, a fim de demonstrar nela sua justiça, “para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Rm 3.19). Por isso também esse serviço possui sua glória divina.

Agora, porém, o apóstolo consegue iluminar também aqui, e até de forma mais poderosa que nos v. 7 e 8, a glória muito maior da nova aliança. Essa nova aliança “**transborda em glória**”, como Paulo escreve com um termo que ele gosta de usar. Porque essa aliança presta um serviço que, depois do “serviço da condenação”, representa um milagre inconcebível: ela é “**serviço da justiça**”. Ela confere ao ser humano, justamente ao culpado, condenado pela própria lei de Deus, a “**justiça**” com a qual é capaz de persistir perante Deus. Paulo não fala agora sobre como isso é possível, como essa justiça pode ser concretizada para perdidos, para inimigos de Deus, e que preço teve de ser pago por isso pelo próprio Deus. Apenas nos apresenta o fato maravilhoso: chegou “**o serviço da justiça**”. Pela atuação dos apóstolos de Jesus, esses servos da nova aliança, ele chega aos seres humanos. Paulo não precisa assegurar expressamente que tal “**serviço da justiça**” não pode contrariar a justiça de Deus. Nesse serviço, pelo contrário, é justamente a admirável justiça de Deus que realiza sua obra maravilhosa. É isso que Paulo há de afirmar diversas vezes na carta aos Romanos, particularmente em passagens como Rm 1.17 e 3.26.

- 10 Paulo intensifica mais uma vez suas asserções por meio de uma frase, cuja formulação é complicada em virtude da brevidade, mas cujo sentido é inequívoco. “**Porquanto de forma alguma é glorificado o que foi glorificado nessa parte** (ou: o que foi glorificado nessa medida parcial), **por causa da atual sobreexcelente glória** [da nova aliança].” Paulo enalteceu a glória da antiga aliança e da lei. Quando, porém, são contempladas sob a plena luz da glória da nova aliança e do evangelho, seu brilho empalidece. Então “**de forma alguma é glorificado o que foi glorificado**”. Somente mediante essa contradição é possível falar da glória da antiga aliança. O adendo “**nessa parte**” pertence ao verbo da frase, devendo ser traduzido “**nesse respeito**”, ou então diretamente à expressão “**o que foi glorificado**”, caracterizando-a como “**algo glorificado apenas nessa medida parcial**”. De qualquer maneira é preciso acrescentar um complemento entre parênteses no final da frase, indicando a quem compete a “**sobreexcelente glória**”. Ela é própria do novo que Deus concede em Cristo, a “nova aliança” a que Paulo serve. Ela é tão poderosa que, em comparação, toda a glória de Moisés e da aliança do Sinai, diante da qual cada israelita e prosélito se postavam com trêmula reverência, desaparece. Mais uma vez é preciso levar em conta que não se podia ver qualquer “glória” nos apóstolos de Jesus, nem em Pedro nem tampouco em Paulo. E no centro dessa nova aliança sua glória podia ser vista justamente apenas no semblante de um “**Crucificado**”, que, abandonado por Deus e pelas pessoas, morre a morte de um criminoso.

- 11 Outra vez é traçada a conclusão do inferior ao superior, com base no fato de que o brilho de luz no rosto de Moisés “novamente desapareceu”, caracterizando assim toda a antiga aliança como algo “**que se desvanecia**”, enquanto a nova aliança representa o “**permanente**” até a perfeição vindoura. Paulo tem razão: “**Porque, se o que se desvanecia (passou) por glória, muito mais [persiste] em glória o que é permanente.**” Novamente Paulo fala por meio de substantivos, sem acrescentar verbos. Temos de acrescentá-los em português para fazer justiça às distintas formulações “**por glória**” e “**em glória**”. “**Por glória**” aponta para “**o que se desvanecia**”,

que apenas “passava” por glória, enquanto “em glória” afirma a consistência firme e duradoura. O permanente “persiste” em glória. O apóstolo, portanto, diferenciou conscientemente a relação das duas alianças com a “glória” até nas formulações lingüísticas.

CONSEQÜÊNCIAS PARA O SERVIÇO DA NOVA ALIANÇA, 3.12-18

- ¹² Tendo, pois, tal esperança, servimo-nos de muita ousadia no falar.
- ¹³ E não [somos] (ou: fazemos) como Moisés, que punha véu sobre a face, para que os filhos de Israel não atentassem na terminação do que se desvanecia.
- ¹⁴ Mas os sentidos deles se embotaram. Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado que (somente), em Cristo, é removido (ou: sem que nisso se revele que ele é removido em Cristo).
- ¹⁵ Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.
- ¹⁶ Quando, porém, algum deles se converte ao Senhor, o véu lhe é retirado.
- ¹⁷ Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde [está] o Espírito do Senhor, [aí há] liberdade.
- ¹⁸ E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando (ou: refletindo), como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito (ou: pelo Espírito do Senhor).

12 Em 2Co 3.4-11 Paulo expôs a diferença objetiva, de conteúdo, entre a nova e a antiga aliança, salientando nessa exposição toda a glória excedente da nova aliança. Agora ele mostra aos coríntios como disso resultam determinadas conseqüências para o serviço dessa nova aliança. “**Na posse de tal esperança, apresentamos com plena abertura e não [fazemos] como Moisés, [que] punha um véu sobre a face, para que os filhos de Israel não fixassem o olhar no fim do que desvanecia.**” A maravilhosa realização da nova aliança agora é chamada por Paulo de “esperança”. Será isso uma atenuação? Cabe lembrar inicialmente que no NT *elpís* (“esperança”) não designa a atividade subjetiva de ter esperança, mas o bem objetivo da esperança. Paulo declara expressamente que ele já está “na posse” desse bem da esperança. Além disso já temos consciência de que a “glória” da nova aliança de forma alguma está brilhando visivelmente. Pelo contrário, ela há de revelar seu esplendor pleno somente no mundo vindouro (2Co 4.17,18). Em toda a mensagem do apóstolo, até mesmo na doutrina da justificação, fica explícito que a posse atual da salvação é ao mesmo tempo um bem de esperança do grandioso futuro.

Ao destacar a característica de esperança na glória da nova aliança, Paulo restringe tão pouco a certeza que justamente na presente passagem ele chega a destacar a *parrhesia* de todo o seu comportamento e de sua proclamação. *Parrhesia* designa ou objetivamente a “liberdade”, a “abertura” no comportamento, que não oculta nem esconde nada, ou mais subjetivamente a “ousadia” e fíducia interior. Ambas as possibilidades estão estreitamente interligadas. Paulo seguramente recorre a ambas em seu serviço.

13 Nisso é salientado novamente toda a superioridade da nova aliança sobre a antiga, a superioridade de Paulo sobre Moisés, em agudo contraste com as vozes judaístas e cristãs judaicas, que enaltecem Moisés acima do apóstolo. Paulo se diferencia conscientemente de Moisés. “**E não fazemos como Moisés.**” Moisés não podia (e talvez não devesse) ter essa “plena abertura”. Em Êx 34.33,35 se registra que ele “punha véu sobre a face”. Por que o fazia? A própria passagem do AT não o declara expressamente. Contudo, segundo Êx 34.30 a intenção de Moisés a princípio podia ser somente diminuir o temor dos israelitas diante da assustadora luz divina em seu rosto. Paulo, porém, o entende de forma diferente e mais profunda. A narrativa de Êx 34.34,35 sugere que o brilho no semblante de Moisés era renovado a cada novo contato com Deus, ou seja, que desvanecia no ínterim. Paulo vê nisso uma expressão simbólica da natureza transitória do serviço de Moisés e o fim da antiga aliança. Mas os israelitas ainda não deveriam ver isso, pelo menos por enquanto. Por isso Moisés punha o véu sobre o rosto, “**para que os filhos de Israel não fixassem o olhar no fim do que desvanecia**”. Paulo dificilmente está tentando dizer que Moisés impedia, de forma arbitrária e por motivos pessoais, que se visse o desaparecimento do brilho em seu semblante. Por trás dessa atitude de Moisés Paulo via a vontade de Deus, que naquela ocasião ainda não queria que Israel reconhecesse que a recém-firmada aliança no Sinai era apenas provisória e passageira. Israel precisava primeiro devotar-se irrestritamente a essa aliança. Contudo Paulo não afirma isso em sua breve frase. Para ele, a única significativa agora é a presença desse “véu” sobre o rosto de Moisés. Essa sua interpretação da narrativa do AT no v. 13 encontra-se em uma peculiar tensão com o que ele escreveu no v. 7, revelando mediante o emprego das mesmas palavras um sentido completamente diferente do acontecimento. Em ambos os versículos está em jogo “fixar o olhar no rosto de Moisés”. De acordo com o v. 7 esse olhar não era possível aos israelitas porque o semblante de Moisés brilhava de maneira assustadora demais. Mas quando Moisés ocultou a face, o efeito foi completamente diferente: agora o olhar de Israel não era capaz de perceber como o brilho no rosto de Moisés

era passageiro, caracterizando assim também o próprio serviço de Moisés como algo que encontrará seu final. Distinguindo-se da declaração no v. 7, o “véu” sobre o rosto de Moisés não sublinha agora a magnitude do fulgor de sua glória, mas aponta de modo peculiar para a transitoriedade desse brilho.

14 Foi assim que Moisés agiu naquele tempo, há muitos séculos. Até que ponto isso tem importância e efeito após a morte de Moisés na história subsequente de Israel? Como se concretiza ali o que Moisés visava expressar por meio da ocultação de seu rosto? A continuidade das explanações do apóstolo revela que ele vê o “véu” sobre o rosto de Moisés praticamente se deslocando para o coração de Israel, cobrindo dessa maneira também o AT. Paulo o afirma inicialmente em uma frase muito curta: **“Mas os pensamentos deles se endureceram.”** Este fato fica patente a todos nas queixas de Deus por intermédio dos profetas (1Sm 6.6; Is 6.10; Jr 5.6; Ez 2.4; Zc 7.11 e outras passagens). O próprio Israel não pode negar isso. Nessa “dureza” Israel não é capaz de ouvir de fato nem de se curvar em arrependimento. O falar de Deus permanece em vão. Conseqüentemente, até a atualidade há um “véu” sobre aquilo que Deus visou com seu falar e agir na antiga aliança. **“Pois até ao dia de hoje, quando fazem a leitura da antiga aliança, o mesmo véu permanece, não lhes sendo revelado, porque [somente] em Cristo é removido** (ou: sem que nisso se revele que ele é removido em Cristo).” Essa circunstância deve-se aos que têm o coração endurecido e não-compreensivo. Contudo, pelo fato de que Paulo vê esse véu prefigurado no manto que Moisés punha sobre o rosto, ele entende o singular “endurecimento” de Israel de modo mais profundo na perspectiva da história da salvação. O que, afinal, está “encoberto” aos corações endurecidos, ainda que Israel ouça constantemente a **“leitura da antiga aliança”**? Gramaticalmente a segunda metade da frase da resposta de Paulo a essa pergunta pode ser entendida e traduzida de formas diferentes. O apóstolo pode contentar-se com uma afirmação genérica sobre a ocultação do AT, enfatizando que o **“véu”** é afastado única e exclusivamente **“em Cristo”**. Contra essa compreensão da frase são levantadas diversas dúvidas lingüísticas e gramaticais. Em razão disso deve ser preferido um entendimento mais específico da frase, que designa melhor o objeto da “ocultação”. Permanece “velado” para Israel que a antiga aliança como tal é algo “que se desvanece” (v. 7,11,13), que é descartado em Cristo. Josué já havia acusado o povo de que: “Não podereis servir ao Senhor, porquanto é Deus santo, Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados” (Js 24.19). Um mistério preocupante pairava sobre a aliança do Sinai. Ela apontava o caminho para a vida, no qual Israel não era capaz de andar. Deveria ter-se “revelado” mais e mais a Israel que o caminho da “lei” não levaria à vida, mas à condenação e à morte. Deveria ter eclodido o anseio por um agir de Deus completamente novo, salvador e redentor. Mas isso não aconteceu. O AT, lido constantemente em todas as sinagogas, permanece “velado”, apesar de toda a sua familiaridade com ele, e continua sendo entendido equivocadamente como caminho para a vida por intermédio do cumprimento pessoal da lei.

15,16 Cooperaram para isso uma “ocultação” visada pelo próprio Deus até o tempo de Cristo e um “endurecimento” culposo de Israel, da mesma forma, aliás, como o agir de Deus e a liberdade humana sempre e em todos os lugares se entrelaçam de uma maneira misteriosa e humanamente indecifrável. Agora, porém, chegou o Cristo na pessoa de Jesus, e a nova aliança está aí. Agora Israel enfim teria de reconhecer claramente o que até aqui ainda havia estado “velado”. Mas Paulo e os demais mensageiros de Jesus, mesmo um homem fiel à lei como Tiago, deparam-se com o fato de que Israel como um todo não ouve nem aceita a fé em Jesus. Também agora cooperam a culpa pessoal e a direção da história por Deus. “Veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios” (Rm 11.25). Conseqüentemente, o “véu” também permanece encobrindo o AT: **“Mas até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.”** O apóstolo altera necessária e significativamente a formulação. Não é propriamente sobre Moisés e a antiga aliança que agora se encontra o véu. O próprio Deus o retirou de lá ao enviar seu Filho. Mas ele encobre o coração de Israel. Por isso de nada adianta toda a leitura da Escritura. Nenhum dedicado estudo da Bíblia poderá mudar algo disso. Unicamente a conversão a Jesus cria a visão desimpedida para o verdadeiro reconhecimento da antiga aliança. Quem encontrou a vida em Jesus não precisa mais tentar, orgulhosa ou desesperadamente, encontrar na lei a palavra e o caminho da vida. É capaz de reconhecer e admitir que a lei não nos torna pessoas devotas e agradáveis a Deus, mas malditas perante Deus (Gl 3.10). Da parte de Deus, a morte de Jesus no madeiro maldito como nosso substituo atesta isso com solene seriedade. A antiga aliança é confirmada em sua glória como serviço da condenação e da morte. Mas ao mesmo tempo ela é cumprida e suspensa na morte de Jesus, sendo substituída pela nova aliança, em que toda pessoa que confessa a Jesus encontra justiça, salvação e vida.

Também Israel há de encontrar tudo isso **“quando se converter ao Senhor”**. Então **“o véu será retirado”**. Israel reconhecerá e compreenderá Jesus e o AT ao mesmo tempo, com admiração e gratidão. Foi o que o apóstolo experimentou em si mesmo e em numerosos judeus. Aparece aqui uma dialética peculiar. Pelo fato de Israel não ouvir verdadeiramente a Moisés, ele não reconhece a Jesus e não se converte a ele. Mas pelo fato de não se converter a Jesus, não consegue realmente ouvir e entender a Moisés. A ruptura dessa dialética, que prende Israel na miséria da descrença, é um milagre da graça de Deus. Esse milagre acontece agora apenas em alguns israelitas. Mas Paulo sabe que um dia Israel como um todo há de experimentar o que ele próprio experimentou às portas de Damasco. Todas as suas afirmações sobre o encobrimento do AT e a retirada do véu

por ocasião da conversão a Jesus são para Paulo a mais genuína experiência de sua vida, ainda que aqui não esteja falando disso em termos biográficos. Desse modo o próprio Saulo de Tarso foi transformado de obcecado fariseu em discípulo crente e mensageiro de Jesus, de sorte que lia o AT de forma completamente nova. Isso é demonstrado pelas suas múltiplas referências à Escritura e suas citações do AT.

Nesse ponto, porém, surge imediatamente uma pergunta, cuja premente seriedade é sentida por Paulo. Quando nossa vida não é mais determinada e dirigida pela lei, será que não fica à mercê da arbitrariedade e de uma liberdade falsa? Como, afinal, se pode ordenar e configurar a vida sem lei? Como se pode viver sem lei de tal maneira que nossa vida corresponda à vontade de Deus? Aqui a nova aliança se evidencia como um caminho completamente novo. Não é por acaso que Paulo desde já qualifique a nova aliança no v. 6 de “serviço do Espírito”. A forma como esse “serviço do Espírito” renova nossa vida, dando-lhe uma nova configuração, é mostrado pelo apóstolo nas poderosas afirmações dos últimos versículos do presente trecho, que expõem de modo conclusivo diante dos olhos dos coríntios e também dos nossos a “sobrexcelente glória” da nova aliança.

17 Fundamento e centro da nova aliança é Cristo. Como, porém, “Cristo” se relaciona com o “Espírito”? Paulo faz uma surpreendente afirmação a esse respeito: “**Ora, o Senhor é o Espírito; e, onde está o Espírito do Senhor, [aí há] liberdade.**” Essa declaração acerca de Jesus não pode simplesmente ter o intuito de colocar um sinal de igualdade entre “Jesus” e “Espírito”. Porque no instante seguinte se fala do “Espírito do Senhor”, pelo que o Espírito é designado como “posse” do Senhor. Na realidade o Senhor não possui o Espírito como mero “efeito” para o serviço, como uma “força” impessoal. Para isso o Espírito de Deus é grande demais e sua relação com Jesus pessoal demais. Vemos que alguém como Paulo na verdade não ensina dogmaticamente o mistério da santa Trindade, mas conhece-o e testemunha-o profundamente. Assim como o Espírito glorifica unicamente a Jesus e recebe tudo de Jesus (Jo 16.14), assim por sua vez Jesus vive e atua exclusivamente no Espírito Santo. Jesus e o Espírito não podem ser separados. É assim que Paulo entende a declaração: “**O Senhor é Espírito.**” Por isso a conversão a Jesus confere simultaneamente o Espírito Santo. Quando Jesus se torna o Senhor, o Espírito faz morada no ser humano. E, pelo Espírito Santo, Jesus, por sua vez, “habita” em nossos corações (Jo 14.23; Ef 3.17). Por isso Paulo, como mensageiro de Jesus, está muito acima de Moisés, que tinha à sua disposição somente “a letra”, a lei gravada em pedras e que trazia a morte. Por isso aquilo que Jesus gera e presenteia também é algo completamente diferente do que aquilo que surgiu em Israel de forma assustadoramente visível pela atuação de Moisés. Sob a lei somos “escravos” (Gl 4.1s); vivemos no constante e temeroso receio de transgredir a lei e cometer pecados. Tampouco é por acaso que justamente nos rigorosos círculos de Israel surja a “hipocrisia”, o contrário da livre abertura e límpida transparência, que Paulo enaltece com alegria. É capaz disso porque justamente ele, o ex-fariseu, experimentou a maravilhosa libertação por Jesus e pelo Espírito Santo. Portanto tem a certeza: “**Onde [está] o Espírito do Senhor, [aí há] liberdade.**” É a “liberdade” das coações do egoísmo e do girar em torno do próprio eu. É a liberdade para amar. O amor cumpre a lei (Rm 13.10; Gl 5.14), não mais em realizações forçadas pela tortura da lei, mas com liberdade e alegria. Nisso ela constitui o total oposto de uma vida sob a lei, embora nela chegue ao cumprimento justamente o que Deus realmente pretendia com seus mandamentos. Esse amor é “fruto do Espírito” e, na descrição de Gl 5.22, não é por acaso que está associado com “alegria” e “paz”.

18 Será possível mostrar isso como realidade? E como funciona concretamente uma vida nessa “liberdade”? Paulo responde: “**E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como a partir do Senhor, o Espírito** (ou: pelo Espírito do Senhor).” Nessa frase cabe notar desde já particularmente o “nós”, salientado com ênfase pelo adendo “**todos**”. Esse “nós” são os membros da nova aliança, agora contrapostos a Moisés e Israel. Face às preocupantes tendências em Corinto e em outras localidades isso significa imediatamente: será que “nós” devemos adquirir a vida cristã perfeita, prometida pelos novos mestres, justamente pelo fato de retornar a Moisés, à lei, à não-liberdade, à ocultação? Não, “nós” possuímos algo completamente diferente! Ainda mais, “**todos nós**”! Na antiga aliança um brilho de glória pairava unicamente sobre Moisés, diante do qual a “congregação” de Israel apenas se atemorizava. Agora, porém, a “congregação de Deus” possui a plena participação na glória da nova aliança junto com seus apóstolos e colaboradores. Portanto, na igreja do Novo Testamento não acontece como em Israel, mas tampouco como nas religiões de mistério do entorno helenista, onde apenas um pequeno círculo de pessoas especialmente eleitas atinge a visão da divindade e experimenta o efeito gerador de vida. “**Nós todos**”, toda essa igreja de pessoas que em geral são simples e no mundo não significam muito (1Co 1.20ss), participam da glória que Paulo está descrevendo.

Sobre “nós” o apóstolo declara que “**com o rosto desvendado espelhamos a glória do Senhor**”. Também Moisés irradiava um reflexo da glória divina por meio de seu contato com Deus. Mas Moisés tinha de encobrir esse fulgor, e para Israel ele permanece integralmente velado e obscurecido. A igreja de Jesus, porém, caracteriza-se pela *parrhesia*. Com “**rosto desvendado**” ela se encontra livremente diante do Senhor, refletindo assim a glória do Senhor. A metáfora do “espelho” é usada, portanto, de forma completamente diferente do que em 1Co 13.12. Não se trata de reconhecermos o Senhor, o que na presente época pode acontecer apenas imperfeitamente, como em um espelho de metal. Trata-se do “espelhar”, de irradiar a luz,

que o espelho acolhe e projeta de volta. Em nós podem ser vistos a vida e o amor divinos, mas que não vêm de nós mesmos nem são produzidos por nós através de esforços próprios sob a lei. Isso resultaria sempre em simples “hipocrisia”. Trata-se do brilho refletido da luz que incide em nós a partir do Senhor. Mas Paulo ultrapassa os limites da metáfora e atribui ao “espelho” algo que ele como tal nem sequer consegue fazer: a transformação na imagem que ele reflete. O brilho da glória não é em nós apenas permanente e duradouro, ao contrário da luz passageira no rosto de Moisés. Não, essa duração leva a um profundo efeito sobre nós, que recebemos e carregamos a luz. Olhar para Jesus, pelo que acolhemos sua imagem como um espelho, nos transforma “**na mesma imagem**”, precisamente na figura que acolhemos, e conseqüentemente na imagem do próprio Senhor. O grande alvo de Deus, estabelecido por ele quando criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus (Gn 1.27), e que havia sido inviabilizado pela queda do pecado, é retomado nessa “transformação na mesma imagem”. Essa “transformação” não sucede de repente por ocasião de nossa conversão e renascimento. Nesse momento obtemos “a justiça que vale perante Deus”. Então nos tornamos integral e plenamente “filhos de Deus” (Jo 1.12; 1Jo 3.1,2; Rm 8.15s). Mas nossa transformação de fato na imagem de Jesus acontece “**de glória em glória**” ou “a partir da glória na glória”, ou seja, em um movimento irreprimível e inesgotável que conduz para a perfeição vindoura.

Evidentemente a lei também já nos mostra como o ser humano deveria ser de acordo com a vontade de Deus. Por isso o brilho de Deus também pousava sobre Moisés, que trouxe até nós essa exigência de Deus. Mas de nada adianta nos adianta conhecer a vontade divina como “exigência”. Pelo contrário, como “exigência” ela nos condena e nos entrega à morte. Agora, porém, é diferente. Agora “**o Senhor**” está presente, aquele que “**é Espírito**” e que pelo Espírito escreve a escritura de Deus em nossos corações e grava a imagem de Deus em nós. Por isso Paulo acrescenta à descrição de nossa transformação na imagem de Cristo de glória em glória uma breve frase, que podemos reproduzir, com mais detalhes, do seguinte modo: “Estais entendendo corretamente: isso acontece a partir do Senhor que é capaz de atuar em vós como Espírito.” A forma sucinta do texto original é: “**de conformidade com o Espírito do Senhor**”. Na frase grega os dois genitivos podem ter a conotação de depender um do outro. Nesse caso Jesus seria chamado de “**o Senhor do Espírito**”. Provavelmente, porém, eles estão justapostos no mesmo nível e se explicam mutuamente. Trata-se do “**Senhor**”, que permanece longe de nós nas alturas, mas que pelo Espírito Santo é capaz de habitar e atuar em nós. Inversamente trata-se do “**Espírito**”, que não é nada desconhecido e estranho, mas que glorifica unicamente o “**Senhor**”, que obtém tudo do Senhor. Desse modo o Espírito é o “Espírito do Senhor”, o “Espírito de Cristo” (Rm 8.9; 1Co 2.16). E Jesus é o “Senhor no Espírito”, que pelo Espírito nos transforma em sua imagem. Conseqüentemente os membros da igreja de Jesus vivem “sem lei” e, não obstante, obtêm vida divina em verdade e poder, alcançando “sem lei” o real objetivo da lei.

Nessas afirmações se explicita mais uma vez a diferença total para com toda a vida sob a “lei”. Não somos nós que santificamos a nós mesmos. Não somos nós que buscamos estabelecer a imagem de Deus em nós de acordo com determinadas regras e leis. Paulo emprega enfaticamente a voz passiva: “**Somos transformados.**” Quem de fato age nesse processo é o Senhor, que é o Espírito.

Esse agir de Deus em nós conduz já agora “**de glória em glória**”. No entanto, possui um limite radical em nosso corpo, que agora ainda é e continua morto (Rm 8.10). Mas na parusia do Senhor há de acontecer também a transformação de nosso atual “corpo de humilhação” em “corpo da glória” (Fp 3.21). Então estará cumprida a grande determinação de Deus, de que sejamos “conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Rm 8.29). “Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele...” (1Jo 3.2). Paulo tem o privilégio de realizar seu serviço com total confiança e plena abertura. É o que Paulo ainda há de detalhar melhor no trecho seguinte.

EXCURSO 1: ANTIGA E NOVA ALIANÇA

A “mensagem da justificação” está no centro de todo o pensamento e ensinamento do apóstolo Paulo. Era importante que Paulo conhecesse por experiência própria o “coração endurecido” de Israel. De forma alguma ele experimentou a lei diretamente como “serviço da condenação e da morte”! Rm 7.14ss não é autobiografia. Ele declara em Fp 3.6 como ele próprio entendia sua vida na época em que foi fariseu: “quanto à justiça que há na lei, irrepreensível.” Sua trajetória é, portanto, bem diferente da de Martim Lutero. Quando no presente trecho Paulo assevera que por intermédio da conversão a Cristo o véu estaria sendo retirado de cima da antiga aliança, isso corresponde exatamente à sua experiência. No caminho para Damasco Paulo teve de reconhecer como realidade incontornável de que aquele que foi rejeitado e entregue à execução no madeiro maldito por Israel é o Ressurreto, o *Kyrios* e o Messias de Israel! Paulo teve de se curvar diante dele e entregar-se a ele. Então, porém, impôs-se a pergunta: Por que “o Senhor da glória” (1Co 2.8) tornou-se aquele que, abandonado por Deus, morreu na cruz? Os discípulos de Jesus disseram “que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com a Escritura” (1Co 15.3). Será, pois, que também ele, o rigoroso fariseu Saulo, o justo “irrepreensível”, era um “pecador”, pelo qual o Filho de Deus teve de morrer? Agora a gravidade plena da lei se descortinou para Paulo. “Todos quantos são das obras da lei estão debaixo de maldição” (Gl 3.10). Ele compreendeu a lei como

“grandeza espiritual” (Rm 7.14): em todos os seus mandamentos ela demanda o amor, sendo cumprido exclusivamente por intermédio do amor (Rm 13.8-10; Gl 5.14). Mesmo o mais rigoroso cumprimento de todos os preceitos da lei por causa da justiça própria (Rm 10.3) justamente não é “amor”. O zelo por Deus na perseguição à igreja de Jesus revela-se como hostilidade contra Deus. O fariseu justo Saulo de Tarso na verdade era um “filho da ira por natureza” (Ef 2.3), um maldito perante a santa lei de Deus. Agora caiu o véu da antiga aliança e da lei. Sua assustadora glória tornou-se visível como “serviço da condenação e da morte”. Ao mesmo tempo, porém, aquele que morria no madeiro maldito ficou manifesto como o Redentor concedido pelo próprio Deus. A glória de Deus na nova aliança brilhou no semblante de Jesus Cristo (2Co 4.6), no semblante do Crucificado. O evangelho libertador era a “palavra da cruz”, e Paulo estava decidido a não saber mais nada do que unicamente Jesus Cristo, e como Crucificado (1Co 1.18; 2.2). É a palavra da “justiça de Deus”, que é dada à fé como soberana dádiva do amor incompreensível de Deus (Rm 1.17).

Porém cabe levar em conta que no presente capítulo Paulo não contrapõe à lei e sua sentença de morte a mensagem do poder redentor de Deus na cruz de seu Filho, mas sim o testemunho do agir do Espírito, que cria livremente a nova vida. O apóstolo via no “serviço do Espírito” a sobreexcelente glória da nova aliança, enquanto a “lei” não é capaz de “vivificar” (Gl 3.21), mas somente de “matar”. Paulo afirmou também em Rm 8 que “a lei do Espírito da vida me libertou da lei do pecado e da morte”. Mas na carta aos Romanos a “palavra da cruz” já havia sido explicada nos cap. 3 e 5. Na presente carta a poderosa exposição sobre a reconciliação do mundo com Deus sucede apenas em 2Co 5.14-21. Sempre, porém, três aspectos se unem na proclamação do apóstolo: a sentença de morte de Deus sobre nós todos a partir de sua lei, a salvação mediante a fé no Filho de Deus que para nós se tornou maldição, e a atuação renovadora do Espírito criador de vida. Somente nesse tríplice testemunho a mensagem da justificação é eficaz em sua totalidade e seu poder.

A APROVAÇÃO DO SERVIÇO DO APÓSTOLO, 4.1-6

- ¹ **Pelo que, tendo este ministério, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos.**
- ² **pelo contrário, rejeitamos as coisas que, por vergonhosas, se ocultam, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus; antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.**
- ³ **Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto,**
- ⁴ **nos quais o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça (ou: para que não vejam) a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.**
- ⁵ **Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus.**
- ⁶ **Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu (ou: fez resplandecer) em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo.**

O apóstolo havia exposto objetivamente a natureza do “evangelho” em seu contraste com a natureza da “lei”. Explicitou de imediato que disso resulta necessariamente uma atitude completamente diferente em Moisés, o grande servo da antiga aliança, do que nele, o apóstolo de Jesus na nova aliança. Agora ele aplica isso diretamente às questões que causam divisão entre a igreja de Corinto e ele. Sua carta torna-se novamente bem pessoal, porque seu comportamento havia sido atacado e colocado sob suspeita pelos novos mestres em Corinto e pelos círculos da própria igreja. Pode soar como uma “defesa” contra determinadas imputações (2Co 12.19!), o que de fato também contém. Não obstante, é muito mais do que “ataque” aos homens que causaram confusão em Corinto (e em outras localidades) e que também agora ainda tentam assegurar sua influência. Se pudéssemos passar alguns dias como hóspedes na Corinto daquele tempo e observar a vida da igreja com os próprios olhos, leríamos esta carta e compreenderíamos determinadas formulações e expressões dela de forma bem diferente! Infelizmente não podemos fazer isso, e dependemos de inferências a partir da presente carta para tentar elucidar a situação da igreja e o procedimento dos movimentos ali dirigidos contra Paulo. Nesse esforço, muitas coisas forçosamente continuam duvidosas. Mas é importante que leiamos as frases da carta como frases epistolares genuínas, historicamente determinadas, e não como explicações acadêmicas, neutras, sobre as regras e normas da proclamação correta. Não precisamos nos preocupar com o fato de que considerar a situação histórica tornaria as elaborações do apóstolo menos atuais para nós. Justamente ao lê-las na perspectiva de sua viva relação com acontecimentos bem concretos em Corinto também sentiremos toda a sua atualidade para nós.

- ¹ **“Pelo que, por termos esse serviço, segundo a misericórdia que nos foi feita, não desfalecemos (ou: desanimamos).”** Paulo havia falado de “gloriar-se”, de sua “confiança” e sua “esperança”. Agora ele corrobora tudo isso rejeitando e negando o contrário, o tornar-se “cansado” ou “desanimado”. As tensões com Corinto já

duravam muito tempo. Depois de sua breve visita elas se haviam aguçado. O apóstolo, que com sincero amor lutava por essa igreja, era alvo de suspeitas, mal-entendidos, injúrias e rejeição. Não teria de chegar o momento em que ele ficasse “cansado” disso tudo, perdesse o ânimo e deixasse Corinto sozinha? Não, “**não desfalecemos**”. Paulo repetirá essa palavra, reforçando-a assim, no v. 16, com vistas a toda sua vida e seu sofrimento de apóstolo.

Por que, no entanto, ele consegue permanecer tão “incansável” em todas essas aflições? “**Pelo que, por termos esse serviço, segundo a misericórdia que nos foi feita.**” “**Esse serviço**” – Paulo olha em retrospecto para o que acaba de escrever sobre “o serviço da nova aliança” e sua glória inigualável. Também deve estar pensando mais uma vez naquilo que testemunhara em **2Co 2.14-17** acerca da atuação de Deus. Tem o privilégio de realizar “**esse serviço**”, esse serviço extraordinário e precioso. Por isso não há de “desfalecer”, desanimar. Ainda mais porque na vocação para esse serviço lhe “**foi feita misericórdia**”. Foi assim que Paulo sempre pensara (**1Tm 1.12-17**). A grande felicidade da redenção não foi seguida pela dura carga de um serviço complicado, que ele tivesse de assumir com agonia. Não, o ápice da soberana graça de Jesus era confiar a ele, seu inimigo e perseguidor, “esse serviço”, do qual dependia a continuação da própria obra do Senhor no mundo, bem como a vida eterna das pessoas.

- 2 Como o apóstolo exerce seu serviço? Que comportamento ele contrapõe a todas as tentações de cansaço e desânimo? “**Pelo contrário, renunciamos às coisas ocultas da vergonha, não andando com astúcia, nem adulterando a palavra de Deus.**” A formulação grega “renunciamos às coisas ocultas da vergonha” fez com que se presumisse que o apóstolo estaria falando de “coisas vergonhosas ocultas”. Contudo, será que alguém como Paulo tinha de “renunciar” a isso? Não, deparamo-nos aqui com uma constelação de termos semelhante à de **Rm 1.26**, na palavra sobre as “paixões infames”. Devido ao seu senso idiomático hebraico, Paulo evita os adjetivos, substituindo-os pelo genitivo de um substantivo. Em **Rm 1.26** ele fala literalmente de “paixões da infâmia”, significando “paixões desonrosas”. O segundo substantivo, na forma do genitivo, precisa, portanto, na tradução, levar a um adjetivo correspondente. “Coisas ocultas da vergonha” são, então, “vergonhosos segredismos”. Isso é o oposto da plena “abertura” e “transparência” na vida e atuação de Paulo. Ele “não se envergonha do evangelho” (**Rm 1.16**) e não trabalha às escondidas nem em segredo. Mas, pelo que parece, acusa seus adversários em Corinto justamente dessa atividade de agitação secreta. Paulo e seus colaboradores “**não andam com astúcia**”. A palavra grega refere-se à maldosa esperteza e velhacaria com que se consegue pegar e iludir pessoas simplórias. Paulo rejeita isso em seu próprio comportamento. Em **2Co 1.12** ele já assegurara que todo o seu comportamento no mundo não é determinado por “sabedoria carnal”, mas pela “graça de Deus”. Ele não tem alvos egoístas. Seu engajamento é pela mensagem que tem a trazer, pela palavra de Deus e pela salvação das pessoas. Porém constata essa “**astúcia**” nos homens que em Corinto se arvoravam em funções de destaque, com a qual conquistaram sornateiramente a confiança da igreja, a fim de, na seqüência, dominar e explorar a igreja (**2Co 11.15; 11.20**). Já em **2Co 2.17** ele os acusara de mercadejar com a palavra de Deus. Vimos que ali se tinha em mente “batizadores de vinho”, que por interesse próprio serviam pratos e bebidas de segunda categoria. Agora o apóstolo formula uma acusação direta contra eles: “**adulteram a palavra de Deus**”. Ele, porém, não faz isso, pois fala “com sinceridade e da parte do próprio Deus, na presença de Deus, em Cristo” (**2Co 2.17**).

Na seqüência Paulo expressa o contraste entre essa maneira perigosa de agir e o princípio de seu trabalho evangelístico de forma positiva. Não procede como aqueles, isso ele pode asseverar: “**Antes, nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela proclamação aberta da verdade**”. A “plena abertura” mencionada em **2Co 3.12** torna-se palpável agora como “**proclamação aberta**”. O mensageiro de Jesus sabe que ele não traz “verdades”, quiçá verdades interessantes, verdades importantes, porém “**a verdade**”, a verdade única, decisiva, a verdade de Deus. Como não proclamaria essa “verdade” com plena convicção em total clareza e abertura? Com essa proclamação ele não se dirige ao intelecto dos ouvintes, embora Paulo também fizesse sérias exigências ao pensamento das pessoas. Tampouco visa suscitar sentimentos, embora a proclamação da verdade de Deus com sua gravidade e sua alegria não deixasse nenhum ouvinte autêntico impassível. Contudo, o alvo da proclamação é outro: a consciência! Quando fala de “**toda consciência de pessoas**”, Paulo evita desde já a aparência de que de fato pensaria ser capaz de atingir a consciência de “toda pessoa”. A formulação “toda consciência” dirige-se à diversidade na condição, na lucidez, na profundidade da consciência. Independentemente, porém, de como possa ser a condição da consciência no ser humano, é à consciência que se dirige a mensagem. A consciência não é “voz de Deus”. É a capacidade do ser humano de acolher a exigência de Deus e o juízo de Deus. Unicamente na consciência o ser humano é alcançado e atingido como pessoa pela proclamação. Mesmo no caso de um homem sem consciência como Félix, Paulo apesar disso se dirigira à consciência dele, não o fazendo em vão (**At 24.24s**). Aqui ele mostra que dirigir-se à consciência é o princípio de toda a sua proclamação.

Paulo está convicto de, com essa proclamação aberta, “**recomendar-se a toda consciência de pessoas**”. Ele retoma o que escrevera em **2Co 3.1**. Sem “recomendação”, sem “atestado”, ninguém pode trabalhar e obter acesso às pessoas. Também os novos homens em Corinto haviam chegado à igreja com “cartas de recomendação”. Paulo não precisa dessas “recomendações”. Na verdade ele “se recomenda” a si mesmo,

como se resmungava em Corinto, mas de modo bem diferente do que se pensava ali. Quando o mensageiro de Jesus atinge consciências com a proclamação implacável da verdade, conduzindo ao reconhecimento da verdade suprema e decisiva, então ele obtém a confiança dos corações. Ali ele se evidencia como autêntico mensageiro de Deus. Com forte ênfase Paulo acrescenta: **“na presença de Deus”**. Agora ambos, proclamador e ouvinte, se encontram diante da face do Deus vivo. Diante de seu olhar penetrante desaparece tudo o que é segredismo, aparência e inverdade. Tudo se torna claro e iluminado. No final do presente trecho Paulo dirá isso mais uma vez usando a metáfora da “luz” que Deus faz brilhar no coração para o esplendor do conhecimento da glória de Deus no semblante de Jesus Cristo. Se isso acontece “em nossos corações”, então é na consciência que acontece. Toda a literatura do AT desconhece o conceito da “consciência” por esse nome, empregando em lugar dele a palavra “coração”. Esse estar na presença de Deus é o exato oposto de todo o agir e agitar dos homens que penetraram em Corinto.

3,4 Paulo levanta imediatamente uma séria objeção. Será que o que ele acabou de descrever acontece sempre e em todos os lugares? Será que em todos os locais de sua atuação havia esse maravilhoso sucesso? Será que um “véu” continuava cobrindo apenas o serviço de Moisés, apenas o coração de Israel? Ou será que também o mensageiro de Jesus verifica que seu evangelho permanece “encoberto”? Paulo fornece a resposta. **“Mas, se o nosso evangelho ainda está encoberto, é para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus desta era cegou os pensamentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça (ou: para que não vejam) a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus.”**

Paulo havia falado em **2Co 2.12** do “evangelho do Cristo”, afirmando com isso que o evangelho pertence ao próprio Cristo, que, como sujeito (e não como objeto) do evangelho está pessoalmente agindo como o verdadeiro “evangelista”. Agora, porém, ele chama a mensagem de **“nosso evangelho”**, porque ele está olhando para a sua própria atuação. Quando Cristo lhe confia o evangelho (v. 1), ele se torna “seu” evangelho. Em razão disso a pergunta sobre a freqüente ineficácia da proclamação aberta da verdade é singularmente séria. Será ela culpa de Paulo? Em **2Co 2.15s** o apóstolo já apontara para a dupla atuação justamente da proclamação credenciada. Ela é “aroma de vida para a vida”, mas também “a partir da morte para a morte”. Por isso existem, por meio do evangelho, não apenas “redimidos”, mas também aqueles “que se perdem”. Esses parecem estar em situação de superioridade, derrotando os mensageiros de Jesus e até acabando com Deus. Na verdade eles mesmos se evidenciam dessa maneira como **“os que se perdem”**. No caso deles o evangelho de fato **“está encoberto”**.

4 Evidentemente esse é um acontecimento avassalador. Estamos diante do enigma da incredulidade. O evangelho não é nada obscuro e difícil. Ele é luz clara e brilha da **“glória do Cristo, o qual é a imagem de Deus”**. Como é possível que essa luz não seja vista ou de fato não atraia e ilumine? Como essa mensagem, que só traz salvação e vida, pode ser repudiada? Será que isso apenas reside no orgulho e na teimosia humanos? Essa explanação não faz justiça à gravidade do acontecimento. Paulo explica o enigma da incredulidade de forma muito mais profunda e assustadora. O que aconteceu com os que se perdem, embora haja uma salvação tão maravilhosa e simples? Paulo responde: **“nos quais o deus desta era cegou os pensamentos dos incrédulos, para que não vejam o resplendor de luz”**. Portanto está em cena um terrível inimigo de nossa redenção. Paulo visa ressaltar justamente aqui toda a grandeza do inimigo, razão pela qual o chama de **“deus desta era”**. Também os que repudiam o Deus vivo e seu amor em Jesus, e talvez até o neguem, possuem um “deus”, um deus sombrio e duro, o “príncipe deste mundo”, como Jesus o chamou. Não deixa de ter razão e validade a orgulhosa palavra de Satanás na história da tentação de Jesus: “Dar-te-ei toda esta autoridade e a glória destes reinos, porque ela me foi entregue, e a dou a quem eu quiser” (**Lc 4.6**). Satanás de fato recebeu um poder sobre a terra para **“esta era”**, o qual ele havia conquistado por ocasião da queda do pecado do ser humano. E esse “poder” traz em si algo da característica de Deus, de não ser apenas poder exterior, mas ser capaz de atuar a partir do interior do coração dos seres humanos. Nesse agir o objetivo de Satanás não é em primeiro lugar seduzir para pecados isolados. Satanás sabe que para isso existe o perdão em Jesus. Por isso ele aposta tudo em uma só coisa: que as pessoas não encontrem Jesus como seu Redentor e Senhor. Em vista disso **“cega os pensamentos dos incrédulos, para que não vejam o resplendor da luz (ou: para que não lhes resplandeça o brilho da luz) do evangelho da glória do Cristo, o qual é a imagem de Deus.”** O entendimento lingüístico da frase pode ser diverso, como assinalam as duas traduções. O conteúdo da frase é inequívoco. Pela atuação de Satanás ocorre nas pessoas aquela situação terrível em que o evangelho brilha com grande clarão e a glória do Cristo resplandece em toda a sua magnitude, mas as pessoas não vêem nada disso. De fato não “conseguem” vê-lo, são “cegos”. De nada mais adianta uma proclamação, nem tampouco uma proclamação com autoridade apostólica. Então o evangelho realmente está “encoberto”.

Notamos que o apóstolo ainda está sendo determinado por suas explanações em **2Co 3.12-18**. Novamente está em jogo o resplendor da **“luz”** da **“glória do Cristo”**. Enquanto os que se deixam salvar espelham esse brilho “com o rosto desvendado”, existe novamente, nos que se perdem, um “véu”, que agora oculta não o AT, mas o próprio evangelho. Sim, já não se trata de um “véu” que possa ser retirado, mas, pelo contrário, aqui o “encobrimento” é “obcecação, cegamento”, que impedem radicalmente a visão. Na época do evangelho a

situação é ainda mais grave do que na antiga aliança para Israel. É o que expressa também a carta aos Hebreus em Hb 10.28,29; 12.25.

Nesse caso, será que o ser humano é um joguete entre Deus e Satanás? Não estará ele isento de qualquer responsabilidade própria? E será que por trás de tais eventos não está uma “dupla predestinação”, uma vez que é inconcebível que Satanás possa ser “mais forte” do que Deus em certas pessoas?

Em sua mensagem, a Bíblia não tem o mesmo interesse que nós em “explicar” tudo. Para ela os fatos em si são o mais importante. Assim também Paulo constata inicialmente apenas o que acontece quando sua mensagem é em vão. Não obstante, cabe levar em conta que Paulo deixa a ação cegante de Satanás acontecer **“nos pensamentos dos incrédulos”**. O NT distingue nitidamente os “incrédulos” dos “indoutos” (1Co 14.23s). **“Incrédulo”** torna-se somente aquele que ouve e entende a mensagem libertadora, mas então a rejeita e repudia, independentemente das razões pelas quais isso possa acontecer. Aqui há uma nítida culpa do ser humano. Somente agora Satanás pode realizar sua obra nesses **“incrédulos”**, tornando-os cegos e incapazes de ver. Se antes não “queriam” crer, agora não “conseguem” mais crer. Estão cegos diante do esplendor de luz do evangelho e não captam mais nada da glória do Cristo.

Em que consiste a **“glória do Cristo”**? Paulo a resume em uma única expressão: Cristo é **“a imagem de Deus”**. Nisso Paulo está próximo do que o próprio Jesus afirmou sobre si: **“Quem me vê a mim vê o Pai”** (Jo 14.9). O ser humano, como é agora, naturalmente não consegue ver a Deus sem morrer (Êx 33.20). Por isso Deus concedeu sua **“imagem”**, o Cristo, o Filho, o homem-Deus. Nele a pessoa que busca de fato pode encontrar e “ver” a Deus, obtendo nisso a certeza. Sim, mediante esse “ver” e “espelhar” a própria pessoa é transformada nessa imagem, de glória em glória, como acabamos de ler (2Co 3.18). Tão certo, tão poderoso é o evangelho! Tanto mais terrível é quando pessoas se tornam cegas para tudo isso, dirigindo-se necessariamente para a morte. Um acontecimento tão grave não pode ser usado como argumento contra Paulo, a fim de depreciá-lo em seu serviço. Descortinam-se aqui causas muito diferentes.

- 5 De forma alguma está em jogo a pessoa de Paulo! Tudo fica distorcido quando ocorrem disputas em Corinto por causa dele. **“Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos escravos, por amor de Jesus.”** Paulo fala de si; ao longo de toda a carta ele fará isso repetidamente. Mas são os coríntios que o forcem a isso contra a vontade dele (2Co 12.1,11). Em sua verdadeira proclamação ele não fala de si mesmo. Nela ele é o arauto do Senhor Jesus Cristo. A palavra **“Senhor”** volta a ter sonoridade total. Assim como um novo imperador romano enviava seu arauto, a fim de torná-lo conhecido em todos os lugares como o senhor do império, como senhor do mundo, assim Paulo declara em toda parte que o verdadeiro **“Senhor”** no céu e na terra é Jesus. Paulo e seus colaboradores são apenas **“escravos”**. De modo comvente, porém, Paulo o diz agora aos coríntios que discutem acerca de sua importância como apóstolo. Paulo não formula, como seria de esperar: **“mas a nós mesmos como escravos dele”**, como escravos desse Senhor. Não, ele continua a frase com: **“mas a nós mesmos como vossos escravos”**. Ele existe para os coríntios, foi em prol deles que se sacrificou da sua primeira vinda a Corinto até hoje. Em suas ardentes preocupações e lutas por eles Paulo é justamente **“escravo”** deles, não **“senhor”**, que os controla e forma de acordo com sua própria vontade. É seu **“escravo”** evidentemente **“por amor de Jesus”**! Não se encontra humanamente dependente deles. Não podem tratá-lo arbitrariamente. **“Somos vossos escravos”** não significa **“vós sois nossos senhores”**! Porque **“Senhor”** é unicamente Jesus. O serviço devotado do apóstolo em prol dos coríntios é fundamentado e limitado pelo senhorio de Jesus.
- 6 Na seqüência Paulo volta a enaltecer a glória de seu serviço. Está em jogo a **“iluminação”** das pessoas. Como chega a esse ponto? Como elas vêem o **“resplendor do evangelho”**? Paulo já relatara que sobre o rosto de Moisés pairava o fulgor de Deus, obviamente um brilho limitado e passageiro. Na glória muito maior da nova aliança, porém, o resplendor não repousa mais apenas sobre um único semblante. Agora ele resplandece **“em nosso coração”**, conduzindo ao duradouro **“conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo”**. Esse processo de iluminação divina dos corações somente pode ser comparado com o ato de Deus ao criar a luz no começo da criação. **“Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo a fez resplandecer** (ou: resplandeceu) **em nosso coração, para o resplendor do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo.”** O milagre da criação é que por ordem de Deus brilhou das trevas essa coisa totalmente diferente, a luz, o fundamento de toda a configuração do mundo e de toda a vida. Agora acontece de novo um milagre assim, porém não lá fora no mundo, e sim **“em nosso coração”**. Deus **“a fez resplandecer em nosso coração”**, ou, conforme outra versão do texto original: o próprio Deus **“resplandeceu em nosso coração”**. Paulo não indica como isso aconteceu de forma detalhada. Ele se une aqui com seus colaboradores e – de forma análoga a 2Co 1.21s – certamente com todos os que crêm, e fala de **“nossos corações”**. O **“resplandecer de Deus”** dentro deles não sucede de acordo com um esquema e pode acontecer de forma distinta em cada ser humano. Contudo é o milagre que precisa acontecer no ser humano para que de fato ocorra o **“conhecimento da glória de Deus”**. Nada pode ser obtido em relação a isso por meio de esforços próprios por conhecimento da parte de teólogos e filósofos. Aqui, por mais elevada que seja, a razão dos maiores pensadores permanece completamente imprestável, ignorando o Deus vivo. Deus habita em uma luz

que ninguém pode alcançar (1Tm 6.16). Deus precisa fazer com que essa luz resplandeça em nós para que cheguemos ao conhecimento de Deus.

É difícil dizer a que versão da frase grega deve ser dada preferência. Mas até mesmo quando a versão “**Deus resplandeceu em nosso coração**” for a correta, esse “resplandecer” não terá nada a ver com a “luz interior” da mística. O conhecimento de Deus não acontece diretamente dentro dos corações. Ele acontece de tal modo que a glória de Deus se torna visível “**na face de Jesus Cristo**” e unicamente ali. Estão indissolivelmente interligados o acontecimento “subjetivo” no coração e a revelação “objetiva” em Cristo. Um não pode nem deve ser separado do outro. Jesus nos foi concedido como “imagem de Deus” mediante um fato objetivo. Em sua face, justamente sobre a “**fronte ensangüentada, ferida pela dor, de espinhos coroada, marcada pelo horror**” repousa a glória de Deus. Porém ela é reconhecida ali somente quando a luz de Deus incide no coração do ser humano.

Ao fazer essas afirmações Paulo deve ter pensado não apenas em que ele próprio e seus colaboradores chegaram ao conhecimento de Deus dessa maneira, como ocorreu com ele às portas de Damasco. Em todas as suas exposições Paulo está preocupado com seu serviço. A tradução alemã de Lutero: “Que por meio de nós surgisse a iluminação para o conhecimento da glória de Deus na face de Jesus Cristo” coincide com o sentido real da frase, ainda que no grego a frase seja formulada de forma mais sucinta. Nisso Paulo deve ter em mente outra vez a imagem oposta a Moisés, que precisou encobrir o reflexo da luz divina. Porém a luz que Deus projetou no coração de Paulo resplandece livremente, trazendo a muitas pessoas o fulgor do evangelho, até mesmo quando o inimigo mortal de Deus e dos humanos é capaz de cegar alguns. Também os coríntios devem enxergar o poderoso fato real: pessoas nas mais diversas localidades, “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico” (Rm 15.19) foram alcançadas pelo resplendor de luz, que penetrou no coração de Paulo diante de Damasco, revelando-lhe, na frente daquele que foi executado no madeiro da maldição, a glória de Deus.

A MORTE E VIDA DE JESUS SE MANIFESTAM EM SEUS MENSAGEIROS, 4.7-15

- ⁷ **Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.**
- ⁸ **Em tudo [somos] atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados;**
- ⁹ **perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos;**
- ¹⁰ **levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo.**
- ¹¹ **Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal.**
- ¹² **De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.**
- ¹³ **Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso, é que falei. Também nós cremos; por isso, também falamos,**
- ¹⁴ **sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco.**
- ¹⁵ **Porque todas as coisas [existem] por amor de vós, para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de muitos, para glória de Deus.**

- ⁷ Paulo discorreu sobre a glória de seu serviço, que se sobressai muito além do ministério de Moisés. Contudo volta a ouvir as objeções de Corinto. Querem ali que seu apóstolo seja bastante “glorioso”, imponente, bem-sucedido, poderoso. Mas Paulo seguia continuamente a trajetória do sofrimento, era pobre, humilde, impotente. Como isso combinava com suas grandiosas asserções a respeito de sua “glória”? Paulo não deseja nem pode negar o aspecto aflitivo de sua vida. Agora, porém, ele socorre a incompreensão dos coríntios com uma metáfora impressionante. “**Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós.**” Essa comparação do tesouro no vaso de barro era muito mais familiar para os coríntios do que para nós. Naquele tempo de fato se guardavam objetos extremamente preciosos em vasos de cerâmica, p. ex. preciosos rolos de livros. O vaso de cerâmica não tem valor, é quebrável, talvez já desgastado e trincado. Quem vê apenas o exterior não nota nada do tesouro que ele traz dentro de si. Paulo e sua vida também parecem ser como esses vasos de cerâmica, se observados de fora. Não se pode ver nada de “glória”. Não obstante encontra-se nesse “vaso de barro” o imensurável tesouro do evangelho. Isso, porém, não acontece assim por acaso. Possui um significado bem positivo. Agora não é possível confundir “tesouro” e “vaso”! A atuação de Paulo evidenciava uma “**excelência do poder**”. Mas pelo fato de que ao mesmo tempo o próprio Paulo era esse homem humilde, marcado por sofrimentos, fica inconfundivelmente explícito que esse poder não brotava dele mesmo, mas pertencia exclusivamente a Deus, atestando por consequência apenas a

glória de Deus. Os homens em Corinto que tentavam apoderar-se do comando exibiam sua própria força e grandeza, obscurecendo assim a Deus. Em contraposição, Paulo, que em **2Co 1.11,20; 2.15; 4.6** considera a glorificação de Deus como o alvo máximo e supremo de todos os acontecimentos, levou isso a sério também em sua própria vida e atuação. Na glória de seu serviço deve ficar manifesta não a sua glória, mas a de Deus.

- 8,9** Por isso sua vida e seu serviço precisam ser como de fato são. **“Em tudo [somos] atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desesperados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos.”** Agora fica palpável o que Paulo declarou em **2Co 1.5**. **“Atribulados, perplexos, perseguidos, abatidos”** são os “sofrimentos” que haviam sido mencionados no começo da carta apenas em termos gerais. Contudo há também o “consolo”, o “encorajamento” em tudo por meio do **“porém”** que Paulo consegue contrapor a cada aflição: **“não angustiados, não desesperados, não desamparados, não destruídos.”** Tão real, tão eficaz é o sentido do “consolo”, que consiste não apenas em um lenitivo consolador do ânimo. Paulo sustenta o **“não desesperado”**, embora tenha relatado à igreja em **2Co 1.8** que na Ásia ele “se desesperou, até da própria vida”. Pois mesmo daquela vez ele fora conduzido para uma confiança completamente nova e mais plena no Deus que ressuscita os mortos, experimentando a “salvação de tão grande aflição de morte”.
- 10** Quando, já no início da carta, Paulo lembra os coríntios queixosos de que seus sofrimentos, com os quais se escandalizavam, afinal, seriam “sofrimentos do Cristo” (cf. acima, o comentário a **2Co 1.5**), ele reitera isso com profunda seriedade. Por que sua vida tem esse aspecto que assusta tanto os coríntios? Paulo passa pela vida **“levando sempre no corpo a imolação de Jesus”**. **“A imolação de Jesus”!** Essa expressão é incomum para nós. Preferimos falar do “morrer de Jesus”. Porém “morrer” pode ser um processo natural, que se processa em nós de dentro para fora. Por isso o apóstolo escolheu a palavra “imolação”, porque nela se expressa a violência com que a morte foi aplicada a Jesus, “o príncipe da vida”, por parte do poder hostil do diabo e do mundo. Nessa afirmação Paulo não pode estar se referindo apenas ao evento direto da imolação na cruz. Paulo ainda não precisara sofrer um “morrer” nesse sentido extremo. Mas também em Jesus a “imolação”, o “morrer”, não acontece apenas durante as poucas horas na cruz. No Calvário apenas concentra-se, de forma extrema, o que proporcionava a toda a vida de Jesus, desde a manjedoura, a configuração mortal. Ele sempre fora o Cordeiro de Deus, que carregava os pecados do mundo. Continuamente pesava sobre ele a angústia da morte por parte do mundo, nos enfermos e afligidos pelo diabo, nos cobradores de impostos e pecadores. Continuamente era preciso passar por um “morrer” mediante a renúncia total a qualquer vida privada, mediante a constante entrega à sua obra. Sua **“imolação”** sempre pairava de forma ameaçadora sobre ele no crescente ódio de seus inimigos e no repúdio por parte das pessoas influentes de Israel. Constantemente Jesus é o sacrificado e o que se sacrifica em favor de Deus e das pessoas. Por isso Paulo podia desejar ser conformado com a morte dele (**Fp 3.10**), apesar de viver e atuar na mais intensa atividade. Também ele carrega justamente em seu engajamento como apóstolo **“sempre no corpo a imolação de Jesus”**. A expressão **“no corpo”** visa destacar o fato de que seus sofrimentos não são apenas “interiores” e que não se trata apenas de um “morrer místico” em sua alma. Não, a “imolação de Jesus” repercute em sua vida física e real. Em **2Co 11.23-33** ele nos dará uma ilustração muito palpável disso. Por essa razão sua frase também não tem nada a ver com idéias “ascéticas”, com qualquer alegria com a “mortificação de seu corpo”. O sofrimento o atingiu da maneira como atingira a Jesus. O morrer também fora imposto a ele, ele não o buscara pessoalmente. Não é um fim em si mesmo, mas serve a um grande alvo positivo: **“para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo.”** Por isso ele destaca justamente **“porque nós, que vivemos”**, os mensageiros de Jesus que se encontram plenamente na vida e atuação, somos os que por amor de Jesus temos de trilhar continuamente essa trajetória de morte e trazemos em nós a configuração de morte.
- 11** **“Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus.”** Não é por acaso que a palavra **“entregue”** se impõe aqui. Um termo muito grave paira sobre a **“imolação de Jesus”**. Essa “imolação” somente foi viável porque Jesus foi “entregue”. Primeiramente pelo próprio Deus (**Rm 4.25; 8.32**), mas depois também por pessoas (**Mt 20.18; 20.19; 27.2,26; At 3.13**) e especialmente pelo discípulo que o “traiu, entregou”. Ao mesmo tempo, o próprio Jesus realizou nisso por liberdade soberana sua “entrega” (**Gl 2.10; Ef 5.2**). E agora alguém como o apóstolo Paulo pode considerar seus sofrimentos como participação na paixão de Cristo de forma tão nítida (**Fp 3.10; 2Co 1.5**), a ponto de aplicar a palavra “entregar” também a si mesmo. Também ele e seus colaboradores **“estão sendo entregues à morte por causa de Jesus”**. Contudo ele sublinha imediatamente o poderoso alvo positivo a que esse “morrer” serve: **“para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal”**. Aqui vigoram condicionamentos inevitáveis que se revelaram ao apóstolo pelo próprio Jesus. Justamente essa imolação de Jesus no madeiro maldito, contra a qual Paulo se havia rebelado passionalmente, era a salvação do mundo e trazia aos perdidos salvação e vida eterna. Por isso **“a vida de Jesus”** em nossa carne mortal não pode ser manifesta de outro modo do que pelo sofrimento e morte dessa carne. Paulo simplesmente expõe um fato diante de nós. Nessa questão vigora uma lei interior que não pode ser racionalmente evidenciada, mas apenas experimentada na vida e testemunhada pelo empenho da vida. O próprio Jesus somente foi capaz de explicitar essa lei por meio de uma metáfora, quando falou do grão

de trigo que somente traz fruto ao cair na terra e morrer (Jo 12.24,25). Toda tentativa de preservar nossa “carne” é vã. A carne é “**mortal**” e refém da morte. No entanto, que fruto maravilhoso essa “**carne mortal**” pode produzir agora: nessa carne, que em si mesma é completamente imprestável para Deus, “**manifesta-se**” agora “**a vida de Jesus**”, a vida de Deus! Será que ao invés disso os coríntios queriam enfeitar e engrandecer essa carne, de sorte que não pudesse servir mais à vida de Jesus? Com isso Paulo ao mesmo tempo esclarece a primeira frase desse trecho de modo singular. A “**carne mortal**” é o “recipiente de cerâmica”, o “tesouro” dentro dele é a “**vida de Jesus**”, que se torna eficaz no empenho sofredor dos mensageiros.

Essas não são frases teóricas, isso é pura realidade e experiência. Uma característica indispensável ao serviço genuíno para Jesus é exposta diante dos coríntios, que imaginavam esse serviço de modo completamente diferente. Aquilo que aconteceu com Jesus durante toda a sua vida em termos de rejeição, hostilidade, infâmia, suportando dores, enfermidade e pecado, isso também precisa acontecer em certa medida com suas testemunhas e servos, para que a “**vida de Jesus**”, sua atuação redentora, auxiliadora e glorificadora de Deus por meio de suas testemunhas e seus mensageiros possa penetrar no mundo.

12 Nessa prática ocorre uma estranha divisão: “**De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida.**” Como isso deve envergonhar os coríntios insatisfeitos! O ônus e a dureza dessa lei de vida do autêntico serviço não atinge a eles, mas a Paulo e seus colaboradores. Por intermédio dos sofrimentos e aflições e lutas de seu apóstolo os coríntios receberam a vida, a vida de Jesus, a vida eterna. Por que reclamam?

13 Nesse texto Paulo novamente rejeita toda a compreensão “mística” desse “morrer e viver”. Um equívoco desse tipo era plausível naquele tempo, porque também nos cultos de mistérios da época se falava muito do “morrer da divindade” e da “obtenção da vida” assim conquistada. O evangelho não tratava de uma união mística ou sacramental com uma divindade que morre e ressuscita! O apóstolo de Jesus Cristo não se situa na correnteza das “religiões” por meio de uma “mística”. Ele integra a série de “crentes” de que a Escritura testemunha em todas as suas páginas. Possui “**o mesmo espírito da fé, como está escrito**”. O Espírito de Deus criou também nele a fé, enchendo-o com o “**espírito da fé**”. Esse “**espírito da fé**” impele o apóstolo a falar e sustenta toda a sua atuação, incluindo a totalidade dos sofrimentos dela decorrentes e que “conformam” Paulo “com a morte de Jesus”. É isso que o apóstolo afirma agora de modo muito enfático. “**Tendo, porém, o mesmo espírito da fé, como está escrito: Eu cri; por isso é que falei. Também nós cremos; por isso também falamos.**”

Ao citar aqui uma palavra do **Salmo 116**, Paulo não apenas se refere a essa frase isolada, mas tem em mente o salmo todo. Esse salmo fala de sofrimentos e aflições, de perigos mortais, enaltecendo a salvação e convocando para o louvor de Deus, que considera digna a morte de seus santos e que é capaz de ajudar tão maravilhosamente. Em decorrência, o salmo fala de tudo o que também movia o coração do apóstolo ao ditar essa sua carta a Corinto. Paulo sente toda a oração do salmista como seu próprio pensar e falar com Deus. Ele tem “**o mesmo espírito da fé**” daquele que testemunha sua experiência com Deus no **Salmo 116**. Por isso Paulo não se deixa calar ao longo de todas as tribulações e aflições: “**Assim também nós cremos; por isso, também falamos.**” Verdadeiro crer visa sair de si. A primeira coisa é sair de si em palavra e testemunho. “Crer” e “falar” encontram-se em uma estreita relação já experimentada pelo salmista e também conhecida do apóstolo. Essa necessidade de falar a partir da fé revela seu poder interior com particular clareza em Paulo, porque é essa proclamação de Jesus, oriunda da fé, que lança o apóstolo de maneira muito real em constantes perigos de morte.

14 Contudo, justamente a sua fé também dá a Paulo um forte consolo. Na fé ele conhece algo decisivo para seu viver e morrer: “**sabendo que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará convosco.**” Já em **2Co 1.9** Paulo havia testemunhado como o olhar de sua fé fora dirigido para Deus, que ressuscita os mortos. Na ressurreição de Jesus esse Deus se manifestou de forma muito concreta e gloriosa. Para aquele que crê na nova aliança, sob a perspectiva da Páscoa, aquilo que possuía o crente da antiga aliança, o orador do **Salmo 116**, foi ultrapassado em muito. Ele via Deus essencialmente na história de sua própria vida. Paulo, porém, contempla os feitos de Deus em Jesus. Esses feitos valem para todos aqueles que crêem em Jesus. Paulo sabe com plena certeza que o Deus que ressuscitou Jesus “**também nos ressuscitará com Jesus**”. Pelo fato de Jesus ter vindo “para nós” e sido entregue “por nós” esse abrangente “**com Jesus**” vale para todo aquele que se deixou resgatar por alto preço para ser propriedade de Jesus. Por isso Paulo é capaz de suportar “em sua carne mortal” todos os sofrimentos por Jesus e sua igreja, entregando sua vida terrena à morte. Diante dele um futuro imperdível descortina-se em toda a glória. A ressurreição da morte conduz a um maravilhoso triunfo: Deus “**apresentará**” Paulo “**convosco**”. Essa “apresentação” é um ato solene, comparável a um desfile de vitoriosos depois de vencerem uma guerra. Essa apresentação leva à perfeição a marcha triunfal do Cristo que já começou com aqueles que foram conquistados para a fé (**2Co 2.14**). Agora o triunfo do Cristo ainda está “encoberto”, *sub cruce tecta*, oculto sob a cruz, como Lutero afirmava com frequência. Naquele dia, porém, naquela “apresentação”, será manifesto perante o universo e os poderes celestiais. Então, mas somente então, os coríntios verão essa “glória” da qual sentem falta em seu apóstolo e não conseguem ver em sua vida sofrida e assolada.

É comovente e um testemunho do que é amor autêntico o fato de Paulo não dizer aos coríntios, em tom de advertência: a nós, testemunhas aprovadas em sofrimentos, Deus ressuscitará e apresentará gloriosamente, mas será que vós, coríntios, de fato estareis conosco, se não partilhais dos sofrimentos, antes ainda me criticais por causa dos sofrimentos e sois uma igreja tão complicada e muitas vezes fracassada? Não, ele conhece uma verdade e não quer saber de outra: **“Deus nos apresentará convosco”**. Também aqui vigora um **“junto com”** que recebe sua veracidade e sua força do indissolúvel **“junto com Jesus”**. “Quem no Senhor se encontra, nele também perdurará.” Esse laço não se desfaz, nem mesmo por tanta ingratidão e infidelidade que pousava como culpa sobre a igreja. Na seqüência Paulo torna a sublinhar isso.

- 15** Toda a sua trajetória de sofrimentos e aflições tem por alvo não sua própria glorificação, mas a vida da igreja. **“Porque todas as coisas acontecem por amor de vós.”** Assim pensa, labuta e sofre o amor. Mas também aqui Paulo não pára nesse **“por amor de vós”**. Seu amor não pertence apenas à igreja. Seu amor pertence com gratidão e adoração a Deus, que em tudo é aquele que cria, age, concede. De sua graça em Jesus vem tudo o que preenche o serviço maravilhoso da nova aliança. Por isso, tudo precisa chegar a seu alvo final na glorificação de Deus, **“para que a graça, multiplicando-se, torne abundantes as ações de graças por meio de um número crescente, para glória de Deus”**. Aqui o apóstolo e a igreja estão unidos no ponto mais profundo. O trabalho e os sofrimentos do apóstolo fazem com que a “igreja” se forme e cresça continuamente. Mas essa igreja não existe para si mesma. Ela vive e cresce para que **“por meio de um número crescente”** as ações de graças **“se tornem abundantes”** e enalteilam a inefável graça de Deus. Pela imolação e ressurreição de Jesus e por meio do envio dos servos da nova aliança essa graça fez de pessoas perdidas sob o “deus dessa era” filhos redimidos do Deus vivo. Como agora Deus será reconhecido cada vez mais por essa sua graça ricamente eficaz e será glorificado por um número cada vez maior de pessoas que o adoram com gratidão! Quando a igreja em Corinto agarrar esse grande alvo e de fato transbordar em ações de graças, então ela mesma também ficará em ordem. Então ela amará seu apóstolo, por meio de cuja trajetória de sofrimentos a graça redentora de Deus veio até ela. Então ela tampouco desejará continuar postada em quaisquer “alturas” e já não poderá destruir sua comunhão por meio de um ciumento culto a pessoas. Olhar para a santidade de Deus e louvar a Deus com gratidão unem e ligam. É a esse ponto que o apóstolo deseja levar a igreja em Corinto.

NA MORTE DO SER HUMANO EXTERIOR ACONTECE A RENOVAÇÃO DO SER HUMANO INTERIOR, 4.16-18

- 16** Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.
- 17** Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação,
- 18** não atentando nós nas coisas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas.

- 16** Paulo olha para sua vida e atuação, que trazem consigo de forma totalmente real “a imolação de Jesus”. Ele sabe que não se trata de períodos isolados de aflição que são superados, dando lugar a períodos tranquilos e felizes. Não, a corrente de tribulações e perseguições não se rompe. Será que isso finalmente não o deixará **“desanimado”** e cansado? Justamente agora, porém, depois de olhar para o necessário sofrimento de sua vida, Paulo repete o que havia assegurado aos coríntios em **2Co 4.1**: **“Por isso, não desanimamos (ou: cansamos).”** **“Por isso”** não, uma vez que o olhar para a vida que ele vive, tornou-se um olhar para a glória vindoura. Na nova existência da ressurreição eles serão “apresentados” diante da face do Deus vivo em conjunto com a amada igreja. Como poderia haver cansaço e desânimo diante desse alvo?

É essa a certeza que Paulo explicita mais uma vez a si e aos coríntios. Desde já, sua experiência em meio a todos os sofrimentos é esta: **“mesmo que o nosso homem exterior se desgaste, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia.”** Sem dúvida, em Paulo e seus colaboradores pode-se ver nitidamente que seu **“homem exterior se desgasta”**. Esse constante engajamento, essas lutas e tribulações reiteradas consomem a força, e na verdade não apenas a força física, mas também a intelectual e psíquica. Também ela pertence àquilo que Paulo chama de **“homem exterior”**. Mas dentro disso tudo Paulo experimenta que seu **“homem interior se renova de dia em dia”**. Esse **“homem interior”** não é simplesmente o aspecto interior intelectual do ser humano. Quem esteve pessoalmente em um sofrimento constante sabe que justamente também sua “vida interior” inata é corroída e ameaça afundar em desânimo, cansaço e amargura. Não, Paulo refere-se à pessoa que tem o “mesmo espírito da fé”, o ser humano que “com o rosto descoberto reflete a glória do Senhor e é transformado na mesma imagem” (**2Co 3.18; 4.13**). Esse **“homem interior”** **“se renova”** dia após dia, pela maneira e razão pela qual ele é “transformado” dia após dia. A fé está presente de forma

renovada e cada vez mais profunda e aprovada. Experimenta-se o “consolo” de Deus em encorajamentos e libertações de formas sempre novas. Esse ser humano de fé não se esgota, mas é incansável e constantemente livre e disposto a servir, a sofrer, a morrer, para que por intermédio dele a vida de Jesus se torne eficaz em outros.

17,18 Já no v. 14 o olhar se voltou ao grande alvo da glória vindoura, à ressurreição e à “apresentação” junto com a igreja. Agora o apóstolo torna a descrever de maneira impactante esse olhar para o alvo. A visão do futuro está totalmente relacionada ao presente. Justamente por meio dessa referência toda a ilustração se torna magnífica, permitindo que presente e futuro sejam vistos sob uma luz completamente nova e em padrões de magnitude inesperados. **“Porque o peso leve e momentâneo da tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, para nós, que não atentamos nas coisas que se vêem, mas nas não-visíveis; porque as que se vêem são passageiras (temporais), e as que se não vêem são eternas.”**

Já não há como entender equivocadamente **“o peso leve e momentâneo da tribulação”**, depois ler a respeito da “grande medida dos sofrimentos de Cristo” (2Co 1.5), do ser sobrecarregado “acima das forças” (2Co 1.8) e da configuração concreta e da gravidade dos sofrimentos, em 2Co 4.8-10. Não é um novato inexperiente que irresponsavelmente formula palavras piedosas sobre a leveza dos sofrimentos, que somente poderiam ser lidas com indignação por pessoas realmente sofredoras. Não, o homem que depois descreverá todo o peso de seus sofrimentos em 2Co 11.23-33 tem coragem de afirmar que todo o sofrimento na verdade é apenas **“peso leve”**. Isso se deve ao fato de que ele sempre é apenas **“momentâneo”**, preenchendo apenas o respectivo instante e desaparecendo com toda a temporalidade. A metáfora do **“peso”** se mostra muito útil. O “peso” em si é sempre algo relativo. Uma tonelada seria “leve” ou “pesada”? Isso somente pode ser respondido em comparação com outros pesos. Naturalmente uma tonelada é muito “pesada” comparada a um quilo; mas para um navio de 10.000 toneladas uma tonelada é coisa pequena. Medida pela força própria de Paulo **“a tribulação na Ásia”** era insuportavelmente pesada. Agora, porém, ele mede seu sofrimento por Jesus, pelo **“eterno peso de glória”**, que já é infinitamente superior ao peso da tribulação pelo fato de possuir eternidade. Diante da magnitude do “eterno” qualquer número, por maior que seja, é ínfimo. Mas a “glória” divina sobressai também por si mesma a todos os sofrimentos. Em Corinto, o apóstolo escreverá aos romanos (Rm 8.18): “Os sofrimentos do presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós”. Jesus explicou o conceito pela metáfora da mulher que está para dar à luz: depois de ter dado à luz a criança, já não lembra da angústia, por causa da alegria de que um ser humano viu a luz do mundo (Jo 16.21). Quando vier o que é perfeito e acabar o que é em parte (1Co 13.10), quando Deus renovar tudo e enxugar pessoalmente as lágrimas de nossos olhos, quando, em uma criação renovada, sem sofrimento, clamor e dor, tudo luzir e brilhar sob a glória de Deus (Ap 21), então os sofrimentos apenas serão uma sombra que torna a luz tanto mais refulgente para nós.

Aliás, **“tribulação”** e **“glória”** não apenas estão lado a lado de tal forma que se possa aferir seu peso uma pela outra. Não, **“tribulação produz glória”**. Paulo constatou isso em Jesus. Por ter-se despojado e ter seguido a trajetória do sofrimento, obediente até a morte, sim, a morte na cruz, “por isso” Deus exaltou a Jesus “sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome” (Fp 2.5-11). A “imolação de Jesus” conduziu à maravilhosa “vida de Jesus”. Então, porém, não pode ser outra a situação daqueles que pertencem a Jesus, que lhe servem e assim participam de sua “imolação” e de sua “vida”, de sua “humilhação” e de sua “exaltação”. Nessa afirmação Paulo enfatiza mais uma vez o infinito “peso maior” da glória. A tribulação gera glória **“acima de toda comparação”**. Por isto Paulo vê diante de si que as poucas gramas de breve tribulação produzem para nós toneladas de eterna glória.

Em que consistiu esse **“eterno peso de glória”** para Paulo? Ele não diz. Mas, considerando que no v. 14 ele espera por sua apresentação junto com os coríntios e os via com os tessalonicenses perante a face de Jesus na perfeição, visualizando nisso sua alegria ou coroa de glória (1Ts 2.19), é possível que também aqui tenha pensado, ao falar de “glória”, em todo o fruto de seu trabalho e de seus sofrimentos no serviço a Jesus. Nesse caso as **“toneladas de eterna glória”** seriam “colheita” de uma penosa labuta de semeador (cf. Gl 6.9).

No entanto, será que também nós somos capazes de ver as coisas dessa maneira? Vivemos nessa atitude? O próprio Paulo ressalta enfaticamente que obviamente não é assim para todos, mas apenas **“para nós”** que cumprimos determinada condição fundamental. O “ser humano natural” não considera o que Paulo afirma como nada mais que um absurdo, uma estranha excentricidade. Aqui precisamente fica claro que o “crente”, o ser humano em Cristo, de fato é uma “nova criação” (2Co 5.17), diferenciando-se radicalmente do ser humano carnal. Foi apresentado com um ponto de vista totalmente novo. Obviamente este “ver” é do tipo mais peculiar. A paradoxal expressão “ver para o invisível” (Lutero) deixa isso claro. Paulo, porém, não emprega aqui a palavra comum para “ver”, mas a expressão *skopeo*. Nisso reside uma alusão ao “escopo”, a coluna na antiga pista de corridas que tinha de ser contornada como “alvo” e na qual se fixava o olhar atento do corredor ou do piloto de bigas. Trata-se do **“atentar”**, do “olhar-alvo”. Para onde nós o dirigimos? Em que vemos o “alvo” de nossa vida?

No entanto Paulo não é um “platônico” que vê o mundo em dois andares e o divide em uma esfera “superior”, invisível, intelectual e exclusivamente preciosa, e outra realidade visível, física e sem valor. Todo

o significado que o corpo e o físico possuem para Paulo e seu engajamento de vida (2Co 4.10s) deixa isso tão claro quanto a síntese de toda a sua esperança na palavra “ressurreição”. É digno de nota que na presente passagem ele não forme a palavra *ablepomena* (“coisas invisíveis”) e tampouco diga *ou blepomena* [coisas não vistas], mas que expresse a negação pela palavra *mé*. O “**não-visível**” não é, portanto, por natureza simplesmente “invisível”, mas é aquilo que por diversas razões agora ainda não pode nem deve ser visto. É aquilo que agora não se apresenta ao olhar. A circunstância de que a realidade da eternidade em si não é simplesmente “invisível” aparece em 2Co 4.4-6, onde Paulo fala do “resplendor de luz” que permite ver a glória de Deus. Sim, de acordo com 2Co 3.16 nós refletimos com tanta eficácia essa glória com o rosto descoberto que parte dela um poder transformador. Mas “**ainda não visível**” é a perfeição vindoura. Paulo já escrevera aos coríntios na primeira carta (1Co 13.12): “Agora vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face.” Paulo se refere ao “vindouro”, não o “transcendente” como tal. Porém justamente ali no vindouro está o “escopo” dos crentes, o alvo, justamente para lá dirige-se seu olhar. De fato são capazes de “ver através do horizonte”. Seu olhar não se prende àquilo que agora está ao alcance da vista de qualquer um e que se impõe por si mesmo ao olhar e ao coração dos humanos, visando controlá-los completamente. Paulo declara literalmente: “**Não dirigimos nosso olhar-alvo para as coisas que se vêem.**” Naturalmente “vemos” as “coisas visíveis”; tampouco simplesmente deixa de ter importância. Porém não encontramos nelas o “alvo” de nossa vida. Nosso “olhar-alvo” dirige-se para as coisas “não-visíveis”. A fim de ter esse olhar-alvo, o crente recebe ajuda do reconhecimento de que todas as coisas visíveis duram apenas pouco tempo, são “momentâneas” e por isso “**passageiras**”. O agora “**não-visível**” é o permanente, o “eterno”, o “eônico” que preenche o novo *éon* [era, século]. Aquele que crê desmascara o curioso engodo a que as pessoas sucumbem por natureza. Para elas, o mundo visível vale como a única coisa segura e compensadora. Deus e seu reino lhes parecem nebulosos e incertos. Na visão delas, quem busca ali seu alvo é um sonhador tolo. Na realidade acontece exatamente o oposto. Tudo pelo que as pessoas deste mundo lutam com total engajamento decaem e se desfaz. Conseqüentemente é um tolo justamente aquele que busca aqui apaixonadamente a plenitude de sua vida. Quem crê é o verdadeiro realista, que conta com realidades definitivas e permanentes. Assim o apóstolo se posiciona com esse olhar-alvo em seus trabalhos, lutas e sofrimentos. Os coríntios hão de compreendê-lo quando tiverem o mesmo olhar realista para a verdadeira realidade.

A CERTEZA DE PAULO EM VISTA DE SUA MORTE, 5.1-10

- ¹ **Sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos da parte de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus.**
- ² **E, por isso, neste [tabernáculo], gememos, aspirando por sermos revestidos da nossa habitação celestial;**
- ³ **se, todavia, formos encontrados vestidos e não nus.**
- ⁴ **Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despídos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.**
- ⁵ **Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor (ou: a primeira prestação) do Espírito.**
- ⁶ **Temos, portanto, sempre bom ânimo, sabendo que, enquanto no corpo, estamos ausentes do Senhor;**
- ⁷ **visto que andamos por fé e não pelo que vemos.**
- ⁸ **Entretanto, estamos em plena confiança, preferindo deixar o corpo e habitar com o Senhor (ou: ter nossa pátria junto do Senhor)**
- ⁹ **É por isso que também nos esforçamos, quer presentes, quer ausentes, para lhe sermos agradáveis.**
- ¹⁰ **Porque importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o bem ou o mal (ou: o imprestável) que tiver feito por meio do corpo.**

Neste trecho deparamo-nos com afirmações do apóstolo cuja explicação e compreensão são muito controversas. Isso tem a ver com o fato de que aqui não se trata de uma análise teológica fundamental que desdobra um tema em todas as direções, e sim de uma carta que tão somente faz alusões sucintas e deixa diversas questões em aberto.

Talvez o apóstolo esteja reagindo a perguntas levantadas em Corinto com relação às exposições feitas em 1Co 15. Contudo, de acordo com o posicionamento geral da carta, é bem mais provável que o texto represente pura e simplesmente uma continuação da explicação que Paulo dedica a seu serviço. O serviço da nova aliança é cheio de glória. Porém é igualmente cheio de sofrimentos e perigos. Há pouco Paulo fora confrontado diretamente com a morte na Ásia. Uma morte violenta pode atingi-lo a qualquer hora antes da volta de Jesus.

É desse morrer que ele fala, chamando-o de “desfazer o tabernáculo”, de “ser despido”, de “emigrar do corpo”. O que será dele então? Como ele encara a morte?

- 1 Em relação à sua morte o apóstolo possui um “saber” bem firme e certo. Pelo que parece, ele partilha esse conhecimento com seus colaboradores, com os quais deve ter conversado muitas vezes sobre a morte durante jornadas perigosas. “**Sabemos que, se a nossa casa terrestre, a tenda do corpo, se desfizer, temos [da parte] de Deus um edifício, casa não feita por mãos, eterna, nos céus.**” Independentemente do que a morte destruir e tirar, “**temos**” algo muito melhor e maior! Se nossa morada atual era apenas uma “**tenda do corpo**”, muito frágil, transitória e exposta a poderes destrutivos, encontra-se diante de nosso “olhar-alvo”, voltado para o não-visível (2Co 4.18!), um “**edifício da parte de Deus**”. Essa construção não está fadada ao desmanche. Aqui Deus está criando algo “**eterno**”. Ela também não pertence ao mundo terreno e transitório, mas está “**nos céus**”. Ao acrescentar “**não feito por mãos**”, Paulo talvez tenha pensado no fato de que não obtemos nosso corpo terreno sem a cooperação humana na concepção e no parto. Provavelmente, porém, a expressão seja motivada simplesmente pela metáfora da casa: todas as casas são “feitas por mãos”. Esse “edifício nos céus”, porém, é de cunho completamente diverso.

Esse edifício, destinado à morada eterna, encontra-se “**nos céus**”. Essa maneira também se usa no NT para falar da nova cidade de Deus, a nova Jerusalém (Gl 4.26; Ap 21.2). A nova cidade e nosso novo edifício de moradia não são construídos apenas no fim dos tempos, mas já existem no “céu”, a saber, no mundo eterno de Deus. Que certeza representa isso! Quanto consolo para a morte isso traz consigo!

Em que sentido, porém, “**temos**” nós o novo “**edifício**”? Em outras palavras: quando o receberemos? Será que ele se torna nossa morada permanente imediatamente depois de desfeita a “tenda”? Será que se deve aduzir, para interpretar esta passagem, a palavra de Jesus em Jo 14.2,3 acerca da casa do Pai com as muitas moradas? O singelo teor da frase, lida despreocupadamente, parece afirmar claramente: “Quando a tenda se desfizer, então teremos...” O apóstolo não escreve: “Quando a tenda for desfeita nós nos consolaremos com o fato de que mais tarde haveremos de ter...” Uma interpretação dessas é corroborada pelo que Paulo escreverá em 2Co 12.2-4: viu “os céus” como plena realidade e esteve arrebatado ao paraíso. Por que um arrebatamento ao mundo celestial não haveria de acontecer no momento em que o crente morre? E por que ele não haveria de encontrar ali o novo “**edifício**”, a “**casa eterna nos céus**”? A isso se agregam afirmações como Fp 1.23, que falam de um “estar com Cristo” imediatamente após a morte.

No entanto, observemos também asserções como em 2Tm 4.8: a coroa da justiça “está guardada já agora” para o apóstolo, mas o Senhor somente lha dará “naquele dia”, quando ele também a conferir a todos os demais que amam sua manifestação. Não seria possível que também “tenhamos” a casa celestial e apesar disso a recebamos de fato “naquele dia”, seja na “ressurreição”, seja ao sermos “revestidos”?

Muito a sério deve ser levada a seguinte pergunta: se recebemos o novo “**edifício**” imediatamente após a morte, onde fica, afinal, a “ressurreição”, que no geral sempre é entendida como ser presenteado com o novo “corpo de glória”? Por exemplo, será que o v. 1 entende, diferentemente do v. 2, por “edifício” não o corpo pessoal, mas de fato a “casa do Pai com as muitas moradas”? Observamos diversas vezes que o apóstolo costuma modificar rapidamente suas metáforas e enfocá-las de outra maneira. Ou será que ele alterou toda a sua concepção no decurso do tempo, esperando agora, na iminência da própria morte, a dádiva do novo corpo não apenas na parusia, mas imediatamente após sua morte? Porventura isso está ligado ao fato de que ele tem certeza de “estar com Cristo” imediatamente depois da morte física (Fp 1.23), mas que nem sequer consegue imaginar um estado de vida “sem corpo”? Será que no paraíso ele viu filhos de Deus com o novo corpo? Não há como responder a todas essas perguntas. As declarações do apóstolo são sucintas demais nos presentes versículos e em outras passagens. Afinal, o que temos diante de nós são sempre “frases de cartas” e não trechos de um manual de doutrina teológica.

De qualquer maneira, a “ressurreição dos mortos” ainda não estaria excluída caso recebêssemos o novo corpo logo após a morte. Nesse ponto é significativo que, diante da questão sobre a ressurreição junto aos saduceus, o próprio Jesus aponte para a “vida” dos patriarcas junto de Deus e não vê nisso qualquer contradição com a “ressurreição” (Lc 20.37,38). A “ressurreição dos mortos” corresponderia à “descida” da nova Jerusalém do mundo celestial. Também essa maravilhosa cidade de Deus já existe no céu, perfeita; porém ela atinge a atuação viva somente pela descida para a nova terra. A “ressurreição dos mortos” seria, portanto, o presente de uma nova e viva participação na história perfeita de Deus nos grandes feitos do Senhor vindouro.

Em hipótese nenhuma é correta a alegação de que esse tipo de versão da esperança tornaria desnecessária toda a escatologia em que o apóstolo, afinal, geralmente deposita toda a ênfase. Nessa alegação se afirma: se, depois de morrer, Paulo possui imediatamente o novo edifício no céu, na qual pode viver, ele não teria “tudo”, podendo abrir mão da parusia, ressurreição, arrebatamento? No entanto Paulo poderia pensar assim apenas se fosse um “individualista” que tão somente se interessa por seu bem-estar pessoal e sua própria bem-aventurança. Paulo estava bem longe desses pensamentos. Por intermédio de Jesus ele se tornara uma pessoa liberta de si mesma, que “vivia para Deus” (Rm 6.11; 7.4). Vimos acima o quanto também na presente carta a honra de Deus sempre era para ele o alvo final, no qual permanecia fixo o seu olhar. “Seja santificado o teu

nome, venha o teu reino, seja feita a tua vontade assim na terra como no céu” – esse anseio vivia nele. Se, pois, ao morrer Paulo encontrasse no céu o novo edifício, será que com isso teria irrompido o reino de Deus? Será que os magníficos planos de Deus com sua criação e humanidade teriam alcançado o alvo? Será que dessa maneira Jesus estaria glorificado, e sua obra fundamentada na cruz e na ressurreição estaria consumada? A esperança pessoal na morte de forma alguma torna obsoleta a grande esperança escatológica! Por isso também na carta aos Filipenses ambas as coisas aparecem lado-a-lado (Fp 1.23 e Fp 3.20s), sem que uma deprecie ou desloque a outra.

- 2 Contudo, será que a “interpretação escatológica” do v. 1 não se torna inevitável quando enfocamos os versículos subseqüentes? Logo no v. 2 o apóstolo testemunha um profundo “gemer” com vistas a sua eventual morte antes da vinda do Senhor. Será que ele ainda “gemia” se estivesse certo de que por intermédio da morte chegaria imediatamente até o Senhor e ali encontraria até mesmo o novo edifício? Será que o “gemer” não se torna compreensível apenas se ele teme uma situação “despida”, i. é, “sem corpo” e árida, em que ele haveria de cair se morresse antes da parusia? Não é justamente isso que afirma o v. 2? Debrucemo-nos sobre sua explicação.

“E também nessa [condição] gememos, porque aspiramos por revestir-nos da nossa habitação que vem do céu.” Paulo relaciona a morte com um gemer. Como isso é confortante para nós, que seguramente também o fazemos! “Também nessa [condição]”, também quando vemos diante de nós com certeza a nova habitação eterna, “gememos”. Por quê? Paulo responde inequivocamente: “**porque aspiramos por revestir-nos da nossa habitação que vem do céu.**” Paulo resiste contra o “ser despido”, aspirando em troca “revestir-se” da nova casa. Nesse pensamento ele altera a metáfora que acaba de empregar: a “casa” jamais se torna uma “roupa” que se pudesse vestir sobre outra roupa, assim como a “tenda” se transforma em “veste” da qual somos despidos – ao morrer. O almejado “revestir-se” aconteceria com Paulo se ele ainda presenciasse a parusia de seu Senhor na terra. É por isso que aspira.

- 4 Por ora deixaremos de lado a breve frase intercalada do v. 3. No v. 4 o apóstolo repete e sublinha novamente o que escrevera no v. 2. “**Pois, na verdade, nós que estamos nesta tenda do corpo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.**” Paulo resiste à morte como tal! Porque a morte é difícil e dura, independentemente do que espera por nós depois. Ela se processa por meio de um “desmonte”, um “despir-se”. É um “emigrar” do corpo e, por conseqüência, de toda a existência habitual e conhecida. Não há porque nos preocuparmos com o fato de que a certeza de uma nova e viva existência imediatamente após a morte não tire a seriedade da morte! Enquanto vivermos nessa tenda passageira, “**gememos angustiados**”. A morte continua sendo o “inimigo”. Sofremos com o fato de que uma vida plena de fé e do Espírito Santo não pode passar “num momento, num abrir e fechar de olhos” (1Co 15.52) para a glória plena de uma nova existência, mas precisa suportar o processo, muitas vezes longo e penoso, do desmonte da tenda, com seus fardos, fadigas e dores. Se presenciássemos a parusia do Senhor, seríamos poupados de tudo isso. O mortal seria “**absorvido pela vida**”. A nova veste de que fomos “revestidos” simplesmente faria desaparecer a antiga. É isso que aspiramos e desejamos! Contudo, é incerto se o alcançaremos. Paulo tem de contar com a possibilidade de não presenciar mais em vida a volta de seu Senhor, mas ser alcançado antes pela morte. Isso é e continua sendo difícil para ele, e motivo para gemer.
- 3 Como, porém, deve ser entendida nesse contexto a breve frase do v. 3? Os representantes de uma exegese puramente escatológica do presente texto encontram aqui uma confirmação decisiva de sua concepção e traduzem: “uma vez que apenas quando nos tivermos revestido dessa (habitação) não seremos encontrados nus.” Mas a palavra decisiva para tal interpretação e tradução, “essa habitação”, não ocorre no texto. E de que serviria a importante palavra “ser encontrados” se Paulo aqui falasse apenas de seu próprio temor diante de um estado “despido”, “sem corpo”? “**Ser encontrado**” é o resultado de uma verificação judicial. É o próprio Senhor que nos “**encontra**” “vestidos” ou “nus” por ocasião de sua parusia. Como gosta de fazer, Paulo alterou o enfoque da metáfora inicial do “revestir-se”. Está pensando naquele “revestir-se” que é necessário para os que acordaram do sono, o “revestir-se do Senhor Jesus Cristo” que ele cita em Rm 13.14 igualmente em contexto escatológico, que em Gl 3.27 é transformado na característica fundamental do verdadeiro ser cristão e que em Ef 4.22-24; Cl 3.9s constitui o alicerce abrangente da transformação da existência no crente. O anseio de, por ocasião da parusia, “revestir-nos” de nossa habitação do céu somente pode cumprir-se “**se de fato como tais que se vestiram, não formos encontrados nus**”. Se tivéssemos de temer o olhar do Senhor na condição de “nus” e cheios de temor (Gn 3.10), nossa esperança seria em vão.
- 5 Não sabemos como será conosco e com nosso viver e morrer. Por essa razão Paulo outra vez destacou no v. 4 o que é difícil em nossa situação. No entanto podemos ter a certeza de que nosso anseio, de entrar na vida sem morrer, por meio da transformação direta, foi colocado em nós pelo próprio Deus, motivo pelo qual nosso “gemer”, nosso temor diante da morte, não é nada pecaminoso. “**Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor (ou: a primeira prestação) do Espírito.**” Pessoas em que o Espírito de Deus habita e que por isso têm participação na vida de Deus não sentem a morte menos, mas muito mais como poder do inimigo. Conseqüentemente, nem para o próprio Jesus, o Filho de Deus, a morte foi algo

leve, mas algo com que ele teve de lutar arduamente. Afinal não se deve esquecer que a morte não é nada “natural”, mas juízo de Deus, que foi entregue ao poder do diabo (Hb 2.14). Afinal, será que um filho de Deus ainda precisa sofrer essa morte? Já em 2Co 1.22 Paulo chama o Espírito em nosso coração de “penhor” ou de “primeira prestação”. **“Penhor”** e “primeira prestação” ainda não são a quantia total, mas apenas uma pequena parte. Porém são para nós garantia de que receberemos a quantia toda. O Espírito de Deus em nosso coração já é “vida eterna”, porém somente em seu primeiro começo. Mas, “se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita” (Rm 8.11). Assim o próprio Deus nos desperta e prepara o anseio que aspira pela realização plena, para que o mortal seja absorvido pela vida.

- 6 Nos versículos subseqüentes o texto dá uma nítida e surpreendente guinada. Há pouco líamos sobre o “gemer angustiado”. Agora o apóstolo de repente fala de **“ter sempre bom ânimo”**. Nos v. 2-5 o olhar de Paulo estava voltado para o “ser revestido” por ocasião da parusia. Existia nele um gemer profundo quando pensava na morte antes da vinda de Jesus. Agora, porém, nos v. 6-8 as declarações do apóstolo são dominadas pela palavra sobre o **“bom ânimo”**. Como chega a esse ponto? Como o “gemer” é superado pelo “bom ânimo”? Isso pode ser bem compreendido a partir do v. 5. O olhar se volta para Deus, que nos **“prepara para isso”**, a fim de desejarmos ser revestidos. Não será, pois, igualmente Deus aquele que conduz Paulo até a morte e também o “prepara” para ela? E será que o “penhor do Espírito” não continua válido, ainda que a morte física tenha de ser enfrentada? Por isto, Paulo pode recomeçar, dizendo: **“Temos, portanto, sempre bom ânimo.”** Nesse bom ânimo o olhar é libertado para circunstâncias muito decisivas que modificam o olhar para a morte e que oferecem um contrapeso ao “gemer”. **“Sabemos que, enquanto no corpo, estamos distantes do Senhor no estrangeiro.”** Como ocorre tantas vezes no testemunho bíblico, deparamo-nos com uma aparente “contradição” nas afirmações do apóstolo. Porventura Paulo não nos incutiu expressamente: “Cristo vive em mim”? As expressões “em Cristo” e “junto com Cristo” não perpassam suas cartas de múltiplas maneiras? E ele não acaba de nos dizer (2Co 3.18) que com o rosto descoberto refletimos a glória do Senhor a ponto de, desse modo, sermos transformados na mesma imagem? E agora lemos de repente: **“distantes do Senhor no estrangeiro”**?
- 7 Contudo também isso é uma verdade plena. Paulo de imediato no-la explica pessoalmente, anexando a frase: **“Visto que andamos por fé e não pela visão da figura.”** É bem verdade que em relação a 2Co 4.4-6 pudemos constatar que no evangelho não há apenas algo para “ouvir”, mas que também se pode “ver” algo em plena luz. Porém não se trata **“da visão da figura”**. Por mais real que a habitação do Senhor como Espírito possa ser real em nós, por mais que possamos fazer tudo “em Cristo”, ainda assim não o vemos agora “como ele é”. Não o temos da maneira como aspiramos tê-lo, e experimentamos com suficiente freqüência a gravidade plena do **“estar no estrangeiro”**, do **“estar distantes do Senhor”**. Em razão disso a igreja na verdade está cheia da ardente saudade pela nova “presença” (“parusia”) de seu Senhor! Agora ela é remetida ao “crer” e precisa existir da maneira como os grandes capítulos da fé na carta aos Hebreus falam a respeito dos pais da fé (Hb 11;13). A vida na fé é preciosa e rica, mas ao mesmo tempo dura e cheia de renúncias. Por isso Paulo prossegue:
- 8 **“Entretanto, temos bom ânimo, preferindo emigrar do corpo e imigrar até o Senhor** (ou: ter nossa pátria junto do Senhor).” Desse modo a morte é colocada sob uma nova luz. Conquistamos, assim, um ânimo completamente novo, **“bom ânimo”**. Já não é apenas questão de gemer, mas torna-se algo que nós **“preferimos”**. Essa perspectiva da morte corresponde exatamente ao que Paulo escreverá alguns anos mais tarde aos filipenses (Fp 1.23).
- Neste v. 8 Paulo fala indubitável e claramente de ir até o Senhor logo no momento de sua morte. **“Emigrar do corpo”** não é uma descrição da “transformação” na parusia, do “ser revestido”, mas do morrer. Esse **“emigrar do corpo”** faz com que **“tenhamos nossa pátria junto do Senhor”**. A declaração corresponde com precisão à de Fp 1.23. Em ambas as passagens Paulo enfoca o “ganho” da morte e a partir disso chega a concordar com a morte que supera o “gemer” e praticamente alicerça um **“preferir”** a morte. Contudo Paulo não precisa anular o que afirmou nos v. 2-4! O que foi dito nesses versículos é verdadeiro e continua válido. A aparente “contradição” entre a primeira e a segunda parte da passagem é apenas a expressão da vitalidade de nossa vida interior, que não pode ser formulada lógica e linearmente. De fato é assim que tememos o morrer como um duro despedaçar-se, ser despedido e emigrar e que apesar disso o saudamos como um retorno do estrangeiro para casa, para nosso Senhor. Não obstante, persiste o anseio de presenciar a parusia do Senhor e entrar diretamente, sem morrer, na plenitude de vida da nova existência.
- 9 Contudo também neste ponto é característica toda a atitude interior que podemos perceber em todas as afirmações de Paulo sobre as coisas vindouras. Paulo nunca pára na descrição do futuro como tal. Nunca está interessado em obter um sistema de concepções sem fissuras, no qual nos pudéssemos aprofundar apenas teoricamente. O apóstolo sempre nos indica a importância da certeza do futuro para nosso agir na atualidade. O magnífico capítulo da ressurreição em 1Co 15 encerra com o encorajamento: “Sede abundantes na obra do Senhor!” [1Co 15.58]. E a visão fornecida na passagem aqui analisada, referente ao que acontece quando

morrer, desperta no apóstolo um “empenho”, a ambição de agradar ao Senhor. **“Por isso também empenhamos nossa honra, quer em casa, quer no estrangeiro, para lhe sermos agradáveis.”** Os termos há pouco utilizados, “imigrar” e “emigrar”, são empregados agora sem objeto, designando por isso mais intensamente o estado de **“estar em casa”** ou viver **“no estrangeiro”**. Afinal, Paulo gosta de conferir uma nova direção a uma metáfora recém-usada. De qualquer modo, ao “imigrar” ele não gostaria de ter medo diante da face de seu Senhor, e sim ser saudado com um olhar de “agrado”. Nesse caso, porém, é necessário indagar desde já, **“no estrangeiro,”** pela vontade do Senhor e alcançar a satisfação do Senhor.

10 **“Porque todos nós temos de comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, seja o bem ou o mal** (ou: o imprestável).” Nas igrejas se ensina largamente que Paulo aqui estaria falando do juízo sobre o mundo, diante do qual também nós cristãos temos de comparecer, a fim de sermos julgados segundo nossas obras. Nesse caso são necessários artifícios teológicos realmente curiosos a fim de harmonizar esse juízo segundo as obras com a mensagem da justificação unicamente por fé sem obras! O equívoco deve-se à cegueira para a diferença radical entre “igreja” e “mundo”. Enquanto se sucumbia à ilusão de que todo o mundo seria “cristão”, porque no “Ocidente cristão” a maioria das pessoas de uma ou outra maneira pertencia a uma igreja, também era possível unificar o juízo sobre a igreja com o “juízo sobre o mundo”. Acontece que a partir de **1Co 6.2s** já se poderia ter estabelecido o fato de que no “juízo sobre o mundo” os “santos” atuarão do lado do Senhor como juizes e por isso não podem estar ali como “réus”. Alguém como o apóstolo Paulo jamais teria unificado “mundo” e “igreja” com um **“nós todos”**! Com que clareza ele contrapõe, em **1Co 5.12**, “os de fora” à igreja! Não, **“nós todos”** diz respeito justamente apenas a nós que cremos, que somos salvos, nós que um dia haveremos de, com Jesus, julgar o mundo. Mas justamente **“nós”** temos de **“comparecer perante o tribunal de Cristo”**. Por que, afinal? Pois já não fomos declarados justos e redimidos? Nesse juízo sobre a igreja não está em jogo ser perdido ou salvo. Isso fica claro na descrição desse juízo em **1Co 3.11ss**, no v. **15**. Também aquele cuja obra de vida se consumir naquele dia no fogo de Deus continuará sendo pessoalmente salvo. Porém sobre a obra de nossa vida, sobre nossa cooperação na construção da igreja, o juízo é exercido com grande rigor. Ele acontece, **“para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, quer o bem ou o mal** (imprestável)”. Portanto cada um recebe, não pelo que desejou, planejou e pensou no coração – embora **1Co 4.5** deixe bem claro que justamente os “desígnios do coração” serão manifestos pelo Senhor – mas por aquilo que **“tiver feito por meio do corpo”**, ou seja, pelo que realizou concreta e fisicamente. Paulo acrescenta expressamente **“quer o bem, quer o mal** (imprestável)”. Não está em jogo agora o que é moralmente bom ou mau, mas o que foi bom ou mau na edificação da igreja, o que é comparável a “ouro, prata, pedras preciosas”, e o que é comparável a “madeira, feno, palha” (**1Co 3.12**). Por isso o apóstolo também não está empregando a palavra para “mau” que é usada, por exemplo, em **Rm 12.21**, nem aquela palavra que em **Jo 3.19** designa as “obras más” como estando em ligação com o “maligno”. O que os crentes “fizerem por meio do corpo” com certeza não é “maligno”. Porém pode ser “imprestável” e, nesse sentido, “ruim”. Quem como crente se gloria, e com razão, de que não entra em juízo, mas um dia há de julgar o mundo com Cristo, conscientize-se, afinal, claramente da gravidade desse julgamento sobre a obra de sua vida. Até mesmo para pessoas salvas ele pode significar uma passagem por profunda dor e vergonha! Por isso todo crente precisa, como Paulo, “buscar sua honra” em “ser agradável” a Jesus”.

EXCURSO 2: O TESTEMUNHO DO NT SOBRE NOSSA MORTE

Que diz o testemunho do NT sobre nossa morte? O texto de **2Co 5.1-10**, que tentamos compreender corretamente, reveste-se para todos nós de relevância imediata. Todos nós somos pessoas que morrem. Resta pouco tempo, e teremos de adentrar a morte. Que será, então, de nós?

Independentemente de como entendermos o v. **1** do trecho, é inequívoco que nos v. **5-8** o apóstolo fala de um “emigrar do corpo” e “imigrar ao Senhor”. No entanto, seria essa talvez uma afirmação isolada, à qual não devemos dar importância excessiva? Como é o testemunho de todo o NT? Será que outras passagens essenciais corroboram o que Paulo afirma positivamente no presente texto acerca de nossa morte?

1. Com certeza Paulo não era “platônico”. Porém a noção de uma “alma” ligada ao corpo apenas por pouco tempo não constitui somente “filosofia platônica”. Ela é uma noção da humanidade. De **2Co 12.2-4** depreendemos a naturalidade com que o apóstolo conta com a possibilidade de, com sua pessoa e sua experiência, ter estado “fora do corpo”. Não é bíblica uma disseminada exacerbação da ligação de corpo e alma em uma unidade total.

O texto paralelo mais próximo da presente passagem encontra-se em **Fp 1.21-23**. O fato de Paulo não estar pensando em um “estar com Cristo” após a parusia, mas em uma imediata chegada até Jesus, resulta da circunstância de que ele designa o morrer como um “lucro”. Ele jamais poderia afirmar isso se a morte o aniquilasse completamente. Então teria uma perda total que seria compensada somente na parusia, por intermédio de uma criação totalmente nova.

Muito substancial é [Rm 14.7-9](#). Existe um “morrer para o Senhor” do mesmo modo como existe um “viver para o Senhor”. Um “morrer para o Senhor” dificilmente pode ser a catástrofe de um aniquilamento total ou da imersão em uma existência inconsciente nas sombras. Por isso o apóstolo também nos mostra imediatamente que, em virtude de sua morte e ressurreição, Jesus é o “Senhor sobre os vivos e os mortos”. Os “mortos”, portanto, precisam estar tão “vivos” que Jesus possa exercer seu “senhorio” sobre eles. Paulo nos assegura que “somos do Senhor”, quer vivamos na terra, quer morramos fisicamente.

O texto de [1Co 12](#) nos assevera que como crentes nos tornamos “membros do corpo do Cristo”. Seria imaginável que constantemente membros do Senhor são arrancados pela morte física? Em [Rm 8](#) o apóstolo enalteceu com profundo júbilo que nada nos pode separar do amor de Deus em Cristo Jesus. Na ocasião citou expressamente a “morte” como um poder que também não é capaz disso. Na presente carta Paulo informará, em [2Co 12.4](#), como foi arrebatado ao paraíso. Para o israelita Paulo, o paraíso era o lugar de permanência dos justos que adormeceram. Ainda que anteriormente tenha sido para ele apenas uma doutrina teórica, agora se tornou plena realidade para ele. Esse paraíso não era um local para dormir, mas um espaço cheio de palavras santas e poderosas.

2. Mas será que tudo isso é apenas “paulino”? Será que o próprio Jesus considera doutrina correta uma teologia que ensina a morte da pessoa toda com o corpo, a alma e o espírito?

O contrário é a verdade. Jesus se posicionou fundamentalmente diante dessa questão em seu diálogo com os saduceus sobre a “ressurreição” ([Mt 22.23-33](#); [Lc 20.27-40](#)). É digno de nota que Jesus não fale de uma ressurreição vindoura por ocasião da irrupção do reino de Deus, mas demonstra a partir de [Êx 3.6](#) os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó como vivendo perante Deus já agora. Na oportunidade ele formula o princípio de que Deus não é um Deus de mortos, mas de vivos. Logo a imediata “vida após a morte” não se encontra, para Jesus, em contradição com a “ressurreição”, mas a confirma.

Esse texto representa um paralelo perfeito com o diálogo de Jesus com Marta em [Jo 11.23-26](#). Marta “sabe” acerca da “ressurreição no último dia”. Jesus, porém, lhe atesta uma “vida” que o crente em Cristo possui desde já e preserva ao atravessar a morte física. A partir desse texto cabe considerar todas as referências em que a posse da “vida eterna” é atribuída ao crente desde já. Será que a “vida eterna” pode tornar a “morrer”, se e porque o corpo terreno se decompõe? Será que de fato devemos crer que aquele que “passou da morte para a vida” ([Jo 5.24](#)) agora, ao morrer fisicamente, recai “da vida para a morte”? À certeza de [Rm 8](#) corresponde, nas palavras de Jesus, a asseveração sobre os seus: “Ninguém arrebatará as minhas ovelhas da minha mão” ([Jo 10.28](#)). “Ninguém” – ou seja, nem mesmo a morte. Mas tampouco o relato de Jesus sobre Lázaro e o homem rico deve ser descartado por nós como “parábola”, mas devemos levá-lo a sério como a palavra daquele que sabe todas as coisas, inclusive a situação dos que passaram pela morte física.

Não deixa de ser essencial que nos casos de reavivamentos de mortos de que somos informados, esses mortos sejam alcançados pela voz poderosa de seu Senhor ou do apóstolo, podendo dar-lhe ouvidos e obedecer. De forma alguma morreram totalmente, mas sua pessoa continua vivendo e pode ser interpelada.

3. Como se relaciona esse “viver junto do Senhor” com a “ressurreição”? Temos pouco a dizer sobre isso, pelo fato de que as declarações do NT sobre o estado intermediário na realidade são de certeza inequívoca em sua forma fundamental, mas não nos fornecem uma descrição palpável. Uma coisa, porém, é certa: após a morte ainda não estamos na “glória”. Estaremos do mesmo modo em “estado de espera” como nosso próprio Senhor “aguarda, daí em diante” à direita de Deus ([Hb 10.13](#); [1Co 15.25s](#)). Não se trata pura e simplesmente de nós mesmos e de nossa bem-aventurança! Estão em jogo as grandes coisas de Deus. Elas de forma alguma chegaram ao alvo quando nós chegamos a uma vida junto do Senhor após nossa morte física. A “glória” virá somente por meio da parusia, por meio do reino de paz no último milênio da história desta terra, por meio do juízo mundial, por meio da criação do novo céu e da nova terra, nos quais habita justiça [[2Pe 3.13](#)]. Somente ao presenciarmos esses grandiosos eventos obteremos participação na “glória”, que nos foi assegurada com certeza ([Rm 5.2](#); [8.17s](#); [2Co 4.17s](#); [Cl 3.4](#); [1Ts 2.12](#); [Jo 17.24](#)). Por isso na realidade não aguardamos a morte e a continuação de nossa vida no paraíso, mas a “ressurreição”, a “redenção de nosso corpo” ([Rm 8.11](#); [8.23](#)), e sabemos que seremos iguais a nosso Senhor até na gloriosa corporeidade, quando o virmos como ele é ([Fp 3.21](#); [1Jo 3.2](#))

REFUTAÇÃO DE MAL-ENTENDIDOS SOBRE O TRABALHO DE PAULO, 5.11-13

¹¹ **E assim, conhecendo o temor do Senhor, persuadimos os homens e somos cabalmente conhecidos por Deus; e espero que também a vossa consciência nos reconheça.**

¹² **Não nos recomendamos novamente a vós outros; pelo contrário, damo-vos ensejo de vos gloriardes por nossa causa, para que tenhais o que responder aos que se gloriam na aparência e não no coração.**

- 11 O que Paulo acaba de escrever sobre o juízo que atinge os crentes não é um enunciado doutrinário geral que ele estabelece como teólogo. Faz parte da controvérsia sobre seu trabalho em Corinto que o apóstolo tem de travar com pelo menos alguns grupos na igreja. É o que a frase seguinte revela imediatamente. Ao que parece, ele foi acusado de “tentar conquistar apenas pessoas”, evidentemente para si mesmo. Os adversários do apóstolo vêem nele involuntariamente o que viam em si mesmos. Sim, responde Paulo, é verdade que tento **“conquistar pessoas”!** Porém não para mim mesmo e não pelos motivos que vocês me imputam. Afinal, estou dizendo que hei de comparecer perante o tribunal de meu Senhor com meu trabalho. Conheço o “temor” santo diante daquele que é meu Senhor e que examinará minha obra com seu olhar flamejante. Precisamente por isso trabalho incansavelmente com todo o empenho na conquista de pessoas. Deus o sabe. Nisso estou debaixo de sua luz, sou **“cabalmente conhecido por Deus”**, também quando vocês me desconhecem. Se vocês coríntios não se deixam incitar contra mim, mas julgam de acordo com a consciência de vocês, será que vocês não reconhecem também o que está em jogo no meu trabalho? **“Mas espero que também a vossa consciência nos tenha reconhecido.”** Novamente a “consciência” é para Paulo uma instância decisiva e insubornável. Uma série de desejos e disposições egoístas pode tornar os coríntios suscetíveis aos ataques caluniosos contra Paulo. Mas suas consciências lhes dirão com serenidade e firmeza o quanto todos esses ataques a seu apóstolo são inverídicos e com quanta clareza e probidade acontece todo o seu empenho.
- 12 Paulo teme que imediatamente se levante outra vez a objeção de que ele novamente estaria se auto-recomendando. Contudo, por meio das constatações que faz acerca de seu trabalho, ele visa algo completamente diferente: não enaltecer a si mesmo, mas motivar a igreja em Corinto a se alegrar com seu apóstolo e aderir a ele com convicção. Ela deve fazê-lo justamente diante dos novos homens que tentam suplantá-lo em Corinto. **“Não nos recomendamos novamente a vós; pelo contrário, damos-vos ensejo de vos gloriardes sobre nós, para que [a] tenhais diante dos que se gloriam de seu rosto e não de seu coração.”** Notamos que importância tinha a acusação da constante “auto-recomendação” em Corinto (cf. **2Co 3.1; 10.12**). Justamente os novos homens eram aqueles que “se gloriavam”, que se consideravam pessoas importantes e asseguravam aos coríntios que unicamente elas tinham condições de conduzir a igreja à verdadeira prosperidade e ao perfeito cristianismo. Nessa pretensão salientavam sua origem, as recomendações de pessoas que podiam apresentar por escrito, e quanta aceitação estariam experimentando em outras partes do cristianismo. Paulo o chama aqui de **“gloriar-se de seu rosto”**. O contrário disso seria **“gloriar-se de seu coração”**. Segundo o veredicto do apóstolo, seus adversários não eram capazes disso. No entanto, o que isso quer dizer? Porventura uma pessoa deve **“gloriar-se de seu coração”**, destacando seu bom e devoto coração? Na verdade isso seria muito mais fatal do que a menção do reconhecimento de que ela desfruta entre outras pessoas. Com certeza não pode ter sido essa a intenção de Paulo. Os “desígnios do coração”, que ficarão manifestos no juízo do Cristo, já foram importantes para o apóstolo na primeira carta (**1Co 4.5**). Em **2Co 1.12** foi decisivo para ele o “testemunho de sua consciência”, de que ele havia conduzido a vida em santidade e sinceridade, até mesmo em Corinto. Foi esse testemunho da consciência que ele denominara expressamente de “sua glória”. E na presente passagem ele havia expressado que era “cabalmente conhecido por Deus” e que também tinha sido “reconhecido pela consciência dos coríntios”. É essa certeza interior, de encontrar-se perante Deus e seres humanos com pureza e clareza, que ele designará como **“gloriar-se do coração”**, em contraposição à insistência em méritos exteriores. Seus adversários não podiam ousar gloriar-se disso porque não eram sinceros, mas impulsionados por motivos egoístas. Refugiam-se, por isso, no **“gloriar-se de seu rosto”**.
- 13 Com um **“porque”** Paulo acrescenta uma frase em que tornará a reagir a acusações e queixas em Corinto. Também nessa frase vale notar a expressão sucinta quando lemos a frase sem os adendos que se tornam necessários em português. **“Porque, se estivemos loucos, para Deus; e se somos sensatos, para vós.”** A **“sensatez”**, a *sophrosýne* era uma qualidade peculiarmente valorizada na Antigüidade. Uma pessoa era digna de confiança quando em tudo se apresentava sensata, comedida, serena, compreensiva, evitando todas as coisas extremas, não-sóbrias, exaltadas. Em vista disso, podemos compreender porque no discurso de Paulo perante Festo e Agripa o alto magistrado romano intercalou sua célebre exclamação “Estás louco, Paulo!” (**At 26.24**). O que Paulo dizia lhe parecia desmedido, fantasioso, completamente delirante. Parece que também em Corinto o apóstolo foi acusado de romper os limites da “sensatez” e de ter ficado, em alguns momentos, como **“louco”**. Não sabemos a que Paulo alude com isso. Talvez essa forma irônica tenha desclassificado sua ardente luta pela igreja e eventuais explosões de sua aflição e sua ira por ocasião da breve visita intermediária, rotulando-as de “exaltação doentia”. Não dispomos de suficientes pormenores acerca dos acontecimentos em Corinto para termos segurança em fazer uma interpretação correta da breve frase do texto. No entanto, Paulo certamente tem em vista certos episódios e acusações, uma vez que escreve na forma do pretérito: **“se estivemos loucos...”** Paulo deixa em aberto se seu comportamento, independentemente de qual tenha sido, de fato extrapolou a medida da atitude sensata. Caso tenha acontecido assim, ele pelo menos não pensou em si e não foi zeloso por si mesmo, mas ardoroso **“para Deus”**.

Contudo os coríntios também precisam admitir a outra verdade, de que ele é capaz de agir com sensatez, sabedoria e compreensão e conduzir corretamente a igreja. É claro que não é tão “sensato” e hábil para cuidar inteligentemente de si mesmo, como faziam seus adversários em Corinto (2Co 11.20)! Sua sabedoria e sensatez traziam benefícios exclusivos para a igreja. **“Se somos sensatos, [então o somos] para vós.”**

Paulo visa ser compreendido integralmente pelos coríntios, não apenas em traços isolados de sua vida e serviço, razão pela qual seu objetivo agora é apresentar resumidamente à igreja o que é o fundamento sustentador e o poder determinante de toda a sua atuação. Se apreenderem e entenderem isso, compreenderão plenamente o seu apóstolo, uma compreensão que tem de superar toda a desconfiança. O que, pois, o dirige e preenche em tudo o que faz, que pode torná-lo ora ardentemente exaltado, desmedido, extremado, ora comedido e sensato? Paulo o diz aos coríntios por meio de uma passagem que se insere entre as mais grandiosas e mais fundamentais que ele jamais escreveu.

A CRUZ DE JESUS COMO FONTE E PADRÃO PARA TODO O SERVIÇO APOSTÓLICO, 5.14-21

- ¹⁴ **Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos; logo, todos morreram.**
- ¹⁵ **E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.**
- ¹⁶ **Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne; e, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos deste modo.**
- ¹⁷ **E, assim, se alguém está em Cristo, [é] nova criatura! As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.**
- ¹⁸ **Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação.**
- ¹⁹ **a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.**
- ²⁰ **De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus.**
- ²¹ **Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.**

- 14** Como Paulo havia sido avaliado de forma diferente em Corinto! Quantas coisas lhe eram imputadas! Que motivos se suspeitava por trás daquilo que ele fazia, dizia ou escrevia! Nas partes da carta vistas até aqui Paulo defendeu-se contra essas suspeitas, esperando por uma compreensão plena de seus coríntios (2Co 1.13s). Agora ele expressa positivamente o que, afinal, configura todo o seu comportamento e seu serviço em cada decisão, e que também determina sua luta pela igreja em Corinto. **“Porque o que nos determina é o amor do Cristo.”** Jesus não está sendo citado pelo seu nome pessoal. O apóstolo se depara com o magnífico serviço de Cristo ao morrer, que abrange a todos. Esse serviço foi ação de seu amor. Paulo reconheceu esse amor. Foi vencido por ele; por esse amor Paulo está sendo abraçado, sustentado, e impelido. Se os coríntios compreenderem isso, terão a única chave necessária para entender seu apóstolo em tudo. Nossa compreensão de uma pessoa depende muito de que encontremos uma nítida unidade em todo seu pensar e falar, seu fazer e deixar de fazer. Essa unidade abrangente de sua vida e atuação existe. Ela reside no amor do Cristo. **“O que nos determina é o amor do Cristo.”** Essa afirmação possui significado central para o apóstolo e para nós. O NT é contido ao falar de “amor”. Tanto mais peso possui um testemunho que situa **“o amor do Cristo”** de forma tão central. No presente texto Paulo há de desenvolver a mensagem que costumamos chamar de “doutrina da justificação”. De fato ele é capaz – por exemplo, em Rm 3 e 4 – de falar dela “doutrinariamente”, sem mencionar uma vez sequer a palavra “amor”. Aqui, porém, ele subordina todo o acontecimento de nossa redenção à palavra do “amor do Cristo”, ensinando-nos a entendê-la como obra desse amor. É verdade que a passagem termina com o conceito, característico para Paulo, da “justiça de Deus”. Mas essa “justiça” nos é proporcionada por meio do amor do Cristo. O que o apóstolo escreve aqui é testemunho de sua própria experiência de fé. A vida do fariseu Saulo, o homem do férreo cumprimento da lei, deu uma guinada total quando o “amor” se lhe desvendou justamente na morte maldita de Jesus na cruz, nesse evento enigmático, revoltante e repulsivo, abrindo-lhe uma existência completamente nova. Então foi-lhe proporcionada “a sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, seu Senhor”, que transformou todas as demais coisas de sua vida em “refugo”, sim, em “excremento” (Fp 3.8). Desde então foi assim como escreve aos coríntios: **“O que nos determina é o amor do Cristo.”**

De imediato Paulo inclui seus colaboradores nessa atitude básica de sua vida e seu serviço. “Nós”, ou seja, Paulo e seus colaboradores, são determinados pelo amor do Cristo. Como assim, nós o somos? Em que isso se revela? Paulo responde: “**Julgando nós isto: um morreu por todos; logo todos morreram.**” Como sempre, aqui não são decisivas as palavras e os ensinamentos de Jesus, tampouco seus milagres de socorros nem seus feitos poderosos. O amor do Cristo se manifesta em um único ato: o Cristo morreu! Vemos já em **2Co 4.10** que esse “morrer” perpassa toda a vida de Jesus. Contudo ela se condensa decisivamente em sua morte na cruz. Ali, porém, Jesus não morreu como “um entre muitos”, ali morreu o único, incomparável, o Cristo, o Senhor da humanidade. No entanto, o que alguém fizer com poder em seu ministério por outras pessoas, isso valerá para elas como se o tivessem feito pessoalmente. Quando um aluno se desculpa pela classe, todos se desculparam com isso. Quando o presidente de um país fecha um acordo de paz, a guerra acabou para todos e o pacto de paz vale fundamentalmente para todos os cidadãos do país. Da mesma forma, também Paulo, quando abraçou a fé, deliberou o claro e firme julgamento: o único morreu por todos; “**logo, todos morreram**”. Isso não é um ponto de vista e uma opinião que Paulo tem, uma idéia luminosa que mereça ser ponderada. Aqui foi “**judgada**” uma questão que, como toda “sentença” genuína, possui conseqüências práticas determinantes. Esse julgamento se reveste de impacto especial e profunda gravidade porque a morte de que se trata aqui era morte judicial, execução. Não foi um destino de morte natural que Jesus assumiu. Pelo contrário, aqui se proferiu a sentença de morte implacável e justa sobre nós, os culpados. Sim, foi executada na prática. Essa é a seriedade do Calvário! Nele foi sofrida a morte que não é apenas decadência da vida terrena, mas separação de Deus e morte eterna. Nesse sentido extremo, todos são, pois, pessoas que “**morreram**”, i. é, que foram executadas. Foi assim que Paulo via a si mesmo e todas as pessoas à luz da cruz. Quem ainda poderia ter a ousadia de querer “viver”, depois de ter se reconhecido, no Cristo moribundo, como uma pessoa condenada à morte e executada?

Agora, porém, reluz o amor do Cristo, porque ele, o santo, tomou vicariamente sobre si a morte, essa terrível morte judicial, “**por todos**”. Pessoalmente não havia nada nele que lhe teria acarretado o juízo de Deus. Porque ele era o Filho que Deus via com toda a benevolência. É uma morte vicária no juízo, e precisamente por isso também vale “para todos” com tamanho poder que os verdadeiros culpados morreram em Jesus e por isso têm o privilégio de viver. Logo vigora simultaneamente que eles são pessoas “que morreram” e “que vivem”.

- 15** Em que sentido isso acontece? Que efeito possui, agora, o “julgamento” em sua vida? Paulo declara: “**E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou.**” Quando Paulo fala “dos que vivem”, ele pensa inicialmente na simples circunstância de que aqueles que “morreram todos” apesar disso de fato vivem. O juízo sofrido vicariamente no Calvário traz como conseqüência que agora é tempo de graça para todo o mundo, que ainda fomos deixados vivos e por isso, como “**os que vivem**”, podemos ouvir a mensagem e aceitá-la. Contudo quem aceita a mensagem torna-se alguém “**que vive**” em um sentido completamente novo. A pessoa compreende que mereceria a morte eterna e que somente possui a vida, que é vida eterna, por intermédio da ação vicária de Jesus. Nessa descoberta abre-se para ela uma direção completamente nova para a vida. Uma vida que se deve exclusivamente à morte de outra pessoa não pode mais pertencer a si mesma, mas apenas àquele que na realidade a viabilizou por meio de sua morte. Pelo fato de que por princípio vivem “os que morreram”, já não podem afirmar-se a si mesmos nem levantar reivindicações ou fazer valer supostos direitos. Isso foi passado para quem “morreu”. Como “os que vivem”, no entanto, precisam de um conteúdo e alvo para toda a sua existência e atuação. Em que poderia consistir esse alvo senão unicamente naquele “**que por eles morreu e ressuscitou**”? Ao “**por eles**” de Jesus corresponde o “**para aquele**” deles. Pelo fato de ter sido “**ressuscitado**”, ele está, como o que vive, tão presente para eles que eles podem viver por ele, na entrega a ele, no serviço por ele. Essa vida nova, desinteressada, entregue a Jesus, é o verdadeiro alvo do amor do Cristo. A redenção do juízo justo de Deus é obviamente a poderosa premissa que precisava ser criada por meio desse empenho. Mas o apóstolo não pára nesse ponto. Afastar a perdição não é a questão última e essencial. Ele vislumbra a nova existência, o verdadeiro fruto da atuação de Cristo.
- 16** O amor do Cristo demonstrado por sua morte redentora em nosso favor desperta e incendeia no coração dos redimidos a resposta de amor, apresentando-os desse modo com uma nova existência (v. 17!), que na realidade é a única que merece o nome de “vida”. Do grande fato de que “todos morreram” porque esse um morreu por eles resulta uma conseqüência fundamental para o nosso convívio. De qualquer forma “**nós**”, como Paulo salientou com ênfase, nós que “vivemos” a partir da cruz do Cristo, “nós” vemos todas as pessoas sob uma perspectiva completamente nova. “**Assim que, nós, daqui por diante, a ninguém conhecemos segundo a carne.**” Por “**carne**” o NT entende nossa maneira natural de ser, que carregamos conosco desde o nascimento, um pensar, viver e buscar a partir do eu e para o eu. De acordo com essa maneira ensimesmada, nós consideramos involuntariamente e de forma bem instintiva nossos concidadãos. Eles nos são simpáticos ou antipáticos, imponentes ou desprezíveis, importantes ou não para nossos interesses, eles nos alegram ou irritam. Isso é assim conosco até o momento em que o amor do Cristo nos atinge e se descortina para nós o significado de sua morte. “**Daqui por diante**” consideramos e avaliamos as pessoas de maneira

completamente nova e diferente. Mesmo os mais poderosos e mais nobres, afinal, são pessoas pelas quais o Cristo teve de suportar a morte judicial. E também os mais humildes, odiosos e maus são pessoas procuradas pelo amor do Cristo, às quais foi descerrado em Cristo o acesso a uma nova vida. Por isso não conhecemos mais a veneração carnal de pessoas, nem o medo delas ou o desprezo por elas. Também nesse caso não se trata de um ensaio teológico genérico, mas de uma autêntica carta. Paulo foi impelido para essa frase, a essas inferências do evento da cruz, porque tinha diante de si, nas mazelas da igreja dilacerada em Corinto, todo o perigo do “**conhecer segundo a carne**”. Ele, o apóstolo, era acusado de “andar segundo a carne” (2Co 1.17; 10.2), enquanto justamente a maneira carnal, egocêntrica dos coríntios e sobretudo dos novos mestres provocou essa incompreensão em relação ao apóstolo e as malélicas discórdias internas. Foi o que Paulo já expusera à igreja em 1Co 3.3. Agora ele os confronta com a imagem contrária do verdadeiro “conhecer” de pessoas. Os coríntios somente compreenderão Paulo e todo o seu procedimento e ação quando captarem essa maneira completamente nova de “conhecer” pessoas sob o feito determinante de amor do Cristo na cruz.

Paulo acrescenta que também todo seu pensamento a respeito do Messias tornou-se completamente diferente. “**E, se antes conhecemos Cristo segundo a carne, já agora não o conhecemos [deste modo].**” Por que Paulo afirma isso agora? A razão deve ter sido os acontecimentos ou as opiniões em Corinto, que desconhecemos. No entanto, está claro que Paulo não está falando sobre um eventual conhecimento pessoal do Jesus histórico ou nem descartando esse conhecimento como desnecessário e sem valor. Isso se explicita imediatamente pelo fato de que nessa afirmação ele não emprega o nome próprio “Jesus”, mas fala de “Cristo”, ou seja, do “Messias”. Acima de tudo, porém, nessa segunda frase o “conhecer segundo a carne” não pode ter outro significado do que o da frase anterior. Com certeza Paulo não pretendia dizer que de agora em diante não queria mais conhecer ninguém pessoalmente. De forma análoga, o “**se antes conhecemos Cristo segundo a carne**” na segunda parte da frase pode ter em vista o conhecimento pessoal de Jesus. Paulo se refere ao pensamento todo sobre o Messias, a toda a maneira como ele antes imaginava o Messias de Israel e o aguardava. Por mais rigoroso, devoto e aparentemente condizente com as Escrituras que esse pensamento tenha sido em Saulo de Tarso, apesar disso ele era cego e profundamente distorcido, porque era comandado “segundo a carne”, pelo pensamento judaico egocêntrico. Por isso Saulo havia visto na mensagem dos cristãos acerca da cruz e ressurreição de Jesus, mentira e blasfêmia, e perseguira passionalmente os cristãos. Agora, porém, isso mudou completamente. Será que Paulo percebia que nos novos homens em Corinto, que se orgulhavam de seu relacionamento com Jerusalém e os primeiros apóstolos, se formava novamente uma “**crisologia carnal**”? Será que a mensagem de Cristo entre grupos judeus cristãos era semelhante a seu próprio pensamento anterior sobre o Messias? Por acaso estava sendo “**esvaziada**” justamente a cruz (cf. 1Co 1.17)? Ou será que isso acontecia em Corinto por meio de reflexões gnósticas? Será que ele se dirige contra os homens do “partido de Cristo” (1Co 1.12; 2Co 10.7), que negam qualquer dependência das testemunhas terrenas de Jesus, os apóstolos, e que pretendem reconhecer Cristo diretamente pelo Espírito como ente espiritual sem qualquer relação com o Jesus terreno e suas palavras e atos históricos? Será que acusam Paulo de ainda pensar de forma excessivamente “carnal” sobre Cristo, permanecer excessivamente preso à vida terrena e à morte do Cristo e, por conseqüência, oferecer à igreja, com sua “palavra da cruz”, um evangelho demasiadamente precário? Nesse caso Paulo estaria se resguardando contra a alegação de que ele apenas conheceria o Cristo “segundo a carne”. Nosso conhecimento dos episódios em Corinto e dos homens que ali se tornaram influentes é insuficiente para chegarmos a uma conclusão inequívoca. Contudo devemos aceitar como fato que justamente com essas frases Paulo alude a determinadas opiniões em Corinto.

- 17 O apóstolo formulou sua nova atitude perante as pessoas de forma negativa: considera-as “**não mais segundo a carne**”. Com uma frase magnífica ele afirma agora que seu olhar a partir da cruz de Jesus considera as pessoas de forma positiva, e que valoriza o que constata nos “que vivem”, nos membros da igreja, nas “pessoas em Cristo”. “**E, assim, se alguém está em Cristo, [é] nova criatura! As coisas antigas [já] passaram; eis que se fizeram novas.**” Sentimos toda a magnitude dessas asserções no caso de uma revolta involuntária contra elas: será que isso é verdade? Afinal, será que de fato nos deparamos com uma “**nova criação**” nos membros da igreja de Jesus? Será realmente que “**as coisas antigas passaram**”? Na verdade isso significaria que agora já se teria realizado o que esperamos apenas da escatologia, da nova revelação de Jesus! Será isso possível? Não estaria sendo refutado pela realidade da igreja, especificamente pela da igreja em Corinto?

O próprio Paulo estabeleceu uma clara condição para a verdade de sua frase: “**Se alguém está em Cristo.**” Não é mera formalidade o fato de Paulo não escrever agora: “Se alguém crê em Cristo, é nova criatura.” Sem dúvida a verdadeira fé propicia esse “estar em Cristo”. Parece, no entanto, que o apóstolo já conta com esses mal-entendidos e esvaziamentos da “fé” – com certeza justamente a partir de suas experiências em Corinto – que até hoje debilitam e distorcem o cristianismo evangélico. “Crer” é confundido – a partir da “reta doutrina” – com um simples “ter aprendido”, com possuir as idéias corretas acerca de Cristo. Isso obviamente não pode criar nada “novo” em nós nem desfazer coisas antigas. Para Paulo trata-se de uma “fé” que une pessoalmente o crente com Cristo e lhe proporciona assim um “estar em Cristo”.

É característico para a afirmação de Paulo o fato de ela avançar em uma série de constatações concisas. Paulo não abre a perspectiva de que para o crente a natureza antiga desaparecerá mais e mais e surgirá uma nova maneira de vida. Mas Paulo tampouco descreve um acontecimento místico que pode ser experimentado pela pessoa que se volta para Cristo se ela executar determinados passos de uma prática de devoção. Pelo contrário, Paulo testemunha uma realidade existente. Suas afirmações correspondem às constatações em Cl 3: “Vós morrestes”, “vós ressuscitastes”. Tanto lá como também aqui pensa-se em uma realidade que não posso simplesmente constatar em mim mesmo, mas que está presente a partir de Deus em Cristo e unicamente em Cristo. Em sua morte as coisas antigas passaram. Em sua ressurreição fez-se presente a nova realidade de vida. Quem está “nele”, precisa ser partícipe dessa realidade fundamental presenteada por Deus. Tem o privilégio de entender que as coisas antigas, que ainda sente com suficiente poder dentro de si, apesar de tudo foram descartadas pelo morrer do Cristo. Pode agarrar a nova vida no amor do Senhor vivo como a possibilidade de vida que já lhe foi outorgada. Então ambas as coisas, o fim do antigo e a irrupção do novo, também se realizarão visivelmente na vida real do crente. Isso acontecerá tanto mais na medida em que um cristão agarrar o “estar em Cristo” pela fé.

De qualquer maneira trata-se de “nova criação”. De acordo com o julgamento de Paulo, o “antigo”, a pessoa velha e o mundo velho não podem ser melhorados. A mensagem confiada a Paulo não fala de como o ser humano natural poderia tornar-se melhor e mais piedoso. A mensagem proclama a merecida morte judicial do velho ser humano e o fim de toda a criação antiga. Ao mesmo tempo o evangelho vê em Cristo o começo de uma nova criação e uma nova humanidade, colocado por Deus no mundo. Quem se entrega pela fé a esse Cristo torna-se pessoalmente participante desse desaparecimento do velho e já é, em si, “nova criação”. Como vemos, o “penhor” disso é o Espírito de Deus, que está em nós e por cujo poder Cristo já escreve “sua carta” em tábuas vivas dos corações. Onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade, liberdade da escravidão da velha natureza, liberdade para a nova existência no amor. Não devemos esquecer que a palavra do “amor do Cristo” consta de modo determinante sobre todo o presente trecho. A verdadeira “ágape”, o “amor”, é a “novidade” que aconteceu, assim como contrariamente a prisão no eu caracteriza o velho ser humano. Quando o amor do Cristo nos “determina”, quando não mais vivemos para nós mesmos, mas para aquele que por nós morreu e ressuscitou, de fato começou uma nova vida.

- 18 Contudo, de forma alguma isso é o resultado de esforços religiosos ou morais pessoais! Para Paulo importa que não coloquemos o evangelho na mesma linha das muitas visões religiosas do mundo que visam conduzir o ser humano a uma melhora de sua natureza. Paulo constata enfaticamente: **“Tudo isso, porém, da parte de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo.”** O fato de que esse “novo” não vem de nós, mas unicamente **“da parte de Deus”**, lhe confere sua magnitude e o reveste sobretudo de toda a certeza, de durabilidade e da impossibilidade de perdê-lo. Contudo determina igualmente o conteúdo e a forma da nova existência que temos. Quando ouvimos sobre algo “novo” que teria sido gerado, nosso olhar involuntariamente se fixa de imediato no aspecto “moral”. Por natureza somos tão sem-Deus que desconsideramos nosso relacionamento com Deus por ser algo secundário para nós. O “velho”, portanto, não se caracteriza em primeiro lugar por falta de cordialidade, veracidade, pureza e coisas semelhantes, mas por nossa atitude autocrática desde a queda do pecado e pela hostilidade contra Deus, à qual o comportamento autocrático conduz imediatamente, tão logo somos confrontados com sua seriedade incondicional pela vontade e pelo mandamento de Deus. Chegamos, assim, ao cerne e ao problema central da existência humana propriamente dita. Independentemente do que puder haver em termos de aflições humanas graves, todas brotam dessa aflição última da separação entre ser humano e Deus. Quaisquer que sejam os clamores por solução dos problemas, por fim existe somente um único problema de importância absoluta, que é o problema da reconciliação com Deus. Todas as religiões do mundo viram esse problema ou pelo menos o sentiram de algum modo. Mas todas acreditam que a divindade precisa ser “reconciliada” por meio de preciosas oferendas e “sacrifícios”. Não reconhecem a gravidade absoluta da culpa. A indignação dos deuses aparece como um rancor subjetivo que pode ser apaziguado por meio de influências sobre eles. No AT torna-se explícita a obrigatoriedade incondicional com que o santo Deus combate o pecado do ser humano. A principal palavra hebraica para “reconciliar” é *kippār* (“encobrir, purificar, expiar”). Não é com Deus que precisa acontecer algo. Seu não ao pecado é inalterável. Pelo contrário, é no ser humano que o pecado precisa ser “coberto” ou “lavado” e “expiado”, para que possa persistir perante Deus. A isso corresponde a mensagem das testemunhas de Cristo no NT. Não é Deus quem foi “reconciliado” com o mundo ou da parte do mundo, como se ele fosse culpado pela cisão entre si e mundo por causa de sua irreconciliabilidade anterior. Não, agora se realizou o que na antiga aliança acontecia apenas de maneira alusiva ou imperfeita por intermédio de sacrifícios sangrentos de animais. Agora Deus **“nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo”**, de forma eficaz e real. Solucionou-se o problema axial da existência humana, através do próprio Deus, ao preço da entrega do Cristo. A razão dessa reconciliação é exclusivamente o amor de Deus, que jamais será compreendido e que não anula nem substitui, no caso, a “ira” de Deus e seu não contra o pecado (uma idéia impossível!), mas que encontrou no sangue do Filho amado o precioso meio para “encobrir” e “lavar” o pecado de forma verdadeira e válida, de sorte que a ira não precisa mais atingir os assim reconciliados. Aí as coisas “antigas” realmente

“passaram”, a saber, a atitude autocrática contra Deus, a discórdia, a hostilidade, a solidão. E formou-se verdadeiramente algo “novo” que não havia antes: filhos de Deus, reconciliados com ele, encontram-se neste mundo, que trazem no coração a exclamação filial “Pai”, pessoas determinadas pelo amor do Cristo, capazes de crer, orar, ter esperança e amar. Isso é “nova criação”. Paulo já a caracterizara no v. 15. Agora existem pessoas que apesar de todas as imperfeições e falhas “não vivem mais para si mesmas, mas para aquele que por elas morreu e ressuscitou”. Contudo, não fomos nós que fizemos algo em prol disso. Não foi nosso esforço religioso que nos levou até Deus. É tudo unicamente **“da parte de Deus”**. A reconciliação com ele, sobre a qual se alicerça tudo, é exclusivamente obra dele, sem nossa ajuda, anterior ao nosso agir, realizada pelo envio do Filho e pelo que Jesus obteve na cruz, fato objetivo e incontestável. A nós, porém, ela vem por intermédio do **“serviço da reconciliação”**. Esse é o serviço de cuja glória Paulo falara em **2Co 3.4-11**. Agora ele exalta mais uma vez que Deus **“nos deu o serviço da reconciliação”**. É assim que os coríntios devem entender todo o seu agir, nas ocasiões em que ele lhes parece estar “louco”, e quando age com serena “sensatez” (v. 13). Nesse serviço ele tenta “persuadir pessoas” (v. 11). Sua luta é para que a igreja em Corinto permaneça firmada sobre esse fundamento.

- 19 Uma “nova criação” começou. Não são as pessoas que alcançam a Deus com sua religiosidade, como pensavam os gentios devotos, da mesma forma como os israelitas devotos. Não, Deus é quem veio aos seres humanos perdidos. **“A saber, que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões.”** Essa frase começa com uma conjunção que aparece apenas três vezes nas cartas de Paulo. Ao simples *hoti* (“que, porque”) é anteposto um “*hōs*”, que neste local ressalta particularmente o fato que a frase atesta. O v. 19 constitui um paralelo justificativo ao v. 18. Sublinhando e explicando, ele repete o que Paulo acaba de escrever. Evidentemente interessa ao apóstolo incutir mais uma vez profundamente nos coríntios sobre que alicerce repousa toda a sua existência como crentes e como “nova criação”. A ação soberana de Deus, mas também muito específica e extraordinária, se descortina diante de Paulo. Foi de fato o próprio Deus que **“estava em Cristo”**. Quando encontramos a Cristo, deparamo-nos com o Deus vivo. Porém não estava presente de modo indefinido e bem genérico como “Deus em Cristo”. Sua presença em Cristo foi de uma espécie bem determinada, a saber, **“reconciliando consigo o mundo”**. Como, porém, aconteceu essa sua obra de reconciliação? Paulo destaca que Deus afasta o maior empecilho que impedia uma “reconciliação”. Havia em nossa vida toda o fardo da culpa, toda a profusão de incontáveis “transgressões”. Quando Deus as **“imputa”**, não pode haver reconciliação. Paulo não nos dirá imediatamente como, afinal, o santo Deus, o juiz justo do mundo, pode **“não imputar”** a transgressão de seus mandamentos, tratando-a assim como não-acontecida. Por enquanto, ele constata apenas o maravilhoso fato de **“não imputar às pessoas suas transgressões”**. Como isso é sempre de novo admirável e incompreensível! Como isso proporciona paz integral e nítida certeza da salvação!

Cabe atentar mais uma vez à sintaxe de toda a frase. O sujeito dela é Deus! Ela expressa enfaticamente: Deus, realmente Deus, estava em Cristo. Facilmente nossa teologia, nossa proclamação, soa como se Jesus fosse o único que age na obra da reconciliação, e como se Deus apenas tolerasse a obra de Jesus, aceitando-a por clemência. Dessa maneira se minora a honra e a gratidão que cabe a Deus, o Pai. Ignora-se a natureza de Deus. “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu próprio Filho”, testemunhou Jesus a Nicodemos [**Jo 3.16**]. Da mesma forma anuncia seu apóstolo Paulo: **“A saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo.”** Jesus não age por conta própria em relação a Deus e ao mundo. Deus jamais é “objeto”, nem mesmo objeto do Filho! Sempre e em todas as circunstâncias Deus é o soberano, que delibera e age a partir de si mesmo. Ele está plenamente presente quando se trata da reconciliação do mundo. Para nossa proclamação e para nosso pensamento teológico é importante que gravemos isso. Em seguida, porém, evidentemente é necessário que também a outra verdade seja testemunhada com toda a clareza: esse Deus reconciliador vem ao nosso encontro de nenhuma outra forma senão exclusivamente em Jesus. Quem busca Deus fora de Jesus, o Crucificado, depara-se somente com a incontornável ira de Deus. A reconciliação do pecador com o Deus santo existe unicamente em Jesus.

Acontece que Paulo escreve que Deus **“estava”** em Cristo. Ele usa o pretérito porque se trata de um evento histórico único e, por conseqüência, da obra da reconciliação totalmente consumada e trazida ao alvo. De uma vez por todas, como a carta aos Hebreus afirma constantemente, Deus veio ao mundo em Cristo. De uma vez por todas reconciliou consigo o mundo no episódio passado no Calvário.

A ação de Deus por intermédio de Cristo vale para **“o mundo”** em sua amplitude abrangente. Por princípio, nenhuma raça, nenhum povo, nenhuma pessoa foi excluída dele. Ao mesmo tempo podemos saber, quando desanimar nosso coração, que Deus não se enganou a nosso respeito nessa reconciliação, mas viu com o **“mundo”** toda a nossa perdição, culpabilidade e deformação. Justamente o “mundo”, esse mundo terrível cheio de ateísmo, ódio, injustiça, mentira e egoísmo, tem necessidade da reconciliação. Em razão disso, a ação reconciliadora de Deus em Cristo está direcionada para ele.

Cabe notar mais uma coisa: Deus reconciliou o mundo **“consigo”**, ou seja, com ele, o Deus vivo. Essa é a criação de uma nova comunhão. Deus não pára no **“não lhes imputando as transgressões”**. Ele quer e faz mais: pessoas “reconciliadas” têm paz entre si e acesso uns aos outros. Em decorrência, por causa da obra do

Cristo na cruz, não apenas escapamos ilesos da punição, não apenas alcançamos a vida para nós mesmos, mas essa nova vida consiste justamente na maravilhosa comunhão com Deus, na condição de filhos e filhas de Deus.

Agora, porém, torna-se mais uma vez relevante para Paulo que esse feito único, reconciliador, de Deus em Cristo de fato apenas nos alcança porque vem a nós na mensagem, no evangelho. No entanto, o fato de que a mensagem atinge e comove a nós, inimigos de Deus, autocráticos, obstinados, pessoas fechadas contra Deus, isso por sua vez constitui integralmente uma obra de Deus. Por essa razão pertence direta e incondicionalmente à obra de reconciliação: **“deitando em nós a palavra da reconciliação”**. Nessa declaração Paulo deve ter em mente inicialmente que Deus deita a palavra da reconciliação em seus mensageiros, de sorte que possam levá-la às pessoas com autoridade. Contudo igualmente podemos lembrar o que acontece sob a proclamação e por meio dela: agora a palavra também é **“deitada”** no coração dos ouvintes, conferindo-lhes a reconciliação e tornado-os uma **“nova criação”**.

20 No diálogo com a igreja coríntia torna-se relevante para o apóstolo Paulo justamente que essa ação de reconciliação continue no evento da proclamação. Afinal, em toda a carta está em jogo o serviço de Paulo, seu fundamento, sua legitimidade, todo o seu modo de ser. Por essa razão Paulo coloca novamente a questão: **“De sorte que prestamos serviço de embaixadores por Cristo, exortando Deus por nosso intermédio. Por Cristo, pois, pedimos que vos reconcilieis com Deus** (ou: deixai-vos reconciliar com Deus).” **“Serviço de embaixador”** é o que Paulo faz. Isso deixa claro automaticamente que seu serviço está livre de qualquer atitude autocrática, de reivindicações e objetivos pessoais. Um “embaixador” age por mandato e somente comunica o que o poder que o envia quer que seja dito. Diante de todos os equívocos de “auto-recomendação”, de “conquista de pessoas”, de comportamento autoritário (2Co 1.17), ele sublinha expressamente três vezes: **“Por Cristo”** prestamos o serviço de embaixadores. **“Por Cristo”** é que pedimos, e na realidade é **“Deus que exorta por nosso intermédio”**. Extremo despojamento de si, que realiza tudo para outra pessoa, para o grande Senhor que o incumbe, caracteriza o serviço do apóstolo, conferindo-lhe justamente assim máxima autoridade. É isso que os coríntios precisam compreender finalmente.

Exatamente com essa autoridade máxima Paulo pode se apresentar com sua mensagem como alguém que pede. Evidentemente que isso é surpreendente! Porventura um emissário de Deus não deve dar ordens? Será que a oferta de uma reconciliação com ele não deve ser majestática e condescendente, tendo como tela de fundo graves ameaças caso essa graça não for aceita imediatamente? Era desse aspecto de soberania e superioridade que os coríntios sentiam falta em Paulo. Será possível que o mensageiro do Rei de todos os reis e do Senhor de todos os senhores – “peça”? Porventura pode pedir que os rebeldes contra Deus aceitem a reconciliação que os salva? Paulo assegura que o faz **“por Cristo”**, em lugar de Cristo. Portanto Paulo tem a certeza: sua “petição” apostólica está em plena consonância com aquele Jesus que também em sua própria pregação na terra se apresentava entre as pessoas como manso e humilde, como convidativo, como aquele que não deixou que o servissem, mas que serviu e entregou a vida em prol da redenção. Novamente repercuta o que era motivo de queixa contra Paulo em Corinto. Tentava conquistar pessoas. Sim, o apóstolo realiza seu trabalho pedindo e buscando. Ele gostaria de “ganhar” pessoas pedindo cordialmente. Não deseja pressionar e coagir em favor da maior preciosidade que existe. Mas no conteúdo de seu pedido reside toda a gravidade e toda a magnitude da questão: **“Reconciliai-vos com Deus.”** Não pode haver pedido mais insistente.

A forma do pedido: **“Deixai-vos reconciliar com Deus!”** revela como o ser humano inicialmente é e precisa ser, “passivo”. A reconciliação ativa é uma obra totalmente própria de Deus, acontecida e consumada há muito tempo, antes de chegarmos a vê-la claramente. Por isso vale para nós: **“somos reconciliados.”** Ao mesmo tempo, porém, também aqui Deus nos trata como pessoas responsáveis. Não somos reconciliados com Deus mecanicamente, sem nossa própria vontade. Isso jamais seria uma reconciliação autêntica. Não, Deus nos “exorta” e “pede” que aceitemos sua reconciliação, que ingressemos na reconciliação preparada por ele. Deus nos deixou a liberdade de decidir pessoalmente de forma tão séria que podemos fechar-nos ante o pedido de Deus e rejeitar sua reconciliação. É inconcebível imaginar que a pessoa culpada não queira obter a reconciliação que Deus viabilizou por um preço desses e lhe oferece livre e gratuitamente! Por mais incompreensível que seja, isso acontece sempre de novo. Em 2Co 4.1-6 Paulo aprofundou esse fato enigmático e não conseguiu explicá-lo sem ver diante de si o “deus deste século” com sua funesta atuação. Rejeitar a reconciliação com Deus – isso é diabólico. Mas evidentemente também se constata como é fundamental a perda do ser humano, com que profundidade está enraizada em seu coração a inimizade contra Deus. Quando, porém, a reconciliação é aceita, o ser humano se curva ao máximo sob o assombro de louvor e gratidão, pelo fato de Deus realizar o ato mais extremo por nós e depois ainda “pedir” que, afinal, o aceitemos livremente. Quando a igreja aprende a compreender desse modo o serviço de mensageiro de seu apóstolo e a magnitude da mensagem, precisam silenciar em Corinto a insatisfação e as críticas.

No entanto, Paulo ainda não nos falou como, afinal, se produz a reconciliação da parte de Deus, como ela de fato se tornou possível. Como Deus pôde deixar de “imputar transgressões”? Em vista de seu “não” absoluto contra qualquer pecado, como ele foi capaz de reconciliar consigo os culpados e pecaminosos?

21 Paulo nos mostra em uma breve frase a resposta à pergunta insolúvel para nós: **“Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.”**

Essa frase expressa de um modo incrivelmente sucinto realidades supremas. **“Aquele que não conheceu pecado”** afirma que Jesus não tinha pecado e era santo. Em Jesus está diante de nós aquele que não apenas superou o pecado de forma bem diferente do que nós, mas que nem sequer “conheceu” o pecado, que não tinha nenhum tipo de contato íntimo com ele. Nele o pecado não encontrou ocasião para atacar pelo mandamento (Rm 7.8) nem conseguiu despertar nele o desejo pecaminoso. Ele foi “tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15). Porém justamente a ele Deus **“o fez pecado por nós”**. Notemos que, sob a condução do Espírito Santo, o apóstolo ultrapassa em muito a declaração que nos é familiar: “Jesus carregou nosso pecado”. Deus lida com Jesus, o único puro, como com o próprio pecado. O juízo sobre o pecado que se processou no Calvário é inconcebivelmente terrível. O grito devido ao abandono por Deus, nos lábios do Filho de Deus, pode nos proporcionar uma idéia disso. Toda a ira do Deus santo e vivo se abate sobre Jesus, que está diante de Deus como nosso substituto, sim, feito nosso pecado. Acontece que também nesse caso o próprio Deus é aquele que age. Ele, ele mesmo **“fez pecado aquele que não conhecia pecado”**. Jesus é aquele que suporta, que permite que tudo aconteça com ele para o nosso bem, revelando uma inconcebível misericórdia para conosco. Aquele, porém, que na cruz realiza o sacrifício extremo, é o próprio Deus! Quanto deve ter custado ao Pai tratar o Filho puro e inocente, que somente demonstrou obediência amorosa ao Pai, como o terrível pecado em si, pelo juízo! Compreendamos: foi “assim” que Deus amou o mundo. Tudo isso acontece da parte do Pai e do Filho **“por nós”**. Por meio do terrível acontecimento no Calvário o **“por nós”** passou a ter validade inabalável. Diante dele todas as acusações do inimigo, do acusador, se dissipam em nada. Agora Deus pode ser “justo” ao nos perdoar o pecado (1Jo 1.9). Agora é possível exclamar em triunfo e com absoluta certeza: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?... Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica” (Rm 8.31,33). Ao mesmo tempo, porém, a gravidade de nosso pecado é descoberta como em nenhum outro lugar. Era isso, portanto, que se fazia necessário para que o “imputar” de nosso pecado que tinha de nos precipitar no inferno pudesse ser interrompido! Por nós Jesus precisou tornar-se pecado. Tão grande é o peso de nosso pecado!

Em virtude disso Paulo também pode passar a caracterizar o fruto do acontecimento do Calvário da forma tão radical quanto jamais aconteceu: **“Para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.”** Em exata correlação com o fato de que Jesus não apenas teve de carregar nosso pecado, mas na prática se tornou pecado, também a “justiça” não é apenas uma dádiva que nos foi outorgada, não é apenas um veste de que podemos nos revestir. Não, nós mesmos **“somos feitos justiça de Deus”**! Com toda a certeza o amor de Deus, que jamais entenderemos, concebeu nossa reconciliação com ele e produz por ele o sacrifício supremo pela entrega do Filho. É a insondável misericórdia com nossa miséria que conduz a ação de Deus. Mas é a **“justiça”** que precisa ser obtida em nosso favor. Não há o que mudar: Somente justos podem persistir diante do Deus justo. Deus não se desvia um milímetro sequer de sua justiça. Mas ele mesmo providencia para que nos tornemos diante dele a própria **“justiça de Deus”**. Unicamente assim nossa posição perante Deus é inatacavelmente sólida. Unicamente assim somos alçados acima de todas as imputações do grande acusador. Ademais a expressão **“ser feito justiça de Deus”** diz que essa justiça determina todo o nosso ser e não continua sendo tão somente uma dádiva isolada de Deus a nós. Unicamente assim passa a ser uma “couraça” que nos protege perfeitamente contra os ataques do inimigo (Ef 6.14). A mensagem da “justiça”, portanto, não representa uma recaída em um universo mental inferior que fica devendo para o evangelho do amor de Deus. Não, somente essa mensagem eleva às alturas de uma graça plena, que atingiu o alvo de modo absoluto. O amor de Deus não descansa até que faz de nós a própria **“justiça de Deus”**. Agora, porém, não pode mais haver dúvidas sobre nossa permanência na face de Deus. Somente precisamos recordar mais uma vez o preço que isso custou. Somos feitos **“justiça de Deus”** apenas porque Jesus prontamente permitiu ser **“feito pecado”**. Ocorre aqui uma “troca” radical, que acaba com aquela “confusão” que constitui a essência do pecado. No pecado originário o ser humano substitui a verdade de Deus pela mentira, a honra do Criador pela exaltação da criatura (Rm 1.25). Agora Jesus, por incumbência de Deus, “troca” de lugar conosco: ele se torna nosso pecado e nós nos tornamos, nele, justiça de Deus. No Calvário Deus vê em Jesus apenas pecados. Deus vê em nós apenas justiça! Evidentemente, porém, não em nós mesmos, mas somente **“nele”**, somente **“em Cristo”** **“somos feitos justiça”**. **Aqui a mensagem da justificação foi enunciada em sua forma mais radical.**

A APROVAÇÃO DO APÓSTOLO EM SEU SERVIÇO, 6.1-10

- ¹ E nós, na qualidade de cooperadores com ele, também vos exortamos a que não recebeis em vão (literalmente: no vazio) a graça de Deus,
- ² porque ele diz: Eu te ouvi no tempo da oportunidade e te socorri no dia da salvação (Is 49.8). Eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação.

³ Não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o ministério não seja censurado.

⁴ Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias,

⁵ nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns,

⁶ na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido,

⁷ na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas;

⁸ por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros,

⁹ como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos;

¹⁰ entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo.

- 1 Paulo havia exposto diante de nós a magnitude do que chamamos de “**a graça de Deus**”. Foi essa graça que os coríntios aceitaram. Porém, olhando para a realidade em Corinto, Paulo é tomado por profunda preocupação. Será que tudo o que sucedeu com a proclamação do evangelho em Corinto fora “**em vão**”? Será que caíra “**no vazio**”? Ficara sem conseqüências reais e frutos? A graça de Deus em sua incrível magnitude – “**em vão**”? O serviço de Moisés não levara ao alvo. Será que agora o tão enaltecido “serviço do Espírito” tampouco teria trazido de fato a vida? Deus exorta por intermédio de pessoas, elas são mensageiras dele. Paulo e seus colaboradores haviam “**cooperado**” em Corinto, para que ali se formasse igreja. Logo, têm o direito de agora dizer aos coríntios, depois de tanto exortar e pedir: “**Na qualidade de cooperadores vos exortamos a que não tenhais recebido em vão** (literalmente: no vazio) **a graça de Deus.**” A construção da frase é peculiar. Será que posso exortar alguém a não “ter recebido” algo em vão? Contudo essa formulação expressa a certeza de que a aceitação da graça de Deus pelos coríntios nem mesmo “pode” ter sido em vão. Os coríntios apenas precisam se conscientizar novamente disso, dando lugar à graça para que atue plenamente na igreja.
- 2 Na graça de Deus não se trata de um elemento estático que está à nossa disposição a qualquer instante. Trata-se da história viva de Deus, que tem o seu “tempo” e por isso transforma nosso tempo, nosso “agora”, no tempo decisivo, no qual tudo pode ser ganho ou tudo pode ser perdido. Paulo tem em mente uma palavra da Escritura, de **Is 49.8**. Ele não vê essa palavra historicamente no contexto daquela época. Por meio dela Deus lhe “**diz**” algo que vale para a época dos coríntios: “**Porque ele diz: ‘Eu te ouvi no tempo bem-vindo e te socorri no dia da salvação’ (Is 49.8).**” Paulo aplica isso imediatamente aos coríntios: “**Eis! Agora é o tempo sobremodo bem-vindo; eis, agora, o dia da salvação.**” Os coríntios não podem adiar nada. Não podem escolher pessoalmente a hora em que desejam permitir que a graça de Deus atue. Em Corinto Deus estabeleceu seu “agora”. Por isso é preciso que “**agora**” tudo seja esclarecido em Corinto e o caminho da vitória plena seja aberto para a graça de Deus. O tempo “**bem-vindo**”, e até mesmo o tempo “**sobremodo bem-vindo**” é o agora, que é propício para Deus, também quando nós não o consideramos bem-vindo. Esse “agora” é “**dia da salvação**”. O amor redentor de Deus, como o apóstolo acabou de descrever em toda a sua grandeza, está atuando em Corinto hoje. Os coríntios não têm como saber se ele ainda agirá “amanhã”. A “salvação” não está na mão deles, mas unicamente na de Deus. O “dia da salvação” precisa ser aproveitado integralmente.
Na seqüência, porém, Paulo conduz de volta ao tema de toda a sua carta. Está em jogo seu serviço como apóstolo, como mensageiro para Cristo. Ao exortar seriamente os coríntios, Paulo talvez esteja ouvindo a oposição daqueles que o criticam ou até mesmo combatem: seria melhor que Paulo cuidasse de sua própria vida e daquilo que os coríntios lhe imputam! Afinal, será que a vida dele, com suas permanentes dificuldades e aflições, com toda a sua pobreza e precariedade, de fato se parece com a de um “**servo de Deus**”? Mais uma vez, e de forma intensificada, está em questão o que Paulo já havia tratado com a igreja em **1Co 4.1-13** e em **4.7-12**.
- 3 Com a ousadia que lhe é dada pelo testemunho da consciência (cf. **2Co 1.12!**) ele contrapõe a todas as acusações de Corinto: “**não dando nós nenhum motivo de escândalo em coisa alguma, para que o serviço não seja censurado.**” Cabe entender a palavra “dar motivo de escândalo” em seu sentido próprio e grave. Refere-se ao “empurrão” com qual atrapalho outra pessoa em seu caminho para a salvação em Cristo, e pelo qual a afastamos desse caminho, jogando-a na dúvida e na incredulidade. Por mais motivos que os coríntios encontrem para criticar em Paulo, um “escândalo” o apóstolo não deu a ninguém. Seu serviço não “**foi censurado**”, a saber, aos olhos de seu Senhor, e por isso tampouco foi justificadamente censurado aos olhos de pessoas honestas.
- 4 Mais uma vez aparece a palavra-chave: “Recomendar-se a si mesmo.” Paulo tem coragem de admitir essa acusação. Sim, ele e seus colaboradores “recomendam-se como servos de Deus”, mas não com palavras vazias, porém “**em tudo**”, em todo o seu modo de vida. No original grego as palavras “**como servos de Deus**”

não estão na forma do acusativo, mas do nominativo. Paulo, portanto, não está enaltecendo a si e seus companheiros como verdadeiros servos de Deus, mas Paulo “se recomenda” da maneira como somente verdadeiros servos de Deus podem fazer, a saber, com a plenitude da verdadeira aprovação, que ele passa a enumerar. À semelhança de **1Co 4.9-13**; **2Co 4.7-18**, ele gostaria de dizer à igreja queixosa em Corinto que seu caminho, com toda a profusão de sofrimentos e aflições, corresponde à mensagem que ele tem de anunciar, à mensagem da cruz, e que sua persistência nesses sofrimentos, suas vitórias ao longo de todas as dificuldades dão testemunho do poder da ressurreição de seu Senhor. Justamente dessa maneira ele não dá “**nenhum motivo de escândalo em coisa alguma**”, mas ajuda pessoas a crer e torna sua mensagem digna de crédito entre os que a ouvem. Na singular concomitância dos opostos do que é humanamente inconciliável reflete-se o fato de que o Senhor, a quem Paulo serve, é ao mesmo tempo o Crucificado e o Exaltado. “Como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos”, isso é apenas uma nova descrição do que em **2Co 4.10** havia sido exposto à igreja como necessária configuração do serviço apostólico, sim, da vida cristã propriamente dita.

Paulo fala inicialmente da profusão de aflições e dificuldades exteriores pelas quais tem de passar com seus companheiros. Elas evidenciaram “**muita constância**”. Ao lado das “aflições” que relatou logo no começo da carta ele arrola “**apertos**” e “**angústias**”. Ambos os termos destacam a condição de uma pessoa que não pode deslocar-se livremente como deseja, que não tem espaço de liberdade, mas precisa se conformar com condições difíceis.

- 5 De imediato Paulo pensa em situações concretas, em “**açoites**” e “**prisões**”. Quantas vezes ele teve de suportar tais sofrimentos brutais! Em **2Co 11.23ss** ele contará isso com maiores detalhes. A palavra subsequente no texto pode apontar para “**tumultos**”, conforme relatados diversas vezes em Atos: **At 13.50**; **14.5**; **14.19**; **17.5**; **19.23ss**. Contudo também pode referir-se ao modo de vida sem sossego do apóstolo, a vida inconstante de migrante que ele tem de viver. Já em **1Ts 2.9** ele se referira às “**labutas**”, seu “trabalho com as próprias mãos”, ao lado de todo o seu serviço de apóstolo. Assim aconteceram as noites em “**vigílias**”, provavelmente sobretudo para ter tempo para orar intensamente (**Cl 4.2**). Talvez Paulo também esteja apontando nesse contexto para os dias de “**jejum**”. Contudo também pode ter em mente as muitas vezes em que sofreu de fato a fome, como já escrevera aos coríntios em **1Co 4.11**. Porém, na verdade é precisamente isso que ainda causava estranheza em Corinto. Será essa a aparência da vida de um homem de Deus? Como se portavam diferentemente os homens que faziam propaganda para divindades e cultos estrangeiros! Como eram diferentes também os novos mestres que ainda pretendiam conduzir os coríntios ao verdadeiro ápice! Paulo, porém, diz que era assim, justamente assim, que o verdadeiro mensageiro de Jesus precisava viver. Porque o Filho do Homem não viera para ser servido, mas para servir e dar a vida em prol da redenção. Não tinha onde reclinar a cabeça. Sua “exaltação sobre a terra” aconteceu nas horas em que seu corpo esfacelado pendia do madeiro a que estava pregado. Conseqüentemente, o apóstolo constata precisamente na corrente de seus próprios sofrimentos e aflições uma profusão de “recomendações” que avalizam a autenticidade de seu serviço. É justamente assim que “**se recomendam**” verdadeiros “**servos de Deus**”.
- 6 Agora são acrescentadas as qualidades e capacidades pessoais que Paulo tem e precisa ter no serviço de Deus. No caso da “**pureza**” não é necessário que ele pense na esfera sexual, embora para ele, como não-casado, houvesse um desafio especial nesse ponto. Paulo também pode estar se referindo genericamente à sinceridade de seus motivos. No contexto grego o “**conhecimento**” era altamente considerado. Paulo o possui (cf. **2Co 11.6**). Sem estruturar sistematicamente a lista, ele segue com a “**longanimidade**”, imprescindível para o apóstolo em todas as dificuldades e decepções com colaboradores e igrejas. A isso se agrega a “**bondade**”, tão importante no trato com pessoas afastadas, questionadoras e críticas. Como ele responderia à riqueza e diversidade das demandas no serviço se não pudesse afirmar que presta esse serviço “**no Espírito Santo**”? Conferia autoridade a seu serviço em todos os lugares, tornando-o eficaz, o fato de que sua proclamação do evangelho chegava às pessoas “não apenas na palavra, mas também em poder e no Espírito Santo” (**1Ts 1.5**).
- 7 Simultaneamente o primeiro fruto fundamental do Espírito é o “**amor não-fingido**”. Paulo não se esforça para causar uma impressão amável. Paulo é capaz de amar verdadeiramente. O amor genuíno, porém, não está separado da verdade. Paulo possui como meio de trabalho a “**palavra da verdade**” que ele pode expor com amor em toda parte. Recordamos sua frase fundamental em **2Co 4.2**! É algo grandioso quando podemos anunciar neste mundo de mentira e aparências, de erro e frases feitas, a palavra que é, no mais verdadeiro sentido, “**palavra da verdade**”, a saber, da verdade eterna de Deus. Quem testemunha essa palavra experimenta “em fraqueza, temor e tremor” o “**poder de Deus**”, o único capaz de criar no ser humano a fé autêntica e perseverante (**1Co 2.1-5**). É “o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”, sobre o qual Paulo escreverá aos romanos durante sua estadia em Corinto. É o “poder” que “se aperfeiçoa na fraqueza” (**2Co 12.9**) e torna o “fraco” Paulo maravilhosamente “forte”.

Paulo olha para sua atuação como ela ocorre de fato. Ela é “luta”, não apenas e nem essencialmente com pessoas, “mas com poderes e potestades”, a saber, com os senhores do mundo, que dominam nestas trevas (**Ef 6.12**). Para essa luta ele tem a “armadura”, “**armas da justiça**”. Armas “**à direita**” são as armas ofensivas que

são conduzidas com a mão destra. “**À esquerda**” se conduz o escudo como arma defensiva. Paulo está preparado para o ataque e a defesa.

- 8 Em seu serviço, no entanto, ele passa “**por honra e desonra, por má fama e boa fama**”. Paulo experimentou de sobra que lhe fosse atribuída infâmia e que se falassem muitas maldades sobre ele. Seu serviço não seria autêntico se também isso não acontecesse com ele. A resistência do mundo contra a mensagem também se revela pelo fato de ele difamar e ofender os mensageiros, tentando destruir seu bom nome. Evidentemente a situação do apóstolo seria deplorável se não houvesse também o outro aspecto, o de ser amado e valorizado e de que se fala bem dele a terceiros. Paulo realmente passa “através” de ambas as experiências. Não se prende à honra e por isso não teme a desonra. Ele sabe como a fama pode oscilar entre as pessoas, e não se importa demais com isso. De qualquer forma, aquilo de que também os coríntios sentem falta em seu apóstolo, que ele está arrolando agora, pode ser constatado em sua vida e seu serviço.

Na seqüência, derivam disso os imponentes contrastes de sua vida, que ele mantém firmemente ligados por meio de um “porém”. Nas frases de **2Co 4.7-9** já nos deparamos com esse “porém” impactante que caracteriza muitas afirmações bíblicas. As aflições e dificuldades são enunciadas abertamente e sem disfarce. “Porém”, contrariando-as, testemunha como são superadas a partir de Deus, de tal maneira que não conseguem alcançar seu alvo destrutivo. É o que Paulo demonstra agora de modo ainda mais abrangente e profundo. Expõe aos coríntios sete antíteses. Não é possível constatar se o número sete resulta do acaso ou se possuía alguma relevância intencional por parte do apóstolo.

A má fama acusa Paulo de ser “**enganador**”. É verdade, ele tenta “ganhar pessoas” (**2Co 5.11**), afastando-as do judaísmo e paganismo. Para outros isso forçosamente parece “sedução”. Porém Paulo sabe com serena convicção que apesar disso ele é “**verdadeiro**”. Paulo não desencaminha os que conquista, mas, pelo contrário, os ajuda a sair do engano e da perdição e chegar à verdade e à vida (**2Co 4.2**).

- 9 Ele não é pessoa famosa. Não possui título nem nobreza. Nas cidades a que chega é simplesmente um judeu “**desconhecido**” e sem ostentação. Não obstante, é muito “**bem conhecido**” na grande multidão de seus amigos e nas fileiras de seus adversários! Já teve oportunidade de escrever aos tessalonicenses: em todos os lugares eles mesmos proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio (**1Ts 1.9**).

No entanto, toda a sua existência também unifica o que na verdade não é unificável, com poderosa amplitude e vigorosa vitalidade. “**Como se estivessem morrendo**”: é assim que Paulo vê a si mesmo e a seus cooperadores. Já expressara isso em **1Co 15.31** e agora em **2Co 4.11**. Em seus lábios isso não é uma maneira edificante de falar, nem mera imagem devota que não devesse ser levada excessivamente a sério. É uma realidade plena que diz respeito a todo o ser humano Paulo, de corpo e alma. Porém ele pode acrescentar em triunfo: “**contudo, eis que vivemos**”. Isso não apenas significa que Paulo e seus colaboradores repetidamente escaparam com vida, tendo sua existência física preservada ao longo de todas as ameaças. Não, eles “vivem” verdadeiramente, enquanto outras pessoas aparentemente muito vivas na realidade estão “mortas”, mortas perante Deus. Nas tribulações e sofrimentos, porém, Paulo não apenas constata a atuação da maldade humana. Por trás da ação dos seres humanos que lhe infligem dores ele vê a mão de Deus. Deus o “disciplina”. Paulo emprega o verbo grego *paideuomai*, conhecido entre nós pelo estrangeirismo “pedagogia”. Trata-se, portanto, de “educação”, que obviamente era muito severa na Antigüidade. Deus “educa” o apóstolo e o coloca sob disciplina quando pessoas lhe infligem renovados sofrimentos e dificuldades. É uma educação severa. Mas ela não conduz à morte, e sim à vida e a um serviço ainda mais poderoso. Em sua frase, Paulo, um homem que convivia com a Bíblia, deve estar lembrando o **Sl 118.18**: “O Senhor me castiga severamente, mas não me entrega à morte.” Por isso ele formula, repercutindo a passagem do salmo, as afirmações acerca de sua própria vida: “**Como disciplinados, porém não mortos.**”

- 10 Entretanto, a vida que Paulo leva nesse caso não seria uma vida sofrida e oprimida, uma vida que não deixa surgir qualquer alegria? Sim, seus sofrimentos são graves. Ele conhece a tristeza e a dor profunda em dimensões extremas. “Grande tristeza e incessante dor” ele tem no coração ao se lembrar de Israel (**Rm 9.2**). À amada igreja em Corinto ele teve de escrever “no meio de muitos sofrimentos e angústias de coração com muitas lágrimas” (**2Co 2.4**). Muitas vezes ele e seus colaboradores estão “**entristecidos**”. Contudo fariamos uma idéia errada da vida do apóstolo se, com base em tais passagens da carta, o imaginássemos como um homem amargurado e deprimido. Não: como “entristecido” ele está “**sempre alegre**”. Nesta exposição sucinta ele não diz especificamente como consegue ser alegre, de onde brotam as fontes de sua alegria. Porém deparamo-nos palpavelmente com esse “**entristecidos porém sempre alegres**” quando lemos lado a lado **Rm 8.31-39** e **Rm 9.1,2**. A ardente dor em **Rm 9.12** não aniquila a alegria triunfante em **Rm 8**. Contudo, essa alegria tampouco simplesmente anula a dor. No coração do apóstolo há espaço para alegria e dor, em intensa vitalidade. Ele é ao mesmo tempo “**triste e pleno de alegria**”. É “alegria do Espírito Santo”, conforme a experimentaram também os tessalonicenses em meio a muitas tribulações (**1Ts 1.6**).

O apóstolo é “**pobre**”. Na perspectiva dos coríntios isso era uma desonra. Desejavam receber um rico enviado do grande *Kýrios*. Contudo devem atentar para o que é surpreendente: o “**pobre**” Paulo, apesar de tudo, “**enriquece a muitos**”. Quanta riqueza fluiu da vida de Paulo e de seus colaboradores! Quantas pessoas

entre Jerusalém e Corinto devem a seu serviço o fato de se terem tornado pessoas “ricas”, de sua vida ter obtido conteúdo, sentido e plenitude em Jesus. Mas também não se exclui um “enriquecer” material. Nesta carta Paulo há de falar da grande coleta para Jerusalém. Quantos, pois, “enriquece” ali. Quantas ajudas e dádivas ele desencadeou por sua atuação em um mundo que antes desconhecia completamente a atitude de pensar nos outros com amor. Por fim, encerra com um último e magnífico paradoxo: “**nada tendo, mas possuindo tudo**”. Paulo realmente é alguém que “**tem**” ao migrar sem posses pelo mundo, ganhando o mais parco sustento de vida com trabalho de suas próprias mãos, sem emprego fixo, sem moradia permanente! Porém escreveu aos coríntios a ousada palavra: “Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso” (1Co 3.21). Ele próprio vive nessa certeza, de que em Cristo tudo lhe pertence e todas as coisas precisam “cooperar para o bem” dele (Rm 8.28). Ele é “herdeiro de Deus e co-herdeiro do Cristo”. Na verdade essa “herança” já é dele, ainda que a receba com plena glória somente por ocasião da vinda de seu Senhor. Por isso, vive a vida cheio de alegria apesar de uma profusão das mais árduas aflições (açóites, prisões, fome!), como quem “**possui tudo**”. Que os coríntios tampouco se prendam a esse aspecto, que evidentemente se impõe primeiro ao olhar! Que entendam o surpreendente “porém”, o “não obstante”, e por isso não se irritem com o apóstolo, mas captem dele com profunda gratidão a forma da existência genuína do mensageiro para o Senhor crucificado e ressuscitado!

O que Paulo escreveu em todo esse trecho é atestado como fato em sua vida e serviço. Ele não projeta o “ideal” de um trabalhador cristão, do qual tenta se aproximar. Não estabelece leis e regras de como deveria ser a vida de um mensageiro de Jesus. Tampouco está diante de nós um tratado teológico, mas uma carta genuína, cujo autor testemunha pessoalmente a respeito de sua vida. No entanto, os leitores de sua carta – os daquele tempo e também os de hoje – podem notar que sua existência não tem essa configuração por acaso. Por isso suas frases se transformam em pergunta para os coríntios, sobretudo para os novos mestres, e em pergunta para nós e para todos os servos de Jesus Cristo hoje. Será que essas linhas podem ser vistas em nós, será que somos capazes de falar de nós e de nosso serviço de maneira análoga à de Paulo? Se nosso serviço não permite reconhecer absolutamente nada do que o apóstolo atesta sobre si e seus colaboradores, teremos de nos perguntar seriamente qual é a causa disso.

PEDIDO FINAL À IGREJA, 6.11-13

- ¹¹ **Para vós, ó coríntios, abrem-se os nossos lábios, e alarga-se o nosso coração.**
- ¹² **Não tendes limites em nós; mas estais limitados em vossos próprios afetos.**
- ¹³ **Ora, como justa retribuição – falo-vos como a filhos – dilatai-vos também vós!**

- 11** Paulo atinge um ponto final em seu ardente empenho por tornar compreensível aos coríntios a conduta de sua vida e toda a forma e glória de seu serviço. Esse empenho começou logo quando falou de suas tribulações em 2Co 1.3ss, passando por renovados impulsos e pontos de vista, chegando até a presente passagem da carta. Agora ele se detém e lança um olhar sobre o que escreveu. “**Nossa boca se abriu contra vós, coríntios; nosso coração se alargou.**” É verdade, foi isso que notamos na leitura da carta. Não havia nada reticente. Nenhuma diplomacia cautelosa determinava as explicações. Paulo dialogava sem escrúpulos. Os coríntios não precisam “ler nas entrelinhas”. Para o apóstolo vigorava a palavra de Jesus: “A boca transborda do que está cheio o coração” (Mt 12.34). A boca tão ousadamente aberta revela o coração aberto que se alargou. Ingratidão, mal-entendidos, desconhecimento e difamação não foram capazes de fechá-lo. Sem amargura ele demonstra aos coríntios um coração livre e dilatado.
- 12** “**Não tendes espaço estreito em nós.**” Talvez Paulo também tenha sido alcançado por queixas dos coríntios, de que por trás da mudança do plano de viagem haveria um certo menosprezo para com a igreja coríntia, à qual o apóstolo não devotaria mais todo o seu coração. Ou talvez se tenha avaliado como “estreiteza de coração” a seriedade com que o apóstolo combatia coisas maléficas em Corinto. Porém a verdade é o contrário: “**Vós tendes espaço estreito em vosso próprio íntimo.**” Têm coração estreito na avaliação de seu apóstolo. Não desejam compreender com coração aberto e grato. Não participam de sua vida dura e rica em sofrimentos. A dolorosa incompreensão entre apóstolo e igreja não reside no fechamento e desamor da parte dele, na sua falta de coração para os coríntios e seus problemas. Contudo é duro para o apóstolo que o ignorem com preconceitos e determinadas reivindicações e não queiram dar mais espaço no coração da igreja a ele, fundador e pai da igreja.
- 13** Por isso o apóstolo precisa pedir à igreja: “**Dilatai-vos também vós!**” Façam-no “**como correspondente retribuição**”. Paulo depositou todo o seu coração aberto nessa carta. Afinal, eles terão de notar em seu escrito que ele os busca tanto, na luta por sua compreensão. Agora a igreja deve igualmente vir ao encontro do apóstolo e retribuir sua cordial abertura com a mesma disposição, ouvir Paulo de fato e não rejeitando, mal-humorados, tudo o que ele escreve, mas acolhê-lo, acompanhar seu raciocínio, reconhecê-lo e voltar a ver o

apóstolo da forma como realmente é, determinado pelo amor do Cristo. Paulo não o exige com autoridade apostólica. Não, “falo-vos como a [meus] filhos”. De forma muito semelhante ele já havia escrito na primeira carta (1Co 4.14s) justamente ao abordar sua vida apostólica, com a qual os coríntios se escandalizavam. “Pedir” tão cordialmente é algo que somente um “pai” consegue fazer.

A EXIGÊNCIA DE PURIFICAÇÃO TOTAL DA IGREJA, 6.14–7.1

- ¹⁴ Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos (literalmente: não sejais estranhamente jungidos com incrédulos); porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão, da luz com as trevas?
- ¹⁵ Que harmonia, entre Cristo e o Maligno? Ou que união do crente com o incrédulo?
- ¹⁶ Que ligação há entre o santuário de Deus e [as imagens de] os ídolos? Porque nós somos santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo (Lv 26.11,12).
- ¹⁷ Por isso, retirai-vos do meio deles, separai-vos, diz o Senhor; não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei,
- ¹⁸ serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas (Is 52.11; Jr 31.9), diz o Senhor Todo-Poderoso.
- ^{7.1} Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.

Um trecho coeso de características próprias interrompe os esforços do apóstolo de obter compreensão plena e união completa entre si e a igreja. Em 2Co 7.2 esse empenho continua, quando Paulo contempla o retorno de Tito de Corinto e seu relato tão animador. Por isso houve intérpretes que pretendiam considerar esse trecho como uma “inclusão” que interromperia de forma negativa o nexos da carta, e cujo conteúdo também seria algo estranho. A isso, no entanto, se contrapõe o fato de que todos os manuscritos tragam esses versículos nesse local. Ou seja, a “inclusão” deveria ter sido feita bem cedo. Ademais, se ela “atrapalha” o nexos, quem então a teria inserido aqui e por que razão? Que finalidade a pessoa teria visado com uma ação dessas? E de onde o redator a teria tomado? Todas as tentativas de determinar a origem desse bloco da “epístola de lágrimas” ou de outra carta, não preservada, do apóstolo, são arbitrárias e incertas. Também no aspecto da linguagem não é possível demonstrar que as frases e exposições não sejam “paulinas”. Teremos de deixar o trecho da maneira como o encontramos nos manuscritos. Tão incompreensível como seria um estranho interrompendo uma carta neste ponto, de maneira perturbadora, a fim de introduzir nela frases bem diferentes, tão boas razões o próprio autor da carta poderia ter para enunciar tais exortações antes de prosseguir com o fluxo principal da carta. De qualquer modo “não nos cabe prescrever a Paulo como ele deve organizar aquilo que ele deseja dizer”.

Contudo, tampouco é forçado dizer que Paulo, ao expressar o afetuoso pedido a seus “filhos” em Corinto, volte a lembrar, com pesar, da ameaça interior da igreja, sentido-se impelido a insistentes exortações. Recordamos com quanta preocupação Paulo, o defensor da “liberdade cristã”, se deparava com as falsas palavras-de-ordem de liberdade em Corinto. “Tudo é lícito”, proclamava-se ali em tom triunfante, até mesmo o casamento com a madrasta, até mesmo o processo contra irmãos perante juízes gentílicos, as relações sexuais livres e a participação no banquete do templo gentílico. Será que as exposições do apóstolo em 1Coríntios de fato levaram a igreja a mudar de posição, se a autoridade de Paulo continuou controversa até a intervenção de Tito e os efeitos da “epístola de lágrimas”? Será que não seria o caso de que a igreja continuava a correr o risco de participar do mundo com uma suposta “superioridade”, mas que na realidade a deixava oca? Seria possível acontecer o entendimento cordial entre apóstolo e igreja se os coríntios não se deixavam conclamar para uma separação clara do mundo? Paulo precisa falar mais uma vez disso, de modo mais breve que na primeira carta, mas também mais aguçada e insistente.

- 14** “Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos (literalmente: não sejais estranhamente jungidos com incrédulos).” O “jugo” que atrela diversos animais para tracionar em conjunto era usado com predileção como metáfora para a convivência e atuação harmoniosas entre pessoas. Por exemplo, podia-se designar como “companheiros de jugo” um casal [cônjuges] ou também professores que lecionavam em conjunto. Sob o mesmo jugo, porém, podem e devem trabalhar em conjunto apenas animais iguais. Deus proibiu expressamente em sua lei (Lv 19.19; Dt 22.9-11) que se formassem parselhas de “duas espécies” de gado. A LXX emprega para isso a palavra *heterozygos*, que Paulo utiliza no presente texto para o jugo estranho, a fim de especificar a “espécie estranha” com que um animal não deve formar uma dupla. Paulo recorre a essa determinação legal e à vontade de Deus expressa nela. O que por natureza e por espécie não forma uma unidade não deve ser artificialmente ligado pelo ser humano nem atrelado ao mesmo jugo. Ele tampouco deve se deixar jungir em um “jugo estranho” desse tipo. Mas isso acontece toda vez que membros da igreja de Jesus se envolvem em alianças com os que são “incrédulos” e rejeitam a fé em Jesus. O apóstolo precisa exigir uma

nítida separação. Do contrário os crentes se colocam sob um jugo que lhes é estranho, passando a servir a poderes com que, como crentes, não podem ter nenhuma comunhão. Essa exigência de forma alguma restringe o amor misericordioso para com as pessoas nem o empenho cordial e insistente para ganhá-las. Nesse ponto alguém como Paulo certamente não pode ser entendido erroneamente. Sua exortação trata do convívio e da atuação conjunta sob o mesmo “jugo”.

“Porquanto que sociedade pode haver entre a justiça e a anomia?” No mundo gentílico predomina aquela “liberdade” que é “anomia”. O mundo não é subordinado à lei de Deus, não pode nem deseja sê-lo (Rm 8.7). O crente, porém, foi feito, em Cristo, “justiça de Deus” (2Co 5.21). Será que essa “justiça” pode participar de algum modo da “anomia”? A “liberdade cristã” é de um tipo completamente diferente. Cumpre a lei justamente no amor presenteado pelo Espírito de Deus. Ela vive na “lei do Cristo”. **“Ou que comunhão da luz com as trevas?”** O apóstolo não abre abismos artificiais. É evidente que não pode haver “comunhão” entre “luz” e “trevas”. Onde penetra a luz, as trevas forçosamente cedem. Onde dominam as trevas, a luz se apaga. Todo crente, porém, sabe que veio das trevas para a luz radiante e agora é “luz no Senhor”. Como, pois, os crentes, como filhos da luz, poderiam voltar a ter comunhão com as obras infrutíferas das trevas (Ef 5.15,8; 1Pe 2.9)?

15 Tanto o crente quanto o incrédulo possuem um “senhor”, ao qual pertencem e cuja vontade cumprem. Quem não se deixou salvar por Jesus ainda está subordinado ao “príncipe deste mundo”, que Paulo denomina aqui de “Belial”. Quem crê, no entanto, pertence a Cristo. Será que há entre esses dois “senhores” qualquer “acordo”? **“Que acordo entre Cristo e Belial?”** Além disso, o que o crente e o incrédulo possuem, o que os preenche e motiva, e o que um dia há de ser seu quinhão eterno difere completamente. **“Que união do crente com o incrédulo?”** Paulo não estabelece barreiras artificiais. As barreiras são dadas pela própria condição de vida dos crentes e incrédulos. Por isso temos todos os motivos para não desvalorizar o presente bloco como “inclusão” estranha, mas de nos posicionar diante das verdades essenciais com que o apóstolo nos confronta, ainda que essas verdades não sejam muito confortáveis para nós. Paulo leva a questão ao auge máximo e límpido: **“Que ligação há entre o santuário de Deus e [as imagens de] os ídolos?”**

16 Tanto naquele tempo como hoje o processo decisivo da grande guinada de vida para sair do mundo gentílico era o seguinte: “Convertei-vos, deixando os ídolos” (1Ts 1.9). Nesse caso, porém, os ídolos não podem de forma alguma ocupar o templo de Deus! Por natureza Deus não pode tolerar poderes estranhos em seu templo. Nessa frase Paulo deve estar pensando na leviandade com que os “livres” e os “fortes” em Corinto acreditam que podem participar tranquilamente das refeições em templos gentílicos. “Fugi da idolatria!” é uma advertência que ele já tivera de escrever na primeira carta (1Co 10.14).

Mas ele não se refere apenas a tais eventos isolados. Sua advertência tem um sentido bem abrangente com vistas a tudo que não se harmoniza com o Deus vivo e nossa ligação com ele. Não é possível que sejamos reconciliados com Deus por um preço tão alto (2Co 5.19-21!) e que depois novamente nos maculemos com “idolatria” no sentido mais amplo. **“Porque nós somos o santuário do Deus vivente, como ele próprio disse: ‘Habitarei e andarei entre eles; serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.’”** O que Deus prometera ao povo de Israel na antiga aliança (Lv 26.11s) e o que ele assegurara novamente por meio do profeta Ezequiel (Ez 37.27) após o cativeiro babilônico se cumpriu agora. Por isso, em 1Co 3.16s Paulo havia designado a igreja de Jesus de templo santo de Deus (cf. também Ef 2.19-22). Que inédita condição de vida fora concedida à igreja desse modo! Ser santuário de Deus, povo de Deus, ter o eterno Deus vivente como “nosso” Deus tão perto de nós na mais íntima comunhão – em que alturas isso nos posicionou!

17,18 Entretanto, se essas não forem apenas palavras devotas mas uma realidade cabal, então haverá conseqüências. O profeta anunciou por incumbência de Deus aos cativos na Babilônia, e Paulo acolhe o chamado: **“Por isso, ‘retirai-vos do meio deles, separai-vos’, diz o Senhor; ‘não toqueis em coisas impuras; e eu vos receberei.’”** A partir dessa afirmação confrontamo-nos com toda a gravidade de uma separação e decisão que incidem profundamente sobre a vida prática. Porém Deus demonstra justamente na presente passagem de sua palavra que apesar de tudo se trata de um “evangelho”, de mensagem alegre, de vida e alegria. Face à dificuldade da decisão, Deus retoma novamente sua grandiosa promessa e a leva ao ápice da maneira mais pessoal. Não seremos apenas de modo geral “seu povo”. Deus assegura mais: **“Serei vosso Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas”, diz o Senhor Todo-Poderoso.** Que contraste: o “Todo-poderoso”, o Criador e Dirigente do universo, e nós pequenos e passageiros seres humanos! Contudo esse **“Todo-poderoso”** deseja ser nosso **“Pai”**. Temos o privilégio de jubilosamente exclamar “Aba, Pai!”. E, como filhos e filhas, podemos viver com ele em íntima ligação. Que presente nunca antes visto! Porventura não nos deixará integralmente dispostos a corresponder a essa glória com a condução de nossa vida, separando-nos de tudo que não combina com essa nova existência?

7.1 Por essa razão o apóstolo parte, nas frases finais do trecho, expressamente das **“promessas”**, e não dos mandamentos e exigências, ressaltando: **“Tendo, pois, ó amados, essas promessas.”** Justamente agora Paulo interpela os coríntios como **“amados”**, amados por ele e amados por Deus. Caracteriza **“essas promessas”** dessa forma por causa de sua magnitude e beleza. São puro “evangelho”, pura graça transbordante. Por isso

não apenas demandam uma configuração correspondente conseqüente de nossa vida, mas geram em nós o desejo pela purificação completa: **“Queremos nos purificar de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.”** O apóstolo conta com a circunstância de que também os coríntios “queiram”, por reconhecimento próprio e claro e pela alegria pessoal com a elevada condição de vida que podem ter como “filhos” e “filhas” do Onipotente. Queremos nos purificar **“de toda a impureza, tanto da carne como do espírito”**. Aqui Paulo não usa as palavras “carne” e “espírito” no sentido específico que geralmente têm nos seus textos, quando chama de “carne” a nossa particularidade natural egocêntrica e quando, no caso do “espírito”, estabelece relação com o Espírito de Deus. Emprega-as agora de modo semelhante ao uso que faz de “corpo e espírito” em **1Co 7.34** e de “corpo, alma e espírito” em **1Ts 5.23**. Nossa vida exterior e nosso ser interior são por natureza maculados desde a queda no pecado e são repetidamente manchados. É significativo que nesse contexto também se faça referência expressa à **“impureza do espírito”**. O idealismo acredita que o “espírito” seria o elemento nobre e divino no ser humano. Na verdade, porém, justamente o espírito humano pode apresentar as mais perigosas e maléficas máculas, o orgulho, o frio desamor, a arrogância. Em razão disso é preciso que justamente nosso espírito também seja radicalmente purificado. Porque perante o santo Deus somente persistirão pessoas puras. Na presença de Deus, aquele que tem lábios impuros somente pode clamar: **“Ai de mim! Estou perdido!” (Is 6.5)**. Por isso carecemos da purificação constante, que ainda não se realizou de uma vez por todas quando nos convertemos a Deus. Trata-se da purificação de **“toda”** a impureza. Não podemos simplesmente escolher, deixando certas máculas prevalecerem, considerando-as desimportantes segundo nossa própria opinião. Contudo, a vontade de nos purificarmos de **“toda impureza”** seria tolhida de antemão se contássemos com a possibilidade de que a purificação poderia não ter êxito e a **“santidade”** não ser alcançada. Por isso Paulo diz que **“aperfeiçoamos a santidade”**. Fazemo-lo **“no temor de Deus”**. A nova aliança sob a graça, a vida na condição de filhos e filhas de Deus não exclui o **“temor”**, mas o inclui, como Atos dos Apóstolos nos mostra justamente pela primeira época da igreja (**At 5.5; 5.11; 9.31**). Até mesmo a mais clemente proximidade que Deus como **“Pai”** concede a seus **“filhos”** e **“filhas”** desperta o **“temor”**, por ser proximidade com um Deus presente e santo. Este temor teme todos os pecados como incompatíveis com Deus e **“aperfeiçoa a santidade”**. Pedro o declarou à igreja em unanimidade com Paulo: **“Ora, se invocais como Pai aquele que, sem acepção de pessoas, julga segundo as obras de cada um, portai-vos com temor durante o tempo da vossa peregrinação” (1Pe 1.17)**. A redenção pelo precioso sangue de Cristo não torna isso desnecessário, mas constitui um motivo renovado e poderoso para a santificação (**1Pe 1.18s**), para uma santificação que com sua seriedade de fato **“aperfeiçoa a santidade”** e não se contenta pura e simplesmente com uma santificação rudimentar.

A RECONCILIAÇÃO COM A IGREJA EM CORINTO, 7.2-7

- ² **Acolhei-nos em vosso coração; a ninguém tratamos com injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos.**
- ³ **Não falo para vos condenar; porque já vos tenho dito que estais em nosso coração para, juntos, morrermos e vivermos.**
- ⁴ **Mui grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa; sinto-me grandemente confortado e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação.**
- ⁵ **Porque, chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro.**
- ⁶ **Porém Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito.**
- ⁷ **E não somente com a sua chegada, mas também pelo conforto que recebeu de vós, referindo-nos a vossa saúde, o vosso pranto, o vosso zelo por mim, aumentando, assim, meu regozijo.**

- 2** Paulo retoma o que disse em **2Co 6.13** e torna a pedir: **“Dai-nos espaço”**, espaço em vossos corações. Porventura os coríntios têm motivos para negar esse espaço? Não - Paulo pode declarar abertamente perante a igreja nessa carta: **“A ninguém tratamos com injustiça, a ninguém danificamos, a ninguém exploramos”**. Será que essas palavras do apóstolo se referem a acusações concretas surgidas em Corinto? Acaso se pensou que seu procedimento em **1Co 5.3-5** teria tratado injustamente aquele homem, **“danificando”** um membro da igreja por meio da entrega dele a Satanás? Era essa uma acusação genérica de seus adversários, de que seu evangelho incompleto estaria prejudicando a igreja, agindo nocivamente sobre ela? Em **2Co 12.17s** Paulo retomará expressamente a acusação de **“exploração”**. Seja como for, deve ter havido debate na igreja nesse ponto sobre ele e seus colaboradores. Também a frase seguinte pressupõe que Paulo responde a determinada crítica refutando-a decididamente.
- 3** **“Não falo para uma condenação.”** Com sua clara afirmação Paulo não deseja condenar aqueles que resmungaram contra ele e disseminaram declarações inverídicas. Com isso cometeram injustiça. Mas Paulo

não pretende tratar disso agora, evitando acusar seus críticos. Tudo isso poderá ficar encerrado e descartado, desde que a igreja veja como todas essas imputações eram infundadas, concedendo novamente ao apóstolo espaço total junto de si.

Da parte dele não há nada que cause separação entre si e a igreja. Pode assegurar à igreja a mais estreita íntima comunhão: **“que estais em nosso coração para, juntos, morreremos e vivermos”**. Nessa frase ouvimos sem dificuldades a asserção de comunhão indissolúvel. Porém, o que Paulo quer dizer com esse “morrer e viver juntos”? Onde e como essas duas coisas de fato acontecem? De forma alguma igreja e apóstolo partilham o mesmo destino de vida. Paulo pode ser morto a qualquer momento, enquanto os coríntios ainda vivem de maneira relativamente livre de tribulações. No entanto, de acordo com suas palavras, o apóstolo **“já tem dito”** que estavam ligados pelo viver e morrer conjunto. Poderia, pois, estar fazendo referência a algo que ele dissera anteriormente em sua proclamação verbal em Corinto. Contudo, será possível que agora isso esteja com tanta nitidez diante dos coríntios que ele possa aludir a isso de maneira tão breve? Será que temos de procurar em momento tão distante aquilo que ele “já tem dito”? Afinal, o apóstolo escreve nesta carta, em **2Co 4.10-12,14,15**, sobre um “morrer” e um “viver” que dizem respeito a ambos, apóstolo e igreja, em conjunto. De acordo com **2Co 5.14s** ele vê os coríntios, bem como a si mesmo e seus colaboradores, como “mortos”, e deseja para eles e para si próprio aquela “vida” autêntica em que ninguém mais vive para si mesmo, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou. É assim que o apóstolo pensa sobre os coríntios, é assim que os carrega na fé, em oração, com esperança, em seu coração, de modo que os considera consigo mesmo introduzidos no morrer de Jesus e em seu viver. De fato isso gera uma comunhão íntima e indissolúvel. Então já não se precisa, **“para uma condenação”**, deliberar sobre procedimentos dolorosos, mas pode-se considerá-los resolvidos.

- 4 Então é possível ir ao encontro dos outros de tal forma que se consiga dizer: **“Mui grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa; sinto-me grandemente confortado e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação.”** A desconfiança dos coríntios, enfocada por Paulo já no começo da carta em **2Co 1.13s**, é desnecessária. Paulo não esconde nada. Mantém bem abertos a boca e o coração. Os coríntios tampouco precisam temer que ele se lembre deles com rancor ou amargura. Ele **“muito se gloria por causa deles”**. Depois de todas as acusações e incompreensões ele agora está tão **“grandemente confortado”** que **“transborda de júbilo”**, embora sua situação seja árdua e cheia de aflições.
- 5 Por que o apóstolo pode falar assim neste momento? O que aconteceu? Nessas palavras já suspeitamos uma guinada fundamental na situação. Ela de fato aconteceu. Com profundo júbilo o apóstolo considera essa guinada, ao retomar agora seu relato, interrompido em **2Co 2.12s**. Apesar de um trabalho frutífero em Trôade, ele viajou para a Macedônia cheio de preocupação com Corinto, para encontrar-se o quanto antes com Tito e receber notícias de Corinto. Contudo, a princípio ficou amargamente decepcionado. **“Porque, chegando nós à Macedônia, nossa carne não obteve nenhum alívio.”** Paulo sabe muito bem que é sua “carne”, a sua pessoa natural, que se preocupa sem descanso com Corinto. Como em **2Co 1.8-10**, Paulo nos revela dessa maneira que ele não é um ser humano perfeitamente intelectual que passa serenamente por tudo, com superioridade espiritual. Ele ainda é **“carne”**, e essa sua carne se amargura e angustia com os coríntios e gostaria muito de obter **“alívio”** por intermédio de notícias boas e libertadoras. Inicialmente, porém, ele espera por elas em vão, também na Macedônia – não somos informados em qual igreja ele se encontrava. Mesmo ali continua sem sossego e aflito. **“Em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro.”** Dificilmente enfrentou essas lutas dentro das próprias igrejas, das quais fala com o mais afetuoso louvor em **2Co 8.1ss**. Provavelmente ele e as igrejas tiveram de sofrer hostilidades do contexto externo. Afinal, também em **2Ts** se nota que a pressão hostil que pesava sobre a igreja no começo havia se intensificado ainda mais. O louvor do apóstolo acerca das igrejas macedônias em **2Co 8.2** também fala de “muita prova de tribulação”. Mas os “temores por dentro” se referiam sobretudo a Corinto! Como a igreja reagira à “epístola das lágrimas” (**2Co 2.4**)? Como ela acolhera a Tito? Será que essa igreja agora se desviaria completamente? É bom que com base em tais frases formemos uma idéia de como era dura e penosa a vida de Paulo por dentro e por fora. Que dias e semanas ele suportou, dias e semanas cheios de temores e lutas! Com isso se desmantela uma imagem equivocada, devota, do apóstolo. Está diante de nós o Paulo real, para nosso grande consolo. Permite com franqueza que os coríntios e também nós vejamos a realidade de sua vida.
- 6 Então finalmente chegou Tito! Que consolo foi dado a Paulo após semanas de preocupação e incerteza! Ele recebe esse consolo diretamente da mão de Deus. Novamente se evidencia que Paulo pensa e vive de forma totalmente “teocêntrica”. **“Porém Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito.”** Deus é um “Pai de misericórdias e um Deus de todo consolo”, como Paulo dissera no começo de sua carta. Agora ele o experimentava de novo. Deus consola os **“abatidos”**. Somente os que estão curvados, atribulados e indefesos precisam do consolo de Deus e anseiam por ele. De fato o experimentam, como Paulo acabava de experimentar com profunda emoção. Quem não for **“abatido”** e ainda estiver “por cima” se satisfaz com outras fontes de ajuda. Paulo não se considera entre os “grandes”, mas entre os **“abatidos”**.

- 7 Evidentemente a simples chegada de Tito não bastava para um consolo assim, ainda que fosse uma grande ajuda para Paulo ter novamente a seu lado o aprovado colaborador. Foi verdadeiramente consolado por Deus **“não somente com a sua chegada, mas também pelo conforto que recebeu de vós”**. Se Tito tivesse retornado de Corinto sem soluções e, por consequência, deprimido, Paulo não teria recebido nenhuma ajuda decisiva. Agora, porém, o próprio Tito era um homem **“confortado”**. Ele tinha a relatar coisas boas da igreja acima de qualquer expectativa, **“referindo-nos a vossa saudade, o vosso pranto, o vosso zelo por mim, aumentando, assim, meu regozijo.”** Se a ameaça de separação entre a igreja e seu apóstolo havia sido intensa, agora irrompeu a **“saudade”** pelo pai espiritual. Podia-se ouvir **“pranto”** pelo pesado sofrimento causado a Paulo. Desencadeara-se um novo **“zelo”** pelo apóstolo. Não havia acontecido somente uma reconciliação objetiva, na qual as acusações foram retiradas e se encaminhara um relacionamento amigável. Não, a igreja como um todo havia se voltado novamente de coração ao apóstolo e desejava novamente apoiá-lo com dedicação e engajamento. Agora desapareceram os amargos temores de Paulo. Ele não somente foi **“consolado”** e tranqüilizado, mas pode escrever à igreja que **“aumentou seu regozijo”**. Assim ele já falara no v. 4 de seu **“gloriar-se”** e do **“transbordar”** de sua alegria. Quanto mais sérias haviam sido a preocupação e a aflição pela amada igreja, tanto mais límpida e libertadora irrompia agora a alegria.

O EFEITO DA CARTA DAS LÁGRIMAS, 7.8-12

- 8 **Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou [apenas] por breve tempo),**
9 **agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis.**
10 **Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte.**
11 **Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto [sabido].**
12 **Portanto, embora vos tenha escrito, não foi por causa do que fez o mal, nem por causa do que sofreu o agravo, mas para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus. Foi por isso que nos sentimos confortados.**
- 8 Com grande júbilo Paulo constata a guinada em Corinto. De que modo ela ocorreu? Ela é decorrência daquela **“carta”** de que ele já falara em **2Co 2.4** e que, com base nessa passagem, chamamos de **“epístola das lágrimas”**. Ela havia sido escrita com profunda e penosa emoção da parte de Paulo e também atingiu dolorosamente a igreja. Pelo que parece, o apóstolo havia escrito com seriedade implacável, exigindo uma clara decisão da igreja. Desconhecemos os pormenores. Entre o autor e a destinatária da carta bastam alusões. Elas precisam ser mais do que suficientes desta vez, porque Paulo, no retrospecto aos acontecimentos em Corinto e àquela epístola das lágrimas, tenta evitar tudo o que poderia novamente envergonhar os coríntios e atingi-los dolorosamente. O quanto ele próprio está comovido com isso, procurando pelas palavras apropriadas, isso se revela pela construção da frase, diversas vezes interrompida. **“Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo. Ainda que já me tenha arrependido ([porque] vejo que aquela carta vos contristou [apenas] por breve tempo), agora, me alegro.”** Como os manuscritos gregos não trazem pontuação das frases, não sabemos com certeza como Paulo queria que os diversos segmentos da frase fossem alinhavados. O **“porque”** entre colchetes antes de **“vejo”** na verdade possui uma série de comprovações, porém pode ser uma inclusão posterior harmonizadora. Em todos os casos, a frase **“vejo...”** deve ser posta entre parênteses ou colchetes. A carta que Paulo provavelmente havia enviado por meio de Tito atingiu e **“contristou”** a igreja. Tito também relatou a Paulo quanta tristeza sobreveio à igreja ao ser lida a carta. Será que justamente os fiéis adeptos de Paulo pensariam que não teria havido necessidade de escrever com tanta veemência? Será que agora deveria retirar algo, pesaroso? Não, o apóstolo não se arrepende da carta. **“Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo.”** Evidentemente ele tem de acrescentar de imediato: **“Ainda que já me tenha arrependido...”** Isso não pode se referir àquele instante, no sentido de que **‘agora, após o arrependimento da igreja, me arrependo de ter escrito de forma tão radical’**. Ele formula expressamente na forma do pretérito: **“Ainda que já me tenha arrependido.”** Não pode arrepender-se de uma carta que acabou de gerar o arrependimento da igreja. Porém na época dos **“temores”** (**2Co 7.5**), nos dias e semanas da espera frustrada por Tito, Paulo pode ter sido torturado com frequência pela dúvida se sua carta fora correta, se isto não seria o fim de tudo e se com isso não fechariam as últimas portas em Corinto. Justamente quando entendido desse modo, o texto e suas frases abruptas ficam inteligíveis. No tempo difícil pelo que passou, o apóstolo haviam se arrependido algumas vezes

daquela carta. Agora, porém, ele vê que ela, embora tenha contristado a igreja por pouco tempo, apesar disso teve um efeito tão afortunado. Talvez tenha sido dessa forma que Paulo pretendia escrever. Mas interrompe a frase porque sua alegria desloca todo o resto. Predomina apenas o seguinte pensamento em seu coração: **“Ainda que me tenha arrependido, agora me alegro.”**

- 9 Evidentemente ele se alegra **“não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para mudança de pensamento”**. O termo grego *metanoia* em geral é conhecido por nós como “arrependimento”. Sem dúvida havia na igreja também algo do que entendemos por “arrependimento”. O “lamento” entre os coríntios referia-se também ao que haviam feito contra seu apóstolo e errado na vida da igreja. Contudo, a tradução literal **“mudança de pensamento”** expressa melhor o que havia ocorrido em Corinto. A igreja não permaneceu apegada ao lamento por coisas do passado, mas chegou positivamente a uma nova opinião, a uma nova união com seu apóstolo. Justamente isso é tão importante para Paulo, porque a contristação e o lamento sobre acontecimentos de nossa vida e também sobre nossos próprios erros podem ser profundamente diferentes em sua natureza e suas conseqüências. **“Pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis.”** Nem mesmo a contristação e o “arrependimento” do ser humano podem consertá-lo por si sós. Justamente agora ele precisa de Deus. Precisa estar cheio de dor sobre si próprio **“segundo Deus”**, ou seja, da maneira como Deus quer que seja, e de tal maneira que Deus atue nessa dor. Então não permanecerá preso a si próprio nem se consumirá infrutiferamente no remorso. Uma contristação assim teria prejudicado profundamente a igreja. Por essa razão Paulo está tão contente com o fato de que o efeito de sua carta foi bem diferente, **“para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis”**.
- 10 Paulo sabe que, apesar de tudo, nossa melhor intenção pode causar dano em outros no serviço de aconselhamento. A carta podia transportar a igreja para aquela “tristeza” errada, que fecha o coração e **“produz morte”**. Mas também o temor de escrever e enviar uma carta dessas teria levado a igreja a sofrer grave “dano”, privando-a da ajuda decisiva da salutar mudança de pensamento. **“Porque a tristeza segundo Deus produz mudança de pensamento para a salvação, de que ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo produz morte.”** Uma tristeza separada de Deus, que o mundo conhece de diversas formas, **“produz morte”**. Por meio dela uma pessoa é destruída no íntimo. Contudo a **“tristeza segundo Deus”** produz **“mudança de pensamento”**, que por sua vez serve à nossa salvação. Tais dores, por mais que nos possam afligir interiormente, em determinadas épocas da vida são para nós a melhor coisa que pode nos acontecer, bem como o único caminho para a nossa salvação. Por isso ninguém “se arrepende” de um “arrependimento” desses. Ele conduz à vida.
- 11 Para o apóstolo estava em jogo a vida da igreja. Em ardentes preocupações ele se afligira sobre a possibilidade de ela perecer. A igreja deve entender que ele é capaz de se **“alegrar”** com a **“tristeza”** dela, porque foi a **“tristeza para a salvação, de que ninguém se arrepende”**. Não pode agora se arrepender de ter conduzido os coríntios a essa tristeza, assim como os coríntios não podem se lamentar por terem sido levados a esse susto a respeito de si mesmos. Com quanta clareza eles são capazes de reconhecer o maravilhoso fruto de todo o acontecimento! **“Porque quanto empenho não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que desculpa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que punição!”** A igreja foi tirada da apatia e da indecisão. Um novo **“empenho”** apoderou-se dela. Com esse zelo ela se tornou ativa em diversas direções. Examinou seu comportamento, e Paulo vê como positivo o fato de que nisso ela também conseguiu, em diversos pontos, justificar-se e **“desculpar-se”**. Ao mesmo tempo irrompeu a **“indignação”** contra aqueles que confundiram a igreja e a distanciaram de Paulo, combinada com o **“temor”** de perder a Paulo e se afastar da verdadeira salvação. São tomados de **“saudades”** da antiga comunhão com seu apóstolo, de **“zelo”** por restabelecer essa comunhão, também mediante a **“punição”** dos culpados, inclusive daquele culpado que já fora objeto de questionamento em **2Co 2.5-11**.

Todo o trecho possui grande relevância para nós. Com toda a certeza o ser humano agarra a salvação plena ao converter-se. Agora pode ter certeza da salvação pela fé. Mas a história da igreja em Corinto nos mostra com que profundidade nossa fé pode ser prejudicada por culpa própria. “Examinai se realmente ainda estais na fé”, diz Paulo à igreja em **2Co 13.5**. Pessoas crentes podem **“naufragar na fé”** (**1Tm 1.19**), perdendo assim a salvação. Quanto os crentes se desviam, quando – geralmente por causa da ânsia por grandeza e superioridade – se deixam seduzir para caminhos equivocados. Então também os crentes carecem de uma profunda e incisiva **“mudança de pensamento”**, que apenas pode ser causada por uma **“tristeza”** segundo Deus. Ela lhes reconquista a salvação ameaçada. A experiência específica que Paulo descreve aos coríntios aparece por trás da frase aos filipenses como noção geral de que nossa fé pode ser tentada: **“Desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor”** (**Fp 2.12**). No aconselhamento para os crentes cumpre-nos estar muito conscientes disso, prestando desse modo também nosso serviço à igreja crente com temor e tremor.

Perante Paulo aparece mais uma vez **“esse assunto [sabido]”**, aquele episódio especial que não conhecemos, sobre o qual ele porém já escrevera em **2Co 2.5-11** e que provocara a ameaça de uma ruptura total entre Paulo e os coríntios. Agora, porém, os coríntios haviam deliberado uma **“punição”** para o culpado com a qual Paulo concordava integralmente (**2Co 2.6**). É capaz de assegurar à igreja: **“Em tudo destes prova**

de estardes puros nesse assunto [sabido].” Dificilmente Paulo visa afirmar que a igreja daquele tempo fora completamente inocente no penoso episódio, porque nesse caso o desvio de um indivíduo não poderia ter sido uma ameaça para todo o relacionamento entre o apóstolo e a igreja. Agora, porém, a igreja se posicionou claramente ao lado de Paulo e puniu o transgressor. Agora **“está pura nesse assunto”**.

- 12 Pelo que parece Paulo tratou enfaticamente esse **“assunto”** na carta intermediária, exigindo uma decisão da igreja como condição prévia imprescindível para a unidade futura com ela. Contudo, ela deve entendê-lo corretamente. Para Paulo, nesse caso específico não estavam em jogo o ofensor e muito menos o ofendido como tais, por mais próximo que ele possa ter estado do apóstolo. **“Portanto, embora vos tenha escrito, não foi por causa do que fez o mal, nem por causa do que sofreu o agravo.”** Pelo contrário, estava em jogo para ele a igreja e sua clara posição em relação ao apóstolo: **“para que vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus.”** Para nós é sempre o ser humano que ocupa o centro. A nós parece essencial que a injustiça seja combatida e que seja feita justiça àquele que sofreu injustiça. Paulo via isso de outra maneira. É **“diante de Deus”** que ele vê a si mesmo e aos coríntios. Então o direito e a injustiça humanos não são as coisas mais importantes. Importa que tudo esteja em ordem diante de Deus. Depois de todas as oscilações e inseguranças deve **“ser manifesto”** diante dos olhos dos próprios coríntios e diante de Deus que a igreja de Deus em Corinto se empenhava com **“solicitude”**, com determinação e energia, em favor de seu apóstolo, pondo fim a todas as suspeitas, a todas as desconfianças e a toda a crítica. Esse era o verdadeiro alvo daquela carta dura. Ele foi atingido e **“por isso nos sentimos confortados”**.

A ALEGRIA DE TITO, 7.13-16

- 13 **E, acima desta nossa consolação, muito mais nos alegramos pelo contentamento de Tito, cujo espírito foi recreado por todos vós.**
- 14 **Porque, se nalguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; pelo contrário, como, em tudo, vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira.**
- 15 **E o seu entranhável afeto cresce mais e mais para convosco, lembrando-se da obediência de todos vós, de como o recebestes com temor e tremor.**
- 16 **Alegro-me porque, em tudo, posso confiar em vós (ou: porque, em tudo, posso ter bom ânimo em relação a vós).**
- 13 Paulo dissera “nós” nos sentimos confortados. Esse “nós” são primordialmente Paulo e Timóteo. Mas Paulo tinha mais uma alegria especial: Tito havia retornado de Corinto com grande contentamento. **“E, acima dessa nossa consolação, muito mais nos alegramos pelo contentamento de Tito, cujo espírito foi recreado por todos vós.”** Podemos imaginar com quantas preocupações e angústias Tito viajara para Corinto, sabendo da situação arriscada na igreja e tendo na mão essa “epístola das lágrimas” de Paulo. Timóteo não conseguira lidar com a igreja. Como seria agora com ele, Tito? Mas as coisas sucederam de forma completamente diferente. Dissiparam-se as preocupações, seu espírito foi **“recreado”** ou “tranquilizado”, ele podia respirar aliviado. Paulo estava especialmente alegre pelo fato de, apesar da situação difícil, e provavelmente no meio dela, ter feito declarações positivas sobre os coríntios. Afinal, tivera de encorajar Tito para sua tarefa. E o próprio Paulo gostava de reconhecer tudo o que o Senhor havia realizado em Corinto e o que havia para elogiar na igreja. Não obstante, será que Tito não poderia ter ficado duramente decepcionado pelo que haveria de experimentar em Corinto? Como Paulo está alegre, portanto, com a volta de Tito!
- 14 **“Porque, se nalguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; pelo contrário, como, em tudo, vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira.”** Paulo foi poupado de passar vergonha perante Tito. Simultaneamente pode fortalecer também os coríntios na boa confiança de que sua proclamação lhes trouxe a verdade. O gloriar dos coríntios se tornou verdade **“como, em tudo, vos falamos com verdade”**. Ao mesmo tempo concretizou-se por essa ação de Tito algo que de forma alguma se podia esperar em vista da dificuldade da tarefa. Formou-se uma união afetuosa e duradoura entre Tito e a igreja.
- 15 **“E o seu entranhável afeto cresce mais e mais para convosco, lembrando-se da obediência de todos vós, de como o recebestes com temor e tremor.”** **“Com temor e tremor”** é uma formulação que ocorre em **1Co 2.3; Ef 6.5; Fp 2.12** e que, por ser “expressão corrente”, não deve ser mal-entendida. Os coríntios não “tremeram” diante de Tito. Não devemos pressupor uma atitude senhorial ou brutal da parte de Tito. Mas Tito tinha autoridade. Conseguiu interpelar os coríntios de tal modo que reconheceram em sua palavra a grave verdade de Deus, submetendo-se prontamente. Apesar da seriedade, o que o impelia completamente era o amor. Do contrário as **“entranhas”** de Tito não poderiam ter **“crescido mais e mais”** em relação aos coríntios. Por isto, Paulo encerra todo esse bloco principal da carta com a frase:

16 “**Alegro-me porque, em tudo, tenho bom ânimo em relação a vós** (ou: que, em tudo, posso confiar em vós).” O termo grego que ocorre neste versículo pode ter também o significado: “**Que, em tudo, posso confiar em vós.**” Como tudo mudou depois daquelas semanas de aflição, nas quais o apóstolo se preocupou com a possibilidade de perder completamente a igreja em Corinto. Ao invés de se angustiar por ela, ele tem, agora, “**em tudo, bom ânimo em relação a eles**”.

Tito retornou com júbilo de Corinto. Paulo destaca esse fato especialmente porque Tito pretende viajar imediatamente de volta para Corinto, a fim de levar a presente carta, que Paulo está ditando. Ao mesmo tempo ele deve finalmente encaminhar e encerrar a coleta em Jerusalém, que apesar da exortação de **1Co 16.1-4** havia sido deixada de lado durante o período do conflito. Por essa razão Paulo passa a falar com especial destaque sobre essa questão que evidentemente era complicada para os coríntios.

O GRATO SUCESSO DA COLETA NAS IGREJAS DA MACEDÔNIA, 8.1-6

1 Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia,
2 porque, no meio de muita prova de tribulação, manifestaram abundância de alegria, e a profunda pobreza deles superabundou em grande riqueza da sua generosidade.
3 Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, se mostraram voluntários,
4 pedindo-nos, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos.
5 E não somente fizeram como nós esperávamos, mas também deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus,
6 o que nos levou a recomendar a Tito que, como começou, assim também complete esta graça entre vós.

No “concílio dos apóstolos” em Jerusalém as congregações “gentias cristãs” fundadas por Paulo foram reconhecidas como igrejas legítimas totalmente autônomas. Não deveriam ser diretamente subordinadas à liderança dos apóstolos em Jerusalém. Porém o reconhecimento da primeira igreja naquela cidade como cabeça de todo o cristianismo deveria expressar-se concretamente pelo fato de que essas igrejas assistissem os pobres em Jerusalém. Paulo, israelita consciente (**Rm 9-11!**), havia assumido de todo o coração esse compromisso, promovendo uma coleta para Jerusalém em todas as suas igrejas. Para ele os fiéis em Jerusalém são “**os santos**” de modo bem particular, sem necessidade de mencionar seu local de residência no v. 4 de forma específica. Também os coríntios sabiam a respeito da oferta há tempo. Em **1Co 16.1-4** já há uma clara resposta do apóstolo a uma pergunta de Corinto. Essa pergunta evidenciava disposição para colaborar, mas é possível que, não obstante, também houvesse ressalvas subjacentes à indagação, oriundas de uma má vontade para a doação. Desde o começo podem ter sido as mesmas dúvidas a que Paulo alude agora em **2Co 8.12-14**. De qualquer modo a coleta havia sido interrompida após um começo (v. 10), algo muito compreensível em vista do profundo conflito entre igreja e apóstolo. Contudo, depois da reconciliação, que Paulo acabara de descrever com grande júbilo, também se pode retomar a coleta em Corinto e levá-la a termo. O apóstolo está muito preocupado com isso.

- 1** Em sua trajetória pela Macedônia, Paulo agora vê o modo comovente com que as igrejas ali realizaram a coleta, sob as circunstâncias mais adversas. Será que a grande igreja em Corinto, relativamente abastada, deveria ficar devendo nesse aspecto? O que pensarão os irmãos macedônios que virão com ele para Corinto (**2Co 9.4; At 20.4**)? É característico para todo o pensamento “cristão” de Paulo que ele agora exponha aos coríntios o exemplo dos macedônios. É surpreendente como o amor considera tudo pelo Espírito Santo! Ele é capaz de formular: “**Também, irmãos, vos fazemos conhecer a graça de Deus concedida às igrejas da Macedônia, porque, no meio de muita aprovação na tribulação, a abundância de sua alegria e a profunda pobreza deles se derramou na riqueza da sua singela generosidade.**” Não se trata de um feito humano dos macedônios que agora seria elogiado para envergonhar e instigar os coríntios. Não, o inesperado resultado da oferta, de valor não citado, é “**graça de Deus**”, que “**foi concedida**” às igrejas de lá. É uma dádiva quando somos libertados de nosso egocentrismo, indisposto para doar, e que nos tornamos intimamente dispostos a doar e ajudar!
- 2** A graça libertadora de Deus agiu em nosso coração. Isso pode ser constatado nas igrejas macedônias com tanta nitidez porque são igrejas perseguidas e de “**profunda pobreza**”. Uma coisa está ligada à outra. Se os cristãos eram mal-quistos na cidade, desprezados, odiados, então também eram boicotados economicamente e com grande dificuldade encontravam emprego e fonte de renda. Era difícil que pessoas respeitadas e abastadas ingressassem nessas igrejas. Mas, pelo que parece, a situação nessas igrejas deve ter continuado a mesma desde o começo do trabalho em Tessalônica: apesar de muitas tribulações, uma “**abundância de alegria**” preenchia a vida da igreja (cf. **1Ts 1.6**). Em relação aos coríntios, a carta fala repetidamente de “**tristeza**”.

Independentemente do que possuíam em Corinto, evidentemente não tinham “alegria”. Por isso não podiam nem queriam “doar”, embora tivessem condições de doar mais facilmente que os macedônios, por não serem perseguidos e porque em parte eram abastados. Unicamente um coração repleto de alegria está livre de si mesmo. Os pobres e as pessoas atribuladas da Macedônia tinham simpatia para com os pobres em Jerusalém. Os satisfeitos coríntios não se sensibilizavam com a angústia da primeira igreja. Isso é significativo para Corinto: conhecimento, arte da retórica, grandiosa liberdade, dons vistosos, eles têm tudo isso. Mas doar, ajudar, sacrificar – disso não são capazes. Paulo seguramente tinha razões de escrever o capítulo 13 a primeira carta justamente para Corinto.

Na seqüência Paulo formula um quadro paradoxal, a fim de descrever o fato maravilhoso que aconteceu entre os macedônios: **“A profunda pobreza deles se derramou na riqueza da sua singela generosidade.”** **“Pobreza”** se **“derramou em riqueza”**. Isso é totalmente antinatural. Mas em sua igreja a graça de Deus realiza um milagre desses, de que a “riqueza no dar” flua da “pobreza”. A palavra que consta no final, “singela generosidade”, significa a princípio apenas **“simplicidade, singeleza”**. Porém o contexto fala da doação para a coleta. Esse dar, porém, acontecia em “singeleza”, sem receoso cálculo das possibilidades, sem cautelosa observação das próprias condições, simplesmente para a necessidade dos irmãos. Por isso a palavra “simplicidade” também pode ser traduzida por “generosidade”.

- 3,4** Paulo se convenceu com os próprios olhos do seguinte: **“Porque eles, testemunho eu, na medida de suas posses e mesmo acima delas, por iniciativa própria”** contribuíram para a coleta. Paulo não precisou insistir com eles. Diante da penúria deles nem sequer teria tido coragem para isso. Não, eles próprios eram os “insistentes”. Enquanto isso, Paulo precisa insistir muito com os coríntios para que a coleta avance. Nas igrejas macedônias foi completamente diferente. Ali **“pediram, com muitos rogos, a graça de participarem da assistência aos santos.”** Consideram a participação na oferta como uma “graça”, pela qual pedem insistentemente. Por isso o próprio Paulo havia constatado no v. 1, no acontecimento da coleta na Macedônia, “a graça de Deus”. Quando Paulo lhes concedeu essa “graça”, aquilo que sucedeu ultrapassou suas expectativas.
- 5** **“E não [somente] como esperávamos, mas deram-se a si mesmos primeiro ao Senhor, depois a nós, pela vontade de Deus.”** Compreenderam o que está em jogo nessa doação. Não apenas colaboraram com “algo”, mas **“deram-se a si mesmos”**. Empenharam todo o seu amor, colocando-se integralmente à disposição. Isso não era mero entusiasmo com Paulo, mas era entrega a Jesus. Eles mesmos se entregaram **“primeiro ao Senhor”**. Nessa entrega ao Senhor eles em seguida também se colocaram à disposição de Paulo, que era o dirigente responsável por toda a coleta. No final do presente relato volta a ser relevante para Paulo que os macedônios em si não sejam colocados como exemplo para os coríntios. Isso provavelmente teria provocado irritação e resistência. Por isso direciona o olhar mais uma vez para Deus. Esse acontecimento venturoso na Macedônia concretizou-se **“pela vontade de Deus”**. O Deus dadivoso, que pessoalmente havia feito grandes sacrifícios em amor, conquistou os corações dos macedônios para uma doação singela, incondicional. Porventura não poderá fazê-lo também em Corinto?
- 6** Seja como for, as experiências na Macedônia motivaram Paulo a enviar Tito imediatamente de volta para Corinto, para que também ali a coleta obtenha um êxito que não deixe os coríntios em vergonhosa desvantagem diante das igrejas macedônias. Novamente é marcante toda a formulação da frase. Paulo comunica aos coríntios que foram levados a **“recomendar a Tito que, como [anteriormente] começou, assim complete entre vós também esta graça”**. Não há nenhuma conotação de irritação ou impaciência. Paulo tampouco ordena a Tito, mas lhe **“recomendou”** uma nova viagem. Também aqui torna a aparecer a palavra grega que em outras passagens traduzimos como “consolar” ou “encorajar”. Tito deve **“completar essa graça”** entre os coríntios, **“como [anteriormente] começou”**. Tampouco em Corinto a coleta alegre e rica para Jerusalém será realização humana, mas apenas “graça de Deus”, que liberta as pessoas para amar e doar. De modo abrangente, Tito já encaminhara **“[anteriormente] o começo”** para uma libertação dessas ao solucionar as tensões em Corinto, viabilizando na igreja aquele impulso do qual Paulo acabou de falar. Agora ele também tem a possibilidade de sanar esse ponto vulnerável, a questão da coleta. O contexto da frase sugere que em sua visita a Corinto Tito também já “providenciara o começo” para isso, dialogando com os coríntios sobre a questão da coleta e obtendo sua concordância inicial. Agora, porém, trata-se do **“completar”**, do qual Paulo voltará a falar no v. 11. Tito deve tornar-se mais uma vez o ajudante da igreja. Mas Paulo também tem uma palavra pessoal a dizer à igreja acerca da oferta.

A EXPECTATIVA DO APÓSTOLO DIRIGIDA A CORINTO, 8.7-15

- ⁷ **Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber, e em todo cuidado, e em nosso amor para convosco, assim também abundeis nesta graça.**

- ⁸ Não vos falo na forma de mandamento, mas para provar, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor.
- ⁹ Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos.
- ¹⁰ E nisto dou [apenas] minha opinião (ou: conselho); pois a vós, que, desde o ano passado, principiastes não só a prática, mas também o querer, convém isto.
- ¹¹ Completai, agora, a obra começada, para que, assim como revelastes prontidão no querer, assim a leveis a termo, segundo as vossas posses.
- ¹² Porque, se há boa vontade, será aceita (ou: bem-vinda) conforme o que o homem tem e não segundo o que ele não tem.
- ¹³ Porque não é para que os outros [tenham] alívio, e vós, sobrecarga; mas para que haja igualdade,
- ¹⁴ suprimindo a vossa abundância, no presente, a falta daqueles, de modo que a abundância daqueles venha a suprir a vossa falta, e, assim, haja igualdade,
- ¹⁵ como está escrito: O que muito colheu não teve demais; e o que pouco, não teve falta (Êx 16.18).

- 7 Novamente podemos aprender como é uma exortação realmente espiritual relativa à doação, combinando maravilhosamente a seriedade decisiva com afetuosa delicadeza. Paulo não aponta para o bem-estar material da igreja, para demandar a partir disso uma quantia considerável para a coleta. Ele sabe o quanto a doação autêntica é um assunto de foro íntimo. Por isso estabelece ligação com os bens interiores da igreja, expondo com alegria a riqueza dela nesse aspecto. Pois a essa riqueza pode e deve corresponder também um **“transbordar nessa graça”**. **“Como, porém, em tudo, manifestais superabundância, tanto na fé e na palavra como no saber e em todo cuidado, e no amor que a partir de nós [está] em vós, que também transbordeis nesta graça.”** Mais uma vez, na perspectiva do apóstolo, doar e ajudar é uma **“graça”**, que não deve permanecer precária ao lado dos demais **“dons”** da igreja. A caracterização da igreja corresponde ao que Paulo já havia enaltecido com gratidão em **1Co 1.4-6**. Apenas os **“dons do Espírito”** não são mencionados agora. Em troca, agora Paulo pode falar do **“amor”** na igreja de uma maneira diferente do que no início da primeira carta. Evidentemente a expressão possui uma conotação curiosa, e tanto o texto quanto sua interpretação são incertos. O amor está **“a partir de nós em vós”**. Estreitamente ligado à **“diligência”** que Paulo constata na igreja deve estar o amor pelo apóstolo, que se reacendeu em Corinto e que visa agradá-lo com todo o empenho. Voltamos os pensamentos para **2Co 7.11**, que tecnicamente traz o mesmo entendimento na versão trazida pelos manuscritos importantes: o amor que **“da parte de vós se fixa em nós”**. Nem mesmo agora Paulo simplesmente atesta à igreja que ela de fato transborda de amor conforme **1Co 13**, possuindo também como os macedônios o amor para com os carentes em Jerusalém. Nesse caso ele não precisaria escrever mais nada sobre a coleta. Aconteceria por si mesma. Em razão disso Paulo precisa restringir e delimitar suas afirmações a respeito do amor dos coríntios. Reacendeu-se em Corinto apenas o amor no relacionamento entre o apóstolo e a igreja. Contudo não é cabível que a igreja tenha uma **“fé”** viva, que possua em grande medida **“palavra”** e **“conhecimento”**, que arda em diligente **“amor”** por seu apóstolo, mas que fracasse quando está em jogo uma singela ação de ajuda para a qual Paulo convoca. **“Transbordar”** em todas aquelas coisas e gotejar mingudadamente neste último aspecto seria uma contradição deformadora. Uma vida de igreja **“transbordante”** também precisa **“jorrar”** rica e abundantemente no engajamento em favor do sanamento da penúria dos santos em Jerusalém.
- 8 **“É preciso”** que seja assim. Porém esse **“é preciso”** não tem a intenção de ser uma ordem externa. Também aqui Paulo continua sendo aquele que preserva a liberdade da igreja. Ele sabe que não se pode ordenar que pessoas amem. Contudo o amor existente pode e precisa ser examinado quanto à sua autenticidade. **“Não vos falo na forma de mandamento, mas provando, pela diligência de outros, a sinceridade do vosso amor.”** A partir da diligência amorosa que Paulo encontrou nas igrejas da Macedônia, ele examinará se o empenho e o amor em Corinto são genuínos e não apenas uma emoção sem força para a ação.
- 9 Eles sabem qual é o aspecto do amor genuíno, porque conhecem a graça de Jesus. Essa graça não se limita a lembrar amavelmente de nós e nossa miséria. Tampouco nos dá apenas dons e ajudas esparsos. Essa graça tornou-se ação e verdade ao tornar-se um **“doar”** que deixou completamente pobre aquele que era tão rico. **“Pois conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por amor de vós, para que, pela sua pobreza, vos tornásseis ricos.”** Ele, que por natureza era o amado Filho de Deus, abriu mão de sua glória, seu poder, sua honra, sua vida, jazendo como menino pobre na manjedoura, perambulando sem lar, privando-se de todo o conforto da vida e terminando a vida entregue por Deus, abandonado pelas pessoas, escarnecido e torturado na cruz. Tão **“pobre”** tornou-se aquele que possuía toda a riqueza divina! Fez isso **“por amor a vós”**. Paulo relaciona a obra de Jesus, consumada em prol de todo o mundo, de maneira bem concreta com os coríntios. Foi para eles que ela aconteceu. Eles também conhecem pessoalmente seu poderoso fruto. Tornaram-se **“ricos”**. Obtiveram perdão de todos os pecados, vida e bem-aventurança. De inimigos de

Deus foram transformados em seus amados filhos. Diante deles está um **“eterno peso de glória, acima de toda comparação”** (2Co 4.17). Que riqueza! Contudo isso lhes foi concedido somente pelo fato de que Jesus se entregou à mais profunda pobreza. Isso é amor, isso é doar com seriedade total. Para os coríntios, no entanto, essa **“graça de nosso Senhor Jesus”** não é apenas um exemplo, mas também a fonte viva de sua própria doação. Também eles podem tornar-se um pouco mais pobres, para que outros obtenham aquilo de que precisam agora para viver.

10 **“E nisto dou [apenas] minha opinião** (ou: conselho).” A igreja deve agir por sua própria liberdade. E deve reconhecer que, na realidade, estão em jogo ela mesma e seu próprio progresso. **“Pois isso convém a vós que anteriormente, desde o ano passado, principiastes não só o fazer, mas também o querer.”** O que chama a atenção na formulação **“não só o fazer, mas também o querer”** é que Paulo considere o **“querer”** como maior e mais importante. A igreja não apenas **“fez”** algo em favor da oferta, porque, afinal, essa havia sido a instrução para todas as igrejas. Nosso **“fazer”** pode continuar sendo algo apenas exterior, no qual não estamos realmente envolvidos. Paulo, porém, se alegra pelo fato de que a igreja coríntia **“quis”** a coleta por meio de uma livre decisão. É essa liberdade e autonomia que interessa ao apóstolo. Será que o **“anteriormente”** na frase é enfático? Será que os coríntios começaram **“antes”** dos macedônios com a coleta? De acordo com 2Co 9.2 isso é possível. Esse começo da coleta vem **“desde o ano passado”**. Paulo deve estar calculando conforme o calendário judaico, ao qual correspondia o calendário oriental-juliano. De acordo com ele, o novo ano tinha início no outono, por ocasião do equinócio. Se o apóstolo estiver ditando a carta durante o mês de outubro, a indagação dos coríntios sobre a melhor forma de executar a coleta (1Co 16.1) de fato já ficara muito para trás, no **“ano passado”**. Pelo fato de que a decisão de participar da oferta já fora tomada há tanto tempo, é decisivo que ela agora também seja executada com determinação.

11 **“Completai, agora, também o fazer, para que, assim como [existe] prontidão no querer, também [exista] o levar a termo, a partir do ter.”** Na perspectiva de Paulo o mero **“fazer”** sem o livre **“querer”** pessoal tinha pouco valor. Foi isso que expressou a frase do v. 10. Em contrapartida, porém, o mero **“querer”** também permaneceria infrutífero se lhe faltasse o **“fazer”** deliberado. É preciso que aconteça agora a execução final da oferta.

Além disso, ela deve acontecer **“a partir do ter”**. Com essa formulação Paulo reage a alegações articuladas em Corinto. Quem não for capaz de amar e por isso tampouco for capaz de dar, sempre constatará que ele mesmo sobrevive com dificuldades, motivo pelo qual infelizmente não estaria em condições de ajudar a outros. Talvez se argumentasse também com o apóstolo que há tantas **“pessoas humildes”** na igreja, como ele próprio havia constatado em 1Co 1.26ss. Paulo se defende: os coríntios não devem ser sobrecarregados. Eles devem participar da oferta tão somente **“a partir do ter”**. Nem é esperado dos coríntios aquilo que os macedônios fizeram em sua **“profunda pobreza”** (v. 2).

12 Em razão disso Paulo acrescenta de imediato: **“Porque, se há boa vontade, será bem-vinda a pessoa conforme o que tem, e não segundo o que ela não tem.”** Paulo não considera o montante das dívidas em si. Levando em conta que também nas demais ocorrências as palavras **“bem-vindo”** ou **“agradável”** são relacionadas a Deus (Rm 15.16; 2Co 6.2; 1Pe 2.5), também aqui Paulo deve ter em mente que na coleta as dívidas são ofertadas a Deus. Deus não espera de nós o que não somos capazes de doar. Somos **“bem-vindos”** para ele com aquilo que possuímos. Por outro lado, ele também sabe o que temos e o que não temos! Ao executarem a campanha de doações, os coríntios se encontram diante da face dele. Decisivo é que **“haja boa vontade”**. Isso seria salientado ainda mais se optássemos por outra tradução possível: **“Se há boa vontade, é bem-vinda conforme o que ela tem.”**

13,14 Ao mesmo tempo Paulo ouve ainda outra reclamação de Corinto, que é típica da falta de amor, pois nosso olhar fica enviesado. Dizia-se em Corinto contra a coleta: devemos nós passar necessidade, para que os de Jerusalém tenham uma vida boa e confortável? Não, replica Paulo, não se trata de desvantagem para vocês como vantagem para outros, trata-se de **“igualdade”** e, por conseqüência, da **“compensação”**. **“Porque não é para que os outros [tenham] alívio, e vós, aperto; mas por causa da compensação vossa abundância existe no momento atual para a carência daqueles, para que também a abundância daqueles exista para a vossa carência, para que surja igualdade.”** Muitas vezes a frase é interpretada no sentido de que o **“no momento atual”** da primeira parte da frase deve ser completado, como acréscimo, com um **“futuramente”** na segunda parte. Agora os coríntios ajudam os santos em Jerusalém. Futuramente estes ajudarão aqueles, quando estiverem em situação de penúria. Contudo, será de fato esse o pensamento do apóstolo? Será que, conhecendo Jerusalém, Paulo poderia realmente prever que no futuro os cristãos de lá se tornariam pessoas abastadas, em condições de enviar dinheiro a Corinto? O texto não diz nem **“posteriormente”** nem **“futuramente”**. A **“compensação”** provavelmente deve ser entendida como em 1Co 9.11 e sobretudo em Rm 15.27. Ali Paulo diz expressamente com vistas à coleta: **“Se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais.”** É assim que Paulo provavelmente também entende aqui o estabelecimento de uma **“compensação”** e de uma **“igualdade”** entre Jerusalém e Corinto.

Na realidade a intercalação de “**no momento atual**” lembra aos coríntios que sua ajuda para Jerusalém é limitada no tempo. Não se pensa em sustento continuado. Agora, porém, a igreja em Corinto é relativamente rica, enquanto os cristãos em Jerusalém sofrem necessidades. É agora que deve acontecer a “**compensação**”, na qual os coríntios gozam da vantagem de que as dádivas espirituais da primeira igreja os beneficiam incessantemente.

- 15 No entanto, a “**compensação**” não é para o apóstolo uma simples questão de sentimento humano de justiça. Nela se expressa a vontade de Deus. Por isso Paulo se reporta à Escritura. Novamente notamos que o apóstolo tornou o **AT** conhecido também em igrejas cristãs gentias. Por meio de uma breve citação: “**Como está escrito: O que muito colheu não teve medida excessiva; e o que pouco, não teve medida deficitária**” ele alude à história do maná em Êx 16.18, contando com que os coríntios o compreenderiam imediatamente. Ao abastecer o povo com o pão milagroso no deserto, o próprio Deus havia providenciado a “**igualdade**”. De nada adiantava a avidez humana de apoderar-se do máximo, e de mais do que os outros. E a fraqueza, incapaz de recolher a mesma quantidade, também não era prejudicial. Por isto, deve acontecer também uma “**compensação**” entre as igrejas de Deus, em analogia ao que Deus havia atestado como sua determinação em prol da “**igualdade**” por meio do maná.

RECOMENDAÇÃO DE TITO E DOS IRMÃOS QUE VIAJAM COM ELE, 8.16-24

- 16 **Mas graças a Deus, que pôs no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós,**
17 **porque atendeu ao nosso apelo e, mostrando-se mais cuidadoso, partiu voluntariamente para vós.**
18 **E, com ele, enviamos o irmão cujo louvor no evangelho [está espalhado] por todas as igrejas.**
19 **E não só isto, mas foi também eleito pelas igrejas para ser nosso companheiro no desempenho desta**
20 **graça ministrada por nós, para a glória do próprio Senhor e para mostrar a nossa boa vontade**
21 **evitando, assim, que alguém nos acuse em face desta generosa dádiva administrada por nós.**
22 **pois o que nos preocupa é procedermos honestamente, não só perante o Senhor, como também**
23 **diante dos homens.**
24 **Com eles, enviamos nosso irmão cujo zelo, em muitas [ocasiões] e de muitos modos, temos**
25 **experimentado; agora, porém, se mostra ainda mais zeloso pela muita confiança em vós.**
26 **Quanto a Tito, é meu companheiro e cooperador convosco; quanto a nossos irmãos, são**
27 **mensageiros (literalmente: apóstolos) das igrejas e glória de Cristo.**
28 **Manifestai, pois, perante as igrejas, a prova do vosso amor e da nossa exultação a vosso respeito na**
29 **presença destes homens.**

- 16,17 No contexto do assunto da coleta Paulo retoma o envio de Tito. “**Mas graças a Deus, que põe no coração de Tito a mesma solicitude por amor de vós, porque atendeu ao nosso apelo e, por ter solicitude maior, partiu por decisão própria até vós.**” Os coríntios sentiram a “**solicitude**” de seu apóstolo também no que ele acabou de escrever. Tito, porém, possui “**a mesma solicitude**” pelos coríntios. O olhar para Deus define todo o pensamento de Paulo, de modo que igualmente não vê nessa solicitude de Tito uma faculdade inata, mas uma dádiva de Deus, pela qual se mostra profundamente grato. Sem dúvida, Paulo continua sendo o apóstolo e dirigente, que precisou “recomendar” a Tito que fizesse uma viagem a Corinto (v. 6). Contudo Tito também se sentia pessoalmente impelido para ir a Corinto, de maneira que não apenas por instrução do apóstolo, mas “**por decisão própria partiu até vós**”. Sua solicitude era “**maior**”. Não era empreendimento fácil, depois de ter solucionado de modo positivo a primeira incumbência, fazer mais uma vez a peregrinação até Corinto, investindo ali tempo e energias. Paulo não tinha “contratados” dos quais pudesse dispor para enviar a qualquer lugar. Em vista de sua pobreza pessoal, ele não se podia dar a esse luxo. Mas também por motivos íntimos não queria tê-los. Para ele, o Império Romano, com seu poder de coação e seus “magistrados”, não representava a construção da igreja de Deus. Alegrava-se com a autonomia de seus colaboradores voluntários e agradecia a Deus porque Tito estava assumindo esse novo serviço em Corinto “**por decisão própria**”. A formulação “**Tito partiu até vós**” não significa que no momento em que era escrita a carta Tito já teria iniciado a viagem. É um estilo epistolar antigo que, ao escrever, o remetente se transporta para a situação em que os leitores estarão quando a carta chegar ao destino. Quando os coríntios ouvirem na reunião da igreja o que Paulo escreveu, então Tito, que trouxe a carta, já “partiu”, e Paulo terá “enviado” os irmãos que o acompanham.

- 18 Também desta vez Paulo não deixa Tito ir sozinho (cf. 2Co 12.18) para Corinto. Enquanto nas viagens anteriores Paulo enviava apenas “o irmão” com o colaborador (2Co 12.18), e que por isso não é mencionado quando Tito retorna em 2Co 7.5ss, agora o acompanhante é um homem respeitado, com uma tarefa especial da

igreja. **“E, com ele, enviamos o irmão cujo louvor no evangelho [está espalhado] por todas as igrejas.”** Não sabemos quem é esse irmão conhecido e respeitado em todas as igrejas por causa de seu serviço abençoado de proclamação. Os coríntios o têm diante dos olhos. Nós nem sequer sabemos ao certo o que Paulo tem em mente com a expressão **“por todas as igrejas”**. Será que pensa também nas aldeias da Galácia e nas cidades da Ásia? Ou será que agora está olhando apenas para as igrejas macedônias, entre as quais está atuando? De qualquer maneira é digno de nota para nossa visão do primeiro cristianismo que, além de Paulo e seus companheiros diretos, houvesse tais “irmãos” conhecidos e amados em todas as igrejas.

- 19** Esse irmão foi **“eleito pelas igrejas”** (quais?) expressamente como companheiro de viagem do apóstolo **“nessa obra da graça”**. Ou seja, ele não está apenas indo agora com Tito para Corinto, mas depois também acompanhará Paulo na entrega da grande coleta em Jerusalém.

Novamente a grande coleta para Jerusalém é chamada de **“graça”**, obra da graça. Atua nela a graça de Deus. Isso, porém, não exclui o engajamento humano. É uma obra **“realizada pelo nosso serviço”**. No texto grego seguem imediatamente as palavras: **“para a glória do próprio Senhor e para a nossa boa vontade”**. Que sentido o apóstolo conferiu a essas palavras? Será que as associava a afirmações anteriores? Ou seja, pretendia enfatizar que seu serviço acontecia **“para a glória do próprio Senhor e para mostrar a nossa boa vontade”**? Nesse caso o termo **“boa vontade”** deveria ser entendido como **“mostra da boa vontade”**. Schlatter refere a **“boa vontade”** aos coríntios e a traduz, de forma explicativa, com **“para o aumento de nossa boa vontade”**. Fica nítido como essas explicações e acréscimos são incertos.

- 20** Por essa razão é recomendável que se prefira relacionar a expressão com o verbo subsequente e traduzir: **“evitando, com vistas à glória do Senhor e à nossa boa vontade, que alguém nos acuse em face dessa generosa dádiva administrada por nós.”** Agora o sentido ficou claro. Como Paulo prevê desde já, a coleta resultará em uma **“dádiva generosa”**. Então desperta a desconfiança, que está sempre à espreita entre nós, seres humanos, e que pode ter sido atizada em Corinto pelos adversários do apóstolo, particularmente por meio de alusões maliciosas. Será que essa grande quantia em dinheiro de fato chegará a Jerusalém, ou quanto irá para o bolso do próprio Paulo? Afinal, será que Paulo não está apenas encenando o **“não-necessitado”**, que rejeita o sustento das igrejas, para depois, por vias escusas, garantir a sua parte? As frases do apóstolo em **2Co 12.16s** evidenciam que essas falações maldosas de fato circulavam em Corinto. Com isso **“a glória do próprio Senhor”** seria realmente atingida e toda a **“boa vontade”** do apóstolo ficaria sob suspeita. É isso que Paulo tenta **“evitar”** de antemão, ao solicitar que as igrejas coloquem a seu lado um irmão especialmente conhecido e respeitado que supervisione a coleta até ser entregue em Jerusalém. Timóteo não era suficiente para isso. Ele poderia muito facilmente ser considerado dependente de Paulo. Na formulação da **LXX** Paulo confirma essa regulamentação com uma citação de **Pv 3.4**.

- 21** **“Pois o que nos preocupa é o louvável, não só perante o Senhor, como também diante dos homens.”** *Kalós*, ou seja, **“bom”, “bela”, “louvável”** deve ser tudo nessa grande coleta, e **“não só perante o Senhor”**, diante do qual Paulo comparece limpo e sincero (**2Co 1.12**), **“mas também diante das pessoas”**. É preciso retirar o fundamento para qualquer falação maldosa.

- 22** Paulo enviou mais um irmão com a carta. **“Com eles, enviamos nosso irmão cujo zelo, em muitas [ocasiões] e de muitos modos, temos experimentado; agora, porém, se mostra ainda mais zeloso pela muita confiança em vós.”** Novamente o nome não é mencionado. Afinal, os coríntios o viam diante de si quando a carta era lida. Paulo o chama de **“nosso irmão”**, ou seja, está particularmente próximo do apóstolo. Ele já fora muitas vezes aprovado como homem disposto a se engajar, devendo empenhar-se assim também agora em Corinto em favor da coleta. Deverá fazê-lo com especial diligência porque tem **“muita confiança”** nos coríntios. Os coríntios precisam saber disso, porque o envio de outros irmãos além de Tito poderia causar a impressão da desconfiança. A igreja era sensível. A paz recém-estabelecida não deveria ser novamente colocada em risco. Mas os coríntios podem ter certeza de que esse irmão ainda desconhecido deles não vem como um desconfiado supervisor, mas como alguém que espera conhecer a igreja em Corinto com alegria e cheio de confiança e ajudá-la na execução rápida e boa da oferta. É característico para a vida dos primeiros cristãos que não cheguem às igrejas pessoas isoladas e detentoras de **“cargos”**, mas diversos irmãos em conjunto, em continuação ao agir do próprio Jesus (**Mc 6.7; Mt 18.16; 18.20**), assim como também Paulo havia conduzido a evangelização de três pessoas justamente em Corinto por ocasião da fundação da igreja (**2Co 1.19**).

- 23** No presente trecho deparamo-nos com uma típica **“carta de recomendação”**, de que Paulo não tinha necessidade para si mesmo (**2Co 3.1-3**), mas que era imprescindível no envio de outras pessoas. A igreja, que agora esperava ansiosamente pelo próprio apóstolo, não podia ser simplesmente confrontada com o fato de que três outras pessoas apareceriam em Corinto e interfeririam no assunto da coleta em seu meio. Por isso Paulo expõe mais uma vez aos coríntios por que todos os três merecem o amor da igreja e sua consideração. **“Quanto a Tito, é meu companheiro e cooperador convosco; quanto a nossos irmãos, são mensageiros (literalmente: apóstolos) das igrejas e resplendor de Cristo.”** Tito é **“companheiro”** de Paulo (literalmente: participante) na grande causa do evangelho e, com vistas aos coríntios, **“cooperador”** direto de Paulo. Como

tal, merece a confiança total da igreja quando agora retorna a Corinto como representante do apóstolo. Os dois irmãos que chegam com ele eram “**mensageiros das igrejas**”, devendo ser considerados e honrados como tais. Ocorre que está sendo usada a palavra *apóstolos*, que – como muitas palavras que empregamos – pode ter um sentido mais restrito ou mais amplo. Quando Paulo luta por sua aceitação como “apóstolo” em toda a presente carta, refere-se a algo diferente do que aqui. Uma acepção mais genérica do termo encontra-se também em [Fp 2.25](#). Os “**mensageiros da igreja**” são ao mesmo tempo um “**resplendor de Cristo**”. Paulo sempre via uma ligação viva e essencial entre o Senhor e seu mensageiro, uma ligação que tanto humilha quanto enobrece o mensageiro. Também no caso desses irmãos que acompanham Tito até Corinto a situação é a seguinte: não possuem poder nem grandeza próprios, são apenas “**resplendor**”. Porém como “**resplendor de Cristo**” ao mesmo tempo possuem uma dignidade que precisa ser respeitada pela igreja em Corinto.

- 24 Não está inequivocamente definido como o participio na frase final deve ser entendido, se como imperativo ou como afirmação. A diferença não é muito grande. Até mesmo quando o entendermos inicialmente como uma afirmação, ele não deixa de conter uma exortação, um convite: “**lembrem-se: ‘A prova de vosso amor e do nosso gloriar a vosso respeito, vós a manifestais na presença das igrejas.’**” Paulo está convicto de que a igreja acolherá bem esses três encarregados. Ela há de demonstrar-lhes algo do amor que habita nela como igreja de Jesus. Ao mesmo tempo evidenciará com isso que o apóstolo não a gloriou sem razão. Porém em ambas as coisas os coríntios devem lembrar que isso acontece “**na presença das igrejas**”. A igreja coríntia tinha a tendência de se isolar autocraticamente das demais igrejas ([1Co 11.16](#); [14.34](#)), assim como também mostrou pouco interesse pelas aflições da primeira igreja em Jerusalém. Agora, porém, voltam-se para ela os olhos das outras igrejas, por meio dos três irmãos. Esse é um fato do qual ela não se pode esquivar. Em todos os lugares se ouvirá daquilo que os irmãos viram e vivenciaram em Corinto.

O MOTIVO DE ENVIAR OS IRMÃOS NA FRENTE, 9.1-5

- ¹ **Ora, quanto à assistência a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos.**
- ² **Porque bem reconheço a vossa presteza, da qual me glorio junto aos macedônios, dizendo que a Acaia está preparada desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado a muitíssimos.**
- ³ **Contudo, enviei os irmãos, para que o nosso louvor a vosso respeito, neste particular, não se desminta, a fim de que, como venho dizendo, [de fato] estivésseis preparados,**
- ⁴ **para que, caso alguns macedônios forem comigo e vos encontrem desaparecidos, não fiquemos nós envergonhados (para não dizer, vós) quanto a esta confiança.**
- ⁵ **Portanto, julguei conveniente recomendar aos irmãos que me precedessem entre vós e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como expressão de generosidade e não de avareza.**

- 1 “**Pois, quanto à assistência a favor dos santos, é desnecessário escrever-vos.**” Essa frase não começa um “novo capítulo”. Por meio de um “pois” ela se conecta diretamente ao que acabou de ser dito. Paulo permanece na questão do envio dos três irmãos, que talvez cause uma considerável estranheza em Corinto. Por isso Paulo se propõe a falar mais uma vez com a igreja sobre o motivo deste envio. Não tem necessidade de escrever sobre questões básicas acerca da necessidade e finalidade da coleta. Os coríntios estão informados a esse respeito e declararam sua disposição de participar da campanha. Contudo, é justamente nesse ponto que reside a dificuldade.
- 2 “**Porque bem conheço a vossa disposição, da qual me glorio junto aos macedônios, [dizendo] que a Acaia [já] está preparada desde o ano passado; e o vosso zelo tem estimulado a maioria.**” Já na primavera os coríntios haviam pedido conselhos para a execução prática da coleta, que lhes foram dados pelo apóstolo em [1Co 16.1-4](#). Conseqüentemente, Paulo podia louvar a igreja de Corinto nas igrejas macedônias: a Acaia já estaria preparada desde a primavera do ano anterior para executar a coleta. Isso havia estimulado muitos membros da igreja na Macedônia a contribuir da maneira como Paulo relatara aos coríntios em [2Co 8.1-4](#). Tudo isso também estaria correto, se Paulo entretantes não tivesse sido informado de que, sob todas essas tensões e dificuldades, a coleta em Corinto começou a estagnar ou nem sequer havia sido realmente iniciada. O que haveria de acontecer agora, se irmãos da Macedônia chegassem em Corinto com o apóstolo e constatassem algo bem diferente do que Paulo lhes dissera! Como o apóstolo ficaria envergonhado diante deles! Evidentemente não apenas ele, mas com ele também os coríntios, aos quais os macedônios haviam admirado. É isso que Paulo visa evitar.
- 3,4 “**Contudo, enviei os irmãos, para que o nosso louvor a vosso respeito, nesse particular, não se desminta, a fim de que, como venho dizendo, [de fato] estivésseis preparados, para que, caso alguns macedônios forem comigo e vos encontrem desaparecidos, não fiquemos nós envergonhados (para não dizer, vós) quanto a essa confiança.**”

- 5 Na seqüência os coríntios também são informados porque seu apóstolo não se apressa para chegar logo até eles, como seria de esperar pela sua saudade (2Co 7.7-11), mas porque Tito aparece primeiro com dois companheiros. É bem possível que também fosse penoso para o apóstolo separar-se tão rapidamente das igrejas da Macedônia, que ainda passavam por lutas e sofrimentos. Mas ao mesmo tempo considerava preferível, em vista da coleta, que ainda ficasse retido e pudesse primeiramente enviar os irmãos. **“Portanto, julguei conveniente solicitar aos irmãos que chegassem antes até vós e preparassem de antemão a vossa dádiva já anunciada, para que esteja pronta como uma bênção e não como uma ganância.”** “Anunciada” a dádiva dos coríntios já está há tempo. Agora ela deve **“ser preparada de antemão”**, a saber, “antes” da chegada do próprio Paulo com irmãos macedônios. O dinheiro de fato deve **“estar pronto”** quando o apóstolo aparecer. Nenhuma espécie de dificuldade com a coleta deverá comprometer a bênção plena de sua visita. A **“dádiva já anunciada”** dos coríntios deve estar pronta **“como uma bênção e não como uma ganância”**. Que sentido tem essa afirmação? Aqui há tradução e interpretação simultâneas: “como uma dádiva de bênção e não como uma dádiva da avareza.” Contudo é questionável se *pleonexia* pode ter simplesmente o significado de “avareza”. De qualquer forma não consta “dádiva da avareza”. Provavelmente Paulo pensa no doador apenas no caso da palavra “bênção”, tendo em mente os promotores da coleta na segunda palavra. Deve ser um doar espontâneo e alegre, não forçado, como se uma “ganância” lhes tentasse extorquir dinheiro. Repetidamente sentimos as resistências com que Paulo teve de contar na questão da coleta. Também na Macedônia apenas **“a maioria”** ficou entusiasmada com empenho dos gregos. Também ali se haviam manifestado diversas rejeições. Contudo é alvissareiro que conforme Rm 15.26s a coleta experimentou um sucesso completo também em Corinto. Não foi em vão o esforço do apóstolo, para superar as objeções dos coríntios ao longo de dois capítulos e conquistar a compreensão e, por conseqüência, também a disposição real da igreja para uma execução rápida da coleta.

DOAÇÃO GENEROSA TRAZ CONSIGO A BÊNÇÃO GENEROSA DE DEUS, 9.6-15

- 6 **E isto [afirmo]: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com fartura com abundância também ceifará.**
- 7 **Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria.**
- 8 **Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda obra,**
- 9 **como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre (Sl 112.9).**
- 10 **Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça,**
- 11 **enriquecendo-vos, em tudo, para toda generosidade (literalmente: simplicidade), a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus.**
- 12 **Porque o serviço desta assistência não só supre a necessidade dos santos, mas também redundando em muitas graças a Deus.**
- 13 **Visto como, na prova desta ministração, glorificam a Deus pela obediência da vossa confissão quanto ao evangelho de Cristo e pela liberalidade (literalmente: simplicidade) com que contribuís para eles e para todos,**
- 14 **enquanto oram eles a vosso favor, com grande afeto, em virtude da superabundante graça de Deus [que há] em vós.**
- 15 **Graças a Deus pelo seu dom inefável!**
- 6 O apóstolo não precisa voltar a falar a respeito do sentido e da necessidade da coleta. Mas ele sabe que mera compreensão não é suficiente para superar as resistências que se levantam em nosso coração contra a doação singela e alegre. Essas resistências eram particularmente grandes em Corinto. Por essa razão Paulo faz nova investida na carta, a fim de mais uma vez motivar os coríntios para a participação correta na coleta. **“E isto [ressalto]: aquele que semeia pouco, pouco também ceifará; e o que semeia com vistas a bênçãos, com vistas a bênçãos também ceifará.”** “Dar” é como “semear”: no primeiro momento a semente aparentemente é “jogada fora”. Por isso o semeador poderia querer **“semear”** o mais “parcimoniosamente” possível, semear **“pouco”**. Mas então também **“ceifará pouco”**. Pelo contrário, ele pode semear ricamente, na expectativa de “bênçãos”, e a colheita não o decepcionará. Conseqüentemente, os coríntios não devem economizar timidamente. Não precisam temer que pelo dar se tornarão pobres. Sua participação na coleta há de gerar para eles próprios uma colheita que corresponde à medida de seu empenho. A lei subjacente à “semeadura e ceifa” pode servir de comparativo eficaz por ser uma lei viva e porque nela de fato se evidencia a atuação de Deus.

No sentido de Gl 6.6-9, onde igualmente se trata da disposição para partilhar e ajudar, Paulo pensa também aqui em uma colheita de cunho espiritual, descrita em detalhe nas frases subseqüentes. Porém, embora ressalte seriamente para os coríntios a importância da doação, persistem a liberdade e voluntariedade plenas.

- 7 **“Cada um [contribua] segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por constrangimento; porque Deus ama a quem dá com alegria.”** A “colheita” não decorre mecanicamente da sementeira. É Deus quem dá a colheita tanto fora no campo e quanto na vida da igreja, por meio de suas “bênçãos”. Deus não se agrada do “dar com tristeza” e “por constrangimento”. Deus ama o “doador alegre”, como diz Paulo em analogia a Pv 22.8, de acordo com a formulação da LXX. Paulo não deseja que em Corinto se contribua de forma contrariada e forçada. Isso não traria bênçãos.
- 8,9 No entanto, tampouco em Corinto a coleta precisa ser uma laboriosa obra humana. Na Macedônia ela foi “graça de Deus”, o que também pode ser em Corinto. **“Deus pode fazer transbordar toda graça, também para vós, a fim de que, tendo em tudo, a toda hora, toda suficiência, transbordeis para toda boa obra.”** Nossa doação jorra da doação de Deus! Mas Deus pode “fazer transbordar” sua graça. Dessa forma os coríntios se tornam pessoas que “em tudo” e “a toda hora” possuem “toda suficiência”. Paulo acumula as expressões, a fim de caracterizar a profusão da graça de Deus. Agora também os coríntios tão ricamente agraciados podem novamente “transbordar”, sem “tristeza”, sem “constrangimento”, como um poço cheio até a borda, a saber, para “toda” boa obra. Mais uma vez ocorre no grego a palavra *pas* (“todo, cada”). Paulo remete ao Sl 112.9: **“Como está escrito: Distribuiu, deu aos pobres, a sua justiça permanece para sempre.”** Justamente uma pessoa como Paulo não consegue ver nessa palavra do AT uma “justificação por obras”. Mas pela metáfora da sementeira e colheita ele mostra como nosso comportamento – que como tal decorre da dadivosa graça de Deus – traz seu fruto. O agrado de Deus repousa permanentemente sobre aquele que é capaz de semear e dar aos pobres com tanta alegria.
- 10 Por essa razão o apóstolo delinea mais uma vez a viva interligação entre o agir divino e humano. **“Ora, aquele que dá semente ao que semeia e pão para alimento também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça.”** Fazendo uso de Is 55.10, Paulo aponta para a atuação de Deus na esfera natural da vida, como, p. ex., a dádiva de Deus nas “sementes” e no “pão” não exclui a ação humana, mas justamente a viabiliza. Assim Deus “supre e aumenta” também a “sementeira” dos coríntios quando doam e fazem crescer os “produtos”, os “frutos” de sua “justiça”. O apóstolo, que convive intensamente com sua Bíblia, tem em mente Os 10.12. Em que, porém, consistem esses “frutos”?
- 11 O que isso significa na prática, de que a “sementeira” dos coríntios gera uma abundante “colheita” de “bênçãos” (v. 6)? **“Em tudo sois enriquecidos, para toda generosidade (literalmente: simplicidade), a qual faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus.”** Isso obviamente não é algo que pudesse ser atraente ao ser humano natural. Contudo Paulo pressupõe também em todos os demais crentes o sentido “teocêntrico” do coração, que habita em nós desde a conversão e o renascimento. Já em 2Co 1.11 e 4.15 o alvo almejado da experiência do próprio Paulo, e que também envolvia a igreja, era que Deus recebesse abundante gratidão. Isso igualmente representa o alvo supremo de toda a questão da coleta! No caso de uma campanha tão grande na verdade vigora consistentemente a ajuda fraterna a necessitados. Mas nisso está em jogo, ao mesmo tempo e em última análise, a honra de Deus. Nesse desprendimento do eu e do próprio conforto o “ser enriquecido” proporciona a desejada possibilidade de doar ricamente. Novamente Paulo designa a “generosidade” com o termo “simplicidade, singeleza”. Isso caracteriza a doação como algo em que a esquerda de fato não sabe o que a direita faz, porque se doa de forma “simples”, sem cálculos e sem muitas perguntas. É precisamente esse dar “simples”, espontâneo e alegre que desperta e **“faz que, por nosso intermédio, sejam tributadas graças a Deus”**.
- 12 Orientar a nossa ação dessa forma para Deus, até mesmo a nossa doação no caso de uma coleta, é um desejo tão candente no coração do apóstolo que ele analisa a questão com mais pormenores. Por que a participação correta dos coríntios na coleta para Jerusalém se torna um modo de honrar a Deus? **“Porque a realização dessa prestação de serviço não só supre a necessidade dos santos, mas também transborda em muitas orações de gratidão a Deus.”** A “realização dessa prestação de serviço” é literalmente “o serviço nessa ação cultural”. Ocorre no grego o termo *leitourgia*, que ainda hoje conhecemos pela palavra “liturgia”. Na literatura antiga este termo é usado com frequência para a prestação de serviços para o Estado, contudo sempre com um fundo religioso. Em Lc 1.23 ele descreve o serviço sacerdotal de Zacarias. Logo, essa coleta é desde o início um “serviço cultural”, que na verdade também supre a carência dos santos, o que sem dúvida também é a sua primeira intenção, mas que dessa forma suscita as numerosas orações de gratidão, alcançando assim seu alvo final na glorificação de Deus. Porque os “santos” em Jerusalém não aceitarão pura e simplesmente a rica ajuda das igrejas paulinas.
- 13 Não, **“por causa da aprovação desse serviço eles glorificam a Deus pela subordinação do vosso testemunho ao evangelho do Cristo e pela liberalidade (literalmente: simplicidade) da comunhão com eles e com todos.”** Mais uma vez Paulo forma duas frases de condensada brevidade mediante acúmulo de

substantivos, que precisamos desmembrar em uma série de frases isoladas. Nesse serviço se mostra a **“aprovação”** da condição cristã entre os coríntios. Seu **“testemunho ao evangelho do Cristo”** se evidencia como genuíno pelo fato de ter levado os coríntios à **“subordinação”** sob a graça viva de Deus, que objetiva gerar essa ajuda fraterna. Em **“simplicidade”** ou **“liberalidade”**, com o que Deus se alegra, os coríntios concedem aos cristãos necessitados em Jerusalém sua **“comunhão”** eficaz e, assim, se encontram ao mesmo tempo na comunhão **“com todas”** as igrejas. Os santos em Jerusalém, no entanto, não se alegrarão apenas com a quantia das dádivas que alivia sua pobreza premente. Acima de tudo hão de **“glorificar a Deus”** pelo que efetuou na vida da igreja em Corinto. Eles, que como israelitas até então haviam olhado com menosprezo para os **“gentios”**, agora precisam reconhecer com admiração e gratidão o que Deus é capaz de fazer desses **“gentios”**. O menosprezo se transforma em anseio por conhecer uma igreja tão ricamente agraciada por Deus:

- 14** **“Enquanto também eles, orando a favor de vós, anseiam intensamente por vós, em virtude da superabundante graça de Deus [que há] em vós.”** Vendo, porém, diante de si aquilo pelo que se engajou com ardente dedicação e o sinal e testemunho que a coleta em suas igrejas constitui para ele (a igreja una de Jesus no mundo, formada por judeus e gregos unidos na mesma fé em Jesus e na viva comunhão da ajuda mútua), Paulo tão somente pode exclamar:
- 15** **“Graças a Deus pelo seu dom indescritível!”** Porque aquilo que a graça de Deus criou neste mundo ultrapassa tudo o que pessoas são capazes de imaginar, motivo pelo qual nem sequer pode ser descrito em toda a sua magnitude. Onde ficam, porém, as dúvidas em relação a uma coleta que pode ter um resultado desses? Será que os coríntios podem deixar de se engajar com toda a solicitude nessa obra?

EXCURSO 3: SOBRE A QUESTÃO DA “CAMPANHA FINANCEIRA”

Sabe-se que Georg Müller, fundador dos orfanatos em Bristol, tinha o claro princípio de nunca pedir doações para seus grandes orfanatos com suas inúmeras necessidades. Nem mesmo divulgava situações de carência extrema. Apenas expunha as necessidades a Deus e esperava toda a ajuda somente dele. Essa atitude não o levou ao fracasso, antes fê-lo experimentar muitos milagres. Outros seguiram seu exemplo. Tão somente nos cabe considerar essa atitude com grande respeito.

No entanto, fala-se com frequência de que essa seria a única atitude correta e necessária para qualquer **“obra de fé”**. Às vezes isso soa como se obras e igrejas que solicitam doações de pessoas e promovem coletas não estivessem firmadas completamente na fé. Nessa situação esses capítulos de 2Co se revestem de importância central. Com toda a certeza o apóstolo Paulo era um **“homem de fé”** e seu trabalho era uma **“obra de fé”**. Apesar disso Paulo realizou **“campanhas financeiras”**. Sim, empenhou-se de modo intenso pelas doações em Corinto, como acabamos de ler no longo trecho de sua carta. Enfatizou e preservou seriamente a **“liberdade”** de doar. Cunhou a inesquecível frase de que Deus ama a quem dá com alegria. Combateu o constrangimento interior errado, salientando a verdade óbvia de que com nossa disposição de dar somos bem-vindos a Deus conforme o que temos, e não conforme o que não temos. Mas, não obstante, tentou motivar pessoas a se disporem a dar. Para nós hoje é bom que ao exemplo de Georg Müller se contraponha um homem de fé como Bodelschwingh pai, o grande **“mendigo”**, que ao pedir e fazer campanhas financeiras prestava um benefício aos próprios doadores e que, desafiando a dar, foi ao mesmo tempo um ardente **“evangelista”**.

Contudo teria sido impossível para o apóstolo promover a coleta entre **“os que estão fora”**. É fundamentalmente inviável pela simples razão de que a honra de Deus constituía para ele o alvo máximo da coleta. Nesse ponto temos de mudar seriamente nosso pensamento, sem a falsa timidez gerada pela incredulidade.

ANÚNCIO DA LUTA DO APÓSTOLO CONTRA SEUS ADVERSÁRIOS, 10.1-

6

- ¹ **E eu mesmo, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo, eu que, na verdade, quando presente entre vós, sou humilde; mas, quando ausente, ousado para convosco.**
- ² **Sim, eu [vos] rogo que não tenha de ser ousado, quando presente, servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar alguns que nos julgam como se andássemos em disposições de mundano proceder.**
- ³ **Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne.**
- ⁴ **Porque as armas da nossa milícia não são carnis, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós sofismas (ou: atentados)**
- ⁵ **e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo,**

⁶ e estando prontos para punir toda desobediência, uma vez completa a vossa submissão.

1 “**Eu mesmo, porém, Paulo, vos exorto...**” Abruptamente, a parte final da carta, **2Co 10–13**, se destaca da alegria aliviada nos lábios do apóstolo que vimos no cap. 7. Também nas considerações sobre a grande coleta nos cap. 8 e 9 repercutia a comovida gratidão: graças a Deus por seu dom indescritível. No bloco que começa a partir deste capítulo, porém, voltam a soar luta e armas, aprisionamento e punição. Será que isso combina com palavras como **2Co 7.4; 7.7**? Ou teriam razão aqueles que consideram os cap. 10–13 como inclusão de outra carta do apóstolo, talvez da “epístola das lágrimas”? Contudo, a presente carta de forma alguma pode ter terminado em **2Co 9.15**. Tampouco seria cabível que fosse acrescentada uma breve saudação final, no estilo de **2Co 13.11–13**. Afinal, Paulo não podia informar apenas um novo envio de Tito. Precisa escrever aos coríntios sobre sua própria ida. A continuação de **2Co 1–9**, portanto, precisava ser exatamente a que aparece em **2Co 10–13**! Esses capítulos falam da iminente visita do apóstolo e do que então há de acontecer em Corinto. Contudo, nenhuma carta do apóstolo poderia iniciar com as palavras “**Eu mesmo, porém, Paulo, vos exorto...**”. Antes disso deve ter havido considerações em que outras pessoas estiveram em primeiro plano, ou seja, considerações que correspondem exatamente ao que foi trazido nos cap. 8 e 9. Tito e dois irmãos acompanhantes terão em Corinto sua tarefa, “**eu mesmo, porém, Paulo, vos exorto...**”. Portanto, os cap. 10–13 cabem perfeitamente no local em que se encontram. Por acaso deveríamos tirá-los desse contexto, presumindo outro fim para os cap. 1–9, e outro começo de carta para **2Co 10–13**? No entanto, o que dizer da abrupta mudança do tom? Será possível que **2Co 10.1ss** fosse escrito imediatamente após **2Co 9.15**? Pois bem, as palavras de **Rm 9.1**, na seqüência de **Rm 8.38s**, nos fornecem a prova de que Paulo é perfeitamente capaz de dar uma guinada dessas em uma de suas cartas! Na presente carta essa mudança é determinada pelo conteúdo, sendo por isso plenamente compreensível. Em **2Co 1–7** Paulo olha retrospectivamente para a dolorosa tensão entre ele e a igreja, a tensão que agora obteve uma solução feliz. Em **2Co 10–13** Paulo olha para o futuro, para a nova visita em Corinto. Essa visita não tornará a acontecer “em tristeza” (**2Co 2.1**), porém provavelmente trará consigo uma última luta com aqueles que desencaminharam e confundiram a igreja. O apóstolo informa a igreja desde já sobre o acerto de contas com estes, como preparação para o que poderá acontecer quando ele estiver pessoalmente com a igreja depois de Tito.

Também nesse caso cumpria dirimir um considerável mal-entendido, surgido por ocasião de sua última visita intermediária em Corinto, que podia provocar em seus amigos apreensão, em seus adversários uma falsa segurança. Paulo sabe o que se pensa a respeito dele em Corinto: “**Que, na verdade, quando diante dos vossos olhos, sou insignificante; mas, da distância, ousado para convosco.**” Já na primeira carta, em **1Co 4.18**, ele teve de se voltar contra homens que diziam à igreja que esse Paulo nem sequer tem coragem de aparecer pessoalmente! Por meio da “visita intermediária” e daquilo que aconteceu na seqüência, firmara-se a opinião de que Paulo é “**da distância, ousado**”, “suas cartas são graves e fortes” (**2Co 10.10**). Mas “**diante dos olhos**” é “**insignificante**” e, na presença física, é “fraco” (**2Co 10.10**). A igreja precisa entender corretamente! Desde que ele pertence a Jesus, a atitude senhorial, violenta, já não faz parte dele. É por Jesus que Paulo é determinado e cunhado agora, podendo iniciar até mesmo a presente seção da carta apenas com as palavras de exortação às igrejas “**pela mansidão e benignidade do Cristo**”. Não tem prazer na luta e no procedimento severo. Ora seriamente para que esse procedimento não se torne necessário por ocasião de sua visita, porque seus adversários notam que a influência deles na igreja foi quebrada.

2 “**Oro, porém, que não tenha de ser ousado, quando presente, servindo-me daquela firmeza com que penso devo tratar certas pessoas que nos julgam como se andássemos segundo a carne.**” De fato **2Co 10–13** seria incompatível com todo texto anterior se **2Co 10ss** tratasse de uma eventual luta contra a igreja! Mas nitidamente não é esse o caso. Trata-se tão somente de “**certas pessoas**”, de “alguns”. Talvez tenha de “**tornar-se ousado**” com elas “**quando presente**”. Elas pensam que Paulo e seus colaboradores “**andam segundo a carne**”. O que querem dizer com essa depreciação? Em que constatam justamente em Paulo um comportamento “**segundo a carne**”? Será que os adversários consideravam Paulo de forma genérica como sendo insuficientemente “espiritual”? Será que eram pessoas que “ultrapassavam a Escritura” (**1Co 4.6**), que projetavam o falar em línguas e não o constatavam em Paulo (**2Co 1.14–18**), que se gloriavam das visões e revelações, sentindo falta delas em Paulo (**2Co 12.1**), e que contemplavam dessas alturas espirituais um apóstolo ainda bastante “carnal”? Será que por isso também o tinham acusado de conhecer a Cristo demasiadamente “segundo a carne” (**2Co 5.16b**), enquanto eles “pertenciam a Cristo” de modo muito mais direto e condizente com o Espírito (**1Co 1.12; 2Co 10.7**)? Ou consideravam o fato de ele reivindicar ser um apóstolo de Jesus Cristo como uma petulância e supervalorização “carnal” por parte de Paulo, justamente por lhe faltar tudo aquilo em que constatavam a prova especial da posse do Espírito? Será que compreendiam erroneamente a “fraqueza” e a “humildade” do apóstolo, que não tinha coragem de se impor e que seria facilmente tirado de cena, como sendo “**segundo a carne**”? É possível que tudo isso tenha feito parte do juízo negativo contra Paulo. Contra eles Paulo pensa em “**servir-se de firmeza**”.

3 É claro que diante da “altitude” espiritual daqueles homens Paulo precisa admitir: “**Porque de fato andamos na carne.**” Afinal, possui o tesouro de seu serviço extraordinário “em vasos de cerâmica” (**2Co 4.7**). Por

consequência, conhece bem a penosa vida “**na carne**”, descrevendo a trajetória de serviço do apóstolo autêntico de forma tão sóbria como já fizera em **1Co 4.8-13** e torna a fazer na segunda carta (**2Co 1.3-11; 4.7-12; 6.3-10**). Não tem como andar nas mesmas “alturas” que seus adversários em Corinto, mas está consciente de que possui apenas as “primícias do Espírito”, motivo pelo qual se encontra com toda a criação em ardente anseio e expectativa (**Rm 8.23**). Porém as pessoas em Corinto não devem se enganar. Ainda que viva “**na carne**”, não voltará a ser fraco e indefeso quando visitar Corinto, nem tampouco empregará as “armas carnis” de costume, como astúcia, diplomacia, mentira e violência. “**Porque de fato andamos na carne, porém não conduzimos nossa luta segundo a carne. Porque as armas de nossa luta não são carnis, e sim poderosas para Deus, a fim de destruir fortalezas.**”

4,5 Já na primeira carta (**1Co 4.18-21**) ele previra dificuldades em relação à visita em Corinto. Naquela ocasião eram dificuldades com toda a igreja, à qual talvez precisasse enfrentar “com a vara”, como um pai irado. Agora não se fala mais disso. Aconteceu uma meia-volta na igreja. Porém “certas pessoas”, que tentam desencaminhar a igreja, ainda estão lá. É contra elas que se dirige a luta. Por isso agora o apóstolo não aparece em Corinto como pai com uma vara, mas como “soldado”. Utiliza as expressões costumeiras para o serviço militar. Na realidade chega como atacante. Sua visita em Corinto será comparável ao ataque a uma fortaleza. Destroem-se muralhas, conquistam-se posições elevadas, fazem-se prisioneiros, e promove-se um julgamento contra os inimigos. “**Aniquilamos idéias** (ou: atentados) **e toda altura que se levante contra o conhecimento de Deus, e levamos cativo todo pensamento para obedecer ao Cristo.**” Não se trata de uma luta “carnal”, exterior, contra pessoas. As “muralhas” que precisam ser arrasadas são *logismoi*, ou seja, “idéias, opiniões, atentados”. Os referidos homens em Corinto haviam defendido “opiniões” com que supostamente levariam a igreja à “altura” do cristianismo perfeito. De acordo com o veredicto de Paulo, porém, essas “alturas” se elevam “**contra o conhecimento de Deus**”. Não se trata de enunciados teológicos acadêmicos. Trata-se de “reconhecer a Deus”, determinando assim toda a vida real. O Deus verdadeiro e vivo, o Santo, que de fato reconciliou consigo o mundo, é completamente incompreendido quando vivemos em tais “alturas”. Temos de trazer mais uma vez à lembrança aquilo que acontecia na vida eclesial em Corinto que Paulo já combatia na primeira carta com dor e ira: os partidos, a ciúmeira, os processos entre membros da igreja perante juízes gentios, a visita à prostituta do templo, a participação em refeições nos templos gentios, a emancipação da mulher, a decadência na celebração da ceia do Senhor, a supervalorização da “língua”, a negação da ressurreição, a irritação com os sofrimentos do apóstolo. A santidade e o amor de Deus são ofendidos quando tais “**opiniões**” assumem o comando prático na igreja. Conseqüentemente, Paulo já havia criticado o “desconhecimento de Deus” em **1Co 15.34**, pois o havia constatado em membros da igreja em Corinto. Não era contra a pessoa e a reputação de Paulo, como pensavam, que os adversários se posicionavam, mas contra o “**conhecimento de Deus**”. Por essa razão as “muralhas” não podem ser toleradas. Devem ser arrasadas, “**aniquiladas**”. Obviamente isso não acontece por meio de força física. Não há como utilizar “**armas carnis**” nesse caso. Paulo, no entanto, já declarara em **2Co 6.7** que sabia conduzir armas de ataque e de defesa. Suas armas são “**poderosas para Deus**”. Assim como seus adversários se rebelam “contra Deus”, assim Paulo há de lutar com armas poderosas “**para Deus**”. Conquistará as “alturas” e arrasará as “fortalezas” de “opiniões” sedutoras. Que a igreja se prepare para isso.

Paulo continua ampliando a metáfora militar. Quando se conquista uma fortaleza também se fazem prisioneiros. É assim que também acontecerá com o apóstolo em Corinto. Também Paulo há de fazer prisioneiros. Novamente, porém, não são pessoas que ele pretende levar cativas ou subjugar. Todo *noema*, toda “configuração de idéias”, toda doutrina, todo raciocínio, ele o “**levará cativo à obediência do Cristo**”. Tanto a pessoa que via a salvação no serviço de Moisés e não reconhecia o serviço da nova aliança quanto a que conduzia para a liberdade falsa, colocava-se contra Jesus e lhe havia negado a obediência de fé. Paulo conta com o fato de que, com autoridade espiritual, conseguirá explicitar isso limpidamente e desse modo reconquistar muitos pensamentos em Corinto para a “**obediência do Cristo**”. Paulo não é um inimigo do pensamento e da razão. Constantemente ele se esforça nas cartas para levar as igrejas a pensar, compreender, formar juízo próprio. “Não desejo que ignoreis...” é uma fórmula freqüente em seus escritos. Porém Paulo sabia que nosso “pensar” de forma alguma é a função autônoma e livre que a crença na razão imagina ser. Nosso pensar, pelo contrário, é dirigido por profundezas ocultas de nosso eu. Em última análise está por trás dele o deus da presente era (**2Co 4.4**), que escraviza nosso pensar, ou então Deus em Cristo, que o liberta para o raciocínio verdadeiro. Por essa razão Paulo pretende “**levar cativo todo pensamento para obedecer ao Cristo**”, a fim de ajudá-lo a alcançar justamente assim a autêntica liberdade. Quando Paulo fala de “**todo**” pensamento, essa palavra não possui sentido estatístico. Paulo não pode contar com a possibilidade de derrotar intimamente todos os seus adversários em Corinto. Porém de forma alguma existe em Corinto algum pensamento, independentemente de que tipo seja, de cunho “judaísta” ou “gnóstico”, que não devesse nem pudesse ser subordinado a Jesus.

No caso de Paulo não se pode falar de sujeição cega e aprisionamento violento da razão humana (como dizia a antiga tradução alemã de Lutero). A metáfora bélica somente é usada em contraste com o menosprezo que Paulo recebia entre os coríntios, que o vêem como pessoa impotente: “na presença, insignificante”. Paulo

não era um homem de autoridade formal, era um homem da liberdade. A “**obediência**”, cujo paradigma era para ele a obediência do próprio Jesus (Fp 2.5-11), significava a obediência espontânea que brota do amor. Para Paulo, a falta de amor entre as novas pessoas em Corinto anulava o valor de todas suas outras posses espirituais (1Co 13.1-3). Quando se tornassem obedientes ao Cristo, então tornar-se-iam pessoas capazes de afirmar com Paulo: “O que nos determina é o amor do Cristo” (2Co 5.14).

- 6 O próprio Paulo sabe que não conseguirá conquistar a todos os coríntios. Por isso mantém-se “**pronto para punir toda desobediência**”. Ele não diz que essa “**punição**” aconteceria de forma obrigatória. Tão somente mantém-se “**pronto**” para isso. Tampouco explica mais detalhadamente como será a “**punição**”. O caso extremo seria a exclusão da igreja de Deus, que obviamente significa ao mesmo tempo “entrega a Satanás para a destruição da carne” (1Co 5.5). Afinal, naquele tempo existia somente uma igreja de Jesus em Corinto, “o corpo do Cristo”. Um ser humano estaria a salvo do “império das trevas” (Cl 1.13) somente nela, sendo um membro dela. Separado da igreja, encontrava-se novamente sem defesa nesse sombrio império, e Satanás poderia destruí-lo. Contudo, de acordo com a exigência do apóstolo, a igreja havia punido aquele homem que “causara tristeza” e havia “causado injustiça”, sem excluí-lo da igreja (2Co 2.6). Por isto, é possível que ao anunciar um castigo para os renitentes Paulo tenha pensado em diversas possibilidades. Contudo, punir é imprescindível. Porque a “**desobediência**” defendida intencionalmente não pode permanecer sem punição, nem mesmo na igreja de Jesus. É bem verdade que a igreja vive do perdão. O próprio Paulo enfatizou isso com muita seriedade em 2Co 2.10s. Mas o perdão genuíno pressupõe o reconhecimento e a confissão. A desobediência precisa ser alcançada pela punição. Esse “punir” pode e há de acontecer “**uma vez restabelecida cabalmente vossa submissão**”! Paulo não menciona isso como se se tratasse de uma condição aberta, de cujo cumprimento (ainda pendente) depende a possibilidade da punição. A igreja retornou à obediência. Contudo, na visita do apóstolo a obediência será “cabalmente restabelecida” e toda insegurança será superada. Então o julgamento pode e há de ser promovido, se necessário. O que Paulo escreve em 2Co 12.20s revela seu julgamento sóbrio acerca da igreja. Apesar de todo o “zelo” voluntário da igreja ainda havia muitos pontos de obediência a serem “**restabelecidos**”. Mas para isso justamente o ataque aos ensinamentos e opiniões sedutores dos adversários, no poder do Espírito, será uma ajuda eficaz.

UMA ADVERTÊNCIA AOS ADVERSÁRIOS, 10.7-11

- 7 **Observai o que está evidente. Se alguém confia em si que é de Cristo, pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós [o somos].**
- 8 **Porque, se eu me gloriar um pouco mais a respeito da nossa autoridade, a qual o Senhor nos conferiu para edificação e não para destruição vossa, não me envergonharei,**
- 9 **para que não pareça ser meu intuito intimidar-vos por meio de cartas.**
- 10 **As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra, desprezível.**
- 11 **Considere o tal isto: que o que somos na palavra por cartas, estando ausentes, tal seremos em atos, quando presentes.**

- 7 Paulo anunciou o “ataque” aos adversários em Corinto. Na seqüência ele quer mostrar esses adversários mais claramente à igreja, para que, quando ele a visitar, ela compreenda porque dessa vez não pode nem quer poupá-los. Subordina toda a afirmação subsequente à solicitação: “**Observai o que está evidente.**” A igreja é capaz de reconhecer pessoalmente os adversários do apóstolo, os destruidores da igreja, em sua essência, desde que abra os olhos e registre com suficiente nitidez o que pode ser visto. Não se trata de questões ocultas das quais Paulo apenas “suspeita” nesses homens. Qualquer pessoa na igreja é capaz de reconhecer o que nela é deturpado e destrutivo.

Os homens aos quais Paulo precisa se opor reivindicam para si uma ligação particular com Cristo. Parece tratar-se de círculos que já conforme 1Co 1.12 proclamavam o lema: “Eu sou de Cristo.” Distinguindo-se dos outros três grupos, eles estariam dizendo com isso: “Não precisamos dos apóstolos, nem de Pedro nem de Paulo. Pelo Espírito possuímos um relacionamento direto com Cristo, posicionando-nos por isso de maneira livre e superior diante dos que ainda estão presos à Escritura e ao apostolado. Por essa razão também somos capazes de conduzir a igreja da precária limitação à altura da vida espiritual, plena de liberdade.” Diante disso Paulo demanda: “**Se alguém confia em si que é de Cristo, pense outra vez consigo mesmo que, assim como ele é de Cristo, também nós [o somos].**” Ainda não nega que pertençam a Jesus, não emitindo nenhum juízo quanto à condição de fé deles. No entanto, exatamente assim é que eles deveriam proceder, se sua ligação com Jesus fosse autêntica. Não devem monopolizá-la para si mesmos, mas também deveriam notá-la e reconhecê-la em Paulo e seus colaboradores. A verdadeira ligação com Jesus não leva a alturas isoladas, a partir das quais alguém como Paulo é condenado e desprezado. “Por humildade considere cada um os outros

superiores a si mesmo” [Fp 2.3]: essa é a marca da autêntica vinculação com Cristo. Em sua frase Paulo sublinhou os termos “**em si**” e “**consigo mesmo**”. Os adversários fundamentam sua “**confiança**” de pertencer a Cristo não sobre o agir de Jesus, que nos resgatou para sermos propriedade dele, mas têm “**em si**” essa ousada confiança. Pois bem, nesse caso precisam reconhecer de igual maneira “**consigo mesmos**” que a vinculação com Cristo não pode ser monopólio deles, ainda que admitir isso seja difícil para o próprio eu.

8 Inicialmente Paulo reivindica para si a vinculação com Cristo, ou seja, a verdadeira condição de cristão que seus adversários não admitem nele. No entanto, logo em seguida passa adiante, gloriando-se ainda de “**algo mais**”, a autoridade singular que Jesus concedeu a ele, o apóstolo escolhido. “**Sim, se eu me gloriar de algo mais sobre nossa autoridade que o Senhor conferiu para edificação e não para destruição vossa, [com isso] não me envergonharei.**” Por que Paulo está falando de forma tão estranha? “Autoridade para destruição dos coríntios”: como Jesus ter-lhe-ia conferido algo assim? Não há necessidade de que ele negue isso expressamente! Três razões podem tê-lo motivado a escrever essa palavra. O próprio Paulo falou da “destruição” que vislumbrava para o momento de sua chegada em Corinto (v. 4). Agora visa enfatizar que uma “destruição” assim nunca pode dirigir-se à igreja como tal, para cuja exclusiva “**edificação**” ele foi autorizado. No entanto, também é possível que os adversários do apóstolo tenham advertido a igreja, dizendo que Paulo haveria de destruir nela a nova e extraordinária vida que trouxeram à igreja. Por fim, pode concentrar-se nessa formulação um ataque rancoroso. Seus adversários, que alegavam alçar a igreja à verdadeira altura, justamente a destruíam. Ele, porém, seu apóstolo, seu fundador e pai, desde o início teve autoridade, autoridade para a edificação. O teor de toda essa declaração é tão importante para o apóstolo que ele a repete em **2Co 13.10**. Portanto, é admissível englobar na frase “**autoridade para edificação e não para destruição vossa**” todos os aspectos acima explicitados.

9,10 Afirmando que possui essa autoridade de seu Senhor, Paulo “**não se envergonhará**” dela. Essa autoridade se evidenciará como real em sua visita, “**para que não pareça ser meu intuito intimidar-vos por meio de cartas. As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença física dele é insignificante, e a palavra, desprezível.**” Logo no começo dessa última seção da carta Paulo havia feito alusão aquilo que os adversários afirmavam sarcasticamente sobre ele: “De longe esse Paulo é tão audacioso, falando palavras poderosas, mas quando se encontra olho no olho diante da igreja e de nós, ele é “insignificante” e não tem coragem para nada.” Em Corinto, porém, igualmente se comentava que as cartas do apóstolo eram impressionantes e poderosas. Mas, quando o escritor dessas cartas impactantes aparecia ao vivo diante deles, como parecia fraco! Tampouco sabe falar, falar de maneira desenvolta e cativante. Certamente contribuía para essa sentença a valorização grega da arte da retórica. Não obstante, precisamos aprender a não fabricar uma imagem equivocada do apóstolo baseada nos desejos da veneração cristã de heróis. Evidentemente Paulo não foi uma “pessoa imponente”, como retratado por A. Dürer em sua célebre figura dos apóstolos. Mas se em sua visita próxima ele de fato será o homem com a espada é uma questão totalmente diferente.

Os adversários acreditam que não precisam temer a visita de Paulo. Enquanto estava distante, escreveria novamente cartas imponentes e audaciosas, tentando assim “**intimidar**” a igreja, mas quando estivesse presente, novamente seria fácil – como naquela visita intermediária – acabar com ele.

11 Paulo replica: “**O respectivo considere isto: que o que somos na palavra por cartas, estando ausentes, assim [seremos] pela obra, quando presentes.**” Quem fala contra Paulo desse modo precisa ficar prevenido. Afinal, o Paulo que comparecerá diante deles em Corinto não é diferente daquele que agora lhes fala na carta. Nas cartas, quando “**ausente**”, ele evidentemente dispõe apenas da “palavra”. Quando presente ele pode e há de comprovar plenamente sua autoridade por meio da “obra”, da ação, da sua atitude.

A AUTOCONSCIÊNCIA LEGÍTIMA DE PAULO E A FALSA GLÓRIA DE SEUS ADVERSÁRIOS, 10.12-18

- ¹² **Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos; mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, revelam insensatez.**
- ¹³ **Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós.**
- ¹⁴ **Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo.**
- ¹⁵ **não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação,**
- ¹⁶ **a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio.**
- ¹⁷ **Aquele, porém, que se gloria, glorie-se no Senhor.**

- 12 Qual é a situação da “autoridade apostólica” de Paulo, que aparentemente está sendo contestada pelos adversários, em parte pela negação de seu apostolado autêntico, em parte pela contraposição entre a “autoridade espiritual” direta pela vinculação com Cristo e a autoridade oficial “formal” do apóstolo? Os coríntios precisam abrir os olhos e reconhecer o que se pode ver com suficiente nitidez. Aqueles homens não possuem nenhuma evidência das elevadas reivindicações necessárias para liderar a igreja, mas tão somente afirmam essas reivindicações e **“recomendam a si mesmos”**. Novamente aparece o termo-chave com que já nos deparamos em **2Co 3.1; 5.12**. Mas justamente Paulo não é aquele que “se recomenda a si mesmo”!
- Aparentemente, os adversários faziam isso intensamente porque tinham necessidade disso. Paulo, porém, não deseja participar de todo esse procedimento, nem tampouco comparar-se com eles. Sua atitude está construída sobre um fundamento totalmente diferente e verdadeiro. **“Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se recomendam a si mesmos.”** Em sua “recomendação” utilizam como ponto de partida um padrão muito confortável, porém errado, razão pela qual jamais chegam à correta avaliação de si mesmos. **“Mas eles, medindo-se consigo mesmos e comparando-se consigo mesmos, não chegam à sensatez.”** Também Paulo pensa de maneira grandiosa sobre a obra que tem o privilégio de realizar por incumbência de Jesus, e que se descortina diante dele com magnitude e extensão. Em Corinto ele escreverá aos romanos que “desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico divulgou o evangelho de Cristo” [Rm 15.19]. Mas esses são fatos “evidentes” (2Co 10.7) e podem ser nitidamente reconhecidos pelos coríntios.
- 13 Em contrapartida, o ruidoso auto-elogio dos adversários em Corinto é desmedido e desprovido de qualquer fundamento real. **“Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos a norma que Deus nos demarcou e que se estende até vós.”** Mais uma vez o olhar de Paulo está firmemente voltado para Deus. Não é o próprio Paulo que determina a amplitude de sua obra conforme seus desejos e planos. O próprio Deus estabeleceu um “cânion”, uma **“norma”** para a obra da vida de seu servo. Essa “linha reguladora de Deus” se estende até longe. Ela chega até Corinto! Quando Paulo fala desse modo sobre a obra de sua vida como apóstolo, não está se referindo a meras palavras ou a planos fantasiosos, mas a realidades.
- 14 **“Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não alcançássemos até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho do Cristo.”** Paulo não **“ultrapassa seus limites”** nem “erra nas medidas”.
- 15 No entanto, porventura seus adversários não chegaram também “até Corinto”? No caso dos novos homens evidentemente não se trata de membros da igreja coríntia, mas de pessoas que entraram na igreja vindas de fora, com “cartas de recomendação” (2Co 3.1). Suscita a ira do apóstolo que tais estranhos se aninhassem ali, tentando arrancar dele a igreja que fundara com árduo trabalho. Por isso ele agora ressalta. **“Não nos gloriamos fora de medida nos trabalhos alheios.”** Na expressão **“fora de medida”** Paulo pensa não somente nos exageros da autoglorificação presunçosa. Seu sentido é mais concreto. Sua obra tem uma **“medida”** definida por Deus. Os adversários, porém, não têm uma agenda de serviço a cumprir nítida da parte de Deus, mas viajam arbitrariamente pelo mundo. Na verdade também chegaram a Corinto, mas sem incumbência de Deus. Tampouco realizaram pessoalmente algo em Corinto por meio de árduo empenho, mas vivem ali do trabalho do homem ao qual desprezam e tentam desalojar. Basta que os coríntios abram os olhos para que vejam qual é a verdadeira situação. Paulo pretendia “se gloriar de algo mais” (v. 8). É o que faz na seqüência. Sua obra ainda não atingiu os limites em Corinto.
- 15,16 Ele **“tem a esperança de que, crescendo vossa fé, seremos engrandecidos entre vós de acordo com nossa norma até transbordar, a fim de levar o evangelho para além das vossas fronteiras.”** Sua obra missionária ainda crescerá de forma poderosa. Porque ainda levará o evangelho para as regiões a oeste, além de Corinto. Paulo está pensando na viagem para Roma e na evangelização da Espanha. Contudo, nem mesmo isso são “planos fora da medida”. Ele se atém à “norma”, ao “cânion” que Deus fixou para ele. É significativo para o amor genuíno de Paulo por seus coríntios que também nessa questão ele torne a integrá-los diretamente nessas suas esperanças, envolvendo-os na sua obra. Ele somente poderá ultrapassar a Corinto “crescendo a vossa fé”, ou seja, quando Paulo puder deixar para trás de si uma igreja consolidada na fé. Não obstante, se Deus então lhe conceder a imensa ampliação de seu trabalho, os coríntios serão participantes dessa alegria. Paulo não contrapõe a magnitude real de sua obra à vanglória desmedida e infundada de seus adversários apenas para si mesmo. Olha para seus coríntios na esperança de **“ser engrandecido entre vós de acordo com nossa norma até transbordar”**. Afinal, é apóstolo “deles”, ao qual Deus concede uma atuação tão ampla. Com alegre gratidão eles hão de participar da grandeza de seu apóstolo. Porém, nem mesmo então será um trabalho verdadeiro e pessoal **“de acordo com nossa norma”**. Ele não tem necessidade de se **“gloriar em medida alheia de coisas que já estão prontas”**.

Mais uma vez é fustigada a constrangedora falsidade da megalomania dos novos homens em Corinto. Enaltecem tudo o que fizeram por Corinto, quando de fato apenas se aninharam em um trabalho eclesial

pronto, ao invés de assumir a labuta e o perigo de um autêntico trabalho missionário em um lugar em que o evangelho ainda era desconhecido.

- 17 Paulo teve de tratar do “gloriar-se”. Nessa questão o olhar não se fixa nele mesmo e em sua realização. Apega-se à regra da Sagrada Escritura que já fora exposta aos coríntios na primeira carta (1Co 1.31): “**Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor.**” Porque na realidade tudo vem de Deus: a eleição e o envio, a extensão da obra, o poder e a autoridade para executá-la. “Que tens tu que não tenhas recebido?” (1Co 4.7). É correto ver com clareza o próprio trabalho e a própria realização contra a vanglória vazia de outros. Contudo o olhar precisa retornar imediatamente ao Senhor e dar glória a ele.
- 18 Não obstante, do Senhor parte outra vez o olhar para os mensageiros humanos e a obra de sua vida. O Senhor confirma e avalia esse trabalho com a autoridade que ele atribui e com o temor que concede. Dessa forma é o próprio Senhor que “**recomenda**” seus servos. É isso que importa. De nada adiantam as auto-recomendações quando o selo divino não marcar seu trabalho. “**Porque não é aprovado quem a si mesmo se recomenda, e sim aquele a quem o Senhor recomenda.**” Justamente o apóstolo, acusado pelos adversários dessa “auto-recomendação”, não precisa dela, porque o aval de seu trabalho por parte de Deus é a sua “recomendação”. Uma igreja como Corinto é sua “carta” e “atestado”, a “carta de Cristo”, que o recomenda claramente diante de todo o mundo (2Co 3.1-3; 5.12).

O FUNDO JUSTIFICADO DA TOLA AUTOGLORIFICAÇÃO DE PAULO, 11.1-6

- ¹ **Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha loucura! Suportai-me, pois! (ou: também me suportais).**
- ² **Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é Cristo.**
- ³ **Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente e se aparte da simplicidade (e pureza) [devidas] a Cristo.**
- ⁴ **Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais.**
- ⁵ **Porque suponho em nada ter sido inferior a esses tais apóstolos (ou: “superapóstolos”).**
- ⁶ **E, embora seja falto no falar, não o sou no conhecimento; mas, em tudo e por todos os modos, vos temos feito conhecer isto.**

Nesse trecho torna-se difícil compreender corretamente as frases de Paulo. As explicações divergem amplamente. Deparamo-nos de modo especial com uma “carta” cujas palavras tinham uma conotação e referência imediata para os destinatários originais e cujas alusões eles entendiam sem dificuldade. Hoje, sem o conhecimento real de toda a situação, somos capazes de somente tatear, ponderando qual pode ter sido e qual provavelmente não foi o sentido. Em sua maioria, nossas conclusões permanecem subjetivas.

- 1 A insegurança começa logo na primeira frase: “**Quisera eu me suportásseis um pouco mais na minha insensatez! Mas também me suportais. (ou: Suportai-me, pois!).**” Será que Paulo conta desde já com o fato de que os coríntios o suportam quando fala “**na insensatez**”, ou será que transforma a primeira parte da frase, de conotação leve, em uma solicitação séria, porque na seqüência de fato é obrigado a escrever de um modo que ele próprio considera “insensatez” e, em última análise, “loucura” (v. 23)? Seja como for, agora precisa falar de si mesmo, comparar-se com outros e projetar suas próprias vantagens – que “**insensatez**” é essa, depois de recentemente constatar que somente podemos nos gloriar do Senhor e que a auto-recomendação, ao contrário da recomendação pelo Senhor, não vale! Mas a igreja precisa “**suportar**” isso. Precisa fazê-lo porque ela mesma tem culpa disso em vista de sua insensatez, do que será acusada com toda a franqueza em 2Co 12.11.
- 2 Para ele, a tolice do gloriar-se de forma alguma envolve sua própria pessoa. De fato está “ciumento”, porém não por causa de outros homens preferidos em lugar dele. Vigia com ciúmes sobre a igreja. “**Porque zelo por vós com zelo de Deus; visto que vos tenho preparado para vos apresentar como virgem pura a um só esposo, que é o Cristo.**” Deus é um Deus “zeloso”, “ciumento”, que já na antiga aliança queria ter sua comunidade pura, clara e integralmente devotada a ele (Êx 20.5). Paulo mostrara aos coríntios em 2Co 6.14 a 7.1 como as promessas e exigências de Deus dirigidas a seus “filhos e filhas” valem para eles de forma absoluta. Ele, porém, é o portador desse “**zelo de Deus**”, por ser “agente de casamento”, que apresentou a igreja em Corinto a “**um só esposo**”, Cristo. É característica da noiva genuína que ela pertença de todo o coração e com todos os pensamentos a um só homem: nisso reside a “pureza” e fidelidade com que se

caminha para o casamento. Para a igreja esse “casamento” acontecerá quando o Cristo retornar, unindo-se para sempre com ela. Não foi para si que Paulo cortejou os coríntios. Não é “igreja dele”. Pertence unicamente a Jesus. Contudo deseja **“apresentá-la ao Cristo como virgem pura”**.

- 3 No entanto, por que essa pureza corre perigo? Em que Paulo vê a ameaça? **“Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa mente [e se aparte] da singeleza [voltada] a Cristo.”** Não se trata simplesmente de fraqueza e fracasso humanos. Na queda Eva foi enganada com uma **“astúcia”** que ela não foi capaz de enfrentar. No entanto, o inimigo mortal de Deus e do ser humano está interessado na noiva de Cristo, da mesma forma, e ainda mais, com que lutou por Eva. Paulo conta seriamente com a **“astúcia”** e o poder sedutor dele. O inimigo não exerce pressão exterior, mas penetra em nossa **“mente”** e a corrompe. Está em jogo **“a singeleza orientada para Cristo”**. Ela se corrompe quando uma igreja é dilacerada por partidarismos e o olhar permanece fascinado por grandezas humanas. Precisamente por isso seu olhar deixa de ser **“singelo”**, claro e totalmente voltado para Jesus, e pessoas se tornam mais importantes que o Senhor. Então a igreja se iguala a uma noiva que não pensa mais exclusivamente no noivo, mas se interessa vivamente por outros homens.
- 4 É nesse contexto, partindo do v. 3, que também precisamos entender o v. 4. Particularmente aqui ocorre a situação em que a tradução torna-se imediatamente **“interpretação”**, emergindo de terminada compreensão e sustentando-a por sua vez. Por meio de um **“porque”** Paulo claramente conecta o v. 4 com o v. 3. **“Porque quando aquele que vem proclama outro Jesus que nós não proclamamos, ou quando recebeis outro Espírito que não tendes recebido, ou outro evangelho que não tendes abraçado, então [o] tolerais com razão.”** Na série *NTD* o versículo tem a seguinte formulação: **“Porque quando vem alguém e vos proclama outro Jesus que nós não proclamamos, ou recebeis outro Espírito que tendes recebido (de mim), ou outro evangelho que não obtivestes (de mim), então o tolerais de forma excelente.”** Nessa compreensão Paulo estaria acusando os coríntios de que evidentemente toleram heresias, ao invés de refutá-las energicamente. Ao mesmo tempo Paulo culparia os novos homens em Corinto de trazerem **“outro Jesus”** e **“outro evangelho”**. Contudo, se de fato foi esse o caso, por que Paulo não lutou imediatamente contra eles nesse terreno decisivo? Por que até agora líamos uma série de severas imputações, mas não justamente essa acusação central? E será que nesse caso Paulo poderia ter censurado os coríntios apenas com uma única frase, brandamente: **“Vós o tolerais com predileção?”**

Essa interpretação não observa a formulação da frase. Ela não diz **“com predileção”**, mas *kalōs*, que em todas as demais passagens do *NT* significa **“louvável, correto, com razão”**. E o começo da frase não diz: **“Quando vem alguém”**, mas: **“Quando aquele que vem.”** Paulo não se refere aos homens que já atuam há bastante tempo em Corinto! Pelo contrário, os coríntios aguardam determinada pessoa que somente agora **“vem”** até eles. Porventura ele traria **“outro Jesus”**, **“outro Espírito”**, **“outro evangelho”**? Ao que parece, Paulo considera isso impossível. Com sua frase Paulo visa dizer justamente o contrário: **“o que vem”** não há de, nem pode, trazer aos coríntios nada além daquilo que já receberam do próprio apóstolo Paulo! Somente se ele pudesse trazer algo diferente, seria sensato e **“correto”** esperar por ele e, enquanto isso, **“tolerar”** a situação atual.

Quem era **“aquele que vem”**? Por quem se esperava em Corinto? Não poderia ser alguém **“equiparado”** a Paulo. Como haveria de comunicar o que Paulo fora capaz de comunicar? Deve ter acontecido que grupos em Corinto tenham apelado para uma autoridade **“superior”** que deveria resolver o litígio em Corinto e ajudar a igreja a alcançar a unidade.

- 5 Essa **“autoridade superior”** é imediatamente nomeada no versículo seguinte, confirmando assim nossa interpretação do v. 4: **“Porque suponho em nada ter sido inferior a esses superapóstolos”**. Os novos homens em Corinto na verdade tinham alto conceito de si mesmos, mas não é muito provável que tenham se deixado venerar como **“superapóstolos”**. Do v. 12 depreendemos que eles buscavam tão somente a equiparação com Paulo, esperando da igreja o mesmo apreço que dedicava a ele. Tampouco precisavam **“vir”**, pois há tempo estavam presentes e intranqüilizavam a igreja. Paulo já havia dado conta deles em suas explicações anteriores, embora seu veredicto final, mais severo, ainda esteja por vir (v. 13-15). E nunca se compara com eles, conforme acabara de asseverar em **2Co 10.12**. Como escreveria agora aos coríntios que não é inferior àqueles! Ele quer e há de atacá-los tempestuosamente (**2Co 10.1-6**)! Contudo é imaginável que grupos em Corinto – recordamos o grupo de Pedro em **1Co 1.12** – buscavam, para solucionar as discórdias na igreja, um **“apóstolo”** que, bem ao contrário de Paulo, ainda fosse um **“apóstolo original”**, convocado pelo próprio Jesus e reconhecido em toda a igreja. Porém Paulo não admite um árbitro desses, não por orgulho pessoal, mas por causa de seu próprio apostolado. Se os **“Doze”** em Jerusalém fossem apóstolos em grau maior do que ele, ele próprio não seria um apóstolo pleno. Ruiriam os fundamentos de seu serviço. Por essa razão lutou por sua equiparação no **“concílio dos apóstolos”** em Jerusalém e também a alcançou de acordo com **At 15** e **Gl 2.9**. Se ele, no entanto, for autêntica e plenamente **“apóstolo”**, os Doze seriam transformados em **“superapóstolos”** ao serem considerados superiores a Paulo. Se determinados grupos em Corinto tentam

fazer isso, Paulo tão somente pode assegurar-lhes, com tranqüila firmeza: **“Porque suponho em nada ter sido inferior a esses superapóstolos (ou: apóstolos ‘bem grandes’)”**.

- 6 Obviamente recorda-se logo da acusação em Corinto, de que seu falar seria desprezível (2Co 10.10). Ele admite: no **“falar”** é **“indouto”**, não obteve formação de orador, não domina a arte da retórica. Isso pode ser uma grande deficiência para gregos, mas para ele não possui relevância, desde que possua todo o necessário para o conteúdo do discurso, para o **“conhecimento”**. **“E, embora seja indouto no falar, não o sou no conhecimento; mas, em todos os pontos e em todas as coisas vo-lo temos feito manifesto.”** Evidentemente Paulo não pensa que os primeiros apóstolos sejam superiores a ele na retórica. Não é essa a ênfase. Paulo apenas alude brevemente à acusação de sua **“deficiência”**. Mas poderia acontecer que se alegasse contra ele em Corinto justamente que os primeiros apóstolos conheciam a Jesus de maneira completamente diferente, tendo sido introduzidos pelo próprio Jesus em todo o conhecimento e compreendendo a vontade do Senhor mais profundamente que Paulo. Por isso ele já salientara expressamente em 1Co 15.11 que não se distinguia **“daqueles”**, dos **“Doze”** e dos **“demais apóstolos”**, no conteúdo da mensagem. Não existem níveis e diferenças de valor entre os apóstolos. Porque todos eles podem proclamar tão somente um mesmo Jesus com um mesmo evangelho e trazer um mesmo Espírito de Deus, ao lado do qual não existe outro igual. De qualquer forma, Paulo tornou manifesto o verdadeiro **“conhecimento”** **“em todos os pontos”**, em **“todas as coisas”**, ou seja, de maneira abrangente. Portanto, precisamente nesse assunto não se constata **“nada”** em que ele tenha **“sido inferior”** aos demais apóstolos. No v. 23 ele até mesmo ousará afirmar (ainda que como na **“loucura”**) que em alguns aspectos até mesmo supera esses apóstolos.

CONTRA A FRAUDE DOS ADVERSÁRIOS, 11.7-15

- 7 Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fôsseis vós exaltados, visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus?
- 8 Despojei outras igrejas, recebendo salário, para vos poder servir,
- 9 e, estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava; e, em tudo, me guardei e me guardarei de vos ser pesado.
- 10 A verdade de Cristo está em mim; por isso, não me será tirada esta glória nas regiões da Acaia.
- 11 Por que razão? É porque não vos amo? Deus o sabe!
- 12 Mas o que faço e farei é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam.
- 13 Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se em apóstolos de Cristo.
- 14 E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz.
- 15 Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça; e o fim deles será conforme as suas obras.

- 7 No entanto, porventura não existe apesar disso uma diferença considerável que o deprecia diante dos coríntios em comparação com os apóstolos de Jerusalém? Ele anuncia a mensagem **“gratuitamente”**! Por mais admirável que o fato seja para nós, em Corinto isso só serviu para sérias acusações contra ele. Já na primeira carta ele teve de tratar exaustivamente desse assunto (1Co 9.1-18). Também ali ele se defende com veemência contra essa **“fama”** de sua renúncia voluntária a qualquer pagamento (1Co 9.15). Para os coríntios, porém, essa **“pobreza”** fazia parte da sua forma de vida que era escandalosa para eles. Afinal, não era digna de um verdadeiro enviado de Deus! Um autêntico **“emissário”** do grande Rei não pode ser tão humilde e precário. Ao que parece, os adversários em Corinto atacavam neste ponto, a fim de lançar dúvidas sobre sua autoridade. Paulo não teria coragem de apresentar-se como um verdadeiro apóstolo e exigir da igreja o sustento cabível porque nem mesmo era um verdadeiro apóstolo. Esse, portanto, é seu **“pecado”**! **“Cometi eu, porventura, algum pecado pelo fato de viver humildemente, para que fôsseis vós exaltados, visto que gratuitamente vos anunciei o evangelho de Deus?”** Evidentemente é uma **“humilhação”** que, além de seu labor apostólico, consiga o parco sustento penosamente por meio do próprio trabalho manual, muitas vezes sofrendo amarga privação (v. 9). Contudo, quem ganha com isso? Quem foi **“exaltado”** por meio dessa sua humilhação? Exatamente os coríntios! Nessa frase Paulo designa de maneira particularmente solene sua mensagem como **“o evangelho de Deus”**. É possível que o apóstolo tenha em mente a palavra de seu Senhor: **“De graça recebestes, de graça dai”** (Mt 10.8). Uma mensagem que é integralmente mensagem de Deus e mensagem diante de Deus combina justamente com sua oferta gratuita. De qualquer modo não se pode fazer negócios com ela. Cf. 2Co 2.17.

- 8 É verdade que Paulo não sobreviveu completamente sem receber donativos de amor das igrejas. Essa era outra acusação dos coríntios, que Paulo aborda, talvez com a mesma formulação. **“Despojei outras igrejas, recebendo delas salário, para o serviço a vós.”** De acordo com sua indicação precisa em **Fp 4.15**, na verdade foi somente da igreja em Filipos que aceitou algo. Tampouco foi um “soldo”, como novamente fica claro em **Fp 4.10,16s**. Contudo, nas críticas em Corinto imediatamente ouvimos, com a generalização e o exagero em que facilmente caímos quando xingamos, que: “Outras igrejas são despojadas por ele, de outras igrejas ele recebe soldo, mas de nós ele não aceita nada.” Porém Paulo leva sua atitude muito a sério.
- 9,10 Não se desviou dessa posição nem ao sofrer privações em Corinto. Numa coisa os coríntios têm razão: é justamente a eles que Paulo não pretende recorrer nunca para suprir suas próprias necessidades. **“Estando entre vós, ao passar privações, não me fiz pesado a ninguém; pois os irmãos, quando vieram da Macedônia, supriram o que me faltava; e, em tudo, me guardei e me guardarei de vos ser pesado.”** Também no futuro Paulo continuará agindo dessa maneira e se **“guardará”**. Assim como em **1Co 9.15**, busca também agora sua **“glória”** nesse ponto. Deposita sobre ele grande peso, alicerçando a confiança de continuar com essa atitude não sobre sua própria resolução, mas sobre a **“verdade de Cristo”** que está nele. Não são teimosia e orgulho pessoais que o impelem. Também aqui é unicamente Jesus, diante do qual se encontra e cuja natureza se torna visível na atitude de seu mensageiro. **“A verdade de Cristo está em mim; não será calada esta glória em mim nas regiões da Acaia.”**
- 11,12 Qual a razão, porém, dessa inflexível rejeição de qualquer indenização por sua atuação em Corinto, enquanto em Filipos os donativos são aceitos? **“Por que razão? É porque não vos amo? Deus o sabe!”** Dizia-se em Corinto que ele não ama aos coríntios tanto quanto aos filipenses. Juras de amor perante os coríntios eram constrangedoras para Paulo. Deus sabe o quanto ele ama os coríntios! Porventura não notaram seu ardente empenho por eles? Não é falta de amor que o faz rejeitar os donativos de Corinto de forma tão inflexível. Ele tem outra razão, muito específica, para seu comportamento. Acima já assinalamos que naquela época havia muitos pregadores itinerantes que divulgavam uma série de filosofias, visões de mundo, religiões ou cultos. Muitos deles apenas o faziam visando obter o dinheiro de seus ouvintes. Paulo queria se diferenciar de modo radical e claro desses personagens duvidosos. Desejava que não fosse ignorado pelos ouvintes que **“eu quero vocês e não o dinheiro de vocês” (2Co 12.14 [BLH])**. Porém em Corinto havia coisas mais graves. Ali haviam surgido mensageiros de Jesus que supostamente se engajavam em favor da igreja e na realidade apenas perseguiam os seus interesses egoístas. São os homens que tentam desalojar Paulo e que instigam a igreja contra ele. Querem mostrar à igreja que são tão laboriosos e grandes como Paulo. Agora não se trata mais, como nos v. 5 e 6, da comparação entre Paulo e os supostos verdadeiros “grandes apóstolos”, colocados muito acima dele. Estão em jogo novamente seus adversários em Corinto, que por sua vez não querem ser inferiores a Paulo. É em vista deles que Paulo se atém rigorosamente ao princípio de não se deixar sustentar pela igreja. **“Mas o que faço e farei é para cortar ocasião àqueles que a buscam com o intuito de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam.”** Do contrário poderiam se gabar de ser no mínimo iguais a Paulo. Porém neste ponto fracassam: não conseguem nem querem servir sem interesse próprio, levar uma vida dura e cheia de renúncias, sofrer privações por amor ao evangelho. Aqui sucumbem seus esforços **“de serem considerados iguais a nós, naquilo em que se gloriam”**. Aqui se torna explícito o profundo contraste entre eles e alguém como o apóstolo Paulo. Por essa razão eles desejam com tanta insistência que também Paulo se deixe presentear pela igreja de Corinto ou até mesmo assalariar, para que a enorme diferença que toda pessoa enxerga quando somente **“vê o que está diante dos olhos” (2Co 10.7)** desapareça. Por isso Paulo não pode ceder nesse ponto, mas precisa manter sua posição, até mesmo quando sofre amargas privações por causa disso.
- 13 Com base nessa passagem ocorrem, na seqüência, sentenças extremas e sumamente rigorosas acerca de seus adversários, que excedem tudo o que Paulo indicou ou explicitou até o momento. **“Porque os tais são pseudo-apóstolos, obreiros fraudulentos, disfarçando-se em apóstolos de Cristo.”** Essa acusação pressupõe mais uma vez que além dos “Doze” havia um grupo mais amplo de pessoas, que não são apenas “apóstolos da igreja” como os irmãos de **2Co 8.23**, mas expressamente **“apóstolos de Cristo”**, mensageiros enviados e credenciados pelo próprio Senhor. Os homens que penetraram na igreja coríntia haviam se apresentado como esses **“apóstolos de Cristo”**. Em suas “cartas de recomendação” devem ter sido caracterizados como tais. Paulo, porém, lhes nega a autenticidade de seu envio. São **“pseudoapóstolos”**, apenas aparentam ser apóstolos, e na verdade não são. Evidentemente não são preguiçosos. Trabalham intensamente, o que Paulo não tem como negar. Mas são **“obreiros fraudulentos”**. Porque nem sequer trabalham para o Senhor, em cujo serviço alegam estar, mas para sua própria vantagem. Buscam a glória própria e a vantagem pessoal. É importante que tomemos nota: não é de “heresia” que o apóstolo os acusa! A severa condenação de Paulo não incide sobre sua dogmática, mas sua “improbidade”! Não falsa teologia, mas deturpação do rumo de sua vida, podridão interior, maldosa hipocrisia. É isso que Paulo considera insuportável neles. Evidentemente nossa teologia desenvolve uma subjacente reciprocidade com nossa vida. A corrupção pessoal dos novos homens em Corinto originou também um desvirtuamento da igreja, uma

falsificação da palavra, uma perigosa “teologia da liberdade”. Contudo, nesse ponto da carta o olhar do apóstolo não está voltado para isso. Neste momento a perversão na atitude de vida é decisiva para ele. Aquilo que o apóstolo precisa combater também em outras passagens em termos de falsificação da palavra e perigoso desencaminhamento da igreja por um legalismo falso ou por falsa liberdade, está profundamente ligado a essa corrupção pessoal. Nossa teologia encontra-se em uma interação oculta com nossa vida!

14,15 Não é assustador que até mesmo o ministério apostólico possa ser imitado e deturpado? Afinal, será que algo assim é realmente possível? Paulo não se surpreende com isso. Porque ele sabe quem é o “deus deste éon”, que tenta tornar ineficaz a mensagem redentora (2Co 4.4). Ele, o inimigo de Deus, tem seus “servos” que visam destruir a obra de Deus, como agora acontecia visivelmente diante dos olhares de todos em Corinto. Afinal, no paraíso o diabo também não se mostrou como é: disfarçado de astuta serpente, ele apareceu às pessoas como benfeitor, que lhes promete providenciar o que Deus não lhes quer dar. Desse modo ele também ataca justamente a igreja de Deus em Corinto, edificada por Paulo: não de fora, com perseguições, mas por meio de mensageiros que pretensamente trazem à igreja a perfeição que o insignificante e obtuso Paulo não era capaz de lhe proporcionar, desse modo dividindo e destruindo-a. Foi essa a preocupação que Paulo já havia externado no v. 3. Agora ele afirma claramente, com vistas aos pseudoapóstolos e sua atividade desonesta. **“E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus próprios ministros se transformem em ministros de justiça.”**

Se perguntarmos mais uma vez o que, afinal, esses homens em Corinto queriam e ensinavam, devemos pensar, com base na primeira carta e na grave exortação de 2Co 6.14–7.1, sobretudo nos perigosos lemas de liberdade que esses homens consideravam o itinerário sublime para uma igreja verdadeiramente plena do Espírito, mas nos quais Paulo via a perdição. Segundo a convicção de Paulo, aqui havia sedução para o pecado. Naturalmente aqueles homens não declaravam: “Como cristãos vocês podem pecar sem problemas.” Também eles querem ser “servos da justiça” e ensinar o que é correto. Na realidade, porém, serviam a Satanás e deturpavam o santuário de Deus (1Co 3.17).

Como em Fp 3, Paulo apela também aqui para o “fim” que obterão no juízo de Deus, ainda que igrejas sucumbam a seu engodo e os admirem como pessoas de intensa intelectualidade. “Seu fim é a destruição”, escreveu Paulo aos filipenses (Fp 3.19). **“O fim deles será conforme as suas obras”**, afirma ele aqui.

Com essas palavras está claro que Paulo não isenta seus adversários da responsabilidade por seu agir ao ver Satanás por trás deles. A atuação de poderes sobre-humanos não exclui a liberdade de decisão do homem, antes a inclui. Ninguém se torna propriedade de Jesus sem sua vontade própria. Ninguém se torna um servo de Satanás sem decisão pessoal. Com essas palavras Paulo profere justamente o juízo definitivo e mostra porque não já não é possível negociar com esses homens e porque exige que a igreja se separe totalmente deles. “Servos de Satanás” não podem ser tolerados na igreja de Deus! Uma negociação com eles é totalmente descabida.

NOVO PEDIDO DO APÓSTOLO PARA QUE SUPORTEM SUA TOLA AUTOGLORIFICAÇÃO, 11.16-21A

¹⁶ **Outra vez digo: ninguém me considere insensato; todavia, se o pensais, recebei-me como insensato, para que também me glorie um pouco.**

¹⁷ **O que falo, não o falo segundo o Senhor, e sim como por loucura, nesta confiança de gloriar-me.**

¹⁸ **E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei.**

¹⁹ **Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos.**

²⁰ **Tolerais quem vos escravize, quem [vos] devore, quem [vos] detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie no rosto.**

^{21a} **Ingloriamente [o] confesso, como se fôramos fracos (ou: para minha vergonha preciso confessar, nós fomos fracos demais para isso).**

16 Promulgou-se a sentença definitiva, aniquiladora, sobre os adversários em Corinto. Será que agora Paulo não pode encaminhar-se para o final da carta como apresentado no cap. 13? Que finalidade o novo bloco, que começa em 2Co 11.16 e vai até 2Co 12.10, visa atingir? Paulo há de “gloriar-se” mais uma vez e comparar-se com outros. A partir do v. 21b fica claro que esses “outros” de forma alguma podem ser seus adversários em Corinto. Paulo não se compara com “pseudoapóstolos, obreiros fraudulentos e servos de Satanás”! Já encerrou este assunto. Mas já em 2Co 11.4 falava-se de um que “vem” e que na realidade não pode trazer outro Jesus, outro Espírito, nem outro evangelho. E então, no v. 5, o olhar caiu sobre os apóstolos “bem grandes”, com a breve asserção de que Paulo acreditava não ser inferior a eles. Essa certeza ainda não havia sido bem fundamentada. Intercalou-se o último acerto de contas com os adversários em Corinto. Agora, porém, Paulo retoma a “comparação” com os “superapóstolos”.

Nessa comparação ele precisará necessariamente enaltecer a si mesmo. Isso não deixa de ser uma insensatez. A igreja, porém, tem de saber que seu apóstolo não vive realmente na ignorância. **“Outra vez digo: ninguém me considere realmente insensato.”** Paulo escreve **“outra vez”** com vistas ao v. 1. Havendo, porém, membros da igreja que de fato o consideram tolo, então o apóstolo espera deles que: **“Todavia, se o pensais, tolerai-me como insensato, para que também me glorie um pouco.”** Paulo não pretende proceder, e não o fará, como as pessoas que se **“gloriavam”** em Corinto, **“ensoberbecendo-se a favor de um em detrimento de outro”** (1Co 4.6). Somente há de se gloriar também **“um pouco”**, para que os primeiros apóstolos não sejam tolamente preferidos a ele em Corinto.

- 17** Ele está plenamente consciente de que **“o que falo, não o falo segundo o Senhor, e sim como por insensatez, nesse empreendimento de gloriar-me.”** Autojustificar-se, garantir sua posição, apontar para suas realizações, tudo isso não vale nada diante de Deus e contradiz a mentalidade de Jesus. É um **“empreendimento”** tolo gloriar-se desse modo. Por iniciativa própria ele jamais se envolveria nisso. Mas a situação em Corinto o exige. Nosso comportamento é determinado também pelos outros. O apóstolo precisa penetrar uma vez na mentalidade dos coríntios, a fim de se tornar compreensível para eles. Em uma igreja acostumada com o **“gloriar”** também Paulo precisa apresentar sua trajetória e seu serviço na forma do **“gloriar”**, para que os coríntios prestem muita atenção. Ao declarar com toda a franqueza como é tolo e não-espiritual esse gloriar, mantém seu pastoreio responsável para com a igreja. Em seu insensato **“empreendimento de gloriar-se”** ele há de assombrar os coríntios, quando ouvirem que a **“glória”** do apóstolo é a profusão de seus pesados sofrimentos por Jesus. **“Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza.”** É essa a conclusão final que Paulo exporá aos coríntios no v. 30. Agora, porém, ele aborda o modo de ser dos coríntios.
- 18** **“E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei.”** Todo gloriar dessa espécie origina-se na carne, da natureza egoísta, e tem características egocêntricas. Mas em Corinto isso acontece corriqueiramente. **“Muitos”** o fazem. Agora Paulo também pretende fazê-lo. Afinal, precisamente os coríntios não podem levar isso a mal.
- 19,20** **“Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos. Tolerais quando alguém vos escraviza, quando alguém [vos] devora, quando alguém [vos] captura, quando alguém se exalta, quando alguém vos esbofeteia no rosto.”** Quantas coisas os coríntios toleraram por parte daqueles que exaltam sua grandeza pessoal em Corinto, tentando separar a igreja de Paulo e submetê-la ao seu próprio controle! Os **“sensatos”** coríntios suportaram esses tolos. Até o fizeram de bom grado. Paulo se preocupava seriamente com a liberdade da igreja. Seus adversários a **“escravizam”**. É isso que os coríntios permitem que seja feito contra eles, enquanto desconfiam constantemente de seu apóstolo. Não é possível decidir com segurança se a expressão seguinte, **“devorar”** e **“capturar”**, se refere a **“sugar”** materialmente a igreja ou se é apenas uma nova metáfora para ilustrar uma servidão interior. No entanto, de qualquer modo Paulo também deve ter em mente que aqueles pseudo-apóstolos e obreiros fraudulentos buscaram o lucro material de forma desmedida. É uma vergonha a igreja ter tolerado essa presunção em seu meio, permitindo que fosse **“esbofeteada no rosto”**, ao invés de desmascarar a prática desses homens e impedi-la energeticamente. Contudo é também uma vergonha para ele próprio o fato de que as aparências sugiram que ele, seu apóstolo, tenha sido fraco demais para proteger a igreja diante desses apóstolos da mentira ou se libertar rapidamente deles. Agora, porém, a igreja terá de concordar com máxima gratidão que, em sua iminente visita, Paulo expulse esses homens da igreja.
- 21a** **“Para vergonha eu [o] digo, como se nós fôramos fracos** (ou: para minha vergonha tenho de dizer: *nós* fomos fracos demais para isso).” Se os coríntios se queixam da **“fraqueza”** dele (2Co 10.1; 10.10), precisam analisar se de fato querem ter um apóstolo tão **“forte”** como esses homens, pelos quais são escravizados, explorados e esbofeteados no rosto! Ele, Paulo, na verdade é **“fraco”** demais para isso, como precisa admitir para sua própria vergonha!

A GRANDEZA TRANSBORDANTE DO APÓSTOLO EM SEU SOFRIMENTO, 11.21B-33

- ^{21b} Mas, naquilo em que qualquer tem ousadia (com insensatez o afirmo), também eu a tenho.
- ²² São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu!
- ²³ São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais: em trabalhos, muito mais; muito mais em prisões; em açoites, sem medida; em perigos de morte, muitas vezes.
- ²⁴ Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena [de açoites] menos um,

- 25 fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar.
- 26 em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos.
- 27 Em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez.
- 28 Além das coisas exteriores (ou: além do que deixo de mencionar), há o que pesa sobre mim diariamente, a preocupação com todas as igrejas.
- 29 Quem enfraquece, que também eu não enfraqueça? Quem se escandaliza, que eu não me inflame?
- 30 Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza.
- 31 O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não minto.
- 32 Em Damasco, o governador preposto do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender;
- 33 mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livreí das suas mãos.

Na igreja que Paulo questionou por causa de sua infame tolerância com os mestres estranhos, existem grupos impressionados pela crítica a Paulo de que na realidade ele não seria um verdadeiro apóstolo. Não poderia igualar-se aos primeiros grandes apóstolos. A igreja em Corinto estaria em desvantagem porque teria sido edificada por um emissário de Jesus tão mais insignificante. Seria necessário que viesse um dos apóstolos em Jerusalém (v. 4) e regularizasse tudo com plena autoridade, conduzindo a igreja assim para a concórdia e paz. O que Paulo tem a dizer sobre essa comparação de sua pessoa e seu serviço com a pessoa e a atuação dos “apóstolos bem grandes”, p. ex., Pedro ou João?

21b,22 Em vista da presença fraca de Paulo provavelmente se afirmou em Corinto: “Não é de admirar! Ele nem mesmo é um apóstolo com autoridade. Um dos grandes de Jerusalém é que se apresentaria magnificamente!” Paulo responde: “**Mas, naquilo em que qualquer um se apresenta com ousadia – falo com insensatez – também eu sei me apresentar com ousadia.**” Que vantagens possuem os apóstolos em Jerusalém? Porventura são “hebreus” completamente enraizados naquela misteriosa e arcaica etnia, que causava forte impacto também sobre os gregos? Paulo, porém, é oriundo de Tarso, da diáspora. Logo, não pertenceria, no fim das contas, plenamente ao povo dos hebreus? Contudo Paulo atesta, com um consistente “**também eu!**”, que ele igualmente é “hebreu de hebreus” (Fp 3.5). “**São israelitas? Também eu! São descendência de Abraão? Também eu!**” Se eles se gloriam de pertencer a “Israel”, o povo eleito da aliança, se, como filhos de Abraão, são parte do povo amigo de Deus, para cuja semente valem as magnas promessas de Deus, Paulo pode imediatamente igualar-se a eles, e em tudo isso tem condições de se apresentar com a mesma ousadia que eles. É claro que uma comparação ufanista é “insensatez”, como Paulo sente nitidamente: “**Falo com insensatez.**”

23 Na seqüência ele precisa falar até mesmo como um louco. Agora está em jogo o serviço, a obra apostólica. Nesse ponto Paulo não pode se limitar a equiparar-se aos grandes apóstolos com um “também eu”. Agora pronuncia um “**Eu ainda mais**”. “**São servos de Cristo? Falo como fora de mim. Eu [o sou] ainda mais.**” Não será de fato “loucura” olhar para as “colunas da igreja” em Jerusalém (Gl 2.9), os homens altamente considerados e venerados em toda o cristianismo, Tiago, o irmão do Senhor, Pedro, o cabeça dos Doze, João, o discípulo a quem Jesus amava, e em seguida asseverar ser pessoalmente um “**servo do Cristo**” “**ainda mais**” do que eles? Isso não se associaria à disputa entre os Doze, sobre quem seria o maior entre eles [Mt 18.1ss]? Não seria “loucura” um servo tentar determinar pessoalmente se serve melhor e mais do que outros a seu Senhor? Não seria possível que o próprio Senhor decidisse isso sozinho?

Paulo já pronunciara esse “mais” na primeira carta, a saber, justamente depois de definir-se como o mais insignificante entre os apóstolos, nem mesmo digno de ser chamado de apóstolo. Mas “trabalhei muito mais do que todos eles” (1Co 15.10). Como ele justificará seu “**eu ainda mais**” agora? Será que enumerará todas as igrejas que fundou? Será que se gloriará na quantidade de pessoas que ganhou para Jesus, e até mesmo na distância que a esfera de sua atuação alcança? Será que se referirá mais uma vez à grande coleta, salientando que é ele quem está socorrendo a primeira igreja na premente aflição?

24,25 O “gloriar” de Paulo torna-se completamente diferente, um gloriar estranho. Torna-se um gloriar em sofrimentos, fardos e privações, não em realizações, vitórias e sucessos. Pode “apresentar-se com ousadia” no que se refere a seus sofrimentos. Nesse ponto ele tem certeza de que nenhum dos grandes apóstolos acumulou tantos sofrimentos como ele. A frase é iniciada de forma abrangente: “**Em labutas, com profusão, em prisões, com profusão, em açoites, sem medida, em perigos de morte, muitas vezes.**” Será que isso ainda soa impreciso ou exagerado demais aos coríntios?

Paulo também sabe dar uma lista precisa: **“Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena [de açoites] menos um, fui três vezes fustigado com varas.”** O Império Romano havia permitido às comunidades judaicas uma parcela de jurisdição própria. Não tinham permissão de aplicar a pena de morte (Jo 18.31). No entanto, membros da comunidade que fossem julgados culpados podiam ser açoitados com o chicote de couro de quatro pontas. De acordo com a prescrição em Dt 25.2s, a lei fixava expressamente um limite máximo de quarenta golpes para as chibatadas. Para que esse número máximo prescrito não fosse ultrapassado por algum descuido, aplicava-se **“menos um”**. Não obstante a punição continuava sendo suficientemente cruel. Paulo suportou-a cinco vezes. Atos dos Apóstolos não nos relata nada a esse respeito. Porém, quando lemos diversas vezes a respeito de grupos de judeus furiosos e vociferantes, precisamos recordar que a vazão do ódio contra o mensageiro de um Messias crucificado podia conduzir a conseqüências tão graves. Talvez Paulo tenha sofrido essa punição pela primeira vez já em Damasco. **“Fustigar com varas”** faz parte da esfera da justiça oficial romana. O juiz romano fazia-se acompanhar por “lictores”, servidores da justiça, que traziam um “feixe de varas” e em seu centro um machado. Desse modo ostentavam visivelmente a severa seriedade da justiça romana. Relacionado a essas punições, conhecemos o episódio de Filipos, de At 16.22. Desde já fica evidente porque o direito à cidadania romana nem sempre podia proteger a Paulo diante dos castigos. Sua detenção aconteceu, nesse e provavelmente também em outros casos arrolados por Paulo, em tumultos, em que nem sequer se permitiu ao apóstolo tomar a palavra ou em que se impediu os magistrados romanos de escutá-lo. Quantas cicatrizes de punições judaicas e romanas havia nas costas de Paulo! Como é duro para uma pessoa honesta suportar as dores e a infâmia dos açoites!

Tais açoitamentos já representavam risco de vida. Mas os “perigos de morte, muitas vezes” tornaram-se mais graves. **“Uma vez, apedrejado”**, como lemos em At 14.19, por ocasião da evangelização em Listra. Não é possível compreender porque esse apedrejamento não foi suficiente para levar o apóstolo à morte. Por isso Paulo também foi arrastado como morto para fora da cidade. **“Fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei [à deriva] na voragem do mar.”** A navegação oferecia um perigo bem diferente do que hoje. Mas obviamente nem toda viagem marítima acabava em catástrofe. Quantas viagens por mar o apóstolo deve ter realizado, se sofreu três naufrágios! Não podemos acomodá-las todas nas narrativas de Atos dos Apóstolos, e os três naufrágios não são mencionados. Quando essa carta foi escrita, o apóstolo ainda tinha o naufrágio por ocasião da viagem a Roma pela frente. Atos dos Apóstolos tampouco informa sobre os catorze anos de atuação do apóstolo na Síria (Gl 1.21; 2.1). Justamente nesse longo período ele pode ter utilizado as embarcações que realizavam o tráfego entre as cidades situadas na costa. Porém toda a listagem trazida por Paulo no presente texto explicita mais uma vez como de fato sabemos pouco da história do primeiro cristianismo. Que noite e que dia seriam aqueles em que o apóstolo se encontrava à deriva em um lugar qualquer, antes de ser resgatado?

- 26 **“Em jornadas, muitas vezes.”** Falamos levemente das “três viagens missionárias do apóstolo Paulo”. Porém Paulo não “viajava” como nós por trem, automóvel ou avião, mas percorria seus caminhos em penosas caminhadas a pé, não pelo prazer da excursão, mas como mensageiro de Jesus, impelido pelo ardente empenho de constantemente levar a notícia de Jesus a novos povos. Quantos **“perigos”** o ameaçavam reiteradamente nisso! Ele os arrola com grande multiplicidade e ricos contrastes. Fonte de ameaças à sua vida são tanto seus compatriotas judaicos como os “povos” gentios, tanto as cidades como os desertos, tanto os rios como o mar. Uma ameaça particularmente amarga de sua obra e vida parte dos “pseudo-irmãos”, dos falsos irmãos. Ele, mensageiro do Cristo, era perseguido por homens que também se chamavam de “cristãos” e como “irmãos” viviam nas igrejas ou eram acolhidos pelas igrejas. Provavelmente Paulo via a solução do sombrio enigma desses personagens do mesmo modo como o dos “pseudo-apóstolos”. Por trás deles está o próprio Satanás com seu ódio, artimanha e mentira. Ouvimos o mesmo eco em todo esse versículo: “... em perigos... em perigos... em perigos...”! Logo precisamos imaginar o apóstolo como alguém exposto incessantemente a perigos e ameaçado por riscos de vida.
- 27 A seqüência traz a indicação da profusão de sofrimentos extremamente concretos. **“Em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez.”** São as necessidades mais primitivas e brutais da vida, das quais Paulo já havia falado em 2Co 6.4s. Ele, homem respeitado e amado por muitas igrejas, não havia se eximido dessas carências, mas expôs-se conscientemente a elas. Sim, justamente nisso ele era um verdadeiro “servo do Cristo” “ainda mais” do que os “bem grandes” em Jerusalém! Será que lembramos de tudo isso quando citamos o nome de Paulo e o consideramos naturalmente como autoridade central do NT?
- 28 Paulo ainda poderia acrescentar muitos detalhes a essa enxurrada de carências e dificuldades exteriores. Contudo ele se interrompe: **“Além de tudo o mais”**. O termo grego utilizado por Paulo também pode ter o sentido: “Além do que deixo fora”. Esse “deixar fora” significa, pois, “omitir, não mencionar”. O apóstolo se volta para o fardo interior que pesa sobre ele. Está diante dele **“o que o pressiona diariamente, a preocupação com todas as igrejas”**. Temos poucas concepções concretas sobre a vida do apóstolo. Imaginamos que ele simplesmente “viaja”, “prega” e “funda igrejas”. Porém, além de todas as fadigas e

sofrimentos físicos, precisamos tentar conceber os seus dias e noites de forma bem diferente, vendo-o preocupado com tantas igrejas, recebendo notícias delas que lhe causam dor e apreensão, tentando solucionar os seus problemas, acima de tudo orando sem cessar por elas, trazendo assim uma multidão de pessoas perante o Senhor, uma por uma.

- 29 Em tudo isso Paulo não é um homem frio, que no íntimo mantém os problemas distantes de si. Pelo contrário, ele se conhece muito bem: **“Quem é fraco, e eu não sou fraco? Quem é levado a tropeçar, e eu não me inflama?”** Ele, que com tanto ardor gostaria de avançar em defesa do Senhor e ver igrejas vigorosas atuando no testemunho a respeito de Jesus, depara-se com muita fraqueza e precariedade. Contudo ele não despreza os fracos, porém os “ampara”, conforme escreveu aos tessalonicenses (1Ts 5.14). Até mesmo torna-se para eles um fraco, como já declarara aos coríntios em 1Co 9.22. Além disso, ressalta ainda o seguinte: é obrigado a ver como os membros das igrejas são levados a tropeçar, como são levados a pecar ou a se desviar. Isso não o deixa frio. Isso o **“inflama”**: certamente trata-se da ardente lamentação por causa dos desviados e tropeçados, bem como da ardente indignação pelos que agem desse modo com pessoas redimidas por alto preço.
- 30 Paulo havia sido forçado a “gloriar-se” porque determinados grupos em Corinto tentavam subordiná-lo aos “grandes” homens como Pedro e João, cunhando-o de apóstolo inferior. Ele teve de defender-se contra isso por amor à igreja, sendo obrigado a dizer “também eu” e até mesmo “eu ainda mais”! Agora, porém, ao contemplar esse trecho da carta que traz seu “gloriar”, resulta de fato uma “glória” estranha. É isso que ele passa a constatar, enfaticamente: **“Se tenho de gloriar-me, gloriar-me-ei no que perfaz minha fraqueza.”** Justamente essa “fraqueza” de seu apóstolo era incompreensível e escandalosa para os coríntios. Em 1Co 4.9-13 ele já lutara com a igreja acerca dessa verdadeira “glória” dos apóstolos. Naquela hora ele simplesmente se agrupara aos demais com um “nós apóstolos”. Talvez a igreja tenha protestado contra isso, lembrando-o de que essas palavras na realidade valiam somente para ele, porque os demais apóstolos viviam muito melhor e sem perseguições. Pois bem, replica ele agora, precisamente nisso eu sou superior àqueles homens que vocês querem preferir a mim e que vocês querem colocar sobre mim! Os sofrimentos muito maiores constituem o selo de meu ministério e de minha “glória”, um selo que evidentemente pode ser conquistado apenas por este preço tão alto. Por essa razão Paulo quer gloriar-se justamente apenas nessas coisas, embora saiba que um homem que passa fome e frio, que é açoitado e se esgota em noites de vigília e oração não oferece uma imagem de força e grandeza, mas revela toda a sua **“fraqueza”**.
- 31 A igreja precisa saber o quanto ele leva isso a sério. Paulo invoca a Deus por testemunha: **“O Deus e Pai do Senhor Jesus, que é eternamente bendito, sabe que não mintó.”** Sua vida se apresenta exatamente como acabou de descrever, e é realmente apenas nisso que ele visa obter glória. Isso é verdade apesar de contrariar totalmente qualquer natureza humana. Precisamente assim, porém, apenas Deus é engrandecido, o qual também merece o louvor exclusivo para toda a eternidade. Porque em toda essa fraqueza do apóstolo torna-se evidente para todos “que a excelência do poder é de Deus e não de nós” (2Co 4.7).
- 32,33 Paulo acrescenta ainda a recordação de um episódio singular. **“Em Damasco, o etnarca do rei Aretas montou guarda na cidade dos damascenos, para me prender; mas, num grande cesto, me desceram por uma janela da muralha abaixo, e assim me livreí de suas mãos.”** O mesmo fato é narrado em At 9.23-25. Não é necessariamente uma contradição que lá apenas os judeus sejam citados como causadores do atentado, ao passo que aqui **“o etnarca do rei Aretas”** seja referido como aquele que vigiava as portas de Damasco. Antes disso Paulo havia trabalhado três anos na Arábia (Gl 1.17). Ele pode ter sido alvo da inimizade do governante árabe nessa situação. Agora os judeus em Damasco aproveitam essa inimizade para neutralizar o perigoso Paulo. O etnarca, que não possui jurisdição dentro da própria cidade, vigia os portões de fora, a fim de capturar Paulo, enquanto os judeus o perseguem dentro da cidade. Paulo escapa de um modo que deve tê-lo levado a recordar Js 2.15, sendo tão versado Bíblia como ele era. Da casa que possuía uma janela acima do muro da cidade ele foi descido por um cesto, podendo escapar. Como é maravilhoso que justamente essa casa fosse habitada por discípulos de Jesus ou pelo menos por pessoas simpatizantes dos cristãos! O fato de que Paulo antecipa as palavras **“em Damasco”** dessa forma no relato revela ao mesmo tempo por que ele ainda acrescenta essa recordação. Impõe-se de modo marcante diante dele: **“Damasco!”** É o primeiro dos muitos “perigos de morte” que ele experimentou. Esses primeiros acontecimentos nos marcam profundamente. E precisamente essa imagem da recordação revela de forma singular sua “fraqueza”. A atuação de um apóstolo não é glorificada pelo fato de precisar evadir-se desse modo do campo de trabalho a fim de escapar da morte.

APESAR DAS VISÕES E REVELAÇÕES, A FRAQUEZA CONTINUA SENDO A GLÓRIA DO APÓSTOLO, 12.1-10

¹ Se é necessário que me glorie, ainda que não convém, passarei às visões e revelações do Senhor.

- ² **Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)**
- ³ **e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe)**
- ⁴ **foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.**
- ⁵ **De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas.**
- ⁶ **Pois, se eu vier a gloriar-me, não serei néscio, porque direi a verdade; mas abstenho-me para que ninguém se preocupe comigo mais do que em mim vê ou de mim ouve.**
- ⁷ **E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte.**
- ⁸ **Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.**
- ⁹ **Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder (ou: meu poder) se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse (ou: habite comigo) o poder de Cristo.**
- ¹⁰ **Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte.**

1,2 O apóstolo gostaria muito de parar de “gloriar-se”. Porque gloriar-se a si mesmo é uma “insensatez”, e até mesmo “loucura” (2Co 11.1,21-23). Contudo os coríntios o obrigam a persistir neste “gloriar” e na constatação da “grandeza” de seu apóstolo em comparação com outros. **“É necessário que me glorie; ainda que de nada adiante, passarei a visões e revelações do Senhor.”** Nas deliberações sobre Paulo em Corinto também surgiam dúvidas se ele, afinal, tinha “visões”, contemplações e “revelações” do Senhor, como se sabia a respeito de outros mensageiros de Jesus. É possível que justamente aqueles que asseveravam pertencer diretamente a Cristo relatassem experiências especiais em que o Senhor havia se mostrado a eles, dando-lhes respostas e orientações. Não se ouvira nada parecido a respeito de Paulo. Talvez esse tenha sido um dos fatores que fundamentaram a opinião de diversos grupos da igreja de que Paulo seria uma pessoa “segundo a carne” (2Co 10.2) e não chegaria nem aos pés dos novos mestres em Corinto. Após condenar de modo contundente esses adversários em 2Co 11.13-15, Paulo não pretende mais uma vez comparar-se com eles. Em 2Co 11.21 ele voltou o olhar para os “superapóstolos” em Jerusalém e constatou diante deles que “também eu!” e “eu ainda mais!”. Logo deve estar pensando também agora em Pedro e João, de cujas visões e revelações se falava em todos os lugares, também em Corinto. Será que Paulo poderia postar-se ao lado de tais pessoas? Acaso tinha também ele “visões e revelações do Senhor”?

Assim como os coríntios somente ouviram, devido a uma situação peculiar, do próprio Paulo que ele orava mais que todos eles em línguas (1Co 14.18), assim agora ouvem algo sobre suas experiências com o mundo sobrenatural, a respeito das quais ele havia calado completamente até então. Eles não têm a menor idéia de que nesse homem cumulado de sofrimentos, que muitas vezes lhes parecia tão “insignificante” (2Co 10.1), deparavam-se com um ser humano que fora arrebatado ao céu e havia conhecido o paraíso! Agora ele lhes fala a esse respeito. Contudo, mesmo agora o faz com extrema discrição, falando de si mesmo, na terceira pessoa, como de um estranho: **“Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe).”** Paulo recorda com precisão a época em que isso aconteceu com ele. Foi há catorze anos. Não sabemos se a experiência esteve relacionada a decisões ou aflições específicas de sua vida. Será que seu Senhor visava fortalecê-lo de modo especial? Será que lhe deu novas e difíceis incumbências? O apóstolo não faz nenhuma alusão a isso. Nesse episódio caracteriza-se pura e simplesmente como **“um homem em Cristo”**. Talvez ele enfatize esse ponto porque no contexto judaico e helenista daquele tempo havia **“visões e revelações”** de múltiplos tipos. No entanto, até mesmo agora, ao experimentar esse arrebatamento, Paulo está **“em Cristo”**, abraçado e sustentado por seu Senhor. Por isso também se tratou **“visões e revelações do Senhor”**, ou seja, intuições e desvelamentos concedidos por Jesus a seu apóstolo.

Paulo foi **“arrebatado”** – como isso aconteceu? Será que Paulo foi deslocado totalmente para o mundo celestial, também com o corpo? Paulo não é capaz de dizer. Não o sabe. Mas isso não o aflige. **“Deus o sabe”**, e isso basta. Será que o arrebatamento aconteceu apenas **“até ao terceiro céu”** de forma literal, isto é, até a sua divisa, ou também para dentro dele? A formulação de Paulo não permite discerni-lo com certeza. Será que Paulo enumerava, como outros mestres rabínicos, sete céus, ou será que para ele o terceiro céu era o último e supremo? Não sabemos as respostas para essas perguntas. Nesse aspecto já se evidencia o modo característico com que o apóstolo fala de sua experiência. É demonstrado com certeza tão somente o fato de que ele teve **“visões e revelações do Senhor”**. Nada é dito acerca de seu conteúdo. As ilustrações são deixadas de lado. Isso se reveste de importância para nós. Pagaríamos grandes quantias para obter descrições confiáveis do mundo transcendente! Lê-se com muito afincos livros que prometem dar informações a esse respeito. Inúmeros caminhos perigosos são trilhados por pessoas que querem conhecer o além em sessões espíritas. No entanto, Paulo teve o privilégio de percorrer o primeiro e o segundo céus e chegar até ao terceiro céu. O que ele viu?

Como é o céu? Será que viu o próprio Senhor, como poderia sugerir a expressão “**visões e revelações do Senhor**”? Paulo se cala acerca de tudo isso, que interessaria intensamente tanto os coríntios quanto nós, e acerca do que muitos sistemas doutrinários completos foram elaborados.

- 3,4** Paulo teve ainda outras experiências. Em vista de sua discrição, não pretende fornecer uma listagem completa. Por isso também fala, sem artigo, em “visões e revelações do Senhor”. Seu relato em **At 22.17-21** nos permite ter uma noção do quanto sua comunicação com o mundo invisível era mais rica. Agora, diante dos coríntios, ele cita apenas mais um grande acontecimento. “**E sei que o tal homem – se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe – foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.**” Paulo não cita a época em que ocorreu esse arrebatamento. Mas isso não demonstra necessariamente que o arrebatamento para o paraíso coincida cronologicamente com o descrito anteriormente. O claro recomeço da narrativa, “**e sei que o tal homem**”, se opõe a essa interpretação. O “**paraíso**” é o local em que se encontram os justos que adormeceram. Não é um lugar silencioso, “dormente”. No paraíso se fala! Isso é mais relevante para o apóstolo do que todo o resplendor da glória, que com certeza também pairava sobre o paraíso. Paulo ouve que ali se fala. No entanto, são “**palavras inefáveis, as quais não é lícito ao ser humano referir**”. Em virtude disso, Paulo tem certeza de que seu silêncio acerca de tudo o que ele viu e ouviu por ocasião de seu arrebatamento está alicerçado sobre uma necessidade divina. O mundo sagrado do paraíso ainda não pode ser captado pelo ser humano que ainda vive na Terra, mesmo o que crê. Por isso ainda não é permitido falar dele.
- 5** Aquele que é digno de uma revelação tão sublime, que viu e ouviu o que um ser humano não tem permissão de pronunciar, não seria um homem que pode gloriar-se, da mesma forma como os grandes apóstolos em Jerusalém eram enaltecidos e os novos mestres em Corinto se gloriavam pessoalmente como grandezas espirituais? Paulo responde: “**De tal pessoa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas.**” Essa tal pessoa, presenteada com um arrebatamento assim, não é simplesmente o mesmo Paulo que serve agora, sob árduos sofrimentos, a Jesus e à igreja. Não é o Paulo que todos eles conhecem assim como o “vêem” e “ouvem dele” (v. 6). Paulo não deseja simplesmente identificar-se com aquele de quem falou apenas discretamente usando a terceira pessoa. Quanto a si mesmo, também agora, quando forçado a relatar sobre experiências tão grandiosas, persiste no princípio expresso em **2Co 11.30**. É óbvio que seja necessário constatar:
- 6** “**Pois, se eu viesse a gloriar-me, não seria néscio, porque diria a verdade!**” Aqueles em Corinto que não confiam em Paulo e que ao mesmo tempo destacam com naturalidade em si mesmos o que os tornava importantes e famosos diante da igreja talvez pudessem exclamar, duvidando: “Ora, se alguém realmente experimenta algo assim, então não vai deixar de falar sobre isso!” Paulo não permite que a veracidade e realidade de suas experiências maravilhosas sejam colocadas em dúvida. Mas há uma nítida razão pela qual abre mão, apesar de tudo, de falar mais acerca de suas experiências. “**Mas abstenho-me para que ninguém em relação a mim julgue além do que vê em mim ou ouve de mim**” Paulo deseja ser conhecido e julgado pelos membros da igreja somente da forma como eles mesmos o conheceram pelo convívio direto. Não visa apresentar-se a eles como alguém misterioso, que contemplou o terceiro céu e o paraíso, porque deste modo esperariam dele revelações que ele não pode fornecer-lhes, e menosprezariam o que ele lhes traz como a única mensagem necessária para sua redenção e sua vida: a palavra da cruz. Paulo recusou-se terminantemente a tornar as descrições do mundo celestial um objeto de sua pregação. Em Corinto fica suficientemente nítido qual resultado havia surgido quando os novos mestres tentaram conduzir a igreja para “alturas” do Espírito além do evangelho singelo. A conseqüências foram a glorificação de pessoas, a inveja, a discórdia na igreja, o desamor, a liberdade perigosa, deturpações morais. Era contra isso que se dirigia a árdua luta de Paulo. Por isso, ele distinguiu-se com seriedade em seu próprio comportamento de todo o modo de agir das novas grandezas em Corinto, calando conscientemente sobre tudo o que ultrapassava aquilo que cada pessoa via e ouvia diretamente dele.
- 7** Na seqüência o teor do texto grego apresenta dúvidas, presumivelmente devido a deturpações no processo de cópia. As traduções refletem essa dificuldade. Uma parcela dos tradutores relaciona as palavras “por causa da extraordinária grandeza das revelações” diretamente com “a fim de que não me exalte”. Nesse caso, porém, o “e também” e sobretudo o “por isso” precisam ser cortados. Se seguirmos a edição grega de Nestle e mantivermos “**e também por causa da extraordinária grandeza das revelações**” como conclusão da frase anterior, temos de admitir sua dependência do distante verbo “mas abstenho-me”. Então Paulo na realidade está mencionando uma segunda razão compreensível por que não deseja gloriar-se de suas experiências. Não se fala de coisas tão grandes e sagradas. Com demasiada facilidade isso poderia ser novamente entendido mal, como um “gloriar-se”, “por causa da extraordinária grandeza das revelações”. Independentemente da forma que possa assumir no texto, a afirmação de Paulo em si mesma é clara. O próprio Deus corrobora a vontade dele de não se gloriar das sublimes revelações, mas de se ater à glorificação de sua fraqueza. “**Por isso, para que não me ensoberbecesse, foi-me posto uma estaca para a carne, anjo (ou: mensageiro) de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me ensoberbeça.**” O anjo de Satanás não se aproxima de Paulo por

seu próprio poder. Tampouco encontra em Paulo um ponto de ataque para poder agir. Ele **“foi posto”**. A voz passiva é característica, no uso judaico, para a ação de Deus sem que ele precise ser citado. Ou seja, a aproximação de um mensageiro satânico do apóstolo é para este “dádiva de Deus”, evidentemente uma dádiva que é **“estaca para a carne”**, mas que possui um objetivo claro, benéfico para Paulo: **“a fim de que não me ensoberbeça.”** Em geral falamos de forma imprecisa da “estaca na carne”, formando com isso uma metáfora sem sentido. A palavra grega *skólops* precisaria ser entendida mais como “espinho” ou “agulhão”, o que não seria impossível em termos lingüísticos. A presente passagem, porém, não fala em “para dentro da carne” ou “na carne”, mas em **“para a carne”**. Ademais, no grego, *skólops* é usado como sinônimo de *staurós* para a “estaca” em que se prega um condenado. Assim também foi dado “para a carne”, para a vida natural do apóstolo, uma “estaca”, à qual ele, por assim dizer, está pregado. Essa é a “cruz” que lhe cabe carregar. Aqui podemos voltar o olhar para **2Co 4.10**. O apóstolo carrega “a imolação do Jesus” de forma tão real em si que também ele, pregado à estaca, precisa suportar o poder das trevas. Porque a estaca para a carne, de que Paulo está falando, é um **“anjo de Satanás, para esbofeteá-lo”**. Sem o texto forneça qualquer base para isso, a metáfora foi entendida como uma enfermidade, p. ex., epilepsia, na qual Paulo teria visto o ataque de um poder satânico. Mas justamente Paulo fala de enfermidades de maneira muito singela e natural. Também agora ele deve ter em mente exatamente aquilo que diz. Quem já teve experiências pessoais com ataques das trevas há de compreendê-lo. Paulo fala de graves tribulações que certamente também podem ser sentidas como “golpes físicos”.

8 Em termos práticos as bofetadas satânicas eram terríveis. No entanto, também tolham Paulo no serviço e o deixavam “fraco”. Como haveria de proclamar a vitória de Jesus se ele mesmo estava tão sujeito ao poder das trevas? Como haveria de enaltecer o perdão pleno e a maravilhosa liberdade em Cristo, com o acusador atormentando-o tanto? Por isso o apóstolo se dirigiu a seu Senhor, que dispõe com exclusividade sobre a vida e o sofrimento dele, ainda que a atuação seja de um emissário de Satanás. **“Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim.”** Esse problema é tão importante para o apóstolo por causa de seu serviço que não se contenta com uma única súplica, mas expõe **“três vezes”** suas preces ao Senhor, ou seja, a Jesus. A circunstância de que o apóstolo se volta expressamente a Jesus deve-se simplesmente ao fato de que Jesus é, de forma especial, seu “Senhor” e seu verdadeiro empregador. Quando um “escravo” sofre abusos de estranhos, busca proteção junto a seu “senhor”. Quando o serviço do apóstolo é perturbado por um emissário de Satanás, o apóstolo se dirige àquele que o enviou. Paulo considera a oração como autêntico diálogo, contando com uma resposta de seu Senhor. Jesus não pode deixá-lo na incerteza num assunto de tamanha relevância. Por isso o apóstolo persiste em sua súplica quando não sente a intervenção do Senhor, o recuo do anjo de Satanás, na primeira e segunda vez.

9 Também na terceira vez a prece do grande orador não é “atendida” no sentido corriqueiro. O mensageiro das trevas não cede. Tem permissão para continuar a golpear Paulo. Contudo Paulo obtém uma nítida resposta de seu Senhor. Não diz aos coríntios de que maneira a obteve. Não é isso que importa. Relevante é unicamente a resposta em si: **“Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder (ou: meu poder) se aperfeiçoa na fraqueza.”**

A graça de Jesus pertence a Paulo. Pertence-lhe até mesmo quando ele precisa suportar os murros de Satanás. Uma coisa não exclui a outra, como nós poderíamos imaginar. Nem mesmo nas horas mais torturantes Paulo deve duvidar do fato de que Jesus lhe dedica sua graça irrestrita. Essa graça de Jesus é tudo de que precisa para viver e agir. Ela **“basta”** para ele, pessoalmente e como apóstolo. Sim, muito mais! Assim como, de acordo com **2Co 4.7**, é justamente o “vaso de barro” que revela “que a excelência do poder é de Deus e não de nós”, assim **“o poder se aperfeiçoa na fraqueza”**. Se um apóstolo liberto dos golpes de Satanás fosse pessoalmente mais forte, assim também teria menos necessidade do poder de Jesus, e também o comunicaria menos. Sendo atacado e golpeado em tamanha medida, ele consegue realizar suas tarefas unicamente pelo poder de seu Senhor. Conseqüentemente, é pela fraqueza do apóstolo que o poder de seu empregador passa a vigorar de forma perfeita. É justamente isso que importa, que o próprio Jesus se torne visível e grande. É preciso levar a sério que Paulo não vive para si mesmo e não busca sua própria honra. Se sua fraqueza servir para deixar resplandecer de modo especial o poder e a glória de Jesus, ele concordará integralmente com ela.

Por essa razão esta sessão da carta, que no início falava das maravilhosas e grandiosas experiências de Paulo, também encerra com a confissão da mesma atitude que o apóstolo assumiu incessantemente. Também agora e para o mesmo Paulo que esteve no céu e no paraíso continua valendo que: **“De preferência, pois, mais me gloriarei nas fraquezas.”** Isso é a retomada de **2Co 11.30**. Enquanto lá essa palavra constava no final da grande lista de seus inigualáveis sofrimentos, aqui ela permanece válida depois que Paulo havia relatado coisas verdadeiramente memoráveis de sua vida (v. 6). Agora, porém, torna-se ainda mais claro por que razão ele persiste nisso: **“para que sobre mim repouse (ou: habite comigo) o poder do Cristo.”** Esse **“poder do Cristo”** não visa entrar em concordância com nossa própria força. Tampouco visa unir-se a ela. Isso obscureceria a glória dele. Ele revela toda a sua glória unicamente em nossa fraqueza, repousando somente sobre pessoas que estão conscientes de sua fraqueza.

- 10 “**Pelo que sinto prazer nas fraquezas**” declara o apóstolo. Portanto, não apenas as “suporta” ou dá conta delas precariamente. Aqui ressoa algo relativo ao “mais que vencedor” de Rm 8.37. Paulo aceita as “fraquezas” de livre vontade e as saúda! Não diz isso apenas de maneira genérica e descomprometida, mas de forma real e concreta. Tem prazer “**nos maus tratos, nas necessidades, nas perseguições e angústias, por amor do Cristo**”. Que os coríntios não se “conformem” simplesmente com seus constantes sofrimentos. Que possam aceitá-los com seu decidido “sim”, porque é apenas assim que justamente o admirável poder entra na vida de seu apóstolo. Na realidade não se trata de um sofrimento qualquer. Todos eles são “**sofrimentos por amor do Cristo**”. Quando, porém, sofrerem por amor de Jesus, o Senhor transformará esses mensageiros sofrendores e assim “fracos” em habitação de seu poder. “Seu poder” “repousa sobre eles”, ele “habita com eles”. Forma-se dessa maneira o paradoxo com que Paulo conclui o presente trecho: “**Quando sou fraco, então, é que sou forte.**”

ENCERRAMENTO DA TOLA AUTOGLORIFICAÇÃO DO APÓSTOLO, 12.11-18

- 11 **Tenho-me tornado insensato; a isto me constrangestes. Eu devia ter sido louvado por vós; porquanto em nada fui inferior a esses tais apóstolos, ainda que nada sou.**
- 12 **Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos.**
- 13 **Porque, em que tendes vós sido inferiores às demais igrejas, senão neste fato de não vos ter sido pesado? Perdoai-me esta injustiça.**
- 14 **Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco e não [vos] serei pesado; pois não vou atrás dos vossos bens, mas procuro a vós outros. Não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos.**
- 15 **Eu de boa vontade me gastarei e ainda me deixarei gastar em prol da vossa alma. Se mais vos amo, serei menos amado?**
- 16 **Pois seja assim, eu não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos preendi com dolo.**
- 17 **Porventura, vos explorei por intermédio de algum daqueles que vos enviei?**
- 18 **Roguei a Tito e enviei com ele outro irmão; porventura, Tito vos explorou? Acaso, não temos andado no mesmo espírito? Não seguimos nas mesmas pisadas?**
- 11 Paulo encerra o “gloriar” depois de, apesar de tão agraciado por “visões e revelações”, limitar-se a gloriar-se em sua “fraqueza”. Justamente assim, porém, o gloriar-se é duplamente “**insensato**”. É insensatez o simples fato de se dispor à autoglorificação. E, na perspectiva humana, é duplamente tolo gloriar-se exatamente de sua fraqueza. “**Tenho-me tornado insensato**”, constata Paulo. Por que isso? “**A isto me constrangestes.**” Como assim? “**Porque eu devia ter sido recomendado por vós!** No entanto, visto que não me prestastes esse serviço, fui forçado a recomendar-me pessoalmente e a gloriar-me.” Mais uma vez ouve-se a palavra “recomendação”, com que nos deparamos pela primeira vez em 2Co 3.1. Ela deve ter tido grande importância na discussão em Corinto. É bem verdade que Paulo não necessitava nem queria “cartas de recomendação” da igreja. Ela mesma, constituindo “carta de Cristo” escrita por Paulo, era um claro “atestado” do apóstolo. Precisamente por isso, porém, a igreja deveria estar do lado dele e refutar qualquer dúvida quanto à sua autoridade, qualquer depreciação de sua pessoa. Se ela tivesse assumido uma posição nítida em favor de Paulo como seu apóstolo, se o tivesse recomendado, não teria havido necessidade de que ele se gloriasse. Então toda a presente carta não precisaria ter sido escrita no que diz respeito a suas partes principais. Pelo menos não a seção da carta que nos é trazida em 2Co 10–12.

Paulo reitera sua breve declaração de 2Co 11.5: “**Porquanto em nada fui inferior a esses superapóstolos, ainda que nada sou.**” O olhar de Paulo está voltado para os primeiros apóstolos em Jerusalém. É impossível que tenha se referido à possibilidade de ser inferior aos homens que ele chamou de “pseudo-apóstolos” e “servos de Satanás” (2Co 11.13,14). Porém está convicto de que como apóstolo não fica devendo nada a pessoas como Pedro ou João. A igreja em Corinto precisa admitir isso. A repetição da frase revela quanto isso importava para Paulo. Aparentemente essa luta pela validade plena de seu apostolado começara cedo em Corinto. Olhando para trás reconhecemos como são enfáticas as sentenças em 1Co 9.1,2. Agora, porém, é de fato preciso encerrar essa luta junto com a regularização do relacionamento entre Paulo e os coríntios. É preciso que os coríntios digam com alegre gratidão: “Paulo é verdadeiro e pleno apóstolo de Jesus Cristo, da mesma forma como Pedro e João.” No entanto, compreenderiam a frase de seu apóstolo equivocadamente como falso orgulho próprio se não percebessem que Paulo fala com toda a seriedade ao acrescentar “**ainda que nada sou.**” Ao olhar para os apóstolos em Jerusalém, ele compara vocação apostólica e credenciamento, não a pessoa em si! Em si mesmo ele não constata “**nada**” que o torne apto para a atuação como apóstolo. Em

1Co 3.7 ele já falara dessa maneira sobre os servos e colaboradores de Deus: não são “alguma coisa” nem no plantar nem no regar. Seu serviço trata unicamente do Deus que dá o crescimento. E na presente carta ele destacou isso em 2Co 2.16 e 3.4-6: toda a aptidão para o serviço da nova aliança vem única e exclusivamente de Deus. Por essa razão Paulo – assim como qualquer outro apóstolo, até mesmo Pedro ou João – não é “nada” em si mesmo. Mas Deus o usou e confirmou.

- 12 **“Pois os sinais do apostolado foram apresentados no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos.”** Existem “sinais” característicos pelos quais um apóstolo pode ser identificado como tal. Paulo não repete o que já expressara em 1Co 9.2 e depois em 2Co 3.2s. Igrejas de Deus em lugares nos quais o nome de Jesus até então era desconhecido são o “selo”, o “sinal” do credenciamento de um apóstolo. Agora ele mais uma vez dava ouvidos aos descontentes em Corinto, para os quais ele era “insignificante” demais e para os quais faltava nele o elemento extraordinário e miraculoso. Em razão disso enfatiza agora que além da sua penosa e persistente atuação também não faltaram os **“sinais e prodígios e atos de poder”**. Paulo os inclui de forma decida em sua atuação como apóstolo. Aquele que proclama um Senhor tão maravilhoso, um Redentor poderoso, um vencedor sobre todos os poderes da morte, pode e deve contar com um anúncio que não se limita pura e simplesmente a “palavras”, mas com o poder e a vitória de Jesus se manifestando em feitos e ajuda maravilhosa.
- 13 Em seguida o apóstolo apela para o discernimento da própria igreja. **“Porque, em que tendes vós sido prejudicados em relação às demais igrejas?”** Paulo está convicto de que os coríntios não terão nada a apontar quando olharem para igrejas que foram fundadas por outros apóstolos, p. ex., por Pedro. Revela-se, porém, como já suspeitávamos com razão em 2Co 11.4s, que a fama dos apóstolos “bem grandes” em Corinto havia suscitado o anseio: “Se ao menos tivéssemos tido um ‘verdadeiro’ apóstolo, um apóstolo ‘grande’! Como seria diferente nossa situação!” “O que, afinal, seria diferente? O que vocês teriam a mais do que agora?”, replica Paulo. “Outro Jesus, outro evangelho, outro Espírito vocês com certeza não teriam (2Co 11.4). E sinais e prodígios e atos de poder vocês também puderam vivenciar”.
- Retorna à baila, porém, esse ponto que evidentemente havia causado profunda amargura em Corinto e que talvez ainda fosse uma ferida dolorida. Os coríntios não foram inferiorizados em nada, **“senão no fato de que para minha pessoa não vos ter sido pesado”**. A princípio Paulo somente declara, com penosa ironia: **“Perdoai-me esta injustiça!”**
- 14 Então, porém, ele confirma sua decisão de não aceitar meios de subsistência da igreja. **“Eis que, pela terceira vez, estou pronto a ir ter convosco e não [vos] serei pesado.”** Com essas palavras ele anuncia expressamente sua nova visita pessoal em Corinto. É a “terceira”, se contar a breve visita intermediária. Também em sua visita prevista para breve Paulo **“não será pesado”** para os coríntios. Por meio dessa simples expressão ele torna a apontar para o fato de que sua atuação na verdade acontece tão somente para a vantagem dos coríntios. O “ônus” disso é assumido por ele. Os coríntios são aliviados (cf. 2Co 11.7). Enquanto em 2Co 11.11 Paulo havia apenas refutado brevemente a opinião de que ele não estaria disposto a aceitar nada da igreja porque lhe faltava amor por ela, ele agora corrige melhor esses raciocínios da desconfiança. Mostra aos coríntios o quanto seu comportamento – além de desmascarar seus adversários – expressa justamente seu amor por eles. De modo límpido e claro, essa rejeição de qualquer dádiva da igreja mostra aos coríntios que Paulo realmente se interessa por eles, unicamente por eles. **“Pois não busco vossos bens, mas a vós.”** Esse é o princípio do autêntico amor. Nisso Paulo prova ser verdadeiro “pai” da igreja. **“Porque não devem os filhos entesourar para os pais, mas os pais, para os filhos.”**
- 15 Na esfera natural da vida os pais sabem renunciar e fazer sacrifícios para que seus filhos progridam e um dia tenham uma vida melhor que a dos pais. Acontece que na igreja de Jesus há “pais espirituais”, que, de maneira admirável, se empenham de maneira ainda maior por pessoas estranhas. Paulo é capaz de assegurar aos coríntios: **“Eu de boa vontade me sacrificarei”**. Sua renúncia a qualquer sustento é para ele uma causa espontânea e alegre, até mesmo quando essa renúncia o leva a amargas carências. Porém não basta realizar tais sacrifícios. O ardor de seu amor visa mais: **“Eu me sacrificarei e até me deixarei gastar totalmente em prol de vossa alma”**. No NT “alma” (*psyché*) significa a vitalidade interior do ser humano. O apóstolo está pronto para qualquer sacrifício e engaja toda a sua pessoa em prol da “alma” dos coríntios, de sua verdadeira vida em fé, amor e esperança. Sem esse empenho não é possível realizar o serviço, justamente em uma igreja problemática. Será que os coríntios não vêem o grande amor de seu apóstolo, de modo que agora não apenas “Deus sabe” como ele os ama (2Co 11.11), mas que eles mesmos também o saibam? Porventura os coríntios agora o amariam menos, reclamando, desconfiados, do fato de que Paulo não se deixa assalariar por eles? **“Se vos amo em especial medida, serei por isso menos amado?”** Isso não é absurdo e injusto?
- 16 A abjeta desconfiança, porém, que os adversários semearam na igreja, é bem mais maléfica. Paulo precisa levar em conta que várias pessoas em Corinto sorriam ironicamente diante dessas frases. Pois bem, esse Paulo fala bonito e faz o papel de homem desinteressado que não aceita nada da igreja. Mas ele sabe como conseguir o que precisa por trás. Os adversários, conduzidos por egoísmo e ganância, simplesmente não conseguem conceber que outra pessoa possa empenhar todo o trabalho sem receber em troca o mínimo necessário para o

sustento da vida. Isso simplesmente não pode ser verdade. **“Pois bem: eu mesmo não vos fui pesado; porém, sendo astuto, vos prendi com dolo.”** Como ele teria feito isso? Se ele próprio não aceitou nada, então seus colaboradores tiraram da igreja em lugar dele. Paulo pode refutar essa acusação com toda a certeza, ainda que a pequena incongruência na construção da frase revele que ele não o faz sem irritação:

17,18 **“Porventura um dos que vos enviei, vos explorei por intermédio dele? Roguei a Tito e enviei com ele outro irmão; porventura, Tito vos explorou? Acaso, não andamos no mesmo Espírito? Não seguimos nas mesmas pisadas?”** Ele tem certeza de que os homens que enviara para Corinto são unânimes com ele, trilham o mesmo caminho que ele e evidenciam o mesmo desprendimento. Ele tem absoluta confiança particularmente com relação a Tito. Tito não pertence àqueles sobre os quais o apóstolo precisa dizer em **Fp 2.21**, pesaroso: “Todos eles buscam o que é seu próprio”. Somos informados de que também no primeiro envio de Tito o princípio do “dois a dois” havia sido mantido. Paulo **“rogou”** a Tito que prestasse o serviço em Corinto. Não fazia parte dos colaboradores sobre os quais Paulo pudesse dispor. Contudo foi **“enviado com ele”** um irmão de nome não mencionado, pois os coríntios na realidade o conhecem. Os nomes não são importantes. Importa que Paulo pode ter essa certeza em relação a seus irmãos: **“Acaso não andamos no mesmo Espírito? Não seguimos as mesmas pisadas?”** Que homens estejam lado a lado no serviço a Deus só é possível com uma certeza dessas. Paulo rejeita qualquer suspeita contra seus colaboradores. Eles não se deixariam usar para subrepticamente conseguir vantagens para o apóstolo em Corinto. Os coríntios não encontrarão provas disso.

PREOCUPAÇÕES DO APÓSTOLO EM VISTA DE SUA NOVA VISITA EM CORINTO, 12.19-21

- ¹⁹ **Há muito, pensais que nos estamos desculpando convosco. Falamos em Cristo perante Deus, e tudo, ó amados, para vossa edificação.**
- ²⁰ **Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e que haja entre vós contendas, invejas, iras, porfias, detrações, intrigas, orgulho e tumultos.**
- ²¹ **Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós, e eu venha a chorar por muitos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da (ou: por causa da...) impureza, prostituição e lascívia que cometeram.**

19 **“Há muito, pensais que nos estamos defendendo diante de vós.”** Era essa a conotação que os argumentos do apóstolo desde **2Co 10.11** podiam assumir, mas também em **2Co 1.15ss** e, por conseqüência, em toda a presente carta. Não seria a carta uma “apologia”, um escrito de defesa e justificação? Paulo afirma categoricamente que não. **“Perante Deus em Cristo falamos, e tudo, ó amados, para vossa edificação.”** É bem verdade que na carta ele luta para que os coríntios finalmente o compreendam integralmente (**2Co 1.13**). Sem dúvida ele refuta certas suspeitas e acusações, atacando severamente seus adversários em Corinto. Mas ainda que em sua forma a carta se assemelhe a uma “apologia”, seu objetivo não deixa de ser completamente outro. Não é Paulo que está em jogo, e sim a igreja! Paulo não escreve para que sua pessoa termine de alma lavada e justificada, mas para que a igreja em Corinto seja **“edificada”**. Aquilo que ele caracterizara como a forma fundamental da proclamação autêntica em **2Co 2.17** vale também de seu “falar” nessa carta: **“Perante Deus em Cristo falamos.”** Os mesquinhos e desconfiados membros da igreja em Corinto, afinal, não devem pensar que eles são o fóro diante do qual o apóstolo se defende. O apóstolo não está diante deles, mas **“perante Deus”!** Ademais, não está sendo movido por sua própria natureza, pelo impulso egoísta de se justificar. Até mesmo ao ditar essa carta ele está **“em Cristo”**, determinado pelo amor do Cristo (**2Co 5.14**) e, por conseqüência, voltado desinteressadamente para a “edificação” dos coríntios, que também agora são e continuarão sendo seus “amados”.

20 Agora aparecem frases surpreendentes, que parecem contrastar totalmente com a alegria exteriorizada vivamente em **2Co 7.4-7** e **7.13-16**. São precisamente essas frases que levaram à suposição de que o bloco de **2Co 1-13** não poderia formar uma única carta com **2Co 1-7**, mas teria de pertencer a outra carta de Paulo, talvez à “epístola das lágrimas” mencionada em **2Co 2.4**. Leiamos outra vez **2Co 7.4-7**, e ouçamos o que Paulo afirma na seqüência: **“Temo, pois, que, indo ter convosco, não vos encontre na forma em que vos quero, e que também vós me acheis diferente do que esperáveis, e [que haja] entre vós contendas, invejas, irritações, rivalidades, difamações, cochichos, jactância e tumultos.”** Será possível que Paulo tenha pensado ou escrito ambas as coisas ao mesmo tempo ou pelo menos depois de um curto intervalo de tempo? Tais ponderações sempre partem da imagem que o tranqüilo erudito, sentado à sua escrivaninha, forma a respeito do ser humano com base em sua própria existência. Contudo essa imagem não corresponde à vitalidade cheia de tensões do ser humano real. Ela de forma alguma capta o coração de uma pessoa que se

encontra em acalorada luta em prol da amada igreja, o selo de seu apostolado. Quando Paulo havia enviado Tito a Corinto com a “epístola das lágrimas”, ele estava cheio de angustiante preocupação, perguntando-se se agora aconteceria a ruptura definitiva com a igreja. A delonga de Tito intensificou seu temor por Corinto. Agora Tito chegara com aquela notícia decisiva: não houve nenhuma ruptura, a igreja como um todo se apegou a seu apóstolo, eclodiu grande saudade por ele, muito empenho em favor dele. Um fardo torturante foi tirado de Paulo. Será que nesse momento não deveria irromper nele tempestuosa alegria? Contudo somente uma pessoa ingênua, desconhecadora de si mesma e dos homens, poderia pensar que agora tudo estaria subitamente bem em Corinto e que surgiria uma igreja que daria somente alegria ao apóstolo. Um homem como Paulo com certeza não seria tão ingênuo. Os próprios esclarecimentos exaustivos sobre a questão da coleta para Jerusalém mostram que, apesar de toda a alegria, Paulo não tinha ilusões acerca da situação em Corinto. De imediato ele conta com resistências e um ressurgimento da desconfiança e da rejeição nesse ponto prático. Para todo conhecedor do coração humano está claro que em uma igreja que passou por aflições internas, como mostram 1Co e muito mais as frases de 2Co 1.23–2.4 na presente carta, coisas como “**contenda, inveja, rivalidades, difamações, cochichos**” estão profundamente arraigadas e que isso repercute por longo tempo, até mesmo depois do arrependimento e da reconciliação com o apóstolo. Pois essas coisas não se dirigiam em primeira linha contra apóstolo, mas oneram sobretudo o relacionamento dos membros da igreja entre si. Justamente depois da restauração da autoridade de Paulo os diversos grupos na igreja podiam acusar-se mutuamente de serem culpados de toda a aflição, vigiando zelosamente para que não fossem suplantados por outros na estima pelo apóstolo. Também nessa perspectiva pode-se coadunar claramente os textos de 2Co 7.4ss e 12.20s. Mas também as velhas “**jactâncias**” (1Co 5.2; 8.1) não desapareceram de repente, podendo rapidamente eclodir de novo. Na igreja dilacerada há tempo (1Co 1.11; 11.18s) podem surgir facilmente “**tumultos**”. Ao prestar relatório, o próprio Tito não deve ter silenciado sobre as mazelas que, apesar da profunda mudança na atitude geral da igreja, ainda continuavam suficientemente graves.

21 Por isso Paulo não somente espera enfrentar seus adversários declarados na visita a Corinto, mas também encontrar na própria igreja muitos aspectos que lhe causarão aflição e dor. Contudo, é marcante como ele formula essa preocupação: “**Receio que, indo outra vez, o meu Deus me humilhe no meio de vós.**” Mais uma vez se explicita o amor que une o apóstolo à igreja. Ele não olhará de cima para baixo, com indignação e condenação, para os danos e distorções que vier a constatar na igreja. Colocar-se-á a si mesmo por baixo de tudo, assumindo-o como humilhação pessoal. Ao mesmo tempo torna a aparecer involuntariamente o pensamento “teocêntrico” de Paulo. Na verdade, é e não é a igreja, mas é Deus quem humilha Paulo, a quem o apóstolo chama de “seu” Deus justamente nesta situação. O apóstolo recebe da mão de “**seu Deus**” a humilhação por causa da situação da igreja. Nesse contexto o “**outra vez**” permite constatar o quanto Paulo sentiu como “humilhação” também as experiências anteriores, a ingratidão, a desconfiança e o esfacelamento da igreja. Precisamente em sua maior e mais importante igreja, da qual poderia ter-se orgulhado, Deus “humilha” seu mensageiro. Mas esse “**outra vez**” não forma uma contradição com sua declaração de 2Co 2.1 de “não voltar a encontrar-me convosco em tristeza”. Não, depois da guinada na igreja e da punição e do arrependimento daquele ofensor, ele não estará em Corinto novamente “em tristeza”, naquele modo abrangente como na visita intermediária.

É o que demonstra imediatamente a continuação da frase: “**e eu tenha de prantear por muitos dos que, outrora, pecaram e não se arrependeram da (ou: por causa da...) impureza, prostituição e lascívia que cometeram.**” Não está em jogo a igreja como um todo, mas indivíduos dentro dela, ainda que não sejam apenas alguns, mas “**muitos**”, sobre os quais o apóstolo terá de “**prantear**”. De que se trata nesse caso? Os membros gregos da igreja em Corinto vinham de uma vida de incontinência sexual, que era algo natural também para gregos eruditos. Estavam acostumados a uma prática de vida sexual que o apóstolo tão somente podia considerar como “**impureza, prostituição e lascívia**”. Cabia-lhes “renovar a mente” de modo particularmente profundo e radical se de fato visavam tornar-se livres e propriedade consagrada a Deus. Porém não o haviam feito. Sim, devem ter considerado um “arrependimento” assim expressamente como desnecessário, alegando o novo entendimento de que “tudo seria lícito” para verdadeiras “pessoas espirituais”, justamente também na esfera sexual. Aparentemente, de nada adiantaram as exaustivas explicações do apóstolo em 1Co 6.12-20. Agora Paulo precisa e haverá de tomar providências. Não pode mais “poupar” (2Co 13.2). Não haverá mais “discussões” sobre esta questão. Esses homens precisam ser afastados da igreja, ainda que sejam “**muitos**”. No entanto, Paulo não realizará essa purificação da igreja com satisfação, mas há de “**prantear**” pelos excluídos, assim como se guarda luto por falecidos.

Cumpra observar mais uma vez que Paulo não diz no presente texto: “É assim que precisa acontecer e acontecerá”, mas que ele expressa sua preocupação sobre o que possa acontecer. Ainda é possível evitá-lo se a igreja “completar a sua obediência” (2Co 10.6), se ela mesma tomar providências para que sejam eliminadas as malélicas “agitações, rivalidades, difamações, cochichos”, para que desapareçam as “contendas e invejas” a fim de que os “que anteriormente pecaram” ainda sejam levados a um autêntico arrependimento antes da chegada do apóstolo. É verdade que o apóstolo não pode nem quer “poupá-los” mais uma vez. Poupano esses homens ele não ajudaria a “edificar” a igreja, mas a destruí-la. No entanto, justamente por meio dessa ameaça

fica claro que essas frases do apóstolo não contradizem suas considerações em [2Co 7.4-7](#). Somente excluirá pessoas da igreja, pesarosamente, se e porque a igreja como tal voltou a colocar-se firmemente ao lado dele. Pelo fato de que ela ainda não o fizera por ocasião de sua visita intermediária, ele precisou “poupá-los” e adiar o esclarecimento de todas as questões para a prometida visita dupla ([1Co 16.5s](#)).

ANÚNCIO DE IMPLACÁVEL INTERVENÇÃO NA TERCEIRA VISITA DO APÓSTOLO, [13.1-10](#)

- ¹ **Esta é a terceira vez que vou ter convosco. Por boca de duas ou três testemunhas, toda questão será decidida ([Dt 19.15](#)).**
- ² **Já o disse anteriormente e torno a dizer, como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas, agora, estando ausente, o digo aos que, outrora, pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não os pouparei,**
- ³ **posto que buscais prova de que, em mim, Cristo fala, o qual não é fraco para convosco; antes, é poderoso em vós.**
- ⁴ **Porque, de fato, foi crucificado em fraqueza; contudo, vive pelo poder de Deus. Porque nós também somos fracos nele, mas viveremos, com ele, para vós pelo poder de Deus.**
- ⁵ **Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos (ou: tornai-vos aprovados vós mesmos). Ou não reconheceis que Jesus Cristo está em vós? Se não é que já estais reprovados.**
- ⁶ **Mas espero reconheçais que não somos reprovados.**
- ⁷ **Estamos orando a Deus para que não façais mal algum, não para que, simplesmente, pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados.**
- ⁸ **Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade.**
- ⁹ **Porque nos regozijamos quando nós estamos fracos e vós, fortes; e isto é o que pedimos: o vosso aperfeiçoamento.**
- ¹⁰ **Portanto, escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação e não para destruir.**

- 1** “Esta é a terceira vez que vou ter convosco.” Paulo concede aos coríntios mais do que a todas as demais igrejas, as quais visitava apenas duas vezes. Contudo não pensa muito nisso. Diante dele está a possibilidade de ser obrigado a intervir em Corinto e julgar pessoas. Para tanto, segundo a ordem antiga, são necessárias “duas ou três testemunhas”. **“Por boca de duas ou três testemunhas toda questão será constatada.”** Pois bem, suas próprias três visitas à igreja, em que constatou a realidade com seus próprios olhos, são as “três testemunhas” exigidas. O juízo pode começar. As premissas foram cumpridas.
- 2** O juízo será implacável. **“Já o disse anteriormente e torno a dizer, como fiz quando estive presente pela segunda vez; mas, agora, estando ausente, o digo aos que, outrora, pecaram e a todos os mais que, se outra vez for, não os pouparei.”** Por ocasião da dolorosa visita intermediária ([2Co 2.1ss](#)), as condições da igreja não permitiam que Paulo interviesse. Faltava também o tempo necessário, visto que Paulo precisava retornar para Éfeso. Porém naquela oportunidade o apóstolo predisse e, na ausência, repete por escrito essa anúncio, de que uma nova visita – caso se torne viável pelo retorno da igreja à obediência – **“não pouparia outra vez”, “aos que, outrora, pecaram”**. Paulo se refere novamente aos mesmos membros da igreja sobre os quais acabara de falar em [2Co 12.21](#). Devem ser cientificados mais uma vez de que é a eles que se dirige o anúncio do apóstolo. Todavia também **“todos os mais”**, a saber, a igreja como um todo, precisam preparar-se para o que acontecerá na terceira visita de seu apóstolo.
- 3** Será isso aterrador para os coríntios? Pois bem, diz Paulo, com isso estou apenas cumprindo um de vossos desejos, **“visto que buscais prova do Cristo que fala em mim”**. Havia-se discutido muito a autoridade real de Paulo em Corinto, porque Paulo era pouco imponente, mas “insignificante” ([2Co 10.1](#)), “fraco” e transigente ([2Co 10.10](#)). Será de fato que esse Paulo possui autoridade? Será ele um autêntico enviado, pelo qual o próprio Cristo fala com poder divino? “Que o mostre e demonstre uma vez na prática”, devem ter dito sarcasticamente seus adversários e, com ansiosa preocupação, seus amigos. Pois bem, agora eles experimentarão pessoalmente que Cristo fala e age por intermédio de Paulo, o Cristo, **“o qual não é fraco para convosco; antes, é poderoso entre vós”**.
- 4** Sem dúvida, a vida do apóstolo mostra a peculiar dialética de “fraqueza” e “força” de que Paulo falara detalhadamente e que culminara na frase: “Quando sou fraco, então é que sou forte” ([2Co 12.10](#)). Essa dialética está enraizada na vida do próprio Cristo. Em Jesus e sua cruz a “loucura” e a “fraqueza” de Deus se tornaram visíveis perante todo o mundo, como Paulo já dissera em [1Co 1.25](#). São parte obrigatória da

admirável atuação de Deus. Por isso também agora Paulo volta a afirmar: **“Porque, de fato, foi crucificado por fraqueza.”** Precisamente desse modo, porém, ele conquistou a vitória e todo o poder redentor. Por isso ele foi ressuscitado por Deus e **“vive pelo poder de Deus”**. Se esse indissolúvel entrelaçamento de fraqueza e força for o mistério do Cristo, ao qual Paulo proclama, então ele também precisará ser visível no enviado do Cristo se ele de fato for seu enviado e se esse Cristo viver e atuar pessoalmente nele. É isso que acontece de fato: **“Porque nós também somos fracos nele, mas nos mostraremos vivos, com ele, em vós pelo poder de Deus.”** Paulo já o havia exposto em **2Co 4.10-12**. Como servo da nova aliança ele traz no corpo o morrer de Jesus. Conseqüentemente, ele mesmo é um moribundo, um “fraco”. Mas desse modo a vida de Jesus também se manifesta em seu corpo, nisso ele é forte e eficaz. “De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (**2Co 4.12**). Com base nessa palavra temos de ouvir também no presente versículo uma conotação positiva. Quando Paulo diz que se **“pelo poder de Deus ele se mostrará vivo nos coríntios”**, ele vê diante de si a “edificação” da igreja (v. 10), em benefício da qual o juízo e a eventual exclusão necessária dos impenitentes são apenas um meio doloroso. Não é em sua superioridade pessoal e na vitória sobre seus adversários que Paulo vê **“o poder de Deus”** operando, mas na restauração da igreja. É isso que ele dirá expressamente nos v. 7-9.

- 5 Agora seu olhar em relação à igreja se dirige inicialmente em outra direção. Ele, o apóstolo prepara sua terceira visita a Corinto. Também a igreja deve preparar-se para essa visita. Como poderá fazê-lo? Por meio de um nítido auto-exame. **“Examinai-vos a vós mesmos se realmente estais na fé; provai-vos a vós mesmos (ou: tornai-vos aprovados vós mesmos). Ou não reconheceis em vós mesmos que Jesus Cristo está em vós?”** No tocante ao que Paulo considerava essencialmente como “cristianismo” e “ser cristão”, a “questão de exame” para a igreja é somente uma: **“se realmente estais na fé.”** Paulo havia falado com grande seriedade das perdas na vida da igreja. Nesse contexto arrolou “contenda, inveja, difamação”. Na seqüência lembrou a deturpação da vida sexual, a “impureza, prostituição e lascívia”. Agora, porém, o auto-exame da igreja não trata dessas coisas. O auto-exame não tem cunho moral. Trata-se da **“fé”**. No entanto, as formulações do apóstolo imediatamente deixam claro que ele não está pensando na **“fé”** intelectualista e sem vigor, que consiste somente em concordar com opiniões e pontos de vista cristãos. Paulo não pergunta se eles **“têm fé”**, mas se **“estão na fé”**. Desse modo a fé é caracterizada como o espaço abrangente em que se desenrola toda a vida de um ser humano, como o poder determinante e configurador que perpassa todo o pensar e falar, fazer e deixar de fazer. Essa **“fé”** não é mera questão intelectual, a ponto de que nela, pelo contrário, o próprio Jesus Cristo se torna presente e eficaz em uma pessoa, em uma igreja. Nessa afirmação Paulo emprega o nome completo **“Jesus Cristo”**. Não apenas um Cristo transcendente e espiritual, que não seria muito mais que uma “idéia de Cristo”, mas o Cristo real está presente nos crentes, aquele que como Jesus de Nazaré viveu, ensinou, curou, sofreu e carregou a cruz entre nós. Naturalmente é preciso que os próprios crentes **“reconheçam”** isso como real em si mesmos! Ao examinar-se, os coríntios podem experimentar esse fato: **“Ou não reconheceis em vós mesmos que Jesus Cristo está em vós?”**

Se os coríntios estiverem “na fé” e se por isso Jesus Cristo estiver neles, então tudo estará bem. Não haverá necessidade de que fiquem preocupados, como tampouco Paulo ficará, com o novo encontro na terceira visita do apóstolo. Pois então estarão unidos no essencial e, por conseqüência, também convergirão em todas as questões isoladas. Aprovarão como necessárias as medidas de julgamento e exclusão de membros da igreja que perseverarem no pecado. Saudarão como libertadora a eliminação das cisões e dos tumultos, o afastamento de rivalidades, difamações, cochichos e jactâncias. Tais medidas seriam em vão se a igreja já não estivesse “na fé”. Por essa razão Paulo acrescenta a frase: **“A menos que já estais reprovados.”** Mas Paulo considera isso somente como uma possibilidade extrema, imediatamente excluída pela própria construção da frase. Não, não pode ser essa a situação em Corinto. Não pode ser e não será esse o resultado do exame. Evidentemente é preciso levar o auto-exame a sério. Justamente nessa questão ninguém deve permanecer na ilusão. Mas a igreja foi capaz de libertar-se dos sedutores e retornar de seus descaminhos até o apóstolo e sua mensagem. Em virtude disso, ao examinar sua fé, ela há de reconhecer com vexada gratidão que a mão de Jesus a segurou e que Jesus Cristo está nela. Ao arrepender-se, a igreja mostrou-se **“aprovada”**.

- 6 No entanto Paulo espera que agora também tenha acabado a longa disputa em torno dele e de sua “aprovação” como apóstolo. Há de acontecer o que ele já desejava no início de sua carta, ou seja, que os coríntios o “compreendam de todo” (**2Co 1.13**). **“Mas espero reconheçais que de nossa parte não somos reprovados.”** O “envio” e credenciamento de Paulo haviam ocorrido de forma definitiva às portas de Damasco e em Damasco. Ambos estão e também continuarão repletos da “glória” que o apóstolo havia narrado em **2Co 3**. Contudo, apesar de toda a ênfase em seu apostolado, Paulo não pensa em termos institucionais. O fato de que o Senhor o instalou neste “cargo” não constitui por si mesmo uma garantia para sua atuação correta. Justamente pelo fato de que o próprio Senhor o escolheu e lhe confiou esse ministério, tudo depende de sua constante aprovação. Paulo precisa mostrar-se constantemente como “suficiente” e “capaz” (**2Co 2.16; 3.4**) nas aflições, lutas e tarefas em que seu Senhor o colocar. Mas tem certeza de que também nas dificuldades em Corinto a igreja de lá reconhecerá por si a nova aprovação de sua autoridade, ainda que Paulo possa ter parecido fraco e inferiorizado em sua visita intermediária.

- 7 Não obstante, o desejo de Paulo é que sua “aprovação” não seja entendida erroneamente como vitória pessoal e triunfo sobre todos os que haviam simpatizado com os novos mestres em Corinto. Não é julgando, condenando e excluindo que ele pretende mostrar seu poder apostólico, ainda que um procedimento assim talvez venha a ser necessário. Deseja conseguir algo bem diferente. Deseja esse algo diferente com tanta sinceridade que o torna objeto de sua oração. **“Estamos orando a Deus para que não façais mal algum, não para que, simplesmente, pareçamos aprovados, mas para que façais o bem, embora sejamos tidos como reprovados.”** O que está em jogo para o apóstolo é a igreja e sua vida, e nada além disso, muito menos sua superioridade pessoal. Que a igreja **“não faça mal algum”**. Nessa formulação genérica Paulo provavelmente pensa na situação concreta e suas exigências. Falara de coisas bem específicas, que são “coisas más” (2Co 12.20s). A igreja que retornou a Paulo e pode reconhecer que está na fé pelo auto-exame pode e deve separar-se de todas essas faltas malélicas e **“não fazer mal algum”**. Então Paulo não precisará fazer um julgamento, ou apenas em proporção muito pequena. Então isso poderá sugerir que ele e seus colaboradores **“sejam tidos como reprovados”**. Ele ameaçou julgar e punir, porém não cumpriu as ameaças por ocasião da visita. Mais uma vez poder-se-ia afirmar: de novo a carta foi impactante e vigorosa, mas sua presença física mais uma vez foi fraca (2Co 10.10).
- 8 Paulo não teme isso. **“Porque nada podemos contra a verdade, senão em favor da própria verdade.”** Quem visa ter razão a qualquer custo e prevalecer como superior não pode mais buscar seriamente pela verdade. Paulo, porém, não pode nem deseja violar a límpida verdade em nada. Se os coríntios de fato se arrependeram profunda e amplamente, como Paulo constatou para seu consolo em 2Co 7.8-13, se completarem sua obediência, como ele espera em 2Co 10.6, então seria **“contra a verdade”** se Paulo ainda quisesse julgar e condenar. Sua frase, no entanto, não deve ter apenas esse sentido mais imediato e limitado. Paulo gosta de fazer constatações abrangentes a partir de um motivo concreto. Conseqüentemente deve estar confrontando os coríntios também aqui de uma vez por todas com o que conduziu todo seu comportamento em sua longa e dolorosa luta com eles. Seu único interesse foi a **“verdade”** plena e cabal de uma autêntica vida eclesial, não seu reconhecimento como tal, e muito menos vantagens pessoais. **“Em favor da verdade!”**, era esse seu lema. Percebia que a verdade pura e divina estava sendo ameaçada na igreja coríntia da parte dos novos mestres, tanto em todas as questões das quais tratara com os coríntios na primeira carta, como finalmente em tudo com que confrontara a igreja nessa segunda carta. Cumpria-lhe lutar irredutivelmente a favor da verdade, contra a inverdade e falta de autenticidade (2Co 11.13-15!). Porém **“contra a verdade”** ele não consegue nada.
- 9 Nem mesmo terá força contra a verdade se uma igreja purificada e completamente consertada apresentar, por ocasião de sua chegada, a imagem de um apóstolo “fraco” diante de uma igreja “forte”. Paulo não somente o suportará silenciosamente, mas até mesmo se alegrará com isso. **“Porque nos regozijamos quando nós estamos fracos e vós, fortes. Isto é o que pedimos: vosso pleno aperfeiçoamento.”**
- Em todo esse bloco Paulo não recorreu ao termo “amor”. Tampouco fez declarações de amor pela igreja. Porém justamente nas últimas frases se mostra o amor, revelando sua natureza verdadeira. O “amor não procura os seus interesses” (1Co 13.5). Para ele importa exclusivamente o outro e seu crescimento. Se for atendida a oração de Paulo e a igreja estiver nova e completamente restaurada, apresentando-se como uma igreja forte, unida, crente e disposta a servir, então Paulo de bom grado aparecerá ao lado dela como homem fraco, que ameaçou sem necessidade e que se vê obrigado a retirar suas ameaças sem cumpri-las. Seu coração estará repleto de alegria, porque a amada igreja (2Co 12.19) vive e progride.
- 10 Será que experimentará essa alegria ou será que terá de concretizar suas ameaças apesar de tudo? A decisão a esse respeito não está em suas mãos, mas nas dos coríntios. **“Por isso escrevo estas coisas, estando ausente, para que, estando presente, não venha a usar de rigor segundo a autoridade que o Senhor me conferiu para edificação e não para destruição.”** Paulo se encaminha para a visita a Corinto com preocupação (2Co 12.20s). Contudo resta um certo tempo até que o apóstolo de fato chegue a Corinto. Nesse período a igreja ainda pode consertar uma porção de coisas, de modo que Paulo dificilmente encontre algo para punir e corrigir. E Tito, que na estadia anterior tivera tanto êxito, e que novamente representará ajuda efetiva para os coríntios, encontra-se em Corinto com mais dois irmãos. Mas ainda assim a igreja precisa saber que o apóstolo não consentirá mais em poupar pessoas, contemporizar com elas e tolerar falsas influências. **“Estando ausente”** escreveu toda essa carta fundamental com máxima seriedade, para que a igreja não tenha ilusões. Agora ela própria pode agir, tendo a possibilidade de agir de tal modo que Paulo, **“estando presente, não venha a usar de rigor”**. Ele teria a autoridade para isso. Está plenamente convicto disso. Contudo, é irredutível na certeza de que essa autoridade visa a “edificação” da igreja até quando, de acordo com 2Co 10.4s, for preciso passar por “destruição” e quando a purificação da igreja de elementos desonestos vier a interferir profundamente na constituição da igreja. Também nesse caso os coríntios podem ter a certeza de que a incumbência do apóstolo continua sendo **“edificação e não destruição”**. Ao reiterar essa palavra de peso em 2Co 10.8, fica particularmente explícita a unidade interior de toda essa seção da carta, de 2Co 10–13.

EXORTAÇÃO FINAL E BÊNÇÃO, 13.11-13

- ¹¹ **Quanto ao mais, irmãos, adeus! Aperfeiçoai-vos, consolai-vos, sede do mesmo parecer, vivei em paz; e o Deus de amor e de paz estará convosco.**
- ¹² **Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todos os santos vos saúdam.**
- ¹³ **A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós.**

11 Paulo chega ao fim da carta que Tito levará consigo para Corinto e apresentará à igreja. Paulo caracteriza esse final por meio de um “quanto ao mais”, utilizado de forma análoga em **1Ts 4.1; 2Ts 3.1; Ef 6.10**, embora nessas referências esteja introduzindo uma seção final mais longa da respectiva carta. Mas também ali significa que os temas essenciais da carta foram tratados até o final e apenas “restam” exortações e saudações finais.

Este final traz exortações sucintas, que no entanto podem surpreender. “**Quanto ao mais, irmãos, alegrai-vos.**” Ou seja, a alegria pela existência cristã do indivíduo, bem como pela vida de uma igreja verdadeiramente cristã, continua tendo importância tão séria para uma pessoa como Paulo! A alegria não pode morrer nem mesmo nessa igreja problemática em Corinto, que passou por amargas experiências e que por ocasião da visita de seu apóstolo talvez precise vivenciar dias duros e dolorosos. Paulo está convicto de que esta alegria é capaz de permanecer viva na igreja, assim como brilha em seu coração em todas as circunstâncias. Se a alegria acabasse entre os coríntios, sua fé teria morrido. A alegria, porém, tampouco permanece simplesmente nos corações de forma automática, ela requer preservação e fomentação.

“**Deixai-vos aperfeiçoar.**” Mais uma vez Paulo emprega a palavra que há pouco, no v. 9, utilizara como substantivo. A igreja não deve ficar paralisada e permanecer atolada em um estado semipronto. É exatamente agora que ela não deve contentar-se com estar razoavelmente estabelecida depois de todas as divisões e lutas. Tem a possibilidade e o privilégio de tornar-se uma igreja coesa. Porém Paulo não exige: “Aperfeiçoai-vos.” Com isso ele exigiria demais dela. O desenvolvimento pleno de sua vida eclesial é efeito da graça e fidelidade do Senhor. No entanto, ela é realizada pelo Senhor por intermédio do serviço de seus enviados, no caso, pois, Tito e seus acompanhantes, e posteriormente o próprio Paulo. Por sua vez, no entanto, a igreja precisa estar disposta a acolher todo esse conserto e permitir que aconteça com ela. Por isso Paulo acrescenta de imediato: “**Deixai-vos exortar.**” Recordamos mais uma vez que o termo aqui empregado também pode ser traduzido como “consolar” (Cf. **2Co 1.3-7**) e não deve ser erroneamente interpretado em termos morais. A igreja em Corinto precisa de “consolo” como “exortação” e “encorajamento”. Ela obtém essas coisas igualmente na presente carta de seu apóstolo. Apenas precisa aceitá-lo de fato.

A unidade interna de uma igreja sempre representou uma preocupação importante para Paulo. Ela adquiriu relevância especial com relação a Corinto. Por isso a primeira carta já havia começado com a solicitação insistente por concórdia (**1Co 1.10s**). Mas desde então a igreja coríntia fora dilacerada ainda mais profundamente e preenchida com desconfiança, amargura, discórdia e inveja! Com que preocupação Paulo havia lembrado há pouco essa realidade (**2Co 12.20s**)! Agora ele exorta: “**Sede do mesmo parecer.**” A palavra grega de Paulo, porém, está mais voltada para a vontade própria do que essa tradução deixa transparecer. Na realidade Paulo está dizendo: “Tenham em mente a mesma coisa” ou “vosso pensamento intencional seja voltado para a mesma coisa”. Formas doutrinárias uniformes ou ordens formais não são capazes de trazer a verdadeira unidade, que justamente não é “uniformidade”. Somente quando nosso pensamento e nossa aspiração interior estão voltados para a mesma coisa, estabelece-se a autêntica unidade.

Segue-se o pedido: “**Vivei em paz**”, sede pacíficos. Para fundamentar essa exortação e estimular seu cumprimento o apóstolo emprega o motivo mais vigoroso: “**E o Deus de amor e de paz estará convosco.**” Deus é diferente do que imaginamos. Involuntariamente traçamos sua natureza de acordo com nosso próprio modo de ser duro e autoritário. A natureza de Deus, porém, é caracterizada pelo amor que ele concede e pela paz que ele institui. Ele é “**o Deus de amor e de paz**”. Por essa razão ele também pode estar unicamente com aqueles que preservam a paz e têm o mesmo parecer em amor. Paulo havia endereçado a carta à “igreja de Deus” em Corinto. Ela somente será igreja desse Deus verdadeiro se permitir ser completamente consertada, buscar unanimemente o mesmo objetivo e preservar a paz em suas fileiras.

12 A atitude interior da igreja se exterioriza quando as pessoas que prestaram atenção à leitura da carta agora “**se saúdam uns aos outros com ósculo santo**”. Ao mesmo tempo a igreja em Corinto deve estar ciente de que “**todos os santos vos saúdam.**” Em quem Paulo pensa nesse caso? Considerando que essas saudações com certeza têm um sentido concreto, “**os santos todos**” devem ser os membros das igrejas da Macedônia nas quais Paulo se encontrara e ainda se encontra. Sabem que ele está a caminho de Corinto e escrevendo aos coríntios. Além do mais, é possível que também as igrejas da Ásia tenham enviado saudações pelo apóstolo, das quais ele já se desincumbe agora, antes de poder transmiti-las pessoalmente em Corinto. As igrejas não haviam se organizado em uma “denominação eclesial”. Porém no plano espiritual as igrejas formam uma unidade e participam uma da vida da outra. Mais que isso: elas são unas na essência. Pelo fato de que todos os

seus membros, quer em Éfeso, quer na Macedônia, quer em Jerusalém, quer em Corinto, são “**santos**”. Eles “não são do mundo”, mas Jesus os “escolheu do mundo” (Jo 15.19), transformando-os em propriedade de Deus. Conseqüentemente, saúdam um ao outro. E esse “**saudar**” não é uma formalidade cortês. Pela inevitável condição de estrangeiros no mundo, é um vigoroso consolo e uma alegria para eles que possam ouvir uns dos outros e olhar uns pelos outros. O “saudar” torna-se necessidade interior e transmite vivo amor fraterno de uma igreja à outra.

- 13 Na seqüência o apóstolo escreve – seguramente de próprio punho – o voto de bênção como palavra final da carta. É esse o costume em todas as suas cartas. No entanto, aqui esse voto de bênção tem forma “trinitária”: **“A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo [sejam] com todos vós.”** É essa saudação que é muitas vezes usada como saudação de púlpito nas igrejas. Não sabemos se justamente na presente carta Paulo tinha razões especiais para formular o voto de bênção com maior riqueza do que nas demais vezes. É possível que a gravidade da carta também tornasse a palavra final de bênção tão importante. Paulo sempre teve um pensamento e uma fé “trinitários”, ainda que não tenha desenvolvido uma “doutrina da Trindade” em nenhum escrito. Igualmente no presente ponto a bênção trinitária não tem conotação doutrinário-dogmática. Do contrário “o Pai” deveria ter sido expressamente citado e colocado na primeira posição. No entanto, como nos votos finais das demais cartas, Paulo confronta a igreja com **“a graça do Kýrios Jesus Cristo”** como sendo decisiva para nossa vida. “Minha graça te basta”: Paulo escutou isso pessoalmente do seu Senhor. Essa graça pode e há de consertar os coríntios quando estiver **“com todos eles”**. Nessa situação, porém, Paulo salienta expressamente que o envio de Jesus e a obra de sua graça procedem de Deus (2Co 5.18). Na graça de Jesus vem a nós **“o amor de Deus”** em sua singular magnitude. Nisso Paulo está plenamente de acordo com João (Jo 3.16). O amor de Deus na igreja de Jesus, porém, não permanece confinado a uma “doutrina”, não é apenas uma questão na qual se crê teoricamente. Não, “o Senhor é o Espírito” (2Co 3.17). Jesus habita em nós pelo Espírito. O Espírito de Deus nos concede sua comunhão, nos torna partícipes da vida divina e perpassa toda a nossa existência. Também em Corinto **“a comunhão do Espírito Santo”** há de estar **“com todos eles”**.

No final, portanto, toda a riqueza do evangelho se apresenta mais uma vez aos coríntios. Será que ao lado dessa riqueza singela e poderosa eles ainda desejarão as coisas exóticas que os novos mestres lhes haviam prometido? Será que não preferirão retornar à unidade de todas as igrejas e de todos os santos, que na graça de Jesus, no amor de Deus e na comunhão do Espírito Santo têm tudo de que precisam? O encerramento é enfaticamente ocupado pelas palavras: **“com todos vós”**. Paulo gostava desse “todos” porque ardia pela unidade da igreja e porque não desistia de ninguém nem mesmo desejava deixar alguém em segundo plano. Que agora também acabem em Corinto as tensões e dissensões, as rivalidades e discórdias, porque a graça do Senhor Jesus Cristo e o amor de Deus e a comunhão do Espírito Santo pertencem a todos.

¹Boor, W. d. (2004; 2008). *Comentário Esperança, Segunda Carta de Paulo aos Coríntios; Comentário Esperança, 2 Coríntios (2)*. Editora Evangélica Esperança; Curitiba.